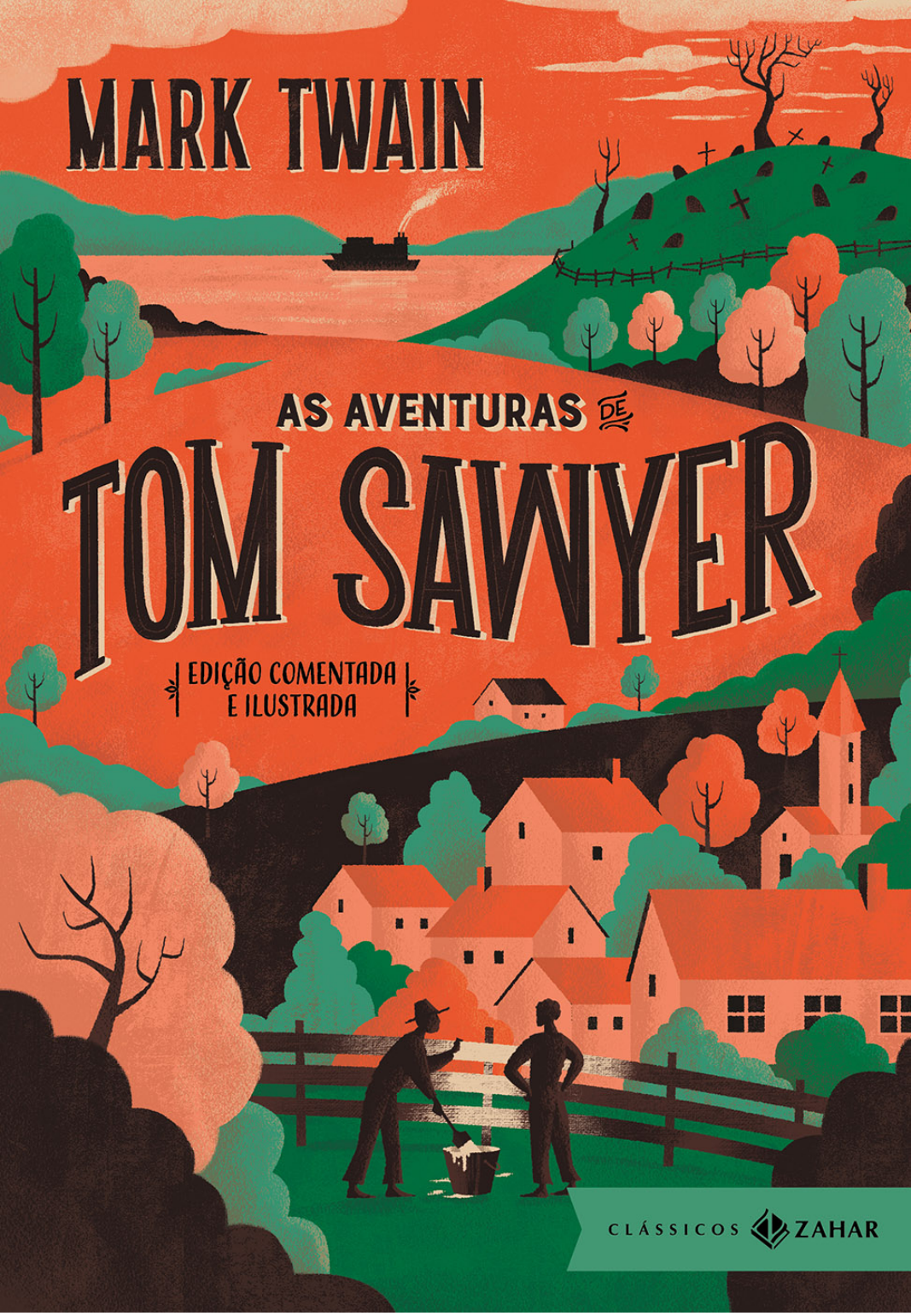

MARK TWAIN
AS AVENTURAS DE
TOM SAWYER
EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA
CLÁSSICOS ZAHAR

Mark Twain

AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

Tradução, apresentação e notas:
José Roberto O'Shea

Inclui 42 ilustrações
originais de True Williams

ZAHAR

SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Sumário
Apresentação: Mark Twain e o cotidiano da vida no Mississippi, por José Roberto O'Shea

AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

Prefácio

1. E-e-e-e-i, Tom — Tia Polly resolve cumprir seu dever — Tom pratica a melodia — O desafio — Entrada sorrateira

2. Fortes tentações — Ações estratégicas — Ingênuos ludibriados

3. Tom como general — Triunfo e recompensa — Satisfação taciturna — Omissão registrada

4. Acrobacia mental — Frequentar a escola dominical — O diretor — "Exibindo-se" — Tom prestigiado

5. Um pastor útil — Na igreja — O clímax

6. Autoexame — Odontologia — Feitiço da meia-noite — Bruxas e demônios — Abordagens cautelosas — Horas felizes

7. Pacto celebrado — Primeiras lições — Erro cometido

8. Tom decide como proceder — Cenas antigas reconstituídas

9. Situação solene — Assuntos sérios introduzidos — Índio Joe explica

10. Juramento solene — Pavor traz arrependimento — Punição mental

11. Muff Potter aparece pessoalmente — Consciência de Tom em ação

12. Tom demonstra generosidade — Tia Polly fraqueja

13. Jovens piratas — Comparecendo ao encontro — O acampamento — Conversa à beira do fogo

14. Vida no acampamento — Uma sensação — Tom foge do acampamento

15. Tom faz o reconhecimento — Tom entende a situação — Volta ao acampamento

16. Dia de diversão — Tom revela um segredo — Piratas aprendem uma lição — Surpresa noturna — Guerra indígena

17. Memórias dos heróis perdidos — O cerne do segredo de Tom

18. Sentimentos de Tom investigados — Sonho maravilhoso — Becky Thatcher ofuscada — Tom com inveja — Vingança terrível

19. Tom fala a verdade

20. O dilema de Becky — A nobreza de Tom se afirma

21. Eloquência juvenil — Composições de autoria das jovens — Uma visão longínqua — Os meninos se vingam

22. A confiança de Tom é traída — Espera pelo castigo

23. Amigos do velho Muff — Muff Potter no tribunal — Muff Potter salvo

24. Tom como herói do vilarejo — Dias de esplendor e noites de

pavor — A perseguição do Índio Joe

25. Sobre reis e diamantes — Busca pelo tesouro — Pessoas mortas e fantasmas

26. A casa assombrada — Fantasmas sonolentos — Uma caixa com ouro — Sorte amarga

27. Dúvidas a serem resolvidas — Jovens detetives

28. Tentativa de descobrir o Número Dois — Huck monta guarda

29. O piquenique — Huck no encalço do Índio Joe — O serviço de "vingança" — Ajuda para a viúva

30. Os relatos do galês — Huck sob fogo cruzado — A história circulou — Nova sensação — Esperança dando lugar ao desespero

31. Expedição de exploração — Começam as encrencas — Perdidos na caverna — Escuridão total — Encontrados mas não resgatados

32. Tom conta a história da fuga — O inimigo de Tom a salvo

33. O destino do Índio Joe — Huck e Tom comparam experiências — Expedição à caverna — Proteção contra fantasmas — "Lugarzinho aconchegante" — Recepção na casa da viúva Douglas

34. Revelando um segredo — A surpresa do sr. Jones fracassa

35. Nova ordem das coisas — Pobre Huck — Novas aventuras planejadas

Conclusão

Algumas palavras sobre a tradução

Cronologia: Vida e obra de Samuel Clemens (Mark Twain)

Créditos

Cover
Title Page
Dedication
Table of Contents
Foreword
Preface
Conclusion
Copyright Page

Para minha esposa, este livro é dedicado com afeto

Apresentação

MARK TWAIN E O COTIDIANO DA VIDA NO MISSISSIPPI

a vida de samuel langhorne clemens (1835-1910), ou Mark Twain, espelha a vivência nos Estados Unidos da América, abrangendo a comunidade fronteiriça e a urbanidade industrial, os barcos fluviais e as ferrovias, com base em uma adolescência excêntrica e rebelde e uma vida adulta conturbada e marcante. Em 1874-5, Clemens "descobre" o potencial de seu grande tópico literário: a própria experiência de ter passado a infância e a juventude em uma cidade ribeirinha, situada a cento e sessenta quilômetros ao norte de Saint Louis, no rio Mississippi: trata-se de Hannibal, no estado do Missouri, celebrada na ficção como o vilarejo Saint Petersburg. Na ocasião, Mark Twain escreveu uma série de esquetes — um livro de memórias dividido em sete partes — para o periódico *The Atlantic Monthly*, editado pelo amigo William Dean Howells (1837-1920), romancista e crítico literário norte-americano. Neles, descrevia o processo de transformação de um menino em piloto credenciado de embarcações fluviais, refletindo seus dois anos de aprendizado na complexa arte da navegação do rio Mississippi em barcos a vapor que viajavam entre as cidades de Saint Louis e New Orleans. Com genialidade, o autor torna o menino alguns anos mais jovem do que ele próprio era quando começou a pilotar no rio, distanciando de si mesmo o protagonista e alcançando profundidade ficcional.

A partir de "Velhos tempos no Mississippi" (1874-5), como a série no *Atlantic Monthly* foi intitulada, passando por *As aventuras de Tom Sawyer* (1876) e sua sequência, *Aventuras de Huckleberry Finn* (1884-5), constata-se um retrato mais abrangente, ficcionalizado e, portanto, criativo da vida e dos tempos de juventude do escritor. Curiosamente, em "Velhos tempos no Mississippi", trabalho mais tarde expandido para compor o livro *Vida no Mississippi* (1883), Clemens, cuja escolaridade formal foi

breve, descreve a pilotagem e a aprendizagem do rio como análogas à arte literária: o rio é um livro cuja linguagem, embora morta para o passageiro incauto, revela-se ao piloto, uma vez que sua sintaxe e seu léxico tenham sido assimilados.

PÚBLICO-ALVO

Uma das questões centrais de *As aventuras de Tom Sawyer* diz respeito ao seu público-alvo. Publicada pela primeira vez em dezembro de 1876, a obra mais vendida de Mark Twain na primeira metade do século XX é um livro para crianças ou para adultos? Referindo-se a essa questão, D. H. Lawrence (1885-1930), no primeiro parágrafo de seu célebre *Estudos sobre a literatura clássica americana*, afirma que nos agrada pensar nos clássicos literários norte-americanos como livros infantis, mas que isso seria "infantilidade de nossa parte", pois acabamos por ignorar o contundente e exclusivo "discurso-arte americano", dotado de uma "qualidade excêntrica que pertence ao continente americano e a nenhum outro lugar".[1]

Já no prefácio de *As aventuras de Tom Sawyer*, o próprio Mark Twain aborda de forma explícita a questão: "Embora meu livro se destine primordialmente a meninos e meninas", escreve o autor, "espero que por conta disso não seja ignorado por homens e mulheres, pois faz parte do meu plano lembrar aos adultos de como eram no passado, de como se sentiam, pensavam e falavam, e das peripécias insólitas em que às vezes se metiam". No entanto, este livro — a exemplo de *Aventuras de Huckleberry Finn*, *Robinson Crusoé* (Daniel Defoe, 1719), *As viagens de Gulliver* (Jonathan Swift, 1726) e *A Ilha do Tesouro* (Robert Louis Stevenson, 1883), entre outros — costuma ser exposto nas livrarias ao lado de títulos voltados para adolescentes, se não para crianças, muitas vezes em versões resumidas ou simplificadas.

A presente edição não precisa resumir, simplificar ou empobrecer o texto, visto que qualquer linguagem técnica, sofisticada, um pouco arcaica ou culturalmente marcada pode ser explicada e tornada acessível mediante anotações sucintas na introdução e nas notas.

TEMPO E LUGAR

Não apenas o público-alvo do livro fica explicitado no prefácio, mas também o tempo da ação: "Trinta ou quarenta anos atrás". Se a primeira edição norte-americana foi publicada em 1876, a história transcorre entre 1836 e 1846, ou seja, antes do advento da Décima Terceira Emenda da Constituição dos Estados Unidos, proclamada em 18 de dezembro de 1865, que abolia a escravidão no país. Quanto ao lugar, o já mencionado povoado fictício de Saint Petersburg, inspirado na Hannibal do próprio Clemens, se concretiza na imaginação dos leitores com sua religiosidade, suas ilegalidades, suas estranhas distinções sociais e sua "sivilização" (como Huck irá grafar criticamente em sua "autobiografia") tipificada pela escravidão e pelas tradições do "Oeste selvagem".

PERSONAGENS

Como costuma ser o caso nas obras de Mark Twain, em *As aventuras de Tom Sawyer*, a diversificada galeria de personagens que habitam esse tempo e lugar é tão expressiva quanto inesquecível. Muitos residentes comuns de Saint Petersburg, assim como as ilustres personalidades locais, são apresentados como personagens muito bem delineados.

Temos tia Polly, a velha senhora de coração terno que, como tutora de Tom, educa-o e se esforça para equilibrar o amor pelo sobrinho com o dever de discipliná-lo, procurando em vão lidar com os inúmeros "pecados" do menino, sejam eles reais ou imaginários. Tia Polly é sensível, bondosa e nutre pelo sobrinho um orgulho secreto. Há também a prima mais velha de Tom, a honesta e solidária Mary, que tem uma preferência pelo menino; e o irmão mais novo do protagonista, Sid, sua nêmesis, aparentemente um bom menino, mas na verdade mesquinho, dissimulado e sempre disposto a incriminar o irmão.

A falante Amy Lawrence é a antiga paixão de Tom, porém é abandonada tão logo Becky Thatcher, a linda e loura filha do juiz Thatcher, a "Adorada Desconhecida", chega a Saint Petersburg. É ela quem desperta o intenso romantismo do garoto.

Há também os amigos de Tom. Joe Harper, "o amigo do peito", o

primeiro a sucumbir à saudade de casa durante a estadia na ilha Jackson, é substituído por Huck Finn na condição de "parceiro de Tom Sawyer" conforme a narrativa avança. Ben Rogers é convencido por Tom a caiar a cerca de tia Polly logo no início do livro. Alfred Temple, na verdade rival de Tom, é um garoto empetecado que veio da cidade grande. Tal como Amy Lawrence, Alfred é pego no fogo cruzado do jogo amoroso de Tom e Becky, quando a garota finge se interessar por ele para deixar Tom com ciúmes.

Na condição de maior antagonista, temos o violento, assustador e cruel Índio Joe, homem que comete assassinato, torna-se ladrão e planeja mutilar a viúva Douglas. A sua motivação predominante é a vingança. Metade nativo americano e metade caucasiano, ele sofreu exclusão social por causa de sua origem étnica. Índio Joe conta com um comparsa anônimo cujo fim é tão trágico quanto o do próprio vilão.

Há também o expressivo Muff Potter, beberrão infeliz e, supostamente, amigo de Índio Joe. Potter é afável e grato a Tom e Huck, que lhe trazem presentes depois que ele, diante do silêncio temporário da dupla, é injustamente preso pelo assassinato do dr. Robinson. A confiança ingênua demonstrada por Potter acaba por levar a consciência de Tom a um ponto de quase ruptura, obrigando-o a dizer a verdade no julgamento do beberrão e a revelar quem realmente havia cometido o homicídio. Por seu turno, o dr. Robinson, um médico respeitado, expõe seu lado mais sórdido na noite em que é assassinado, ao contratar Índio Joe e Muff Potter para cavar o túmulo do Cavalão Williams, pois queria dispor do cadáver para experiências médicas.

A exemplo de tia Polly, a abastada viúva Douglas é uma criatura generosa e temente a Deus, em quem as crianças reconhecem uma amiga. Ela é gentil com Huck antes mesmo de saber que foi ele quem salvou sua vida. O sr. Jones é um galês que mora com os filhos perto da casa da viúva Douglas. O velho responde à denúncia feita por Huck na noite em que Índio Joe pretendia atacar a viúva, passando a zelar pela segurança de Huck.

O sr. Thatcher, pai de Becky, é o juiz do condado. Uma celebridade local, ele inspira o respeito de todos os habitantes da cidade. O magistrado assume a responsabilidade por questões que afetam toda a comunidade, tais como providenciar o fechamento da sinistra e

perigosa caverna McDougal, por motivo de segurança, e investir o dinheiro do tesouro encontrado por Tom e Huck.

O sr. Sprague é o pastor da pequena igreja do vilarejo, e o sr. Walters, figura um tanto ridícula, é o superintendente da escola dominical. Desejando agradar ao juiz Thatcher, o sr. Walters, em um dos trechos mais cômicos do livro, recompensa Tom com uma Bíblia, embora saiba que o menino não havia merecido. O tristonho sr. Dobbins é o mestre-escola, personagem cuja ambição de ser médico foi frustrada por motivos financeiros e que se tornou alcoólatra e alvo de pegadinhas dos alunos.

Jim

Em *Aventuras de Huckleberry Finn*, Jim aparece, de forma intermitente, do começo ao fim da narrativa, sendo o personagem mais nobre do livro. Em *As aventuras de Tom Sawyer*, Jim, ainda menino e já na condição de escravizado pertencente à tia Polly, faz só duas aparições, sendo uma vez apenas referido e outra trazido à cena cantando e com breves falas.

Logo no capítulo 1, ouvimos que Tom volta para casa a tempo de "ajudar" Jim, "o menino de cor, a serrar madeira para ser utilizada no dia seguinte e rachar lenha antes do jantar", e que o ladino Tom chegou "ao menos a tempo de relatar suas aventuras, enquanto Jim se encarregava de três quartos do trabalho". No capítulo 2, Jim sai do portão da casa de tia Polly, saltitando, com um balde de metal, entoando a canção "Buffalo gals" enquanto vai buscar água no poço do vilarejo. O narrador, então, informa que o poço é um local animado e divertido, de onde Jim nunca regressava "em menos de uma hora" e que, "mesmo assim, alguém geralmente precisava ir chamá-lo".

Huck

Em *As aventuras de Tom Sawyer*, assim como mais tarde em *Aventuras de Huckleberry Finn*, Huck é um garoto ribeirinho, bem-humorado e desocupado, invejado por todos os meninos e temido por todas as mães de Saint Petersburg. No começo da história, é apenas "o parceiro de Tom

Sawyer", porém, ao final do livro, Huck desenvolve sua própria identidade e começa a questionar os benefícios de ter sido adotado pela viúva Douglas, que, demonstrando magnanimidade, decide não apenas adotar mas também "sivilizar" o órfão, à custa da condição anterior de vida livre do menino. O único alento de Huck, já que ele (temporariamente) desiste de seu pregresso estado de felicidade e falta de asseio pessoal, está na promessa que Tom faz de admiti-lo em seu bando de ladrões.

Ao resenhar *As aventuras de Tom Sawyer* para o *Atlantic Monthly*, em 1876, William Dean Howells não tem como saber, é claro, que Huckleberry Finn crescerá e haverá de se tornar o narrador "autobiográfico" da sequência (voltaremos a essa questão). Contudo, Howells já percebe a natureza e, quiçá, o potencial do "parceiro de Tom Sawyer" ao escrever: "O vagabundo inútil Huck Finn é absolutamente encantador, do começo ao fim, e em sua prometida reforma sua identidade é respeitada: ele levará uma vida decente para que um dia possa ser considerado digno de integrar o bando de ladrões que Tom pretende organizar". Afinal, na ironia de Mark Twain, "não tem ninguém mais educado que ladrão" e "ladrão é coisa mais fina que pirata".

Tom

Thomas Sawyer é lembrado por sua vivacidade e sagacidade. Nós o encontramos pela primeira vez com o cabelo molhado por conta de um mergulho proibido durante o horário escolar, e, logo depois, sua astúcia lhe permite enganar os amigos, fazendo-os caiar a célebre e icônica cerca da tia Polly ao convencê-los de que tal função é um privilégio. No entanto, embora seja inimigo tradicional de todo e qualquer "Menino Modelo", o protagonista é também um "cavalheiro do Sul". Tom demonstra grande respeito pela ordem social e pelo cavalheirismo, e não apenas protege Becky Thatcher na assustadora caverna McDougal, mas também conquista o coração da garota ao assumir a culpa e o castigo por uma falta cometida por ela.

Na resenha já mencionada, Howells, avaliando Tom Sawyer, escreve que o "sr. Clemens [...] tomou o menino do Sudoeste como herói de seu

novo livro e o agraciou com uma fidelidade às circunstâncias [banais] que não perde o encanto por ser realista no mais alto grau". Com intensa perspicácia crítica, descreve Tom como "travesso, mas não malicioso"; além disso, o menino "está pronto para qualquer situação que envolva o perigo e a nobreza da aventura, mas a profanação, ele bem sabe, pode fazer com que um raio seja lançado no coração do blasfemo, e ele quase nunca pragueja". Do mesmo modo, "Tom é capaz de recorrer a qualquer estratagema para faltar às aulas, mas não é um mentiroso descarado [...]. Ele é cruel, como todas as crianças, sobretudo porque é ignorante; ele não é mau, mas há limites bem definidos para sua generosidade. Sua bravura é [...] repleta de prudência e atenta à possibilidade de uma retirada, como algo inerente a combates prolongados". E Howells conclui: "Ele é um menino, simples e precisamente, um menino comum".[2]

Embora, com sua memória romântica, Tom seja capaz de recitar os nomes dos integrantes e as façanhas do Bando Alegre, de Robin Hood, ele não consegue se lembrar de nenhum dos discípulos de Jesus ou de um único versículo da Bíblia. Seu talento para o dramático e para a teatralidade o leva não apenas a atormentar sua querida tia Polly, fingindo a própria morte e aparecendo de surpresa no funeral, mas também a salvar a vida do injustiçado Muff Potter, apresentando de última hora, em pleno tribunal, um depoimento heroico e espetacular contra o perigoso "amigo" de Muff, o "mestiço" Índio Joe. Assim como tia Polly, não podemos deixar de amar Tom, ainda que tenhamos sempre certo receio do que ele vai aprontar a seguir.

ENREDO E TEMÁTICA

O enredo e a temática são tão memoráveis quanto os personagens. O enredo viria a ser descrito por Clemens como "um hino à infância". Em destaque, temos a imagem de Tom e seu parceiro Huck descalços, segurando caniços, indo pescar em um dia ensolarado de verão. Trata-se de um símbolo instantaneamente reconhecível da inocência perdida dos Estados Unidos de tempos passados, um país pré-industrial, singelo, porém igualmente mais racista e preconceituoso. No livro, a

juventude é retratada como uma época de aventuras, imaginárias ou reais, antes que sejam assumidas a rotina e a responsabilidade próprias da vida adulta.

No entanto, conforme argumenta Louis Rubin em seu clássico estudo sobre Mark Twain, a verdade é que o romance não constitui um idílio e, às vezes, beira o pesadelo. A trama envolve violência (inclusive contra crianças), horror, sangue e morte; há assassinatos em cemitérios, cadáveres, embriaguez e superstições assustadoras; um criminoso nefasto jura se vingar cortando as narinas e retalhando as orelhas de uma mulher; um homem morre de fome e sede em uma caverna lacrada; um menino e uma menina ficam perdidos por três dias nas galerias escuras dessa caverna e são considerados mortos, e assim por diante. A realidade invade e frustra qualquer sentimento de nostalgia pela vida edênica de Saint Petersburg e pelos tempos perdidos e felizes do antigo Sul.[3]

NARRADOR

Ao contrário do livro que o segue, *As aventuras de Tom Sawyer* conta com um narrador adulto, letrado e onisciente que, em terceira pessoa, faz a mediação entre o protagonista e o leitor (a variação linguística fica, então, restrita aos diálogos). Embora Mark Twain tenha começado a escrever a continuação logo após (se não antes mesmo) de lançar *As aventuras de Tom Sawyer*, *Aventuras de Huckleberry Finn* só foi publicado oito anos depois. O autor passou sete anos incapaz de escrever uma linha sequer após o ímpeto inicial que o levou até o décimo quinto capítulo do livro. A propósito do notório bloqueio criativo experimentado pelo escritor entre a composição dos dois livros, Leslie Fiedler afirma que Clemens não sabia o que fazer depois que a balsa foi retirada de seus personagens e dele próprio.[4] Isso pode ser verdade, mas nesse ínterim Mark Twain se manteve ocupado, publicando *O príncipe e o mendigo* (1882) e *Vida no Mississippi*.

Já a continuação de *As aventuras de Tom Sawyer* é contada em primeira pessoa pelo parceiro de Tom, Huckleberry Finn, um jovem adolescente inculto e sem-teto, que tece uma engenhosa "autobiografia". É curioso

que, enquanto a ação no livro subsequente tem início no mesmo longo e romântico verão da obra anterior e chega ao fim no ano seguinte, Tom é submetido a uma transformação, passando de um garoto que ainda está perdendo os dentes de leite para um rapazola da idade de Huck, com treze ou catorze anos; ou seja, ambos estão cinco ou seis anos mais velhos. Além disso, como vimos, Jim, apenas um menino no primeiro livro, é transformado em adulto no segundo.

Na mencionada obra que serve de sequência (ou seria uma espécie de comentário?), Huck Finn descreve o mundo confortável do parceiro a partir de uma perspectiva questionadora. Huck permanece à margem de estruturas sociais restritivas, tais como a Igreja, a Lei e a escola, isto é, o mesmo sistema social que seu parceiro rejeita e no qual, ao mesmo tempo, visa se integrar, e a distância crítica que Huck mantém diante da "sivilização" o torna testemunha contumaz das inconsistências do establishment. O fato é que os dois livros somam lembranças inspiradas e inspiradoras da juventude de Mark Twain, como o encantamento despertado pelo grande rio e a qualidade intangível de uma arte que depende de uma aparente simplicidade e de um verniz de comicidade para intensificar o efeito satírico. Constituindo tanto um relato nostálgico dos dias da juventude quanto uma aferição social, moral e, em última instância, não idílica de uma época problemática da história dos Estados Unidos, os dois romances alcançaram a posição de clássicos na literatura mundial.

E tanto quanto os dois livros, os dois protagonistas, Tom Sawyer e seu grande parceiro Huck Finn, formam uma dupla. Embora ambos sejam órfãos, o lugar relativamente seguro de Tom na sociedade torna sua visão da vida menos reveladora do que a de Huck, fato reconhecido pelo próprio Mark Twain quando considerou dar continuidade à história através dos olhos e da narrativa de Huck. Ao contrário deste, Tom tem casa, família e até namoradinhas, como vimos. Além disso, no final da história, ele tem 6 mil dólares no banco — Huck também tem, mas abre mão do dinheiro, acreditando e afirmando que aquilo trará tantos problemas que não valerá a pena. Tom convence Huck a permanecer na casa da viúva Douglas e incentiva o parceiro a aceitar o colarinho apertado, a escola dominical, a rotina regrada por horários e as boas maneiras à mesa. No desfecho de seu respectivo livro, Tom já

não é um garoto desobediente que pretende solapar o mundo adulto, mas um defensor da respeitabilidade e da responsabilidade. Ao fim de suas aventuras, segundo Tom, amadurecer significa abraçar costumes sociais e sacrificar a liberdade da infância. Por meio de um marcante dispositivo formal que os teóricos do teatro definiriam como contraste dramático — aqui tão nítido quanto eloquente —, Huck Finn passa a simbolizar aquilo que Tom Sawyer, talvez por não ser rebelde o bastante, não pode representar. Por outro lado, a energia quase inesgotável de Tom e sua sede de aventura impulsionam o livro de episódio em episódio, e o protagonista acaba se tornando o herói de Saint Petersburg. Afinal, conforme os boatos que correm pelo vilarejo, Tom "ainda seria presidente se escapasse da forca".

Inserido diretamente na longa tradição crítica consolidada pelos escritores praticantes do chamado *"Southwestern humor"* [humor do Sudoeste], Mark Twain pretende não apenas nos fazer rir, mas pensar e aprender. Devido à sua aguda crítica social, é fácil rotulá-lo de cínico e pessimista. Mas reduzi-lo desse modo é ignorar que, a exemplo de outros escritores geniais, ele expõe o que há de pior em nós para que possamos nos edificar e talvez crescer, conforme nos possibilitam *As aventuras de Tom Sawyer*, uma espécie de *Ilha do Tesouro* ambientada nos Estados Unidos em meados do século XIX.

Por meio de uma linguagem vernácula magistralmente sintonizada com a experiência da vida real, de um tipo de humor que camufla *gravitas* e serve para apontar equívocos na vida moderna norte-americana, de descrições detalhadas e aguçada visão crítica, Mark Twain fez da interação entre suas memórias de infância e suas percepções adultas uma exploração dialética que, mediante as consciências de Tom Sawyer e Huck Finn, possibilitou à experiência de vida do próprio escritor alcançar definição e repercussão artística duradouras. Voltando ao clássico *Estudos sobre a literatura clássica americana*, de D. H. Lawrence, podemos verificar que "verdades eternas" são descartadas, e nos é dito que a arte revelará a verdade da época do próprio artista, uma vez que ela "vive no cotidiano" (p. 8). A experiência central que produziu "Velhos tempos no Mississippi", *As aventuras de Tom Sawyer* e *Aventuras de Huckleberry Finn* em um período de apenas dez anos — de 1874 a 1884 — envolveu uma viagem de volta à memória

pessoal que permitiu a Mark Twain rever sua própria infância como uma terra a ser revisitada e uma experiência a ser relatada ao público leitor.

Trabalhando com temas que vão desde a celebração da inocência juvenil até a crítica social mais amarga e a expressão de um pessimismo raivoso (este último possivelmente como consequência de perdas materiais e, sobretudo, pessoais), Mark Twain apresenta uma verdade que, embora não seja impedida de parecer "eterna", enuncia, sem dúvida, verdades sobre o autor e seu tempo. Talvez fosse isso que Howells tinha em mente quando definiu Samuel Langhorne Clemens como "o Lincoln da literatura [norte-americana]".

josé roberto o'shea[5]

AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

Tom Sawyer

PREFÁCIO

a maioria das aventuras registradas neste livro aconteceu de verdade. Uma ou duas foram experiências próprias. As demais foram de meus colegas de escola. Huck Finn existiu. Tom Sawyer também, mas não foi inspirado em um único indivíduo — é uma combinação de características de três meninos que conheci e, portanto, pertence à ordem das composições arquitetônicas.

As superstições estranhas aqui abordadas eram comuns entre crianças e escravos que viviam no Oeste no tempo em que se passa esta história — ou seja, trinta ou quarenta anos atrás.

Embora meu livro se destine primordialmente a meninos e meninas, espero que por conta disso não seja ignorado por homens e mulheres, pois faz parte do meu plano lembrar aos adultos de como eram no passado, como se sentiam, pensavam e falavam, e das peripécias insólitas em que às vezes se metiam.

O AUTOR
Hartford, 1876

1

— tom!

Sem resposta.

— *Tom!*

Sem resposta.

— Cadê esse menino, eu me pergunto? Ei, *TOM*!

Sem resposta.

A velha senhora afastou os óculos e olhou ao redor do quarto; em seguida, recolocou-os e olhou por baixo das lentes. Raramente, ou nunca, olhava *através* das lentes para procurar algo tão pequeno como um menino; eram seus óculos de sair, orgulho do coração, e eram questão de "estilo", não de utilidade — ela poderia enxergar igualmente bem através de duas tampas de boca de fogão. Mostrou-se perplexa, por um momento, e então disse, não com agressividade, mas alto o suficiente para a mobília escutar:

— Pois é, quando eu te pegar, eu vou...

Não terminou, porque àquela altura já estava curvada e cutucando embaixo da cama com a vassoura, de modo que precisava de fôlego para pontuar as cutucadas. Não ressuscitou nada além do gato.

— Nunca vi um menino desse jeito!

Foi até a porta aberta e olhou em direção aos tomateiros e às moitas de figueira-do-demo[1] que formavam o jardim. Nada de Tom. Então, elevou a voz, direcionou-a em um ângulo calculado e berrou:

— E-e-e-e-i, *Tom*!

Ouviu um leve barulho atrás de si e se virou a tempo de agarrar o garoto pela gola frouxa da jaqueta e interromper a escapada.

— Pronto! Eu devia ter pensado naquele armário. O que você tava fazendo lá dentro?

— Nada.

— Nada! Olha só pras tuas mãos. E olha pra tua boca. Que troço é

esse?

— *Eu* é que não sei, tia.

— Mas *eu* sei. É geleia... é geleia mesmo. Eu já te falei quarenta vezes pra você ficar longe daquela geleia, senão eu ia te dar uma coça. Me passa aí essa vareta.

A vareta pairou no ar — o risco era desesperador.

— Nossa! Olha aí atrás da senhora, tia!

A velha senhora se virou e juntou a saia, a fim de evitar o perigo. O garoto saiu correndo, escalou a cerca alta de tábuas e desapareceu do outro lado.

Tia Polly ficou atônita, por um momento, e então deu uma risadinha afável.

— Menino endiabrado! Será que eu nunca vou aprender? Ele já não me enganou o tanto pra mim saber o que ele vai aprontar? Mas não tem bobo pior que bobo velho. Não dá pra ensinar truque novo pra cachorro vivido, como se diz. Mas, por Deus, ele nunca faz a coisa do mesmo jeito dois dias seguidos, e como é que a gente pode saber o que vai acontecer? Parece até que ele sabe quanto tempo pode me amofinar antes de eu perder as estribeiras, e sabe também que se conseguir me enrolar um minuto, ou me fazer rir, vai tudo por água abaixo e eu não bato nele. Eu não tô cumprindo o meu dever com esse menino, e isso é uma verdade divina, Deus sabe. Poupe a vara e estrague a criança, como diz o Livro Sagrado.[2] Eu tô é empilhando pecado e sofrendo por nós dois, *eu* sei disso. Ele tem o Demo no couro, Deus me valha! É filho da minha finada irmã, o coitado, e não sei por que eu não tenho coragem de sovar ele. Toda vez que eu deixo ele se safar a minha consciência dói muito, e toda vez que eu bato nele esse meu coração velho quase se parte. Homem nascido de mulher vive pouco e passa muita provação,[3] como diz a Bíblia, e eu acho que é isso mesmo. Ele vai matar aula hoje de tarde,[4] e eu vou ser obrigada a botar ele pra trabalhar amanhã, de castigo. É muito difícil fazer ele trabalhar dia de sábado, quando a criançada toda tá brincando, mas ele odeia trabalho mais que qualquer outra coisa, e eu *tenho* que cumprir o meu dever com ele, senão eu vou estragar essa criança.

Tom, de fato, matou aula e se divertiu a valer. Voltou para casa quase na hora de ajudar Jim, o menino de cor, a serrar madeira para ser

utilizada no dia seguinte e rachar lenha antes do jantar — ou ao menos a tempo de relatar suas aventuras, enquanto Jim se encarregava de três quartos do trabalho. O irmão (ou melhor, meio-irmão) caçula de Tom, Sid, já havia terminado a sua parte (catar gravetos), pois era um menino comportado, não muito afeito a aventuras e encrencas.

Enquanto Tom comia seu jantar, furtando um pouco de açúcar sempre que possível, tia Polly fez perguntas perspicazes e instigantes, na expectativa de surpreendê-lo e forçá-lo a fazer revelações incriminadoras. A exemplo de tantas outras almas de bom coração, sua vaidade predileta era a crença de que possuía talento para praticar uma diplomacia soturna e ardilosa, e ela adorava ver seus esquemas mais do que óbvios como verdadeiras maravilhas de esperteza. Disse ela:

— Tom, tava muito calor lá na escola, né?

— Tava, sim, senhora.

— Quente demais, né?

— Sim, senhora.

— Você não teve vontade de dar uma nadadinha, Tom?

Um certo receio percorreu o corpo de Tom — um desagradável sinal de desconfiança. Ele examinou o semblante de tia Polly, mas a expressão dela nada lhe dizia. Ele então respondeu:

— Não, senhora... bem, não muita.

A velha senhora estendeu a mão, tocou a camisa dele e disse:

— Mas você não tá muito quente agora, em todo caso.

E desfrutou da satisfação de pensar que havia constatado que a camisa estava seca, sem revelar sua intenção. Mas, apesar da esperteza da tia, Tom sabia o que ela pretendia. Então antecipou o próximo passo:

— Nós jogamo água na cabeça... a minha ainda tá molhada. Tá vendo?

Tia Polly se irritou ao pensar que havia ignorado aquela pequena prova substancial e perdido um ponto. Em seguida, sentiu nova inspiração:

— Tom, pra molhar a cabeça você não precisou tirar o colarinho que eu costurei, né? Desabotoa aí essa jaqueta.

A preocupação desapareceu da fisionomia de Tom. Ele abriu a jaqueta. O colarinho estava devidamente costurado.

— Que coisa! Então agora pode ir. Eu tinha certeza que você tinha matado aula pra nadar. Mas eu vou te perdoar, Tom. Eu acho que as

aparências enganam, como diz o ditado... você é melhor do que parece. *Desta* vez.

Em parte, ela lamentava a falha de sua sagacidade, mas, em parte, contentava-se porque Tom tivera um encontro com a obediência, ao menos uma vez.

Mas Sidney disse:

— Ué! Eu achava que a senhora tinha costurado o colarinho dele com linha branca, mas foi linha preta.

— Ué! Eu costurei o colarinho com linha branca! Tom!

Mas Tom não esperou pelo resto. Ao sair porta afora, ele disse:

— Siddy, eu vou te pegá por causa disso.

Em um local seguro, Tom examinou as duas agulhas presas nas lapelas da jaqueta, com linhas enfiadas; uma agulha exibia linha branca, e a outra, preta. Resmungou:

— Ela nunca ia repará se não fosse o Sid. Diacho! Tem vez que ela costura com linha branca e tem vez que é linha preta. Caramba! Eu queria que ela decidisse por uma ou por outra... *eu* é que não tenho como sabê. Mas juro que eu vou pegá o Sid por causa disso. Eu vou dá uma lição nele!

Ele não era o Menino Modelo do vilarejo. Mas conhecia muito bem o menino modelo — e o detestava.

Em dois minutos, ou até menos, Tom esqueceu todas as encrencas. Não porque suas encrencas eram menos preocupantes ou menos espinhosas para ele do que as de qualquer outro indivíduo eram para tal indivíduo, mas porque um interesse novo e marcante as suplantou e as expulsou da mente — assim como os reveses de uma pessoa são esquecidos diante da animação propiciada por novas empreitadas. O novo interesse dizia respeito a um assobio inovador, que ele acabara de aprender com um negro e pretendia praticar sem ser perturbado. Consistia em um trinado semelhante ao de um pássaro, um gorjeio um tanto fluido, produzido pelo toque da língua no céu da boca, em pequenos intervalos ao longo da melodia — o leitor provavelmente se lembra de como isso é feito, se um dia já foi menino. Diligência e zelo logo lhe ensejaram o domínio do trinado, e ele desceu a rua com a boca cheia de harmonia e a alma cheia de gratidão. Sentia-se como um astrônomo que descobrira um novo planeta — sem dúvida, em se

tratando da intensidade, da plenitude e da pureza da satisfação, a vantagem estava com o menino, não com o astrônomo.

As tardes de verão eram longas. Ainda não tinha escurecido. Logo, Tom testou o assobio. Um estranho surgiu à sua frente — um garoto pouco maior do que ele. Qualquer recém-chegado, não importava idade ou sexo, constituía uma curiosidade e tanto no vilarejo pobre e decadente de Saint Petersburg.[5] O garoto estava bem-vestido — e bem-vestido em dia útil.[6] Aquilo era uma raridade. O boné delicado, o paletó azul todo abotoado novo e elegante, tanto quanto a calça. Usava sapatos — e ainda era sexta-feira. Tinha até gravata, uma fitinha lustrosa. Exibia um ar urbano que corroía as entranhas de Tom. Quanto mais Tom contemplava aquela estranha maravilha, mais empinava o nariz diante de tamanha esnobação e mais simplórias suas próprias roupas lhe pareciam. Nenhum dos meninos falou. Se um se mexia, o outro se mexia — mas se moviam apenas para os lados, formando um círculo; encaravam-se, olho no olho, o tempo inteiro. Por fim, Tom disse:

— Eu vou te batê!

— Quero vê você exprimentá.

— Ué, eu bato mesmo.

— Não, não bate não.

— Bato sim.

— Não bate não.

— Bato.

— Não bate.

— Bato!

— Não bate!

Uma pausa incômoda. Então Tom disse:

— Qual é o teu nome?

— Eu acho que isso não é da tua conta.

— Pois é, eu vou *fazê* com que seja da minha conta.

— Pois é, por que tu não exprimenta?

— Se tu der um pio, eu exprimento.

— Pio... pio... *pio.* Pronto.

Quem tem medo?

— Ai, tu se acha espertinho, *né*? Eu te bato com uma mão amarrada nas costa, se eu quiser.

— Pois é, por que tu não *faz* isso? Tu só fica aí *falando* que faz.

— Pois é, eu *vou* mesmo, se tu se metê comigo.

— Ai, é... já vi muita gente boa falá isso.

— Espertinho! Tu *se acha* o bonzão, *né mesmo*? Ai, que chapéu!

— Pode arrancá fora esse chapéu, se tu não gostou dele. Duvido tu se metê a tirá ele da minha cabeça... e qualquer um que se metê vai se dá mal.

— Tu é um mentiroso!

— E tu também.

— Tu é um baita de um mentiroso e não guenta nada.

— Ora! Vai andá!

— Vou te dizê... se tu falá mais uma coisinha, eu vou fazê uma pedra

quicá na tua cabeça.

— Ai, *claro* que vai.

— Pois é, *vou* mesmo.

— Pois é, por que tu não *faz* isso, então? Por que tu só fica aí *falando*? Por que não *faz* logo? É porque tu tá com medo.

— Eu não tô com medo.

— Tá.

— Não tô.

— Tá.

Outra pausa, e mais encaradas e giros. Logo estavam ombro a ombro. Tom disse:

— Cai fora daqui!

— Cai fora você!

— Não caio.

— Nem eu.

E assim eles se posicionaram, cada um fincando o pé enviesado, como um anteparo, um empurrando o outro com toda força, ambos de olhos arregalados e cheios de ódio. Mas nenhum levou vantagem. Depois de tanto esforço, a ponto de ambos ficarem suados e corados, os dois, com máxima cautela, relaxaram a pressão, e Tom disse:

— Tu é um covarde e um pirralho. Eu vou te dedurá pro meu irmão mais velho, e ele vai te sová com o dedo mindinho, e eu vou mandá ele te batê... vou mesmo.

— O que me importa o teu irmão mais velho? Eu tenho um irmão que é maior que ele... e tem mais, ele vai jogá ele por cima daquela cerca ali. (Os dois irmãos eram imaginários.)

— É mentira.

— Tu *falá* que é mentira não faz sê mentira.

Tom traçou uma linha na terra com o dedão do pé e disse:

— Se tu cruzá essa linha, eu vou te batê tanto que tu não vai conseguí ficá de pé. Quem não passá dessa linha é mulher do padre.

O menino recém-chegado cruzou a linha na mesma hora e disse:

— Agora que tu falô que ia fazê, vamo vê tu fazê.

— Não chega perto de mim; é melhor tu tomá cuidado.

— Pois é, tu *falô* que ia fazê... por que tu não faz?

— Ora! Por dois centavo, eu *faço*!

O menino recém-chegado retirou do bolso duas moedas e as exibiu, com desdém. Tom as derrubou com um tapa. No instante seguinte, os dois estavam rolando na terra, embolados feito gatos; e durante um minuto trocaram puxões de cabelo, rasgões nas roupas, socos e arranhões nos narizes, cobrindo-se de poeira e glória. Logo depois, a confusão adquiriu forma e, através da névoa da batalha, Tom surgiu, montado no recém-chegado, esmurrando-o.

— Pede arrego! — disse ele.

O menino tentou se libertar. Estava chorando — sobretudo, de raiva.

— Pede arrego! — e os murros prosseguiram.

Finalmente, o estranho soltou um "arrego!", meio abafado; Tom deixou que ele se levantasse e disse:

— Agora tu vai aprendê. É melhor se cuidá e vê bem com quem tu se mete da próxima vez.

O recém-chegado foi embora, batendo a poeira da roupa, soluçando, fungando, olhando para trás e sacudindo a cabeça e dizendo o que faria com Tom "na próxima vez que pegasse ele". Ao que Tom respondeu com deboche e se afastou, todo prosa; assim que Tom se virou, porém, o novato atirou uma pedra, acertando-o no meio das costas, e saiu correndo feito uma lebre. Tom perseguiu o traidor até em casa, e assim descobriu onde ele morava. Ficou de guarda no portão por algum tempo, desafiando o inimigo, mas este se limitou a fazer caretas através da janela e, depois, se abaixou. Por fim, a mãe do inimigo apareceu e achincalhou Tom, chamando-o de criança malvada, cruel, mal-educada e mandando-o embora. Então ele foi, mas disse que "ia tocaiá" aquele menino.

Chegou tarde em casa naquela noite e, ao entrar sorrateiramente pela janela, deparou com uma emboscada na pessoa de sua tia; e quando ela constatou o estado das roupas dele, a decisão de transformar a folga do sábado em prisão e trabalho forçado se consolidou e se tornou irredutível.

2

chegou a manhã de sábado, e o mundo todo do verão cintilava, fresco e transbordando vida. Havia um cântico em cada coração; e se o coração era jovem, a melodia escapava pelos lábios. Havia contentamento em cada rosto e um ímpeto em cada passada. As acácias desabrochavam, o perfume das flores enchendo o ar. Cardiff Hill, adiante e acima do vilarejo, estava coberta de verde e se situava na distância certa para parecer uma Terra Encantada, onírica, relaxante e convidativa.

Tom apareceu na calçada com um balde de cal e um pincel de cabo comprido. Examinou a cerca, e toda a alegria o abandonou; uma tristeza profunda se instalou em seu espírito. Quase trinta metros de cerca de tábuas, com quase três metros de altura. A vida lhe parecia vazia, e a existência, um fardo. Suspirando, molhou o pincel e o passou pela tábua mais alta; repetiu a operação; e repetiu mais uma vez. Comparou o pequeno trecho caiado com o extenso continente de cerca por caiar e se sentou em um caixote de madeira, desanimado. Jim saiu saltitando pelo portão, carregando um balde de metal e entoando a canção "Buffalo gals".[7] Tom sempre achara que buscar água no poço do vilarejo era um trabalho detestável, mas agora não lhe parecia assim. Lembrou que sempre havia gente no poço. Meninos e meninas — brancos, mestiços e negros — ficavam lá, aguardando a vez, descansando, trocando brinquedos, discutindo, brigando, aprontando. E lembrou que, embora o poço ficasse a menos de cento e cinquenta metros, Jim nunca voltava de lá com um balde de água em menos de uma hora — e, mesmo assim, alguém geralmente precisava ir chamá-lo. Tom disse:

— Jim, eu vou buscá água se você pintá um pouco.

Jim sacudiu a cabeça e respondeu:

— Num posso, patrãozinho Tom. A madama, ela me mandou buscá essa água e num pará pra perdê tempo com ninguém. Ela falou que

achava que o patrãozinho Tom ia pedí pra mim caiá, e então ela falou pra mim seguí em frente e cuidá do que é da minha conta... ela falou que *ela mesma* ia vigiá essa caiação.

— Ai, não liga pro que ela falou, Jim. Ela sempre fala desse jeito. Me dá aí esse balde... eu vou e volto num minuto. Ela *nunca* vai nem sabê.

— Ai, eu num tenho corage, patrãozinho Tom. A madama ia pegá e rancá o meu coro. Ia mesmo.

— *Ela?!* Ela nunca bate em ninguém... só dá cascudo com o dedal... e quem liga pra uma coisa dessa, eu quero sabê. Ela fala um montão, mas isso não dói... pelo meno, não dói se ela não chorá. Jim, eu vou te dá uma joia. Vou te dá uma bolinha de gude leitosa!

Jim começou a titubear.

— Uma bolinha de gude leitosa, Jim! E boa pra jogo de mata-mata.

— Nossa! Isso é mesmo uma joia, vou te *contá*! Mas, patrãozinho Tom, eu tô morreno de medo que a madama...

— E tem mais, se você caiá, eu te mostro o meu dedão estourado.

Jim era tão fraco quanto qualquer outro ser humano, e tal atrativo foi demais. Largou o balde no chão, pegou a bolinha leitosa e se curvou sobre o dedão com arrebatado interesse enquanto a atadura era removida. No instante seguinte, porém, ele já voava rua abaixo levando o balde e com o traseiro ardendo, Tom já voltara a caiar com todo vigor e tia Polly saía de cena, com chinelo na mão e triunfo nos olhos. Mas a energia de Tom não durou muito. Ele começou a pensar no divertimento que havia planejado para aquele dia e a tristeza se multiplicou. A garotada livre em breve apareceria rumando para vários tipos de passeios deliciosos e zombaria dele por ter que trabalhar — essa simples ideia queimava feito fogo. Tom retirou do bolso sua riqueza mundana e a examinou — cacos de brinquedos, bolinhas de gude e bugigangas; bastavam para conseguir um escambo de *trabalho*, talvez, mas não eram nem a metade do necessário para obter sequer meia hora de liberdade. Ele então devolveu seus parcos bens ao bolso e desistiu da ideia de subornar os meninos. Naquele momento sombrio e desprovido de esperança veio uma inspiração! Nada menos do que uma inspiração grandiosa, magnífica.

Ele pegou o pincel e se pôs a trabalhar com serenidade.

Ben Rogers logo apareceu — entre todos, o garoto cujo deboche Tom

mais temia. O jeito como Ben caminhava — serelepe e saltitante — era prova suficiente de que seu coração estava leve e suas expectativas eram grandes. Vinha comendo uma maçã e, de vez em quando, emitia uma nota melodiosa e prolongada, seguida por um grave ding-dong-dong, ding-dong-dong, imitando um barco a vapor. Ao se aproximar, diminuiu a velocidade, foi até o meio da rua, se inclinou a estibordo[8] e lentamente fez uma curva, com pompa e circunstância — pois encarnava o *Big Missouri*[9] e imaginava possuir um calado de quase três metros. Ele era ao mesmo tempo barco, capitão e sino da embarcação; portanto, precisava se imaginar de pé no convés superior, expedindo ordens e cumprindo-as ele mesmo.

— Soltar âncora, senhor! Ting-a-ling-ling! — A proa se projetou, e ele se aproximou da calçada, devagar.

— Barco à ré! Ting-a-ling-ling! — Esticou os braços e os deixou parados ao lado do corpo.

— Atenção aí a estimbordo![10] Ting-a-ling-ling! Tchu! Tch-tchu-tchuuu! Tchu! — Nesse ínterim, a mão direita descrevia grandes círculos no ar, pois representava uma roda de pás com doze metros de diâmetro.

— Deixem ele cambá a bãobordo![11] Ting-a-ling-ling! Tchu! Tch-tchu-tchuuu! Tchu! — A mão esquerda começou a desenhar círculos.

— Alto aí a estimbordo! Ting-a-ling-ling! Alto a bãobordo! Um pouco mais a estimbordo! Alto! Manobrem devagar! Ting-a-ling-ling! Tch-tchu-tchuuu! Preparem o cabo de atracação! *Depressa!* Vamo... soltem o cabo de través![12] Que moleza é essa?! Amarrem logo o cabo nessa estaca! Guentem firme agora... pronto! Desligue as máquina aí, senhor! Ting-a-ling-ling! *Shhh! Shhh! Shhh!* (Verificando os medidores de pressão das caldeiras.)

Tom continuou com a caiação — sequer olhou para o barco a vapor.

Ben o observou por um momento e disse:

— Oi! *Você tá* é todo encrencado, né?

Sem resposta. Tom examinou seu último toque com olhar de artista; em seguida, moveu o pincel delicadamente e voltou a verificar o resultado. Ben se postou ao lado dele. Tom ficou com água na boca por causa da maçã, mas se manteve firme no trabalho. Ben disse:

— Oi, amigão, tem que trabalhá, é?

Tom se virou de repente e falou:

— Ai, Ben, é você?! Eu nem notei.

— Qué sabê... *eu* vou é dá uma nadada, vou mesmo. Você não ia gostá de podê ir junto? Mas, é claro, você prefere *trabalhá*... né? Claro que sim!

Tom olhou para o menino por um instante e disse:

— O que é que tu tá chamando de trabalho?

— Ué! *Isso aí* não é trabalho?

Tom retomou a caiação e respondeu, displicente:

— Pois é, vai vê que é, e vai vê que não é. Tudo o que eu sei é que tá bom pro Tom Sawyer.

— Ai, essa não... vai querê me dizê que você tá *gostando*?

O pincel continuou em movimento.

— Gostando? Pois eu não vejo por que não gostá. É todo dia que um garoto tem a chance de caiá uma cerca?

Isso colocou a coisa sob nova perspectiva. Ben parou de mordiscar a maçã. Tom manuseava o pincel com muito gosto para a frente e para trás — recuava um passo para examinar o efeito — acrescentava um toque aqui outro ali — e observava de novo. Ben acompanhava cada gesto e ficava cada vez mais interessado, cada vez mais absorvido. Então disse:

— Qué sabê, Tom, deixa eu caiá um pouco.

Tom pensou e estava prestes a consentir, mas mudou de ideia.

— Não... não... eu acho que não vai dá, Ben. Sabe, a tia Polly tem muito ciúme dessa cerca... fica bem aqui na rua... tu sabe... se fosse aquela lá de trás, eu não me importava, e *ela* também não. Pois é, ela tem muito ciúme dessa cerca; a coisa tem que sê feita com todo cuidado; eu acho que não tem um menino em mil, ou em dois mil, capaz de fazê a coisa do jeito que tem que sê feita.

Isso não é trabalho?

— Não... é mesmo? Ai, Tom... deixa eu exprimentá. Só um pouquinho... eu te deixava, se você fosse eu, Tom.

— Ben, eu até que gostaria, palavra de índio,[13] mas a tia Polly... o Jim também queria, mas ela não deixou; o Sid queria, e ela não deixou o Sid. Agora, você não vê a minha enrascada? Vai que você se mete com essa cerca e acontece alguma coisa...

— Ora bolas! Eu vou tomá o mesmo cuidado que você. Deixa eu exprimentá. Qué sabê... eu te dou o miolo da minha maçã.

— Pois é, sei lá... não, Ben, não vai dá. Eu tô com medo...

— Eu te dou a maçã *inteira*!

Tom entregou o pincel com relutância no semblante, mas com entusiasmo no coração. E enquanto o ex-vapor *Big Missouri* trabalhava e transpirava ao sol, o artista substituído se sentou em um barril, à sombra, balançando as pernas, saboreando a maçã e planejando o abate de outros inocentes. Não faltava material; meninos surgiam a todo momento; vinham no intuito de zombar, mas ficavam para caiar.

Quando Ben ficou exausto, Tom já havia barganhado a vez seguinte com Billy Fisher em troca de uma pipa em bom estado; e quando *ele* pifou, Johnny Miller comprou a vez em troca de um rato morto e um barbante para girá-lo no ar — e assim por diante, hora após hora. E no meio da tarde, Tom, que naquela manhã era um pobretão, nadava em riqueza. Além dos itens já mencionados, ele tinha doze bolas de gude, o fragmento de um berimbau de boca,[14] um caco de vidro azul para servir de lente, um canhãozinho apoiado em um carretel, uma chave que não abria nada, um toco de giz, a tampa de vidro de um decantador, um soldadinho de chumbo, dois girinos, seis estalinhos, um filhote de gato com um olho só, uma maçaneta de metal, uma coleira — sem cachorro —, o cabo de uma faca, quatro pedaços de casca de laranja e uma esquadria de janela caindo aos pedaços.

Tom não precisou trabalhar, se divertiu a valer o tempo todo — e teve sempre companhia — e a cerca recebeu três demãos de cal! Se a cal não tivesse acabado, ele teria levado à falência todos os garotos do vilarejo.

Ele disse consigo mesmo que, no fim das contas, o mundo não era tão vazio. Inadvertidamente, ele havia descoberto uma grande lei da motivação humana — ou seja, para fazer um homem ou um menino querer alguma coisa basta tornar essa coisa difícil de obter. Fosse ele um ilustre e sábio filósofo, como o autor deste livro, teria compreendido que Trabalhar consiste em tudo o que um indivíduo é *obrigado* a fazer, e que Brincar consiste em tudo o que um indivíduo não é obrigado a fazer. E isso o ajudaria a entender por que confeccionar flores artificiais ou se desincumbir de tarefas rotineiras constituem trabalho, enquanto jogar boliche ou escalar o Mont Blanc[15] são divertimento. Há na Inglaterra cavalheiros abastados que conduzem carruagens puxadas por quatro cavalos ao longo de trinta ou cinquenta quilômetros em um só dia, em pleno verão, porque o privilégio poupa uma boa soma; mas se lhes fosse oferecida remuneração pelo serviço, isso transformaria a atividade em trabalho e eles recusariam.

O menino refletiu durante algum tempo sobre a mudança substancial ocorrida em suas circunstâncias materiais e então foi se reportar ao quartel-general.

3

tom se apresentou à tia polly, sentada perto de uma janela aberta em um agradável cômodo nos fundos que servia de quarto, sala de café da manhã, de jantar e biblioteca combinados. O ar ameno do verão, o silêncio inebriante, o perfume das flores e o zumbido sonolento das abelhas surtiram efeito, e ela cochilava sobre o tricô — pois não tinha companhia além do gato, que dormia em seu colo. Os óculos estavam firmados na cabeça grisalha, por precaução. Ela acreditava que, decerto, Tom desertara havia muito tempo, e ficou surpresa ao vê-lo se submeter novamente ao seu poder com tamanha intrepidez. Ele disse:

— Não posso ir brincá agora, tia?

— O quê? Já? Quanto você fez?

— Tá tudo feito, tia.

— Tom, não mente pra mim... eu não vou admitir uma coisa dessa.

— Eu não tô mentindo, tia; tá tudo feito.

Tia Polly não confiava muito nesse tipo de prova; saiu para ver por si mesma e se daria por satisfeita em constatar que vinte por cento da afirmação era verdadeira. Quando encontrou a cerca inteira caiada, e não apenas caiada mas meticulosamente pintada e repintada, e viu que havia até uma faixa branca acrescentada ao solo, seu espanto foi quase indescritível. Ela disse:

— Pois é, vê só! Não tem dúvida; você *trabalha* quando quer, Tom — e, então, diluiu o elogio, acrescentando: — Mas é raro você resolver trabalhar, eu sou obrigada a dizer. Vai brincar, então, mas lembra de voltar em uma semana, senão vou te dar uma coça.

Ela ficou tão impressionada com o brilhantismo da façanha que o levou até a despensa, escolheu uma bela maçã e a ofereceu a ele, junto com uma preleção edificante acerca do valor e do sabor de uma guloseima adquirida sem pecado e por meio de um esforço virtuoso. E, enquanto ela concluía com um jubiloso floreio bíblico, ele fisgou uma

rosquinha doce.

Em seguida, Tom pulou fora e viu Sid começando a subir a escada externa que levava aos quartos dos fundos no segundo andar. Ele tinha torrões de terra bem à mão, e o ar ficou cheio deles em um piscar de olhos. Os torrões envolveram Sid como uma tempestade de granizo; e antes que tia Polly pudesse recuperar suas faculdades perplexas e acudir, seis ou sete haviam atingido seu alvo e Tom já tinha pulado a cerca e escapulido. Havia um portão, mas, de modo geral, Tom não dispunha de tempo para fazer uso dele. Sua alma desfrutava de paz agora que ele estava quite com Sid por ter chamado a atenção para a linha preta e encrencá-lo.

Tom contornou o quarteirão e chegou a um beco lamacento que dava atrás do estábulo no qual sua tia abrigava a vaca. Logo se viu em segurança, livre da possibilidade de ser capturado e castigado, e se apressou em direção à praça pública do vilarejo, onde duas "companhias militares" de meninos se reuniam para um combate previamente combinado. Tom era o General de um dos exércitos, Joe Harper (o amigo do peito) era o General do outro. Os dois grandes comandantes não se prestavam à luta corporal — atividade mais adequada à pirralhada —, sentando-se juntos em eminência e conduzindo as operações de campo com instruções comunicadas por ajudantes de ordens. O exército de Tom obteve uma vitória maiúscula, após uma batalha longa e árdua. Em seguida, baixas foram contadas, prisioneiros trocados, os termos do próximo confronto definidos e a data da batalha necessária estabelecida; depois disso, os exércitos se alinharam e partiram em marcha, e Tom voltou sozinho para casa.

Ao passar pela residência de Jeff Thatcher, ele viu uma menina desconhecida no jardim — uma criaturinha adorável, de olhos azuis, com o cabelo dourado preso em duas longas tranças, vestido branco de verão e culotes bordados. O herói recém-laureado tombou sem que um tiro fosse disparado. Uma certa Amy Lawrence desapareceu de seu coração e não deixou uma lembrança sequer. Ele achava que fosse louco de amor por ela; considerava sua paixão uma idolatria; e eis que se tratava tão somente de uma predileção tênue e efêmera. Tom demorou meses para conquistar Amy; ela confessara seu afeto havia apenas uma semana; ele se sentiu o garoto mais feliz e orgulhoso do mundo por sete

breves dias, e agora, em um instante, ela saía de seu coração feito um estranho qualquer cuja visita acabou.

Com olhares furtivos, ele adorou aquele anjo desconhecido até perceber que tinha sido descoberto; então fingiu ignorar a presença dela e começou a se exibir dos modos mais absurdos e infantis para conquistar sua admiração. Ele manteve aquela tolice grotesca por algum tempo; logo depois, porém, no meio de algumas apresentações de ginástica arriscadas, olhou para o lado e viu que a menina seguia em direção à casa. Ele foi até a cerca e debruçou, tristonho, esperando que ela se demorasse um pouco mais. A menina se deteve por um momento nos degraus e, então, avançou até a porta. Tom suspirou profundamente quando ela pisou na soleira. Mas o rosto dele se iluminou de imediato, pois ela jogou um amor-perfeito por cima da cerca um segundo antes de desaparecer.

Depois da batalha.

O menino deu a volta correndo e parou a quarenta ou cinquenta centímetros da flor; então protegeu a vista com a mão e olhou rua abaixo, como se percebesse algo interessante acontecendo naquela direção. Em seguida, pegou um talinho de palha e começou a tentar equilibrá-lo no nariz, com a cabeça inclinada para trás; e, conforme se

movia de um lado para outro, aproximava-se cada vez mais do amor-perfeito; por fim, seu pé descalço pousou sobre a flor, seus dedos flexíveis se fecharam sobre ela, ele saiu saltitando com o tesouro e desapareceu virando a esquina. Mas apenas por um minuto — apenas enquanto guardava a flor no bolso interno da jaqueta, ao lado do coração — ou do estômago, possivelmente, visto que não era muito versado em anatomia, e tampouco criterioso demais.

Em seguida, voltou e ficou junto à cerca até o cair da noite, exibindo-se, como antes; mas a menina não tornou a aparecer, embora Tom se consolasse um pouco na esperança de que, nesse ínterim, ela estivesse próxima a alguma janela, ciente da devoção que ele lhe dedicava. Por fim, ele foi para casa relutante, com a pobre cabeça cheia de visões.

Durante todo o jantar, Tom se mostrou tão animado que sua tia se perguntava "o que deu nessa criança". Recebeu uma boa repreensão por ter atirado terra em Sid, mas nem fez muito caso. Tentou furtar açúcar debaixo do nariz da tia e levou um tapa nos dedos. Ele protestou:

— Tia, a senhora não bate no Sid quando é ele que pega.

— Pois é, o Sid não me amofina como você. Você ia enfiar a mão nesse açúcar o tempo todo se eu não ficasse de olho.

Em seguida, ela foi até a cozinha, e Sid, feliz em sua imunidade, estendeu a mão para o açucareiro — com uma atitude de glória diante de Tom que era quase insuportável. Mas os dedos de Sid escorregaram e o açucareiro caiu e quebrou. Tom entrou em êxtase. Em tamanho êxtase que até controlou a língua e se manteve calado. Disse a si mesmo que não pronunciaria uma palavra, nem mesmo quando a tia entrasse, e ficaria absolutamente imóvel até ela perguntar quem tinha feito a travessura; e então ele contaria, e não haveria nada melhor no mundo do que ver aquele modelo queridinho apanhar. Ele exultava tanto que mal conseguiu se conter quando a velha senhora voltou e se postou diante dos cacos, descarregando raios de fúria através dos óculos. Ele disse a si mesmo: "Agora vai!". E no instante seguinte *ele* estava estatelado no chão! A palma potente foi reerguida para um novo ataque, quando Tom gritou:

— Pera aí! Por que a senhora tá batendo em *mim*?... Foi o Sid que quebrou!

Tia Polly, estarrecida, fez uma pausa, e Tom esperou uma piedade

reparadora. Mas quando soltou a língua de novo, ela apenas disse:

— Ora! Mas você não apanhou à toa, eu aposto. Você se meteu em alguma outra molecagem quando eu não tava por perto, de certeza.

Logo a consciência a censurou e ela quis dizer algo gentil e afetuoso, mas julgou que isso seria interpretado como uma confissão de que estava errada, e os rigores da disciplina proibiam tal reação. Portanto, manteve-se calada e foi cuidar de seus afazeres com o coração pesado. Tom ficou amuado em um canto e exaltou suas mágoas. Sabia que a tia, no fundo, estava de joelhos por causa dele e se sentia vagamente satisfeito por estar consciente de tal fato. Ele não daria o menor sinal, contudo; tampouco reconheceria algum. O menino sabia que um olhar ansioso pousava sobre ele, de vez em quando, através de uma cortina de lágrimas, mas insistia em ignorá-lo. Imaginava-se doente no leito de morte e a tia curvada sobre ele, implorando por uma ligeira palavra de perdão, mas ele viraria o rosto para a parede e morreria com aquela palavra negada. Ah, como ela se sentiria, então? Imaginou-se carregado do rio para casa, morto, com os cachos molhados, as mãos petrificadas para sempre e o amargurado coração em repouso. Como ela se atiraria sobre ele, e como as lágrimas cairiam feito chuva, e os lábios rogariam a Deus que lhe devolvesse o menino, pois ela nunca, nunca mais haveria de maltratá-lo! Mas Tom ficaria lá, deitado, frio e pálido, sem dar o menor sinal — um pobre sofredor cujo infortúnio chegava ao fim. Ele revirou tanto os próprios sentimentos por conta do p*á*thos desses devaneios que precisou engolir em seco para não se engasgar; e seus olhos nadaram em um borrão líquido que transbordou quando ele piscou, e as lágrimas escorreram e pingaram da ponta do nariz. Afagar as próprias tristezas constituía tamanho luxo que ele não poderia permitir que qualquer alegria mundana ou qualquer prazer irritante se intrometesse; aquilo era sagrado demais para tal interferência; e assim, quando pouco depois sua prima Mary entrou, toda animada com a alegria de voltar ao lar após uma longuíssima estadia de uma semana no campo, ele se levantou e partiu em meio a nuvens e trevas, saindo por uma porta, enquanto ela, trazendo música e a luz do sol, entrava pela outra.

Tom vagou longe dos locais que os meninos costumavam frequentar e buscou lugares desolados, condizentes com seu estado de espírito. No

rio, uma balsa comprida o convidou e ele se sentou na borda e contemplou a vastidão lúgubre da correnteza, desejando poder se afogar, de pronto e inconscientemente, sem ter que passar pelos procedimentos incômodos planejados pela natureza. Então pensou na flor. Retirou-a, amassada e murcha, da jaqueta, o que aumentou muitíssimo sua satisfação taciturna. Imaginou se a menina teria pena dele ao receber a notícia. Será que choraria e desejaria ter o direito de abraçá-lo e consolá-lo? Ou será que, com frieza, haveria de lhe dar as costas, a exemplo do mundo cruel? Essa imagem trouxe tamanha agonia, mesclada a um sofrimento tão prazeroso, que ele a elaborou diversas vezes na mente, configurando-a sob novas e variadas luzes, até desgastá-la por completo. Por fim, suspirando, levantou-se e partiu na escuridão.

Por volta das nove e meia ou dez horas da noite, ele seguiu pela rua deserta até onde a Adorada Desconhecida residia; ali se deteve por um instante; nenhum som chegava ao seu ouvido atento; uma vela lançava um brilho opaco sobre a cortina de uma janela do segundo andar. Estaria ali a presença sagrada? Tom pulou a cerca, abriu furtivamente caminho por entre as plantas, até chegar embaixo da tal janela; olhou por um bom tempo, emocionado; em seguida, deitou-se no solo de barriga para cima, com as mãos cruzadas sobre o peito, segurando a pobre florzinha murcha. E assim ele morreria — ao relento, no mundo frio, sem proteção sobre a cabeça desabrigada, sem mão amiga para enxugar o suor da morte em sua fronte, sem rosto amoroso para se curvar sobre ele com piedade quando chegasse a agonia final. E assim, ao vislumbrar a manhã alegre, *ela* o veria, e, ah!, será que derramaria uma lágrima furtiva sobre aquela forma miserável e sem vida, será que daria o menor suspiro ao ver uma vida jovem e brilhante destruída de forma tão brutal, ceifada de forma tão precoce?

A janela foi aberta, a voz irritada de uma serviçal profanou a calma sacrossanta e um dilúvio encharcou os restos mortais do mártir estirado!

Engasgado, o herói deu um pulo, recuperando a respiração. Sobreveio um zunido, como o de um míssil no ar, misturado com o murmúrio de um xingamento, um barulho parecido com o de vidro estilhaçado, e uma forma pequena e indistinta pulou a cerca e disparou na escuridão.

Pouco depois, enquanto Tom, despido para dormir, examinava à luz de uma vela de sebo suas roupas ensopadas, Sid acordou; mas se ele teve a menor intenção de fazer qualquer comentário, pensou melhor e se calou, uma vez que o perigo era visível nos olhos do irmão.

Tom pegou no sono, sem o incômodo adicional das orações, e Sid registrou a omissão.

4

o sol nasceu sobre um mundo tranquilo e iluminou o pacato vilarejo como se fosse uma bênção. Terminado o café da manhã, tia Polly conduziu o culto da família: iniciou com uma prece construída a partir de sólidas bases de citações bíblicas, unidas por uma argamassa fina de originalidade; e do topo da edificação ela proferiu um capítulo sombrio da Lei Mosaica, como se estivesse no Sinai.[16]

Então Tom arregaçou as mangas,[17] por assim dizer, e se concentrou na "decoreba de versículos". Sid tinha concluído a lição dias antes. Tom dedicou toda a sua energia à memorização de cinco versículos e escolheu parte do Sermão da Montanha,[18] porque não encontrou versículos mais curtos. Ao cabo de meia hora, tinha uma reles ideia da lição, nada mais, pois sua mente vagava por todo o campo do pensamento humano, e suas mãos se ocupavam com distrações. Mary tomou o livro para ouvi-lo recitar, e ele tentou encontrar o caminho através da névoa:

— Bem-aventurados são os... humm... humm...

— Pobres...

— Isso... pobres; bem-aventurados são os pobres... humm... humm...

— De espírito...

— De espírito; bem-aventurados são os pobres de espírito, porque eles... eles...

— *Deles*...

— Porque *deles*. Bem-aventurados são os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque eles... eles...

— Se...

— Porque eles... humm...

— S, E, R...

— Porque eles S, E, R... Ai, eu sei lá o que é!

— *Serão!*

— Ai, *serão*! Porque eles serão... porque eles... humm... chorarão... humm... humm... bem-aventurados os que... os que... chorarão, porque eles... humm... eles... vai fazê *o quê*? Por que você não fala logo, Mary? Por que você tem que sê tão malvada?

— Ai, Tom, seu cabeça-dura, eu não tô brincando contigo. Eu não ia fazer isso. Você precisa estudar mais. Não desanima, Tom, você vai conseguir... e se você conseguir, eu vou te dar uma coisa muito boa. Então seja um bom menino.

— Tudo bem! O que é, Mary? Me fala logo o que é.

— Não se preocupe, Tom. Você sabe que se eu falo que é boa, *é* boa.

— Pois é isso mesmo, Mary. Tudo bem, eu vou atacá a coisa de novo.

E atacou de novo — e sob a dupla pressão da curiosidade e da perspectiva de ganho, ele o fez com tamanha vontade que alcançou um sucesso retumbante. Mary deu a ele um canivete Barlow[19] novinho em folha, que valia doze centavos e meio; e o impacto causado pelo deleite que percorreu seu corpo o abalou até os alicerces. É verdade que o canivete não cortava nada, mas era um "Barlow legítimo", e havia nisso uma grandeza inconcebível — embora de onde os meninos ocidentais tiraram a ideia de que tal arma podia ser falsificada é, e talvez sempre seja, um grande mistério. Tom deu um jeito de arranhar o guarda-louça com o canivete e se preparava para começar a trabalhar na escrivaninha quando foi chamado para se vestir para a escola dominical.

Mary lhe entregou uma bacia de alumínio com água e um pedaço de sabão, e ele saiu porta afora e largou a bacia sobre uma banqueta; então mergulhou o sabão na água e o deixou de lado; arregaçou as mangas; derramou a água no chão, lentamente, e depois entrou na cozinha e começou a limpar o rosto na toalha atrás da porta. Mas Mary pegou a toalha e disse:

— Mas você não tem vergonha, Tom. Não seja tão teimoso! Água não vai te fazer mal.

Tom ficou um pouco desconcertado. A bacia foi reabastecida e, dessa vez, ele se curvou sobre ela durante algum tempo criando coragem; respirou fundo e começou. Logo depois, ao entrar na cozinha com os olhos fechados e tateando à procura da toalha, um honroso testemunho de espuma e água pingava de seu rosto. Mas quando emergiu da toalha

ainda não estava a contento, pois o território limpo parava perto do queixo e dos maxilares, feito uma máscara; abaixo dessa linha, havia uma área escura de solo não irrigado que descia na frente e atrás, em volta do pescoço. Mary o segurou com firmeza e, quando terminou o serviço, ele era um homem e um irmão, sem distinção de cor.[20] O cabelo encharcado estava cuidadosamente penteado, e os cachos curtos e torneados produziam um efeito delicado e simétrico. (Quando se viu sozinho, ele alisou os cachos com esforço e penteou o cabelo rente à cabeça, porque considerava cachos uma coisa afeminada, e os seus enchiam sua vida de amargura.) Em seguida, Mary pegou o terno que havia dois anos era usado apenas aos domingos; era simplesmente chamado de "a outra roupa" — e assim sabemos qual era o tamanho do guarda-roupa do menino. Depois que Tom se vestiu, a menina "deu um jeito nele": abotoou a jaqueta até o queixo, arrumou o golão da camisa sobre os ombros, escovou-o e coroou-o com o chapéu de palha. Ele agora parecia bastante civilizado e desconfortável. E estava tão desconfortável quanto parecia, pois qualquer restrição relacionada à roupa boa e limpeza o irritava. Ele tinha esperança de que Mary se esquecesse dos sapatos, mas a esperança foi frustrada; ela os poliu com sebo de vela, como de costume, e os entregou a Tom. Ele perdeu a paciência e disse que era sempre obrigado a fazer tudo o que não queria. Mas Mary disse, de modo convincente:

— Por favor, Tom... seja um bom menino.

Então ele calçou os sapatos, resmungando. Mary logo se aprontou, e as três crianças partiram para a escola dominical — um local que Tom detestava de todo o coração, mas Sid e Mary gostavam.

O encontro da escola dominical era das nove às dez e meia, sendo seguido pelo culto religioso. Duas das crianças sempre ficavam voluntariamente para o sermão, e a terceira também — por motivos mais contundentes. Os bancos da igreja, com espaldar alto e sem almofadas, acomodavam cerca de trezentas pessoas; a construção era pequena e simples, com uma espécie de caixote de pinho no telhado que servia de campanário. À porta, Tom deu um passo atrás e abordou um colega com traje domingueiro.

— Escuta, Billy, você tem aí algum cuponzinho amarelo?

— Tenho.

— O que é que você vai querê por ele?

— O que você vai me dá?

— Um naco de alcaçuz e um anzol.

— Mostra aí.

Tom os exibiu. Eram aceitáveis, e os bens mudaram de mãos. Em seguida, ele trocou duas bolinhas de gude leitosas por três cupons vermelhos, e uma bugiganga ou outra por dois azuis. Emboscou outros garotos que chegavam e assim foi adquirindo cupons de várias cores por mais dez ou quinze minutos. Depois entrou na igreja, junto a um enxame de meninos e meninas asseados e barulhentos, dirigiu-se a seu banco e começou a implicar com o primeiro que apareceu. O professor, um homem idoso e sisudo, interveio; em seguida, deu as costas por um instante e Tom puxou o cabelo de um menino no banco ao lado, fingindo estar concentrado em seu livro quando o colega se virou; depois, espetou um alfinete em outro garoto, só para ouvi-lo dizer "Ai!", e recebeu nova reprimenda do professor. Toda a turma de Tom seguia um padrão — inquieta, ruidosa e problemática. Na hora de recitar os versículos, nenhum deles sabia o texto devidamente, e todos precisaram que o professor soprasse. No entanto, todos se esforçaram e receberam sua recompensa — cuponzinhos azuis, cada qual contendo um trecho das Escrituras; um cupom azul valia dois versículos de recitação. Dez cupons azuis equivaliam a um vermelho, e por ele podiam ser trocados; dez vermelhos valiam um amarelo; por dez amarelos, o diretor da escola presenteava o aluno com uma Bíblia de encadernação simples (que valia quarenta centavos naqueles tempos fáceis). Quantos dos meus leitores teriam o ânimo e a dedicação para memorizar dois mil versículos, mesmo que o prêmio fosse uma Bíblia de Doré?[21] Mary havia ganhado duas Bíblias dessa maneira — trabalho paciente de dois anos —, e um menino de ascendência alemã levou quatro ou cinco. Certa vez, ele recitou três mil versículos sem parar; mas a pressão sobre suas faculdades mentais foi demasiada, e daquele dia em diante ele ficou mentalmente debilitado — um grave revés para a escola dominical, pois em grandes ocasiões, quando havia visitantes, o diretor (como Tom o chamava) sempre fazia o menino aparecer e se exibir. Apenas os alunos mais velhos conseguiam acumular cupons e seguir na tarefa tediosa pelo tempo necessário para ganhar uma Bíblia,

de modo que a entrega de um desses prêmios constituía uma circunstância rara e digna de nota; o aluno bem-sucedido se tornava tão ilustre e atraía tamanha atenção no tal dia que o coração de cada pupilo se inflamava com uma ambição que às vezes chegava a durar algumas semanas. É possível que Tom, na sua voracidade mental, jamais almejasse qualquer um daqueles prêmios, mas, sem dúvida, havia muito tempo que todo o seu ser ansiava pela glória e pela emoção ensejadas pela honraria.

No devido momento, o diretor ficou de pé diante do púlpito, tendo na mão um hinário fechado com o dedo indicador inserido entre as páginas, e pediu atenção. Quando um diretor de escola dominical faz seu breve discurso habitual, um hinário em mãos é tão necessário quanto a inevitável partitura na mão de um cantor que se apresenta no palco e canta o solo de um concerto — embora o porquê seja um mistério, pois nem o hinário nem a partitura são jamais requisitados pelo praticante. Esse diretor era um sujeito esguio, de trinta e cinco anos, com cavanhaque e cabelo curto, ambos alourados; usava um colarinho duro cuja borda superior quase encostava nas orelhas e cujas pontas afiadas se curvavam para a frente, ao lado dos cantos da boca — uma paliçada que o forçava a olhar sempre para a frente e que girasse o corpo inteiro quando qualquer visão lateral se fizesse necessária; o queixo se apoiava em uma gravata tão larga e tão comprida quanto uma nota promissória e com pontas franjadas; as biqueiras das botas se voltavam de forma flagrante para cima, à moda da época, como se fossem trilhos de um trenó — um efeito paciente e zelosamente produzido pelos rapazes, que ficavam sentados com os dedos dos pés pressionados contra uma parede por horas a fio. O sr. Walters era muito sério na aparência e muito sincero e honesto no coração; dedicava a coisas e lugares sagrados tamanha reverência, e tanto os separava de assuntos mundanos, que, sem que percebesse, sua voz adquiria na escola dominical uma entonação peculiar, totalmente ausente nos dias de semana. Ele assim deu início aos trabalhos:

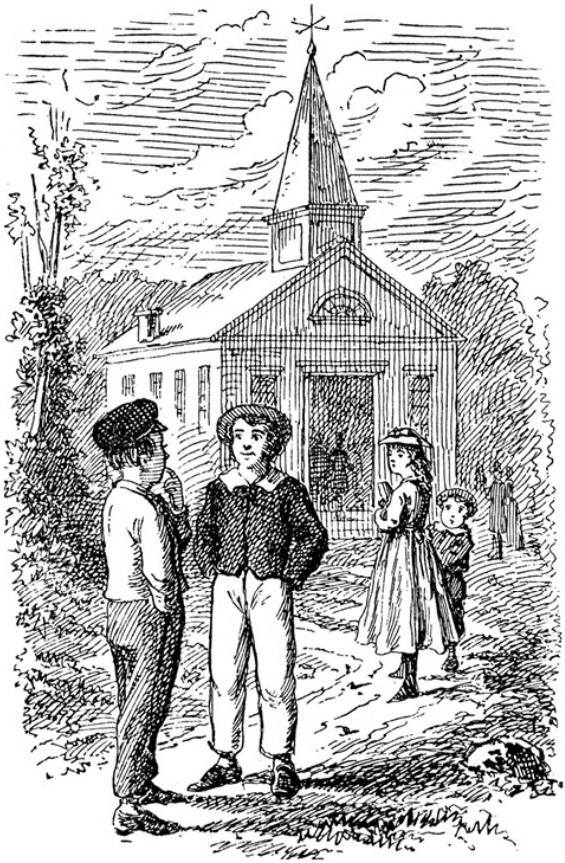
— Agora, crianças, eu quero que todas vocês fiquem sentadas o mais eretas e bem-comportadas que puderem e me deem toda a sua atenção por um ou dois minutos. Pronto... assim. Pois é assim que bons meninos e boas meninas devem se comportar. Estou vendo uma garotinha

olhando pela janela... acho que ela pensa que eu estou lá fora, em algum lugar, talvez em alguma daquelas árvores, conversando com os passarinhos. (Risinhos e aplausos.) Quero dizer como me sinto bem ao ver tantos rostinhos claros e asseados reunidos aqui, aprendendo a fazer o que é certo e a ser bom.

E assim seguiu. Não é necessário registrar o restante do discurso. O padrão é invariável e, portanto, conhecido por todos nós.

O último terço da fala foi prejudicado pela retomada de brigas e outras traquinagens de alguns dos meninos malcomportados, e pelos cutucões e cochichos que se espalhavam por toda parte, atingindo até mesmo as bases das rochas isoladas e incorruptíveis que eram Sid e Mary. Mas, de súbito, todos os sons cessaram, diante da diminuição do volume da voz do sr. Walters, e o desfecho do discurso foi recebido com uma explosão de gratidão muda.

Boa parte dos cochichos havia sido ocasionada por um acontecimento mais ou menos raro — a chegada de visitantes: o advogado Thatcher, acompanhado por um senhor debilitado e idoso; um cavalheiro elegante, corpulento, de meia-idade e cabelo grisalho; e uma senhora muito digna que, sem dúvida, era a esposa deste último. A senhora trazia pela mão uma criança. Tom tinha estado inquieto, irritado e descontente, além de sentir a consciência pesada — não conseguia olhar nos olhos de Amy Lawrence, não conseguia enfrentar seu olhar amoroso. Mas quando ele viu a pequena recém-chegada, sua alma se iluminou de felicidade na mesma hora. No momento seguinte, ele estava se exibindo com todas as suas forças — socando meninos, puxando cabelo, fazendo careta — em suma, recorrendo a todas as artimanhas capazes de encantar uma garota e merecer seu aplauso. Tal arrebatamento tinha apenas uma ressalva — a lembrança da humilhação sofrida no jardim daquele anjo —, mas esse registro na areia se apagava depressa sob as ondas de felicidade que agora o banhavam.



A igreja.

Os visitantes foram designados aos assentos mais honrosos e, tão logo concluiu seu discurso, o sr. Walters os apresentou à escola. O homem de meia-idade se revelou um personagem prodigioso — ninguém menos do que o juiz do condado —, sem dúvida a criatura mais ilustre que aquelas crianças tinham visto na vida — e elas se perguntaram de que tipo de material ele seria feito — e meio que queriam ouvi-lo rugir, e meio que receavam que ele rugisse mesmo. Ele era de Constantinople, a quase vinte quilômetros de distância — ou seja, era viajado e conhecia o mundo —; aqueles olhos haviam contemplado o fórum do condado, que, segundo constava, tinha telhado de zinco. A admiração que tais reflexões despertavam foi atestada pelo silêncio impressionante e pelas fileiras de olhos fixos. Tratava-se do eminente juiz Thatcher, irmão do advogado do vilarejo. Jeff Thatcher de pronto se aproximou dele, a fim de se mostrar íntimo

do homem ilustre e ser invejado pela escola. Teria sido música para a alma dele ouvir os cochichos:

— Olha pra ele, Jim! Ele tá indo lá. Mas... olha só! Ele vai apertá a mão dele... ele *tá apertando* a mão dele! Puxa vida! Você não queria sê o Jeff?

O sr. Walters começou a se exibir, valendo-se de todos os tipos de providências oficiais, expedindo ordens, emitindo opiniões, dando instruções aqui, ali, em todos os lugares onde pudesse encontrar um alvo. O bibliotecário se exibiu — correndo de um lado para outro com os braços cheios de livros e provocando o estardalhaço e o alvoroço com que toda autoridade se deleita. As moças catequistas se exibiram — curvando-se com ternura sobre alunos que pouco antes levavam cascudos, levantando belos dedinhos de advertência para meninos maus e dando amáveis tapinhas nas costas dos bons. Os rapazes catequistas se exibiam, mediante pequenas repreensões e outras pequenas demonstrações de autoridade e rigorosa atenção à disciplina — e a maioria dos catequistas, de ambos os sexos, encontrava algo para fazer na biblioteca, perto do púlpito; e eram afazeres que precisavam ser repetidos duas ou três vezes (com aparente dificuldade). As meninas se exibiam de várias maneiras, e os meninos se exibiam com tal diligência que o ar ficou pesado com bolinhas de papel e resmungos de brigas. Pairando acima de tudo aquilo, o homem ilustre permanecia sentado e projetava sobre o recinto um sorriso majestático, jurídico, aquecendo-se ao sol de sua própria grandeza — pois ele, também, se exibia.

Faltava apenas uma coisa para completar o êxtase do sr. Walters, ou seja, uma oportunidade de entregar uma Bíblia como prêmio e exibir uma criança prodígio. Vários alunos tinham cupons amarelos, mas nenhum deles o suficiente — ele passou perguntando para os melhores. Teria dado mundos para ter aquele menino alemão de volta e com a mente sã.

E então, naquele momento, quando a esperança já estava perdida, Tom Sawyer deu um passo à frente, com nove cupons amarelos, nove cupons vermelhos e dez azuis, e pediu uma Bíblia. Foi um raio espocando em um céu claro. Walters não esperava tal pedido daquela procedência pelos próximos dez anos. Mas não havia como contornar a situação — ali estavam os cupons autênticos e perfeitamente válidos.

Tom foi, portanto, elevado a um patamar junto ao juiz e aos demais eleitos, e a grande notícia foi anunciada no quartel-general. Tratava-se da surpresa mais incrível da década, e a sensação foi tão marcante que elevou o novo herói à altura do meritíssimo, e a escola se viu diante de duas maravilhas a serem contempladas em vez de uma. Os meninos se consumiam de inveja — mas os que sofreram as dores mais cruéis foram os que perceberam tarde demais que eles próprios haviam contribuído para aquele detestável esplendor, trocando cupons com Tom pela fortuna que ele antes acumulara ao negociar os privilégios da caiação. Desprezaram a si mesmos, vendo-se como tolos em uma fraude astuta, vítimas de uma cobra ladina no mato.

O prêmio foi entregue a Tom com toda a efusão que o diretor pôde granjear naquelas circunstâncias; mas faltou um certo arrojo autêntico, pois o instinto do pobre sujeito lhe dizia haver ali um mistério tenebroso que talvez não resistisse à luz; era simplesmente um absurdo que *aquele* menino houvesse armazenado dois mil feixes de sabedoria bíblica em suas dependências — uma dúzia já sobrecarregaria sua capacidade, sem dúvida.

Amy Lawrence ficou orgulhosa e feliz, e tentou fazer com que Tom notasse a reação em seu rosto — mas ele não a olhou. Ela refletiu; depois, ficou um pouco atordoada; em seguida, uma vaga suspeita apareceu e sumiu — e ressurgiu; ela observou; um olhar furtivo revelou mundos — e então seu coração se partiu, ela sentiu ciúme e raiva, as lágrimas vieram e ela odiou a todos. Acima de tudo, Tom (ela pensava).

Tom foi apresentado ao juiz; mas sua língua travou, a respiração quase desapareceu, o coração estremecia — em parte devido à terrível grandeza do homem, mas sobretudo porque ele era pai *dela*. Teria se curvado para adorá-lo se estivesse escuro. O juiz pousou a mão na cabeça de Tom e o chamou de bom homenzinho, e perguntou qual era seu nome. O menino gaguejou, se engasgou e desembuchou:

— Tom.

— Ah, não, não é Tom... é...

— Thomas.

— Ah, é isso. Pensei que haveria algo mais, talvez. Muito bem. Mas você tem outro nome, eu diria, e vai contar pra mim, não é mesmo?

— Diga ao cavalheiro o seu nome completo, Thomas — disse Walters

—, e diga "senhor". Não esqueça as boas maneiras.

— Thomas Sawyer... senhor.

— É isso! Eis um bom menino. Menino de valor. Homenzinho de valor, valoroso. Dois mil versos é um número elevado... muito, muito elevado. E você jamais se arrependerá do esforço que fez pra memorizá-los, pois o conhecimento vale mais do que qualquer coisa no mundo; é o que forma grandes homens e bons homens; você mesmo há de ser um grande homem e um bom homem um dia, Thomas, e então vai olhar pra trás e dizer: devo tudo aos preciosos privilégios da escola dominical da minha infância... devo tudo aos queridos catequistas que me ensinaram... devo tudo ao bom diretor, que me incentivou, cuidou de mim e me deu uma bela Bíblia, uma Bíblia luxuosa e requintada, pra guardar e levar comigo, sempre... devo tudo a uma boa formação! Isso é o que você vai dizer, Thomas... e você não trocaria esses dois mil versos por nenhum dinheiro no mundo... não trocaria mesmo. E agora você não se importaria de dizer a mim e a esta senhora algumas das coisas que aprendeu... não, eu sei que não... porque temos orgulho dos meninos aplicados. Agora, sem dúvida, você sabe os nomes dos doze apóstolos. Pode nos dizer os nomes dos dois primeiros que foram escolhidos?

Tom cutucava a casa de um botão da jaqueta e parecia encabulado. Enrubesceu e ficou cabisbaixo. O coração do sr. Walters sucumbiu dentro do peito. Ele disse consigo mesmo: "Não é possível que esse garoto não seja capaz de responder à pergunta mais simples — *por que* o juiz resolveu perguntar logo a ele?". No entanto, sentiu-se obrigado a se pronunciar:

— Responda ao cavalheiro, Thomas... não tenha medo.

Tom continuou calado.

— Agora eu sei que você vai falar pra *mim* — disse a senhora. — Os nomes dos primeiros dois apóstolos são...

— *Davi e Golias!*[22]

Baixemos a cortina da caridade sobre o restante da cena.

5

por volta das dez e meia o sino rachado da igrejinha começou a badalar, e logo as pessoas começaram a se reunir para o culto matinal. As crianças da escola dominical se espalharam pela igreja, ocupando os bancos com seus pais, a fim de ficarem sob supervisão. Tia Polly chegou, e Tom, Sid e Mary se sentaram com ela — Tom foi alocado próximo ao corredor, o mais distante possível da janela aberta e do sedutor cenário de verão do lado de fora. A congregação entrou pela nave: o carteiro idoso e debilitado, que já tinha vivido dias melhores; o prefeito e a esposa — pois havia prefeito no vilarejo, entre outras coisas desnecessárias; o juiz de paz; a viúva Douglas, atraente, elegante e quarentona, uma alma generosa, de bom coração e abastada, cujo casarão na colina era a única mansão do local, e a mais hospitaleira e pródiga em matéria de festividades, da qual Saint Petersburg poderia se orgulhar; o curvado e venerável Major e a sra. Ward; o advogado Riverson, de longe o novo notável; depois, a beldade do vilarejo, escoltada por uma tropa de moçoilas, as "conquistadoras de corações", trajando algodão alvejado e enfeitadas com fitas; em seguida, todos os jovens balconistas do vilarejo amontoados — uma vez que haviam permanecido no vestíbulo, empunhando suas bengalas, formando uma parede circular de admiradores pegajosos e sorridentes até que a derradeira jovem houvesse passado pelo corredor polonês formado por eles; e por último entrou o Menino Modelo, Willie Mufferson, tratando a mãe com tanto cuidado que era como se ela fosse de vidro. Ele sempre levava a mãe à igreja e era o orgulho de todas as matronas. Os meninos o odiavam por ser tão bonzinho. E, além disso, acabavam sempre sendo comparados com o Modelo. Um lenço branco pendia do seu bolso traseiro, como de costume aos domingos — "por acaso". Tom não tinha lenço e achava aquilo coisa de gente esnobe.

Com a congregação inteira reunida, o sino badalou mais uma vez para

alertar os retardatários e desnorteados, e então um silêncio solene se abateu sobre a igreja, interrompido apenas pelo riso contido e pelos cochichos do coro na galeria. Esse coro costumava rir baixinho e cochichar durante todo o culto. Havia um coro de igreja que não era mal-educado, mas agora esqueci onde. Isso aconteceu há muitos e muitos anos, e não me lembro de quase nada a respeito, mas acho que era em algum país estrangeiro.

O pastor anunciou o hino e o leu por extenso, com gosto, em um estilo peculiar e muito apreciado naquela região do país. Sua voz partiu de um tom médio e subiu continuamente até alcançar determinado ponto, quando acentuou a palavra mais alta e, em seguida, mergulhou como se pulasse de um trampolim:

Hei de ser aos céus levado, em floridos canteiros *de benesse,*
Enquanto outros lutam pela graça e singram mares sangrentos*?*

Era considerado um leitor maravilhoso. Nos eventos "sociais" da igreja, era sempre convidado a ler poesia; e quando ele terminava as senhoras erguiam as mãos e as deixavam cair inertes sobre o colo, e "cerravam" os olhos e balançavam a cabeça, como se dissessem: "Não há palavras pra expressar; é lindo demais, lindo *demais* pra este mundo mortal".

Depois que o hino foi entoado, o reverendo sr. Sprague se transformou em um quadro de avisos e leu os comunicados sobre reuniões e encontros e coisas assim, parecendo que a lista se estenderia até o fim dos tempos — um hábito estranho ainda mantido nos Estados Unidos, mesmo em cidades grandes, mesmo nesta era de jornais abundantes. Com frequência, quanto menos razão há para justificar um costume tradicional mais difícil é se livrar dele.

E então o pastor orou. Foi uma oração boa, generosa e detalhada: rogou pela igreja e pelas criancinhas da igreja; pelas demais igrejas do vilarejo; pelo próprio vilarejo; pelo condado; pelo estado; pelos representantes do estado; pelos Estados Unidos; pelas igrejas dos Estados Unidos; pelo Congresso; pelo presidente; pelos representantes do governo; pelos pobres marujos sacudidos por mares tempestuosos; pelos milhões de oprimidos que gemiam, pisoteados por monarquias

europeias e despotismos orientais; pelos que são expostos à luz e à boa-nova, mas não têm olhos para ver nem ouvidos para ouvir; pelos pagãos em ilhas longínquas mar afora; e concluiu com uma súplica para que as palavras que estava prestes a proferir encontrassem graça e favor, como uma semente lançada em solo fértil, e rendessem com o tempo uma grata colheita do bem. Amém.

O Menino Modelo.

Houve um farfalhar de vestidos, e a congregação, até então de pé, sentou-se. O menino cuja história este livro relata não gostou da oração, apenas a tolerou — na melhor das hipóteses. Ficou indócil o tempo inteiro; acompanhou sem prestar atenção os detalhes da prece, pois não estava ouvindo, mas conhecia havia muito o território e a rota que o clérigo costumava percorrer, e quando algum novo assunto era intercalado seu ouvido o detectava e toda a sua natureza se ressentia, considerando injustos e cruéis quaisquer acréscimos. No meio da

oração, uma mosca pousou no encosto do banco diante dele e torturou seu espírito, esfregando calmamente as patinhas dianteiras, envolvendo a cabeça com os bracinhos e polindo-a com tanto vigor que parecia prestes a se separar do corpo, deixando exposto o fio delgado do pescoço; esfregando as asas com as patinhas traseiras e colando-as ao corpo, como se fossem a cauda de um fraque; cuidando do asseio com total serenidade, como se soubesse que estava perfeitamente segura. E, de fato, estava, pois as mãos de Tom, por mais que coçassem para agarrá-la, não se atreveram — ele acreditava que sua alma seria destruída na mesma hora se fizesse tal coisa durante a prece. Mas, diante da frase final, uma das mãos começou a se curvar e a avançar de modo sorrateiro, e no instante em que o "Amém" foi proferido a mosca foi feita prisioneira de guerra. Tia Polly detectou a ação e o obrigou a soltá-la.

O pastor leu o texto do sermão, apresentando de forma monótona uma argumentação tão insípida que muitas cabeças logo começaram a pender — e o tema se referia a fogo e enxofre infindáveis e reduzia os eleitos, os predestinados, a um grupo tão pequeno que dificilmente valeria a pena ser salvo. Tom contou as páginas do sermão; terminado o culto, ele sempre sabia o número total de páginas, mas raras vezes se lembrava do conteúdo. No entanto, dessa vez ficou deveras interessado por um instante. O pastor esboçou uma imagem grandiosa e comovente da reunião das hostes do mundo no milênio, quando o leão e o cordeiro haverão de se deitar juntos e uma criança deverá conduzi-los.[23] Mas o p*á*thos, a lição, a moral do grande espetáculo se perderam para o menino; ele pensou apenas na visibilidade do protagonista diante das nações que o observariam; seu rosto se iluminou com tal pensamento, e ele disse consigo mesmo que gostaria de ser a tal criança caso o leão fosse manso.

Em seguida, Tom voltou a sofrer quando a árida argumentação foi retomada. De repente, lembrou-se de uma preciosidade que possuía e a pegou. Era um grande besouro preto com mandíbulas impressionantes — um "belisco", como ele o chamava. Estava dentro de uma caixinha de espoleta. A primeira coisa que o besouro fez foi agarrá-lo pelo dedo. Seguiu-se um frêmito natural, o besouro voou pela nave adjacente e caiu de costas, e o dedo magoado foi parar na boca do menino. O

besouro ficou lá, esperneando, incapaz de se virar. Tom olhou para o inseto e ansiava por resgatá-lo, mas o besouro estava a salvo fora de seu alcance. Outras pessoas igualmente desinteressadas no sermão encontraram alento no besouro e também o fitaram. Logo em seguida, um poodle desgarrado se aproximou de forma indolente com o coração pesado, sonolento pela letargia do verão e do silêncio, cansado do cativeiro, suspirando por alguma ação. Ele avistou o besouro; o rabo entre as pernas se ergueu e abanou. Examinou o achado; contornou-o; farejou-o a uma distância segura; voltou a contorná-lo; encheu-se de coragem e farejou mais de perto; então arreganhou o beiço e tentou agarrá-lo com cautela, mas errou o alvo; tentou de novo, e de novo; começou a gostar da diversão; deitou-se de barriga no piso, com o besouro entre as patas, e deu continuidade ao experimento; enfim cansou-se e se mostrou indiferente e distraído. Depois baixou a cabeça e, aos poucos, a mandíbula inferior desceu e tocou o inimigo, que a agarrou. Seguiu-se um ganido, um solavanco da cabeça do poodle, e o besouro foi cair a alguns metros de distância, pousando mais uma vez de barriga para cima. Os espectadores nas proximidades tremeram com uma sutil alegria interior, vários rostos sendo cobertos por leques e lenços, e Tom ficou radiante. O cão ficou com cara de bobo, e provavelmente sentia-se assim; mas havia também ressentimento em seu íntimo e um desejo de vingança. Ele então foi até o besouro e reiniciou um ataque cauteloso; pulando a partir de todos os pontos de um círculo, caindo com as patas dianteiras a centímetros da criatura, tentando agarrá-la com os dentes, ainda mais de perto, e sacudindo a cabeça e as orelhas. Depois de algum tempo, porém, cansou-se de novo; tentou se divertir com uma mosca, mas o esforço foi em vão; seguiu uma formiga, com o focinho colado ao chão, e logo se entediou; bocejou, suspirou, esqueceu-se por completo do besouro e se sentou sobre ele. Na sequência, ouviu-se um uivo selvagem de agonia, e o poodle saiu voando pela nave central; os uivos não pararam, tampouco o cachorro, que atravessou a igreja, diante do altar, voou pela outra nave, correu diante das portas e acelerou na reta final; a aflição crescia no mesmo ritmo que a correria, até que logo o cão se tornou um cometa peludo movendo-se em sua órbita com o brilho e a velocidade da luz. Por fim, o sofredor frenético desviou de seu curso e saltou para o colo

do dono; este o atirou pela janela, e a voz aflita diminuiu rapidamente de intensidade e desapareceu ao longe.

Àquela altura, a igreja inteira estava ruborizada e sufocada com o riso reprimido, e o sermão estacou. A fala foi logo retomada, mas se tornou frouxa e hesitante após ter se esgotado toda possibilidade de impacto, pois até os sentimentos mais profundos passaram a ser recebidos com uma explosão contida de alegria profana escondida detrás do espaldar de um banco remoto, como se o pobre pastor tivesse dito algo surpreendentemente jocoso. Foi um verdadeiro alívio para toda a congregação quando a provação terminou e a bênção final foi pronunciada.

Tom Sawyer voltou para casa exultante, pensando consigo mesmo que o culto divino era capaz de propiciar alguma satisfação quando havia certa variedade. Apenas um pensamento o contrariava: ele consentia que o cão brincasse com seu "belisco", mas não achava correto, da parte do animal, levá-lo embora.

6

a manhã de segunda-feira encontrou Tom Sawyer imerso em total infelicidade. A manhã de segunda-feira sempre o encontrava assim — porque tinha início mais uma semana de moroso sofrimento na escola. Ele costumava começar esse dia desejando não ter tido a folga intermediária, a qual tornava a volta ao cativeiro e às algemas muito mais detestável.

Tom se pôs a pensar. Logo lhe ocorreu que gostaria de estar doente; poderia, então, ficar em casa e não ir à escola. Era uma possibilidade, embora vaga. Examinou o próprio corpo. Nenhuma doença pôde ser constatada, e ele repetiu o exame. Dessa vez, achou que conseguia detectar sintomas de cólica e começou a incentivá-los, com esperança. Mas os sintomas logo ficaram fracos e desapareceram por completo. Ele refletiu um pouco mais. De repente, descobriu algo. Um de seus dentes frontais superiores estava mole. Aquilo era uma sorte; ele estava prestes a começar a gemer, "pra começo de conversa", como dizia, quando pensou que, se apresentasse tal argumento ao tribunal, a tia arrancaria o dente, e isso doeria. Resolveu deixar o dente por enquanto na reserva e pensar um pouco mais. Nada lhe ocorreu por algum tempo, e então ele se lembrou de ter ouvido o médico falar sobre uma enfermidade que derrubava o paciente por duas ou três semanas e ameaçava fazê-lo perder um dedo. Assim, o garoto ansiosamente tirou o pé com o dedão machucado de debaixo do lençol e o ergueu para inspeção. Mas, agora, deu-se conta de que desconhecia os sintomas. Contudo, parecia valer a pena arriscar; então começou a gemer com bastante ânimo.

Mas Sid seguia dormindo, alheio a tudo.

Tom gemeu mais alto e imaginou que começava a sentir dor no dedão.

Nenhuma reação por parte de Sid.

Àquela altura, Tom estava ofegante por causa do esforço. Descansou

um pouco, encheu-se de fôlego e emitiu uma sucessão de gemidos admiráveis.

Sid continuava a roncar.

Tom se irritou. E chamou:

— Sid, Sid! — sacudindo-o.

A ação surtiu efeito, e Tom recomeçou a gemer. Sid bocejou, se espreguiçou, se apoiou sobre o cotovelo, fungou e olhou para Tom, que continuou gemendo. Sid disse:

— Tom! Ei, Tom! (Sem resposta.) Ei, Tom! *Tom!* Qual é o problema, Tom? — ele perguntou, sacudindo-o e encarando-o, com aflição.

Tom gemeu:

— Ai, não, Sid. Não me sacode.

— Ué! Qual é o problema, Tom? Eu vou chamá a titia.

— Não... deixa pra lá. Vai passá logo, quem sabe. Não chama ninguém.

— Mas eu tenho que chamá! Não geme desse jeito, Tom, é horrível. Faz quanto tempo que você tá assim?

— Horas. Ai! Ai, não encosta em mim, Sid, você vai acabá comigo.

— Tom, por que você não me acordou antes? Ai, Tom, *não*! Eu fico todo arrepiado só de te escutá. Tom, qual é o problema?

— Eu vou te perdoá de tudo, Sid. (Gemido.) De tudo o que tu já fez contra mim. Depois que eu for embora...

— Ai, Tom, tu não tá morrendo, tá? Não, Tom... Ai, não. Quem sabe...

— Eu vou perdoá todo mundo, Sid. (Gemido.) Fala isso pra eles, Sid. E Sid, pode dá a minha moldura de janela e o meu gato de um olho só pra aquela menina que acabou de chegá na cidade, e fala pra ela...

Mas Sid tinha se vestido às pressas e saído. Tom estava agora sofrendo de verdade, tamanho era o poder de sua imaginação; seus gemidos, portanto, adquiriram um tom de autenticidade.

Sid voou escada abaixo:

— Ai, tia Polly, corre! O Tom tá morrendo!

— Morrendo?!

— Sim, senhora. Vem... vem depressa!

— Que besteira! Eu não acredito!

Mas ela voou escada acima, com Sid e Mary em seus calcanhares. E seu semblante ficou lívido, e os lábios tremiam. Quando chegou ao lado da cama, ela disse, engasgada:

— Tom! Tom, o que é que você tem?

— Ai, titia, eu tô...

— Qual é o problema... qual é o problema, menino?

— Ai, titia, o meu dedão do pé tá podre!

A velha senhora afundou em uma cadeira e riu um pouco, depois chorou um pouco, e fez as duas coisas ao mesmo tempo. Isso a ajudou a se recompor, e ela disse:

— Tom, que baita susto você me deu. Agora acaba logo com essa bobagem e pula daí.

Os gemidos cessaram e a dor no dedão do pé desapareceu. O menino se sentiu meio tolo e falou:

— Tia Polly, o meu dedão *parecia* podre e doeu tanto que eu nem liguei pro meu dente.

— O teu dente, ora essa! Qual é o problema com o teu dente?

— Tá mole e dói que é um horror.

— Calma, calma, não começa a gemer de novo. Abre essa boca. Pois é... esse teu dente tá mole mesmo, mas você não vai morrer por causa disso. Mary, me traz aí um fio de seda e pega um tição em brasa lá na cozinha.

Tom pediu:

— Ai, por favor, titia, não arranca. Não tá mais doendo. Eu quero nunca mais mexê um dedo se tá doendo. Por favor, não, titia. Eu não quero faltá na aula hoje.

— Ai, não quer, né? Daí toda essa balbúrdia foi porque você pensou que podia ficar em casa e ir pescar? Tom, Tom, eu te amo tanto, mas você faz de tudo pra magoar o meu velho coração com as tuas travessuras.

Àquela altura, os instrumentos odontológicos estavam prontos. A senhora prendeu com um laço uma das pontas do fio de seda no dente e amarrou a outra na cabeceira da cama. Em seguida, pegou o tição e, de repente, quase o enfiou no rosto do menino. O dente agora pendia na cabeceira da cama.

Mas toda provação tem sua compensação. Quando, depois do café da manhã, Tom chegou à escola, causou inveja em todos os garotos que encontrou, porque a brecha na fileira de dentes superiores permitia que ele expectorasse de um jeito novo e admirável. Ele atraiu muitos fãs

interessados na demonstração; e um garoto que tinha cortado o dedo e que até então era centro de interesse e alvo de homenagem viu-se, de súbito, sem um assecla sequer e destituído de sua glória. O coração do menino pesou e, com um desdém insincero, ele afirmou que não era nada de mais escarrar como Tom Sawyer; mas outro garoto disse "Invejoso!", e o preterido se afastou qual um herói desprezado.

Pouco depois, Tom encontrou o jovem pária do vilarejo,[24] Huckleberry Finn, filho do beberrão da cidade. Huckleberry era cordialmente odiado e temido por todas as mães do lugar por ser desocupado e desregrado, vulgar e maldoso — e porque todas as crianças o admiravam e se deliciavam com a sua companhia proibida e queriam ousar ser como ele. Tom era tal e qual os demais meninos respeitáveis, visto que invejava Huckleberry em sua exuberante condição de marginalizado e estava sob ordens estritas de não brincar com ele. Então brincava com ele sempre que podia. Huckleberry usava roupas descartadas por homens adultos, e as vestimentas floresciam em trapos esvoaçantes. O chapéu era um desastre total, com uma grande meia-lua cortada na aba; o casaco, quando ele o usava, pendia quase até os calcanhares e tinha os botões traseiros quase sobre as nádegas; apenas um suspensório sustentava a calça; o fundilho pendia frouxo e não continha nada, e as pernas rasgadas, quando não estavam arregaçadas, arrastavam na terra.

Huckleberry circulava livremente, de acordo com sua própria vontade. Dormia nas soleiras das portas quando o tempo estava bom, e em barricas vazias se chovesse; não era obrigado a ir à escola nem à igreja, nem a chamar qualquer ser humano de mestre, nem a obedecer a ninguém; podia pescar ou nadar quando e onde bem entendesse, e se dedicar a tais atividades o tempo que desejasse; ninguém o proibia de brigar; podia ficar acordado até a hora que quisesse; era sempre o primeiro menino a andar descalço na primavera e o último a fazer uso do couro no outono; nunca precisava tomar banho nem vestir roupa limpa; podia praguejar à vontade. Em suma, tudo o que faz da vida algo precioso aquele menino tinha. Assim pensava todo garoto importunado, tolhido e respeitável de Saint Petersburg.

Tom cumprimentou o romântico marginalizado:

— Oi, Huckleberry!

Huckleberry Finn.

— Oi, e vê se você gosta disso.

— O que é isso aí?

— Gato morto.

— Deixa eu vê, Huck. Nossa! Ele tá bem duro. Onde foi que você pegou ele?

— Comprei de um garoto.

— O que foi que você trocou por ele?

— Um cuponzinho azul e uma bexiga de boi que eu peguei lá no matadouro.

— Onde foi que você conseguiu o cuponzinho azul?

— Troquei com o Ben Rogers duas semana atrás por um bastão de rolá aro.

— Fala aí... pra que é que serve gato morto, Huck?

— Pra quê? Sará verruga.

— Não! É mesmo? Eu sei de uma coisa que é melhor ainda.

— Aposto que não sabe. O que é?

— Ué! Água de pau podre.[25]

— Água de pau podre?! Eu é que não me fio em água de pau podre.

— Não fia, né? Já exprimentou?

— Não, eu não. Mas o Bob Tanner exprimentou.

— Quem te falou isso?

— Ué! Ele falou pro Jeff Thatcher, e o Jeff falou pro Johnny Baker, e o Johnny falou pro Jim Hollis, e o Jim falou pro Ben Rogers, e o Ben falou prum preto, e o preto falou pra mim. Pronto!

— Ué, e daí? Todos eles mentiram. Todos menos o preto. Eu não conheço *ele*. Mas nunca vi um preto mentí. Ora bolas! Agora me fala como foi que o Bob Tanner exprimentou, Huck.

— Ué! Ele pegou e enfiou a mão dentro de um toco podre onde tinha água da chuva.

— De dia?

— Claro.

— Com a cara colada no toco?

— Sim. Pelo meno é o que eu acho.

— Ele falou alguma coisa?

— Acho que não. Sei lá.

— Ai! Nem me fala em sará verruga com água podre desse jeito tão bobo! Ué! Isso aí não adianta nada. A gente tem que ir sozinho até o meio da mata, onde a gente sabe que tem um toco com água podre, e assim que dá meia-noite a gente tem que andá de costa até o toco, enfiá a mão lá dentro e falá "Grão de cevada, grão de cevada, agora nessa madruga. Água podre, água podre, engole essa verruga" e depois se afastá depressa, onze passo, com os olho fechado, e depois dá três voltinha e ir embora pra casa sem falá com ninguém. Porque se falá estraga a simpatia.

— Pois é, até parece um jeito bom; mas não foi desse jeito que o Bob Tanner fez.

— Não, senhor, pode apostá que não, porque ele é o garoto mais verruguento dessa cidade; e ele não ia tê nenhuma verruga se soubesse trabalhá com água podre. Eu já tirei milhares de verruga das minhas mão desse jeito, Huck. Eu brinco tanto com sapo que tô sempre cheio de

verruga. Tem vez que eu tiro fora com grão de feijão.

— Pois é... feijão é bom. Eu já fiz isso.

— Já?! Como é o teu jeito?

— A gente pega e corta o feijão no meio, e corta a verruga pra sangrá um pouco, e daí lambuza uma metade do feijão com o sangue e cava um buraco e enterra ele, perto da meia-noite, numa encruzilhada sem lua, e depois taca fogo na outra metade do feijão. Qué sabê, a metade que tá lambuzada de sangue fica chupando e chupando, tentando trazê a outra metade até ela, e isso ajuda o sangue a chupá a verruga, e logo ela cai.

— Pois é isso mesmo, Huck... é isso; mas se na hora que a gente tá enterrando a gente falá "Desce feijão; cai verruga; não vem mais enchê o meu saco!" é melhor. É assim que o Joe Harper faz, e ele já foi quase até Coonville e até quase tudo que é canto. Mas fala aí... como é que você sara verruga com gato morto?

— Ora, a gente pega o gato e vai até o cemitério, perto da meia-noite, no dia que algum sujeito mau foi enterrado; e quando dá meia-noite aparece um demônio, ou até dois ou três, mas a gente não vê eles, só escuta alguma coisa, como o vento, ou até ouve eles falá; e quando eles tão levando o tal sujeito, a gente taca o gato atrás deles e diz: "Demo segue defunto, gato segue demo, verruga segue gato e eu acabo com a tua raça!". Isso acaba com *qualquer* verruga.

— Parece certo. Você já exprimentou, Huck?

— Não, mas foi a velha Mama Hopkins que me falou.

— Pois é, então eu acho que é assim mesmo. Porque o povo fala que ela é bruxa.

— Fala?! Ora, Tom, eu *sei* que ela é. Ela enfeitiçou o meu pai. O pai mesmo conta isso. Ele apareceu um dia e viu que ela tava fazendo feitiço pra ele; daí ele catou uma pedra e, se ela não tivesse pulado fora, ele tinha acertado nela. Pois é, naquela mesma noite ele rolou de um barracão onde ele tava caído de bêbado e quebrou o braço.

— Ora, mas que ruindade! Como é que ele sabia que ela tava fazendo feitiço pra ele?

— Deus do céu! O pai sabe... moleza. O pai diz que quando elas encara a gente, elas tão enfeitiçando. Ainda mais se elas fica murmurando. Porque quando elas murmura é porque tão rezando o pai-nosso de trás pra frente.

— Fala aí, Hucky, quando é que você vai exprimentá com esse gato?

— Hoje de noite. Eu acho que os demo vêm atrás do velho Cavalão Williams ainda hoje.

— Mas ele foi enterrado no sábado. Os demo já não levaram ele no sábado de noite?

— Ora, mas tu fala cada coisa! Como é que os feitiço deles vai funcioná antes da meia-noite?... E depois é *domingo*. Os demo não fica bestando por aí dia de domingo... eu acho que não.

— Eu nunca pensei nisso. Deve de sê mesmo. Posso ir contigo?

— Claro... se tu não tem medo.

— Medo! Acho que não. Você vai miá?

— Vou... e você mia logo de volta, se puder. Da última vez você me deixou miando até que o velho Hays tacou uma pedra em mim e falou "gato desgramado!", e daí eu taquei um tijolo na janela dele... mas não vai contá.

— Não vou não. Eu não pude miá naquela noite porque a tia tava de olho em mim, mas dessa vez eu vou miá. Fala aí... o que é isso?

— É só um carrapato.

— Onde foi que você pegou?

— No meio do mato.

— O que você quer por ele?

— Sei lá. Eu não quero vendê ele.

— Tudo bem. Esse carrapato tá muito pequeno, de qualquer maneira.

— Ai, qualquer um pode desfazê de um carrapato que não é dele. Eu tô sastifeito com ele. É um carrapato dos bom pra mim.

— De certeza, carrapato tem de sobra. Eu posso tê mil deles, se quiser.

— Então e por que tu não tem? Porque tu sabe muito bem que não pode. Esse carrapato aqui nasceu cedo, eu acho. É o primeiro que vi esse ano.

— Qué sabê, Huck, eu te dou o meu dente por ele.

— Deixa eu dá uma olhada.

Tom tirou do bolso um pedaço de papel e o desdobrou com cuidado. Huckleberry observou desejoso. A tentação era grande. Por fim, ele disse:

— É de verdade?

Tom ergueu o lábio e exibiu a falha.

— Então tudo bem — disse Huckleberry —, negócio fechado.

Tom guardou o carrapato dentro da caixinha de espoleta que até recentemente servira de cativeiro para o "belisco" e os dois meninos se separaram, cada um se sentindo mais rico do que antes.

Quando chegou à pequena escola, Tom entrou rápido, com jeito de quem estivesse bastante apressado. Pendurou o chapéu em um gancho e correu até sua carteira, com uma vivacidade contida. O mestre, entronado em sua grande cadeira com braços,[26] cochilava, embalado pelo zumbido monótono do estudo. A interrupção o despertou.

— Thomas Sawyer!

Tom sabia que seu nome ser pronunciado por extenso era sinal de encrenca.

— Senhor!

— Venha até aqui. Agora, por que o senhor está atrasado de novo, como sempre?

Tom estava prestes a se refugiar em uma mentira quando viu duas longas tranças de cabelo louro caindo sobre as costas, reconhecidas por ele graças à eletrizante afinidade do amor; e junto a tal forma estava o único assento vago na sala, e no lado reservado para as meninas. Ele respondeu, imediatamente:

— *Eu parei pra falar com o Huckleberry Finn!*

A pulsação do mestre foi interrompida e ele exibiu um olhar desalentado. O zumbido do estudo cessou. Os alunos se perguntaram se aquele garoto imprudente teria perdido a cabeça. O mestre disse:

— Tu... tu fizeste o quê?

— Parei pra falar com o Huckleberry Finn.

Não havia engano nas palavras.

— Thomas Sawyer, essa é a confissão mais petulante que eu já ouvi. Uma simples palmatória não poderá fazer jus a tamanha ofensa. Tire a jaqueta.

O braço do mestre trabalhou até cansar e o estoque de varetas diminuir visivelmente. Em seguida, veio a ordem:

— Agora, senhor, vá se sentar com as *meninas*! E que isso lhe sirva de aviso.

O risinho que ondulou pela sala pareceu deixar o garoto encabulado, mas, na verdade, o acanhamento resultou muito mais da adoração

reverente que ele dirigia ao ídolo desconhecido e do desconcertante prazer ensejado por tamanha sorte. Tom se sentou na ponta do banco de pinho, e a menina se afastou dele com um meneio de cabeça. Cutucadas, piscadelas e cochichos percorreram a sala, mas Tom se manteve imóvel, com os braços estendidos sobre a carteira comprida e baixa, parecendo concentrado em seu livro.

Aos poucos a atenção foi sendo desviada dele, e o costumeiro burburinho dos colegiais voltou a pairar na atmosfera entediante. Logo o menino começou a lançar olhares furtivos para a menina. Ela percebeu, fez careta para ele e lhe deu as costas por um minuto. Quando, cautelosa, ela se virou para olhar, deparou com um pêssego. Ela o empurrou. Tom, gentilmente, empurrou-o de volta. Ela o afastou de novo, mas com menos animosidade. Tom, paciente, devolveu-o ao lugar. Então ela o deixou ali. Tom rabiscou em sua lousinha: "Por favor, pega — eu tenho mais". A menina olhou para as palavras mas não esboçou nenhuma reação. Em seguida, o menino começou a desenhar algo na lousa, escondendo a obra com a mão esquerda. Por um tempo, a menina se recusou a notar, mas a curiosidade humana logo se manifestou por meio de sinais quase imperceptíveis. O menino seguiu trabalhando, parecendo absorto. A menina fez uma tentativa, supostamente casual, de ver, mas o menino não deixou transparecer que havia percebido. Por fim, ela cedeu e sussurrou, hesitante:

— Deixa eu vê.

Tom expôs parcialmente a caricatura lúgubre de uma casa com dois telhados e fumaça em formato de saca-rolhas saindo pela chaminé. Então o interesse da menina passou a se fixar na obra, e ela esqueceu todo o resto. Terminado o desenho, ela olhou por um instante e sussurrou:

— Tá bom... faz aí um homem.

O artista ergueu um homem no jardim da frente, que mais parecia uma torre. Ele seria capaz de passar por cima da casa, mas a menina não foi crítica demais; satisfez-se com o monstrengo e sussurrou:

— Pois é um homem muito lindo... agora faz aí eu chegando.

Tom desenhou uma ampulheta, encimada por uma lua cheia e dotada de pernas e braços fininhos, e armou os dedos abertos com um leque portentoso. A menina disse:

— Tá muito bonito... eu queria sabê desenhá.

— É fácil — cochichou Tom. — Eu vou te ensiná.

— Ai, vai mesmo? Quando?

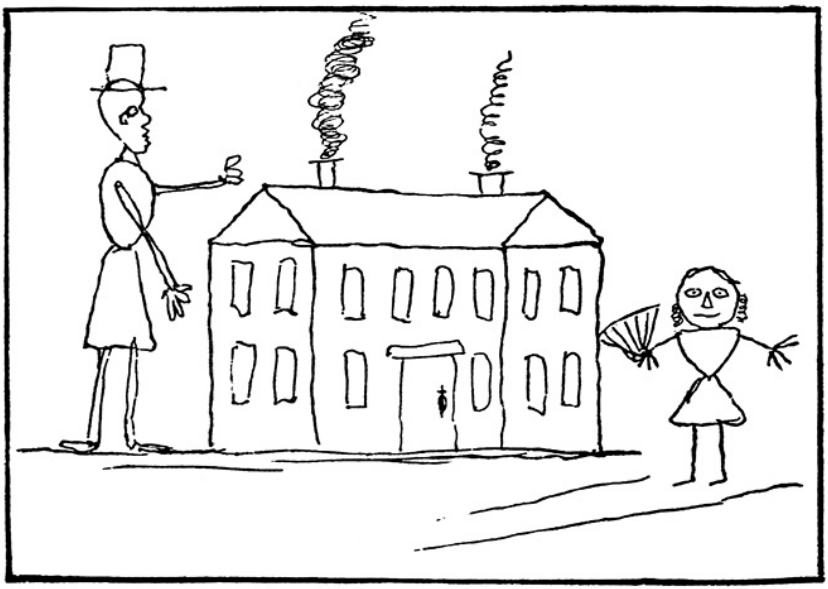
— Ao meio-dia. Você vai almoçá em casa?

— Eu fico, se você ficá.

— Bom... tá combinado. Qual é o teu nome?

— Becky Thatcher. E o teu? Ai, eu sei. É Thomas Sawyer.

— Esse é o nome que eles usa quando têm que batê em mim. Eu sou o Tom quando tô bonzinho. Você pode me chamá de Tom, tá bem?



Tom, o artista.

— Tá.

Em seguida, Tom começou a rabiscar algo na lousa, escondendo as palavras para que a menina não as visse. Mas ela não se mostrou reticente dessa vez. Implorou para ver. Tom disse:

— Ai, não é nada.

— É sim.

— Não, não é não. Você nem tá querendo vê.

— Tô sim, tô mesmo. Por favor, deixa eu vê.

— Você vai contá.

— Não, não vou... juro e juro que não vou.

— Você não vai contá pra ninguém mesmo? Nunquinha na vida?

— Não, eu nunca vou contá pra *ninguém*. Agora deixa eu vê.

— Ai, *você* não tá querendo vê!

— Agora que você tá me tratando desse jeito, *eu vou* vê — e ela pousou a mãozinha sobre a dele, e teve início um ligeiro empurra-empurra, com Tom fingindo resistir de verdade, mas deixando a mão escorregar aos poucos, até que as seguintes palavras foram reveladas: "*Eu te amo*".

— Ai, seu malvado!

E ela bateu na mão dele com força, mas ficou ruborizada e parecia bastante satisfeita.

Nesse momento, o menino sentiu um aperto lento e fatídico na orelha, bem como um firme puxão para cima. Preso nesse torno, ele foi arrastado até o outro lado da sala e depositado em sua própria carteira, sob uma salva de risadinhas disparada pela turma inteira. Então o mestre pairou acima dele durante alguns momentos terríveis e enfim se dirigiu a seu trono sem dizer uma palavra. Porém, embora a orelha de Tom ardesse, seu coração estava feliz.

Quando a turma se acalmou, Tom fez um esforço sincero para estudar, mas a perturbação dentro dele era grande demais. Ele participou da aula de leitura e fez um fiasco; depois, na aula de geografia, transformou lagos em montanhas, montanhas em rios e rios em continentes, até o caos voltar a imperar; em seguida, na aula de ortografia, foi derrotado por uma sucessão de palavras fáceis, até ser obrigado a devolver a medalha de estanho que ostentava havia meses.

7

quanto mais tom tentava fixar a mente no livro, mais os pensamentos vagavam. Então, por fim, com um suspiro e um bocejo, ele desistiu. Parecia que o recesso do meio-dia jamais iria chegar. O ar estava totalmente inerte. Não se ouvia nem respiração. Era o mais sonolento dos dias sonolentos. O murmúrio entorpecedor dos vinte e cinco pupilos inebriava a alma feito o encantamento que há no zumbido das abelhas. Ao longe, sob o sol flamejante, Cardiff Hill erguia suas encostas verdes e suaves através de um véu cintilante de calor, tingidas com o roxo da distância; alguns pássaros flutuavam em asas indolentes no ar; nenhum outro ser vivente era visível, exceto algumas vacas, que estavam adormecidas. O coração de Tom ansiava por liberdade, ou então por algo interessante para fazer, a fim de passar o tempo tedioso. A mão vagou até o bolso e o rosto se iluminou com uma gratidão que era uma prece, embora ele não se desse conta disso. Em seguida, de forma sorrateira, a caixinha de espoleta surgiu. Ele libertou o carrapato e o soltou sobre a carteira comprida e plana. A criatura também deve ter se iluminado com uma gratidão que era uma prece, mas a reação foi precipitada, pois quando, muito feliz, ela começou a avançar, Tom a desviou com um alfinete e a fez seguir em outra direção.

O amigo do peito de Tom estava sentado ao lado dele, sofrendo tanto quanto Tom, e logo ficou profunda e gratamente interessado naquele divertimento. O amigo do peito era Joe Harper. Os dois meninos eram companheiros fiéis ao longo da semana e inimigos de batalha aos sábados. Joe tirou um alfinete da lapela e começou a ajudar no esforço de exercitar o prisioneiro. O interesse pelo esporte cresceu na mesma hora. Mas então Tom disse que eles estavam atrapalhando um ao outro e nenhum dos dois conseguia tirar do carrapato tudo o que ele era capaz de oferecer. Ao que pôs a lousa de Joe sobre a carteira e traçou uma linha no meio, de cima a baixo.

— Agora — disse Tom —, enquanto ele ficá do teu lado você pode cutucá ele, e eu deixo ele em paz; mas se você deixá ele escapá pro meu lado, você tem que deixá ele em paz, enquanto ele não atravessá de volta.

— Tudo bem, vai; cutuca ele.

O carrapato logo escapou de Tom e cruzou o equador. Joe o perturbou por algum tempo, e então ele fugiu e cruzou de volta. Essa mudança de território ocorreu algumas vezes. Enquanto um menino apoquentava o carrapato com total interesse, o outro olhava com interesse igualmente intenso, as duas cabeças inclinadas juntas sobre a lousa, e as duas almas absortas em relação a todo o resto. Por fim, a sorte pareceu se decidir e permanecer com Joe. O carrapato tentava esse, aquele e outro caminho, e ficava tão empolgado e ansioso quanto os próprios meninos, mas toda vez, quando a vitória estava quase em suas mãos, por assim dizer, e os dedos de Tom se contorciam ávidos por assumir o comando, o alfinete de Joe com habilidade desviava o carrapato e o mantinha em sua posse. Por fim, Tom não aguentou mais. A tentação foi incontrolável. Então ele estendeu a mão e interferiu, com seu alfinete. Joe se zangou imediatamente:

— Tom, deixa ele em paz.

— Eu só quero cutucá ele um pouco, Joe.

— Não, senhor, não é justo; deixa ele em paz.

— Ora! Eu não vou cutucá muito.

— Deixa ele em paz; eu tô te falando.

— Não deixo não!

— Vai deixá sim. Ele tá do meu lado da linha.

— Escuta aqui, Joe Harper, de quem é esse carrapato?

— Não interessa... ele tá do meu lado da linha e tu não vai tocá nele.

— Ué, eu aposto que vou. O carrapato é meu, e eu faço com ele o que eu bem quiser, ou então eu morro!

Uma pancada tremenda desceu sobre os ombros de Tom, e sua duplicata sobre os de Joe; e durante dois minutos a poeira voou das duas jaquetas, e a turma inteira se divertiu. Os meninos estavam tão entretidos que não notaram o silêncio que se abatera sobre a turma um pouco antes, quando o mestre avançou na ponta dos pés pela sala de aula e parou acima da dupla. Ele assistiu a uma boa parte do espetáculo

antes de contribuir com seu número.

Quando a aula terminou ao meio-dia, Tom voou até Becky Thatcher e sussurrou em seu ouvido:

— Põe a tua touquinha e fala que você tá indo pra casa; e quando chegá na esquina dispensa os outro, desce pelo beco e volta. Eu vou pelo outro lado e te encontro lá.

Então ela saiu com um grupo de alunos, e ele com outro. Em pouco tempo os dois se encontraram no beco e, quando voltaram à escola, tinham-na inteiramente para si. Em seguida, sentaram-se juntos, diante de uma lousa, e Tom entregou a Becky o lápis e segurou a mão dela, guiando-a, e assim desenhou outra casa surpreendente. Quando o interesse pela arte começou a diminuir, os dois iniciaram uma conversa. Tom flutuava em êxtase. Ele disse:

— Você gosta de rato?

— Não! Eu detesto rato!

— Pois é, eu também... os vivo. Mas eu tô falando de rato morto, pra rodá em volta da cabeça, amarrado num barbante.

— Não, eu não ligo muito pra rato, sabe. Eu gosto é de chiclete.

— Ai, eu também! Eu queria tê um agora.

— Queria? Eu tenho. Eu deixo você mastigá um pouco, mas depois você tem que me devolvê.

Houve acordo, e eles mascaram se revezando enquanto balançavam as pernas contra a base do banco, felizes da vida.

— Você já foi num circo? — perguntou Tom.

— Já, e o meu pai vai me levá de novo qualquer hora dessa, se eu me comportá bem.

— Eu já fui no circo três ou quatro vez... muitas vez. Igreja não é nada comparada com circo. Tem coisa acontecendo o tempo todo no circo. Eu vou sê palhaço de circo quando crescê.

— Ai, vai mesmo?! Vai sê muito bom. Eles são muito querido, todos pintado.

— Pois é isso mesmo. E eles ganha dinheiro à beça... quase um dólar por dia, o Ben Rogers que falou. Fala aí, Becky, você já foi noiva?

— O que é que é isso?

— Ué! Noiva pra casá.

— Não.

— Você ia gostá?

— Eu acho que sim. Sei lá. Como é que é?

— Como é que é?! Ora! Não é nada de mais. Você só fala pra um menino que nunca vai tê ninguém fora ele, nunca, nunca, nunca, e daí vocês dão um beijo e é só. Qualquer um pode fazê isso.

— Beijo? Beijá pra quê?

— Ora! Isso... sabe... é pra... é que... eles sempre faz assim.

— Todo mundo?

— Ora, sim! Todo mundo que tá apaixonado. Você lembra o que eu escrevi na lousa?

— Le... lembro.

— O que foi?

— Eu não vou falá pra você.

— Eu posso falá pra *você*?

— Po... pode, mas numa outra hora.

— Não, agora.

— Não, agora não... amanhã.

— Ai, não, *agora*. Por favor, Becky... eu vou falá baixinho, eu vou falá bem baixinho.

Diante da hesitação de Becky, Tom tomou o silêncio como consentimento, passou o braço pela cintura da menina e sussurrou as palavras, com a boca perto do ouvido dela. Em seguida, acrescentou:

— Agora *você* fala baixinho pra mim... do mesmo jeito.

Ela resistiu por um momento, e então disse:

— Vira o rosto pra não vê, e daí eu falo. Mas você nunca pode contá pra ninguém... né, Tom? Você não vai contá, *vai*?

— Não, de jeito nenhum, não vou. Agora, Becky.

Ele desviou o rosto. Ela se curvou tímida até sua respiração agitar os cachos dele e sussurrou:

— Eu... te... amo!

Logo em seguida ela deu um salto e correu ao redor das carteiras e dos bancos, sendo perseguida por Tom, e se refugiou em um canto, cobrindo o rosto com o aventalzinho branco. Tom a abraçou e implorou:

— Agora, Becky, tá tudo feito... tudo pronto, menos o beijo. Não precisa tê medo... não é nadinha. Por favor, Becky. — E ele puxou o

aventalzinho e as mãos dela.

Aos poucos, ela baixou as mãos; seu rosto, brilhando por causa do embate, ergueu-se e cedeu. Tom beijou os lábios rubros e disse:

— Agora tá tudo feito, Becky. E pra sempre, depois disso, você sabe, você nunca mais pode amá ninguém, só eu, e nunca vai casá com ninguém, só comigo, nunca e nunquinha. Tá?

— Não, eu nunca vou amá ninguém, só você, Tom, e nunca vou casá com ninguém, só contigo... e você nunca vai casá com ninguém, só comigo, também.

Súplica vã.

— De certeza. É claro. Isso *faz parte*. E sempre que você vim pra escola, ou na hora de voltá pra casa, você vai caminhá comigo quando não tiver ninguém olhando... e você vai me escolhê e eu vou te escolhê nas festa, porque é assim que faz quem tá noivo.

— Que coisa boa! Eu nunca ouvi falá disso antes.

— Ai, é uma alegria! Ora, eu e a Amy Lawrence...

Os olhos arregalados da menina denunciaram o erro de Tom, e ele parou, confuso.

— Ai, Tom! Então eu não sou a primeira de quem tu ficou noivo!

A menina começou a chorar. Tom disse:

— Ai, não chora, Becky, eu não gosto mais dela.

— Gosta sim, Tom... tu sabe que gosta.

Tom tentou colocar o braço em volta do pescoço dela, mas Becky o empurrou, virou o rosto para a parede e continuou a chorar. Tom tentou de novo, com palavras meigas na boca, mas foi mais uma vez repelido. Então, ferido em seu amor-próprio, ele se afastou e foi até o pátio. E ficou por lá, indócil e preocupado, durante algum tempo, olhando de vez em quando para a porta, esperando que ela se arrependesse e viesse encontrá-lo. Mas ela não veio. Logo depois ele começou a se sentir constrangido e a achar que tinha errado. Foi uma luta decidir fazer novas tentativas, mas ele criou coragem e entrou. Ela continuava parada no canto, soluçando, com o rosto voltado para a parede. O coração de Tom amoleceu. Ele se aproximou dela e se deteve por um momento, sem saber exatamente como proceder. Então disse, hesitante:

— Becky, eu... eu não gosto de mais ninguém, só de você.

Sem resposta — apenas soluços.

— Becky — suplicando. — Becky, você não vai falá nada?

Mais soluços.

Tom pegou sua joia mais preciosa, um castão[27] de metal retirado da grelha de uma lareira, estendeu-o para que ela pudesse ver e disse:

— Por favor, Becky, você não vai aceitá?

Ela derrubou o objeto no chão. Então Tom marchou para fora da escola, subiu a colina e se afastou, decidido a não mais voltar naquele dia. Pouco depois, Becky ficou desconfiada. Correu até a porta; ele não estava à vista; voou até o parquinho; ele não estava ali. Então ela chamou:

— Tom! Volta aqui, Tom!

Becky apurou o ouvido, mas não houve resposta. Ela não contava com nenhuma companhia além do silêncio e da solidão. Então voltou a se sentar, chorosa e arrependida; àquela altura os alunos já estavam

voltando, e ela precisou esconder a dor e acalmar o coração magoado e carregar a cruz de uma tarde longa, sombria e sofrida, sem ter ninguém entre os estranhos à sua volta com quem compartilhar sua tristeza.

8

tom se esquivou de um lado para outro pelos becos até se ver bem longe do caminho dos alunos que voltavam à escola, e então começou a correr, acabrunhado. Cruzou duas ou três vezes um regato, por causa de uma superstição juvenil que dizia que atravessar água despistava qualquer perseguição. Meia hora depois ele já desaparecia atrás da mansão da família Douglas, no topo de Cardiff Hill, e a escola mal podia ser avistada no vale atrás. Em seguida, entrou em um bosque fechado, percorreu um trecho sem trilha até o meio da mata e se sentou em um local coberto de musgo, embaixo de um grande carvalho. Não havia sequer um zéfiro[28] se mexendo; o calor inerte do meio-dia tinha silenciado até o canto dos pássaros; a natureza jazia em um transe que não era interrompido por nenhum som, exceto o martelar ocasional e distante de um pica-pau, o que parecia tornar o silêncio e a sensação de solidão ainda mais profundos. A alma do menino havia mergulhado na melancolia; seus sentimentos estavam em perfeito acordo com o ambiente. Ele permaneceu sentado por muito tempo com os cotovelos sobre os joelhos e o queixo nas mãos, refletindo. Parecia-lhe que a vida, na melhor das hipóteses, era só problema, e ele mais do que invejava o recém-falecido Jimmy Hodges; devia ser uma grande paz, pensou ele, jazer e dormir e sonhar para todo o sempre, com o vento sussurrando entre as árvores e acariciando a relva e as flores sobre o túmulo, sem nada com que se preocupar e do que se lamentar, nunca mais. Se tivesse um histórico limpo na escola dominical, estaria disposto a partir e acabar com tudo. Agora, quanto àquela menina. O que ele tinha feito? Nada. Ele teve as melhores intenções do mundo e fora tratado feito cachorro — feito cachorro. Ela algum dia iria se arrepender, talvez quando fosse tarde demais. Ah, se ele pudesse morrer *temporariamente*!

Mas o coração flexível da juventude não pode ficar pressionado e tolhido por muito tempo. Sem se dar conta, Tom logo começou a

retornar às preocupações desta vida. E se ele agora abandonasse tudo e desaparecesse misteriosamente? E se fosse embora — para muito longe, para países desconhecidos além-mar — e nunca mais voltasse? O que ela sentiria? A ideia de virar palhaço lhe veio à mente, mas agora causava um sentimento de repulsa, pois frivolidades, piadas e meias-calças pintadas eram ofensivas quando se intrometiam num espírito exultante que habitava o reino vago e augusto do romantismo. Não, seria soldado e voltaria depois de longos anos, extenuado pela guerra e honrado. Não — melhor ainda —, se juntaria aos índios, caçaria búfalos e partiria para a guerra nas cordilheiras e nas grandes planícies sem trilhas do Extremo Oeste, e, no futuro, regressaria na condição de grande chefe, adornado com penas, coberto com pinturas assustadoras, e adentraria a escola dominical, em uma sonolenta manhã de verão, emitindo um brado de guerra de gelar o sangue, e cegaria os olhos de todos os colegas com a inveja insuportável que sentiriam dele. Mas não, havia algo ainda mais extravagante. Seria pirata! Era isso! *Agora* o futuro surgia claramente diante dele e brilhava com um esplendor inimaginável. E seu nome percorreria o mundo e faria as pessoas tremerem de medo! Com que glória ele haveria de singrar os mares dançantes, em seu grande veleiro de casco preto, o *Espírito da Tormenta*, com sua bandeira medonha desfraldada à vante![29] E, no auge da fama, apareceria de repente no vilarejo e entraria na igreja, bronzeado e castigado pelo clima hostil, trajando gibão de veludo preto, culotes e botas de cano alto, uma faixa vermelha, o cinto eriçado de pistolas, um sabre enferrujado pelo crime, um chapéu de aba dobrada com plumas esvoaçantes, a bandeira negra hasteada, com a caveira e os ossos cruzados, e ouviria com êxtase crescente os cochichos: "É Tom Sawyer, o Pirata! — o Vingador Negro do Mar do Caribe!".

Sim, tinha se decidido; sua carreira estava definida. Fugiria de casa e abraçaria tal ofício. Começaria já na manhã seguinte. Portanto, precisava tomar providências. Precisava reunir seus recursos. Foi até um tronco podre que havia logo ali e começou a cavar embaixo de uma das extremidades com seu canivete Barlow. Em pouco tempo, atingiu um pedaço de madeira que parecia oco. Enfiou então a mão no orifício e pronunciou o seguinte encantamento, de forma solene:

— O que ainda não veio aqui *que venha*! O que já tá aqui *que fique aqui*!

Em seguida, raspou a terra e expôs uma telha de pinho. Removeu-a e encontrou uma bela caixinha com o fundo e os lados de madeira. Dentro havia uma bola de gude. O espanto de Tom foi imensurável! Ele coçou a cabeça, estarrecido, e disse:

— Ué, essa não!

Em seguida, descartou a bolinha de gude com desdém e se pôs a cogitar. A verdade é que a superstição havia falhado, uma superstição que ele e seus parceiros sempre consideraram infalível. Se alguém enterrasse uma bola de gude recitando os devidos encantamentos, a deixasse quieta durante uma quinzena e depois cavasse no local, recorrendo ao encantamento que ele acabara de declamar, constataria que todas as bolas de gude que a pessoa perdeu na vida estariam ali reunidas, a despeito do quão distantes estivessem umas das outras. Mas agora a coisa tinha falhado verdadeira e inquestionavelmente. A estrutura da fé de Tom estava abalada em seus alicerces. Ele já tinha ouvido falar muitas vezes do sucesso, mas nunca do fracasso da superstição. Não lhe ocorreu que já havia testado aquele encantamento várias vezes e nunca mais encontrara os tais esconderijos. Ficou intrigado com a questão por algum tempo e, por fim, decidiu que alguma bruxa havia interferido e quebrado o feitiço. Resolveu que se satisfaria com tal conclusão; então procurou em volta até encontrar no solo um pequeno ponto arenoso, com uma leve depressão em forma de funil. Deitou-se ali, aproximou a boca da depressão e disse:

— Bichinho, bichinho, me fala o que eu quero sabê! Bichinho, bichinho, me fala o que eu quero sabê!

A areia começou a ceder, e um pequeno inseto preto apareceu por um segundo, mas logo se enterrou de novo, assustado.

— Ele não falou! Daí *foi* bruxa mesmo. Eu já sabia!

Tom estava plenamente ciente de que era inútil lutar contra as bruxas; então capitulou, desanimado. Mas lhe ocorreu que poderia muito bem ficar com a bolinha de gude que acabara de jogar fora e, portanto, empreendeu uma busca paciente. Porém, não conseguiu encontrá-la. Em seguida, voltou até o local onde deixara a caixinha e, com atenção, posicionou-se exatamente onde estava quando descartou a bola de gude; depois tirou do bolso outra bolinha e a jogou da mesma maneira, dizendo:

— Irmã, vai encontrar tua irmã!

Observou onde a bolinha parou, foi até lá e procurou. Mas a bolinha tinha caído aquém, ou além, do local desejado; então ele tentou mais duas vezes. A última tentativa foi bem-sucedida. As duas bolas de gude estavam a trinta centímetros uma da outra.

Naquele momento, o toque de uma cornetinha de lata chegou, baixinho, pelos corredores verdes da floresta. Tom tirou a jaqueta e a calça, transformou o suspensório em cinto, afastou um pouco de mato atrás do tronco podre, revelando um arco e flecha tosco, uma espada de madeira e uma cornetinha de lata, e logo em seguida agarrou os objetos e saiu em disparada, com as pernas nuas e a camisa esvoaçando. Pouco depois, deteve-se embaixo de um grande olmo, tocou a corneta em resposta e então começou a andar na ponta dos pés, olhando vigilante para um lado e outro. E disse, com cautela, para um pelotão imaginário:

— Pera aí, meu Bando Alegre![30] Fica todo mundo escondido até eu tocá.

Então apareceu Joe Harper, tão precariamente vestido e fortemente armado quanto Tom; e Tom o chamou:

— Pera aí! Quem tá entrando na Floresta de Sherwood[31] sem o meu salvo-conduto?

— Guy de Guisborne[32] não precisa de salvo-conduto de homem nenhum. Quem és tu que... que...

— Ousas empregar tal linguagem — disse Tom, soprando o texto, pois falavam seguindo o livro, de memória.

— Quem és tu que ousas empregar tal linguagem?

Robin Hood e seu inimigo.

— Eu, deveras! Sou Robin Hood,[33] como a tua carcaça covarde logo saberá.

— Então és mesmo o célebre fora da lei? De bom grado disputarei contigo a distribuição de salvo-condutos neste bosque alegre. Em guarda!

Eles pegaram as espadas de madeira, jogaram as outras tralhas no chão, adotaram uma atitude de esgrimistas, pé com pé, e deram início a um combate elaborado e sério, dois pra frente, dois pra trás. Tom disse:

— Agora, se você pegou o jeito, vá em frente!

Então foram em frente, ofegantes e transpirando devido ao esforço. Algum tempo depois, Tom gritou:

— Cai logo! Cai logo! Por que tu não cai?

— Não vou caí! Por que *tu* não cai? Pois é tu que tá levando a pior.

— Ora! Isso não tem nada a vê. Eu não posso caí; não é assim que tá

no livro. O livro diz: “Então, com um golpe reverso, ele matou o pobre Guy de Guisborne”. Tu tem que se virá e deixá eu te atingí nas costa.

Não havia como contrariar as autoridades; portanto, Joe se virou, recebeu o golpe e tombou.

— Agora — disse Joe, levantando-se —, você tem que deixá eu te matá. É justo.

— Ora! Eu não posso fazê isso; não tá no livro.

— Ué, isso é muito ruim... só isso.

— Ué, qué sabê, Joe, você pode sê o frei Tuck ou o Much, o filho do moleiro, e batê em mim com um porrete; ou eu posso sê o xerife de Nottingham[34] e você sê o Robin Hood por um tempo e me matá.

A proposta foi satisfatória, e tais façanhas prosseguiram. Depois, Tom voltou a ser Robin Hood, e a freira traiçoeira permitiu que as forças dele se esvaíssem através de um ferimento malcuidado. Por fim, Joe, representando um bando inteiro de fora da lei em prantos, arrastou-o, entregou-lhe o arco nas mãos enfraquecidas, e Tom disse:

— Onde essa flecha caí, enterra lá o pobre do Robin Hood embaixo de uma árvore do bosque.

Em seguida, ele disparou a flecha e tombou para trás, e teria morrido, mas caiu sobre uma moita de urtiga e deu um pulo, lépido demais para um cadáver.

Os meninos se vestiram, esconderam seus apetrechos no mato e foram embora, lamentando não serem mais bandidos e se perguntando como a civilização moderna poderia se justificar diante de tal perda. Disseram que preferiam ser bandidos por um ano na floresta de Sherwood do que presidente dos Estados Unidos para sempre.

9

às nove e meia daquela noite, Tom e Sid foram se deitar, conforme as instruções de costume. Fizeram suas orações e Sid logo adormeceu. Tom ficou acordado e esperou, com uma impaciência quase incontrolável. Quando lhe parecia já estar amanhecendo, ouviu o relógio bater dez horas! Era desesperador. Teria se mexido e se sacudido na cama, como os nervos tensos exigiam, mas receava acordar Sid. Então ficou imóvel e contemplou a escuridão. Tudo estava terrivelmente quieto. Aos poucos, em meio à quietude, pequenos ruídos, quase imperceptíveis, começaram a se destacar. O tique-taque do relógio passou a chamar a atenção. Velhas vigas começaram misteriosamente a estalar. A escada rangeu um pouco. Era evidente que os espíritos vagavam por ali. Um ronco ritmado e abafado saía do quarto de tia Polly. Em seguida, teve início o cansativo estridular de um grilo que nenhuma engenhosidade humana conseguiria localizar. Depois, as batidinhas apavorantes da chamada "broca da morte"[35] na parede da cabeceira da cama fizeram Tom estremecer — isso significava que os dias de alguém estavam contados. No momento seguinte, o uivo de um cão distante se elevou no ar noturno, sendo respondido por um uivo mais fraco e mais longínquo. Tom agonizava. Por fim, concluiu que o tempo havia parado e a eternidade, iniciado; cochilou, mesmo sem querer; o relógio bateu onze horas, mas ele não ouviu. E então veio, misturado com seus sonhos malformados, um miado por demais melancólico. O abrir de uma janela vizinha o perturbou. Um grito de "Sai! Seu demônio!" e o estrondo de uma garrafa vazia batendo nos fundos do depósito de lenha de sua tia o despertaram por completo; um minuto depois, ele estava vestido, do lado de fora da janela e engatinhando pelo telhado do puxadinho. Tom miou, com cautela, uma ou duas vezes, enquanto avançava; em seguida, saltou para o telhado do depósito de lenha e dali para o chão. Huckleberry Finn estava lá,

com seu gato morto. Os meninos se afastaram da casa e desapareceram na escuridão. Ao cabo de meia hora, caminhavam pela relva alta do cemitério.

Era um cemitério à moda antiga, como os do Velho Oeste. Ficava no alto de uma colina a mais ou menos dois quilômetros e meio do vilarejo. Era delimitado por uma cerca de tábuas irregulares que pendiam para dentro em alguns pontos e para fora nos demais, jamais ficando na vertical por completo. Mato e ervas daninhas cresciam livremente por todo o cemitério. As velhas sepulturas jaziam afundadas, e não havia uma lápide sequer no local; tabuletas arredondadas e corroídas cambaleavam sobre os túmulos, inclinando-se em vão em busca de apoio. Em algum momento, as palavras "Consagrado à memória de Fulano de Tal" tinham sido pintadas nas tabuletas, mas já não eram legíveis na maioria das sepulturas, mesmo que houvesse luz.

Um vento fraco gemia entre as árvores, e Tom temia que fossem as almas dos mortos reclamando por serem perturbadas. Os meninos falavam pouco, e sempre baixinho, pois a hora e o lugar e a solenidade e o silêncio predominantes oprimiam seus espíritos. Encontraram o montículo recente que procuravam e se posicionaram sob a proteção de três grandes olmos que cresciam agrupados a poucos metros da cova.

Em seguida aguardaram, em silêncio, durante o que pareceu um longo tempo. O pio de uma coruja distante era o único som que perturbava a quietude sepulcral. As reflexões de Tom se tornaram massacrantes. Ele precisava ensejar alguma conversa. Então disse, num cochicho:

— Hucky, você acha que os morto gosta que a gente tá aqui?

Huckleberry cochichou:

— Eu bem que queria sabê. Tá quieto demais, *né*?

— Ai, tá mesmo.

Seguiu-se uma pausa considerável enquanto os meninos examinavam o assunto introspectivamente. Em seguida, Tom cochichou:

— Fala aí, Hucky... você acha que o Cavalão Williams tá ouvindo nós conversando?

— Claro que tá. Pelo meno, o esprito dele tá.

Tom, após uma pausa:

— Eu devia tê falado sr. Williams. Mas não fiz por mal. Todo mundo

chama ele de Cavalão.

— A pessoa não pode se preocupá com o jeito que o povo chama gente morta, Tom.

Depois desse corte o assunto voltou a morrer.

Logo em seguida, Tom agarrou o braço do parceiro e disse:

— Shhh!

— O que foi, Tom? — e os dois se abraçaram, com os corações disparados.

— Shhh! Agora, de novo! Tu não ouviu?

— Eu...

— Pronto! Agora tu ouviu.

— Deus do céu, Tom, eles tão vindo! Eles tão vindo, de certeza. O que é que a gente vai fazê?

— Sei lá. Tu acha que eles vai vê nós?

— Ai, Tom, eles pode enxergá no escuro, que nem gato. Quem me dera não tê vindo até aqui.

— Ai, não fica com medo. Eu acredito que eles não vai incomodá nós. Não tamo fazendo nada de ruim. Se a gente ficá bem quieto, vai vê que eles nem vê nós.

— Eu vou tentá, Tom, mas, Deus do céu, eu tô tremendo da cabeça aos pé.

— Escuta!

Os meninos baixaram a cabeça ao mesmo tempo e mal respiravam. Um som abafado de vozes pairava no outro lado do cemitério.

— Olha! Olha lá! — cochichou Tom. — O que é aquilo?

— É fogo do capeta. Ai, Tom, que coisa medonha!

Alguns vultos se aproximaram em meio à escuridão, balançando uma velha lamparina de lata, que salpicava o solo com incontáveis pontinhos de luz. Imediatamente, Huckleberry cochichou, trêmulo:

— São os demônio, de certeza. Logo três! Meu Deus, Tom, nós tamo ferrado! Tu sabe rezá?

— Eu vou tentá, mas não fica com medo. Eles não vai fazê mal pra nós. "Santo Anjo do Senhor..."

— Shhh!

— O que foi, Huck?

— Eles são *humano*! Um deles, pelo meno, é. Um deles tem a voz do

velho Muff Potter.

— Não... não pode sê, é mesmo?

— Aposto que é. Não se mexe nem treme. Ele não tá com cabeça pra notá nós. De cara cheia, como sempre, de certeza... velho safado!

— Tá bem, vou ficá parado. Agora eles empacaram. Não tão conseguindo encontrá. Lá vêm eles de novo. Agora tão quente. Frio de novo. Quente de novo. Em brasa! Eles tão vindo na direção certa dessa vez. Qué sabê, Huck, eu conheço a outra voz; é o Índio Joe.

— É ele mesmo... aquele mestiço[36] assassino! Era bem melhor que eles fosse tudo demônio! O que será que eles tão tramando?

Os cochichos cessaram por completo, pois os três homens haviam chegado ao túmulo e estavam a poucos metros do local onde os meninos se escondiam.

— Aqui está — disse a terceira voz; o dono da voz ergueu a lamparina, que revelou o rosto do jovem dr. Robinson.

Potter e o Índio Joe traziam um carrinho de mão com uma corda e duas pás. Deixaram a carga de lado e começaram a escavar a sepultura. O médico posicionou a lamparina na cabeceira do túmulo e foi se sentar com as costas apoiadas em um dos olmos. Estava tão perto que os meninos poderiam tocá-lo.

— Depressa, homens! — disse ele, em voz baixa. — A lua pode aparecer a qualquer momento.

Eles resmungaram uma resposta e continuaram a cavar. Por algum tempo, não houve um ruído sequer exceto o som áspero das pás descarregando terra e cascalho. Foi muito monótono. Por fim, uma das pás atingiu o caixão, produzindo um baque surdo de madeira; em um ou dois minutos, os homens içaram o esquife e o depositaram no solo. Arrancaram a tampa com as pás, retiraram o corpo e o jogaram de forma abrupta no chão. A lua saiu de trás das nuvens e expôs sua face lívida. O carrinho de mão foi trazido, e o defunto foi colocado sobre ele, coberto com manta e amarrado com uma corda. Potter pegou uma grande faca retrátil, cortou a ponta pendente da corda e disse:

— Agora a coisa maldita tá feita, seu Serrador de Osso, e pode pagá mais cinco, ou ele vai ficá aqui mesmo.

— Assim é que se fala! — disse o Índio Joe.

— Escutem aqui, o que significa isso? — indagou o médico. — Vocês

exigiram pagamento adiantado, e eu já paguei.

— Pois é... e você fez mais do que isso — disse o Índio Joe, aproximando-se do médico, que agora estava de pé. — Cinco ano atrás você me enxotou da cozinha do teu pai uma noite quando eu fui pedí comida, e ainda falou que eu não tava lá pra fazê nada de bão; e quando eu jurei que ia acertá as conta contigo, nem que demorasse cem ano, o teu pai me acusou de vagabundage e me meteu na cadeia. Tu achou que eu ia esquecê? Sangue índio não corre nas minhas veia à toa. E agora eu *te peguei*, e tu vai tê que *acertá as conta* comigo, qué sabê?!

Àquela altura, ele ameaçava o médico com o punho cerrado diante do seu rosto. O médico desferiu um golpe repentino e estirou o linguarudo no chão. Potter largou a faca e exclamou:

— Escuta aqui, não vem você batê no meu comparsa!

E no instante seguinte já se embolava com o médico, os dois lutando com máximo vigor, pisoteando o mato e raspando o solo com os calcanhares. O Índio Joe se pôs de pé com um salto, os olhos flamejantes de fúria, agarrou a faca que pertencia a Potter e rastejou como um gato, curvando-se, girando e girando em torno dos combatentes em busca de uma oportunidade. De súbito, o médico se libertou, pegou na cabeceira da cova de Williams a tabuleta pesada e com ela derrubou Potter no chão; no mesmo instante, o mestiço viu sua chance e cravou a faca até o cabo no peito do jovem. Este cambaleou e caiu parcialmente sobre Potter, inundando-o com seu sangue; de imediato, as nuvens obscureceram o espetáculo pavoroso, e os dois meninos, aterrorizados, saíram correndo no escuro.

Logo depois, quando a lua ressurgiu, o Índio Joe pairava sobre as duas formas, contemplando-as. O médico murmurou algo inarticuladamente, deu um longo suspiro ou dois e quedou imóvel. O mestiço balbuciou:

— *Essa* conta tá acertada... seu maldito!

Então ele saqueou o corpo. Em seguida, colocou a faca sinistra na mão direita e aberta de Potter e se sentou sobre o caixão desmantelado. Três — quatro — cinco minutos se passaram, e Potter começou a se mexer e a gemer. Sua mão se fechou sobre a faca; ele a ergueu, olhou para ela e a deixou cair, trêmulo. Em seguida, sentou-se, empurrou o cadáver que jazia parcialmente sobre seu corpo, contemplou-o e olhou

ao redor, confuso. Seus olhos encontraram os de Joe.

— Deus do céu! O que foi isso, Joe? — perguntou ele.

— Foi um negócio sujo — disse Joe, sem se mover.

— Por que foi que você fez isso?

— Eu?! Eu não fiz nada!

— Escuta aqui! Esse tipo de conversa não vai colá! — Potter estremeceu e ficou lívido. — Eu pensei que tava sóbrio. Eu nem queria bebê hoje. Mas a coisa ainda tá na minha cabeça... pior do que quando nós cheguemo aqui. Eu tô zonzo; não consigo lembrá de nada, de quase nada. Fala aí, Joe... fala *sério*, meu véio camarada... eu fiz isso? Joe, não era minha intenção... pela minha alma e minha honra, não era minha intenção, Joe. Fala aí como é que foi, Joe. Ai, que coisa horrível... e ele... tão moço e com a vida toda pela frente.

Muff Potter é passado para trás.

— Ué! Vocês dois tava brigano, ele te acertou com a tabuleta da cova e você caiu; depois você levantou, tropeçano e cambaleano, e pegou a faca e fincou nele, bem na hora que ele te bateu de novo... e aí tu ficou estatelado, mortinho, até agora.

— Ai, eu não sabia o que eu tava fazeno. Eu quero morrê nesse minuto se eu sabia. Foi tudo por causa do uísque e do nervoso, eu acho. Eu nunca usei uma arma na vida, Joe. Eu já briguei, mas nunca com arma.

Todo mudo sabe disso. Joe, não conta pra ninguém! Diz que tu não vai contá, Joe... seja meu amigo. Eu sempre gostei de tu, Joe, e também te defendi. Tu não lembra? Tu *não vai* contá, *vai*, Joe? — E a pobre criatura se ajoelhou diante do assassino impassível e juntou as mãos em súplica.

— Não, você sempre foi bom e honesto comigo, Muff Potter, e eu não vou te dedurá. Pronto, agora não tem nada mais justo pra um homi falá.

— Ai, Joe, tu é um anjo. Eu vou te abençoá por isso pelo resto da vida. — E Potter começou a chorar.

— Vamo, agora já chega. Não é hora de choramingá. Você vai por ali e eu vou por aqui. Anda logo, e não vai deixá pista por aí.

Potter começou um leve trote, que rapidamente se transformou em uma corrida. O mestiço ficou olhando. E murmurou:

— Se ele tá tão zonzo com a surra e com as ideia confusa por causa do rum, só vai lembrá da faca quando estiver tão longe que vai tê medo de voltá aqui pra pegá ela sozinho... froxo!

Dois ou três minutos depois, o homem assassinado, o cadáver coberto com a manta, o caixão destampado e a sepultura aberta estavam sob inspeção exclusiva da lua. A quietude voltara a ser total.

10

os dois meninos correram sem parar em direção ao vilarejo, mudos de pavor. Olhavam para trás de vez em quando, por cima dos ombros, apreensivos, temendo ser seguidos. Cada toco que surgia no caminho parecia um homem e um inimigo e os fazia parar a fim de recuperar o fôlego; e enquanto eles corriam diante de algumas choupanas situadas nos arredores do vilarejo, o latido dos cães de guarda parecia dar asas a seus pés.

— Tomara que a gente consiga chegá até o velho curtume antes de desabá! — sussurrou Tom, em curtos intervalos, entre uma respiração e outra. — Eu já não guento mais.

A respiração ofegante de Huckleberry foi sua única resposta; os meninos fixaram os olhos no objetivo de suas esperanças e se concentraram no esforço para alcançá-lo. Avançaram com determinação e, por fim, lado a lado, irromperam pela porta aberta e tombaram gratos e exaustos nas sombras protetoras que pairavam no interior do curtume. Aos poucos, as pulsações desaceleraram, e Tom cochichou:

— Huckleberry, você acha que aquilo tudo vai dá no quê?

— Se o dr. Robinson morrê, eu acho que vai dá em forca.

— Você acha mesmo?

— Ora! Eu *sei* que vai, Tom.

Tom pensou um pouco; então disse:

— Quem vai contá? A gente?

— O que tu tá falando? Vai que acontece alguma coisa e o Índio Joe não é enforcado? Ora! Ele mata nós qualquer hora dessa, tão certo quanto nós tamo estirado aqui agora.

— Isso é bem o que eu tava pensando com meus botão, Huck.

— Se alguém contá que seja o Muff Potter, se ele for tão bobo assim. Ele tá quase sempre de cara cheia.

Tom não disse nada — continuou pensando. Então sussurrou:

— Huck, o Muff Potter não sabe. Como é que ele vai contá?

— E por que é que ele não sabe?

— Porque ele tinha acabado de recebê aquela paulada quando o Índio Joe fez aquilo. Você acha que ele conseguiu vê alguma coisa? Você acha que ele sabia de alguma coisa?

— Caramba! É isso mesmo, Tom!

— E tem mais... vai vê que aquela paulada acabou com a raça *dele*!

— Não, eu acho que não, Tom. Ele tava com bebida no bucho; eu logo vi, e além disso ele sempre tá com bebida no bucho. Pois é, quando o meu pai tá de cara cheia a gente pode pegá e acertá a cabeça dele com um pau que ele nem se abala. Ele mesmo fala isso. Daí é a mesma coisa com o Muff Potter, de certeza. Mas se o cara tá sóbrio, vai vê que uma paulada daquela acaba com a raça dele; sei lá eu.

Depois de outro silêncio reflexivo, Tom disse:

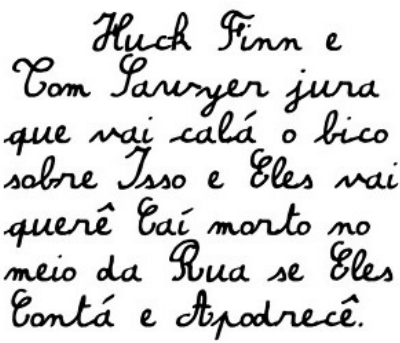
— Hucky, você tem certeza que vai ficá de bico calado?

— Tom, a gente *tem* que ficá de bico calado. Tu sabe disso. Aquele demônio Índio é capaz de afogá nós como que quem afoga dois gato se a gente der com a língua nos dente e eles não enforcá ele. Agora escuta aqui, Tom, vamo jurá um pro outro... é isso que nós temo que fazê... jurá calá o bico.

— Eu topo. É a melhor coisa. Você quer apertá a minha mão e jurá que nós...

— Ai, não, isso não funciona nesse caso. Isso é bom pra coisinha boba... mais de garota, porque *elas* acaba dedurando a gente e desembucha tudo se elas fica amuada... tem que sê escrito, pra coisa importante como essa. E com sangue.

Tom aplaudiu de corpo inteiro essa ideia. Era profunda, sombria e terrível; a hora, as circunstâncias, o ambiente condiziam com aquilo. Ele pegou uma telha de pinho limpa que jazia ao luar, retirou do bolso uma pedrinha de minério de ferro vermelho, convocou a colaboração da lua e rabiscou, arduamente, algumas linhas, enfatizando, com um aperto da língua entre os dentes, cada traço feito para baixo e diminuindo a pressão nos traços para cima.



Huckleberry ficou admirado com a destreza de Tom na escrita e com a grandiosidade da linguagem. Imediatamente tirou um alfinete da lapela e estava prestes a picar a própria pele quando Tom disse:

— Pera aí! Não faz isso. Alfinete é latão. Pode tê azinhave.[37]

— O que é azinhave?

— É veneno. É isso que é. Engole só um pouco... pra tu vê.

Então Tom removeu a linha de uma das agulhas presas à sua lapela, e cada garoto espetou a ponta do polegar e espremeu uma gota de sangue. Lentamente, e depois de várias espremidas, Tom conseguiu assinar suas iniciais, utilizando a ponta do dedo mínimo como caneta. Em seguida, ele mostrou a Huckleberry como fazer um H e um F, e o juramento foi completado. Enterraram a telha perto da parede, com alguns protocolos e encantamentos lúgubres, e os grilhões que prendiam suas línguas foram considerados trancados e a chave jogada fora.

Um vulto se esgueirou furtivamente por uma abertura na outra extremidade do prédio em ruínas, mas eles não perceberam.

— Tom — sussurrou Huckleberry —, isso aí proíbe nós de contá... pra *sempre*?

— Claro que sim. Não importa *o que* acontecê, a gente tem que ficá de bico calado. Senão a gente cai duro... *tu* já não sabe disso?

— Sei, acho que é isso mesmo.

Eles continuaram a cochichar por algum tempo. Em seguida, um cachorro emitiu um uivo demorado e lúgubre do lado de fora, a três metros deles. Os dois se abraçaram mais que depressa, agoniados de pavor.

— Qual de nós ele tá querendo? — Huckleberry engasgou.

— Sei lá eu... espia pela fenda. Depressa!

— Não, *espia* tu, Tom!

— Eu não guento... eu não guento, Huck!

— Por favor, Tom. Escuta só, ele uivou de novo!

— Ai, graças a Deus! — sussurrou Tom. — Eu conheço essa voz. É o Bull Harbison.[38]

— Ai, que bom... vou te falá, Tom, eu tava morrendo de medo; eu podia apostá qualquer coisa que era algum *vira-lata*.

O cão uivou novamente. Os corações dos meninos pesaram mais uma vez.

— Ai, meu Deus! Não é nada do Bull Harbison! — cochichou Huckleberry. — *Espia*, Tom!

Tom, tremendo de medo, cedeu e colou o olho na fenda. Seu sussurro foi quase inaudível quando ele disse:

— Ai, Huck, *é um vira-lata*!

— Depressa, Tom, depressa! Quem é que ele tá querendo?

— Huck, ele deve tá querendo nós dois... nós tamo um do lado do outro.

— Ai, Tom, eu acho que nós tamo ferrado. Eu acho que não tem dúvida pra onde *eu vou*. Eu sou muito ruim.

— Deus do céu! Isso é o que dá matá aula e fazê tudo o que eles fala pra gente *não* fazê. Eu podia sê bom que nem o Sid, era só eu querê... mas não, eu não podia, é claro. Mas se eu escapá dessa, eu digo que *vou dá tudo* de mim nas aula da escola dominical! — e Tom começou a fungar um pouco.

— *Você*, ruim?! — e Huckleberry também começou a fungar. — Diacho! Tom Sawyer, tu é um santo perto do que eu sou. Ai, meu Deus, meu Deus, meu Deus, eu queria tê a metade das tuas chance.

Tom engasgou e sussurrou:

— Olha, Hucky, olha! Ele tá *de costa* pra nós!

Hucky olhou, com alegria no coração.

— Pois é, ele tá mesmo, puxa vida! Ele tinha feito isso antes?

— Tinha sim. Mas eu, que nem um bobão, não me dei conta. Ai, isso é bom à beça, tu sabe disso. *Agora*, quem será que ele tá querendo?

O uivo parou. Tom apurou os ouvidos.

— Shhh! O que é isso? — ele sussurrou.

— Parece... grunhido de porco. Não... é alguém roncando, Tom.

— *Isso mesmo!* De onde tá vindo isso, Huck?

— Eu acho que tá lá no outro canto. É o que parece, pelo meno. O pai costumava dormí lá às vez, junto com os porco, mas Deus abençoe, ele chega a levantá as coisa quando ronca. Mas eu acho que ele nunca mais vai voltá aqui nessa cidade.

Mais uma vez, o espírito da aventura despontou nos meninos.

— Hucky, tu tem corage de me seguí, se eu saí na frente?

— Eu não tô gostando nada disso. Tom, e se for o Índio Joe?

Tom retrocedeu. Mas logo a tentação voltou a crescer, e os meninos concordaram em arriscar combinando que sairiam correndo caso o ronco parasse. Então seguiram com cautela, na ponta dos pés, um atrás do outro. Quando chegaram a cinco passos do roncador, Tom pisou em um graveto, que se quebrou com um estalo. O homem gemeu, contorceu-se um pouco e seu rosto apareceu sob o luar. Era Muff Potter. Os corações dos meninos estacaram, e suas esperanças também, no momento que o homem se mexeu, mas o medo agora tinha passado. Saíram na ponta dos pés, seguiram pela platibanda danificada e pararam a uma pequena distância, a fim de trocar uma palavra de despedida. Aquele uivo demorado e sinistro se projetou no ar da noite de novo! Eles se viraram e contemplaram o cão estranho parado a poucos metros de onde Potter estava deitado, e *de frente* para Potter, com o focinho apontando para o céu.

— Ai, caramba, é *ele*! — exclamaram os dois meninos, em uníssono.

— Qué sabê, Tom, tão falando que um vira-lata chegou uivando perto da casa do Johnny Miller, quase meia-noite, fazem duas semana; e um bacurau entrou, pousou no corrimão da escada e cantou na mesma noite; e ainda não morreu ninguém por lá.

Perturbando o sono de Muff.

— Pois é, eu tô sabendo. E acho que ainda não morreu mesmo. Mas a Gracie Miller não caiu em cima do fogo na cozinha e se queimou toda no sábado seguinte?

— Caiu, mas não *morreu*. E tem mais... ela tá até melhorando.

— Tudo bem, espera só pra você vê. Ela tá ferrada, com a mesma certeza que o Muff Potter tá ferrado. É o que os preto diz, e eles sabe tudo dessas coisa, Huck.

Depois separaram-se, pensativos. Quando Tom entrou sorrateiramente pela janela de seu quarto, a noite estava quase chegando ao fim. Ele se despiu com máxima cautela e adormeceu, congratulando-se por ninguém saber de sua aventura. Não percebeu que Sid, roncando suavemente, estava acordado — e havia uma hora.

Quando Tom despertou, Sid já tinha se vestido e saído. Havia uma aparência tardia na luminosidade, uma sensação tardia na atmosfera. Tom se assustou. Por que não tinha sido chamado — importunado até acordar, como sempre? Aquilo o encheu de pressentimentos. Em cinco minutos, ele já se vestira e estava no andar de baixo, sentindo-se dolorido e sonolento. A família ainda estava à mesa, mas tinha terminado o café da manhã. Não houve voz de repreensão; mas houve olhares desviados; um silêncio e um ar de solenidade provocaram um

calafrio no coração do culpado. Ele se sentou e tentou parecer alegre, mas foi inútil; o esforço não despertou nenhum sorriso, nenhuma resposta, e ele caiu em silêncio e deixou o coração mergulhar nas profundezas.

Depois do desjejum, a tia o chamou e Tom quase se animou, na esperança de levar uma surra; mas não foi assim. A tia chorou e perguntou como ele era capaz de magoar seu velho coração daquele jeito; e por fim disse-lhe que continuasse do mesmo jeito, e que se arruinasse e levasse os cabelos grisalhos dela, com tristeza, para o túmulo, pois não adiantava mais tentar corrigi-lo. Aquilo era pior do que mil chibatadas, e o coração de Tom começou a doer mais do que o corpo. Ele chorou, implorou perdão, prometeu várias vezes se reformar, e então foi dispensado, sentindo que havia conquistado apenas um perdão precário e estabelecido uma frágil confiança.

Retirou-se tão infeliz que sequer teve vontade de se vingar de Sid; portanto, a fuga imediata de Sid pelo portão dos fundos era desnecessária. Tom foi para a escola, cabisbaixo e triste, e apanhou, ao lado de Joe Harper, por terem matado aula no dia anterior, com ar de alguém cujo coração estava ocupado com aflições mais graves e que se mostrava absolutamente insensível diante de trivialidades. Depois dirigiu-se à sua carteira, apoiou os cotovelos no tampo da mesa e o queixo nas mãos e olhou para a parede com o semblante pétreo, revelando um sofrimento extremo. Seu cotovelo pressionava algo duro. Passado algum tempo, ele mudou de posição, lenta e melancolicamente, e pegou o objeto com um suspiro. Estava embrulhado em um papel. Ele o desembrulhou. Um suspiro longo, prolongado e colossal se seguiu, e o coração de Tom se partiu. Era o castão de metal da grelha da lareira!

Essa palha quebrou o dorso do camelo.[39]

perto do meio-dia, o vilarejo inteiro já estava eletrizado com a notícia horrenda. Não havia necessidade do telégrafo ainda não sonhado; a história correu de homem em homem, de grupo em grupo, de casa em casa, com velocidade quase telegráfica. É claro que o mestre-escola decretou feriado naquela tarde; o vilarejo teria estranhado se ele não fizesse aquilo.

Uma faca suja de sangue havia sido encontrada perto do homem assassinado e reconhecida por alguém como pertencente a Muff Potter — assim a história correu. E dizia-se que um cidadão notívago tinha visto Potter se lavando no regato por volta de uma ou duas horas da madrugada, e que Potter fugira imediatamente — circunstâncias suspeitas, sobretudo o banho, que não era de seu feitio. Dizia-se também que o vilarejo fora vasculhado na busca pelo assassino (o público não tarda em filtrar uma notícia e chegar a um veredicto), mas ele não tinha sido localizado. Homens a cavalo haviam partido por todas as estradas, em todas as direções, e o xerife estava confiante de que a captura ocorreria antes do anoitecer.

Todo o povoado se dirigiu ao cemitério. O desgosto de Tom desapareceu e ele se juntou à procissão, não porque não preferisse mil vezes ir a qualquer outro lugar, mas porque um fascínio terrível e inexplicável o atraía. Chegando ao local pavoroso, ele espremeu o corpo miúdo pelo meio da multidão e contemplou o espetáculo medonho. Pareceu-lhe que fazia séculos que estivera ali. Alguém beliscou seu braço. Ele se virou e seus olhos encontraram os de Huckleberry. Então, imediatamente, eles desviaram os rostos e se perguntaram se alguém teria notado algo naquela troca de olhares. Mas todos falavam, concentrados no espetáculo apavorante.

"Pobre coitado!"; "Pobre rapaz!"; "Que isso sirva de lição pra tudo que é ladrão de túmulo!"; "O Muff Potter vai sê enforcado por causa disso, se

pegarem ele!”. Esses eram os comentários predominantes. E o pastor disse:

— Foi um julgamento; a mão Dele tá presente aqui.

Tom então estremeceu da cabeça aos pés, pois seu olhar pousou no semblante impassível do Índio Joe. Nesse momento, a multidão começou a se alvoroçar, acotovelando-se, e vozes gritaram:

— É ele! É ele! Ele tá vindo, em carne e osso!

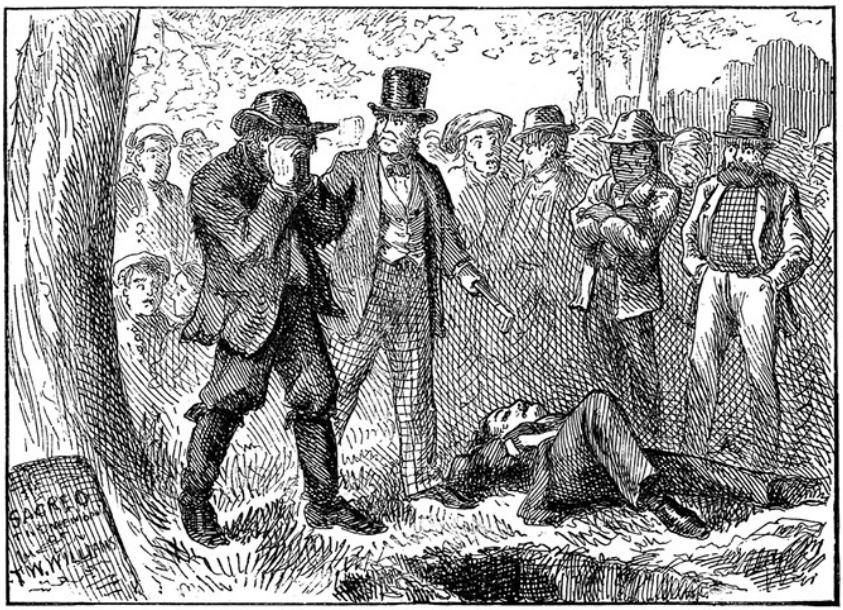
— Quem? Quem? — vinte vozes disseram.

— O Muff Potter!

— Olha lá! Ele parou! Vejam, ele tá dando meia-volta! Não deixem ele escapar!

Pessoas que estavam nos galhos das árvores acima da cabeça de Tom disseram que ele não estava tentando fugir; parecia apenas hesitante e desnorteado.

— Descaramento dos inferno! — exclamou um espectador. — Ele queria chegá até aqui pra dá uma olhada no serviço que ele fez, eu acho... e não esperava dá de cara com ninguém.



As duas vítimas do Índio Joe.

A multidão abriu caminho e o xerife apareceu, trazendo, ostensivamente, Potter pelo braço. O rosto do pobre sujeito estava abatido, e os olhos exibiam o medo que ele sentia. Diante do homem

assassinado, ele tremeu, levou as mãos ao rosto e chorou.

— Não fui eu, meus amigo — ele soluçou. — Palavra de honra, eu não fiz aquilo.

— Quem te acusou? — gritou uma voz.

O golpe foi mais do que certeiro. Potter ergueu o rosto e olhou ao redor, com uma desesperança patética estampada nos olhos. Viu o Índio Joe e exclamou:

— Ai, Índio Joe, tu me prometeu que nunca ia...

— Essa faca é tua? — e o objeto foi colocado diante dele pelo xerife.

Potter teria caído estatelado se não o tivessem amparado antes que atingisse o solo. Então ele disse:

— Alguma coisa me dizia pra mim não voltá aqui pra buscá... — Ele estremeceu; em seguida, moveu uma das mãos sem o menor vigor, com um gesto de derrota, e falou: — Conta pra eles, Joe, conta pra eles... não adianta mais.

Então Huckleberry e Tom ficaram mudos e olharam atentamente, enquanto o mentiroso de coração de pedra desfiava com serenidade seu depoimento; eles esperavam que a qualquer instante o céu claro disparasse os raios de Deus sobre a cabeça do Índio Joe, e se perguntavam quanto tempo o golpe divino demoraria para ser desferido. E quando ele terminou de falar e continuava são e salvo, o impulso vacilante de quebrar o juramento e resgatar a vida do pobre prisioneiro traído diminuiu e desapareceu, pois era evidente que aquele pilantra havia se vendido a Satanás, e seria fatal se meter com uma coisa tão poderosa.

— Por que você não foi embora? Por que você quis aparecê aqui? — alguém indagou.

— Eu não pude evitá... não pude evitá — Potter gemeu. — Eu queria fugí, mas não consegui chegá em lugar nenhum, a não sê aqui. — E ele recomeçou a soluçar.

O Índio Joe repetiu seu depoimento com a mesma serenidade alguns minutos depois, já durante o inquérito e sob juramento; e os meninos, vendo que os raios continuavam retidos, confirmaram sua crença de que Joe havia se vendido ao diabo. Ele agora se tornara, para eles, o objeto mais maléfico que tinham visto na vida, e os dois não conseguiam despregar dele seus olhos fascinados. Internamente, ambos

resolveram vigiá-lo à noite, sempre que a oportunidade surgisse, na esperança de obter um vislumbre do mestre medonho que o comandava.

O Índio Joe ajudou a levantar o corpo do homem assassinado e colocá-lo em uma carroça para ser removido; e correu pela multidão trêmula o sussurro de que o ferimento ainda sangrava! Os meninos pensaram que essa feliz circunstância levaria as suspeitas na direção certa, mas se decepcionaram, visto que mais de um morador do vilarejo comentou:

— Tava a menos de um metro do Muff Potter quando deu de sangrá.[40]

O terrível segredo e a consciência torturante de Tom perturbaram seu sono durante uma semana depois disso; e certa manhã, na hora do desjejum, Sid comentou:

— Tom, você se debate e fala tanto dormindo que eu fico um tempão acordado.

Tom empalideceu e baixou os olhos.

— É mau sinal — disse tia Polly, em tom grave. — O que é que tá te aborrecendo, Tom?

— Nada. Nada que eu saiba. — Mas a mão do menino tremia tanto que ele derramou o café.

— E você fala cada coisa — disse Sid. — Na noite passada, você falou: "É sangue, é sangue, é isso que é!". E falou: "Não me atormenta desse jeito... eu vou contá!". Contá *o quê*? O que é que você vai contá?

Tom ficou completamente zonzo. Não tinha como prever o que poderia acontecer em seguida, mas felizmente a preocupação desapareceu do semblante de tia Polly, e ela, sem saber, acudiu Tom:

— De certeza! É aquele assassinato pavoroso. Eu mesma sonho com aquilo quase toda noite. Às vezes, sonho até que fui eu que fiz a coisa.

Mary afirmou que havia sido afetada da mesma forma. Sid parecia satisfeito. Tom se retirou o mais rápido que pôde e, depois disso, queixou-se de dor de dente durante uma semana e amarrou os maxilares todas as noites. Jamais soube que Sid o observava e frequentemente removia a bandagem, ouvia por um bom tempo de cada vez, apoiado no cotovelo, e mais tarde colocava a bandagem de volta no seu devido lugar. Aos poucos, a angústia mental de Tom passou, e a suposta dor de dente se tornou inconveniente e foi

descartada. Se Sid, de fato, conseguiu depreender algo dos murmúrios desconexos enunciados por Tom, guardou o conteúdo para si mesmo.

Parecia a Tom que seus colegas de escola jamais terminariam de instituir inquéritos sobre gatos mortos e, assim, a questão permanecia em sua mente. Sid percebeu que Tom nunca atuava na condição de legista em tais inquéritos, embora costumasse assumir a liderança em todas as iniciativas; percebeu, também, que Tom jamais atuava como testemunha — e isso era estranho; e Sid não deixou de notar o fato de que Tom chegava a demonstrar nítida aversão aos inquéritos, evitando-os sempre que podia. Sid ficou admirado, mas não disse nada. No entanto, os inquéritos finalmente cessaram e pararam de torturar a consciência de Tom.

A cada um ou dois dias, durante esse período de tristeza, Tom se valia de qualquer oportunidade para ir até a janela gradeada da cadeia e levar para o "assassino" pequenos agrados dos quais conseguia se apossar. A cadeia era um covil de tijolos, minguado e insignificante, situado em um brejo nos limites do vilarejo, e não havia recursos para contratar guardas; na verdade, era raramente ocupada. Os presentes ofertados contribuíam para aliviar a consciência de Tom.

Os habitantes do vilarejo tinham um forte desejo de cobrir o corpo do Índio Joe com piche e penas e amarrá-lo em uma ripa de madeira[41] devido a sua participação em roubos de cadáveres, mas o temperamento dele era tão intimidador que ninguém ousava assumir o comando da ação; assim, a ideia foi abandonada. Ele teve o cuidado de iniciar seus depoimentos no inquérito relatando a luta, sem confessar o assalto ao túmulo que a precedeu; portanto, foi considerado desnecessário levar o caso ao tribunal naquele momento.

12

uma das razões pelas quais a mente de Tom se afastou de suas preocupações secretas é que ele passou a se interessar por um assunto novo e importante. Becky Thatcher havia parado de frequentar a escola. Tom lutou com seu orgulho ferido durante alguns dias, tentando esquecer a garota, mas não conseguiu. Surpreendia-se rondando a casa do pai de Becky à noite, sentindo-se infeliz. Ela estava doente. E se morresse?! Tal pensamento era perturbador. Ele já não se interessava por guerra, nem mesmo por pirataria. O encanto da vida tinha desaparecido; só restava tristeza. Ele guardou o aro e o bastão; já não havia graça nos brinquedos. Sua tia ficou preocupada. Começou a experimentar todos os tipos de medicamentos nele. Era uma daquelas pessoas apaixonadas por remédios patenteados e métodos inovadores de gerar ou restaurar saúde. Estava sempre disposta a experimentá-los. Quando algo novo era lançado no mercado, ela imediatamente ansiava por testar; não em si mesma, pois jamais adoecia, mas em qualquer um que estivesse por perto. Era assinante das mais diversas publicações sobre "Saúde" e todo tipo de fraude frenológica,[42] e a solene ignorância que costumava inflar tais impressos era música para seus ouvidos. Toda a baboseira que continham sobre respiração, e como se deitar, e como se levantar, e o que comer, e o que beber, e quanto exercício fazer, e que estado de espírito manter, e que tipo de roupa usar era evangelho para ela, que jamais se deu conta de que os periódicos do mês corrente costumavam contradizer tudo o que haviam recomendado no mês anterior. Era simplória e honesta demais, sendo, portanto, uma presa fácil. Ela reunia suas revistas charlatãs e seus remédios charlatães e, assim, armada qual a morte, circulava em seu cavalo branco, metaforicamente falando, "seguida pelo mundo dos mortos".[43] Mas nunca suspeitou que, para os vizinhos sofredores, não era um anjo da cura nem o bálsamo de Gileade.[44]

O tratamento à base de água era uma novidade, e as precárias condições de saúde de Tom foram, para tia Polly, uma sorte inesperada. Ela o tirava de casa assim que raiava o dia, todas as manhãs, levava-o até o galpão de guardar lenha e o afogava em um dilúvio gelado; depois o esfregava com uma toalha que mais parecia uma lixa, e assim o revigorava; em seguida, enrolava-o em um lençol molhado e o enfiava embaixo dos cobertores até que a alma dele suasse e ficasse limpa, e "as manchas amareladas saíssem pelos poros", como Tom dizia.

No entanto, apesar de tudo isso, o menino ficou cada vez mais melancólico, pálido e abatido. Ela acrescentou banhos quentes de imersão, banhos de assento, banhos de chuveiro e mergulhos. O menino permanecia tão soturno quanto um carro fúnebre. Ela passou a combinar o tratamento com água a uma dieta leve à base de aveia e à aplicação de emplastros. Tia Polly calculou a capacidade de armazenamento de Tom como se fosse uma jarra, e o enchia diariamente com charlatanices curativas.

Àquela altura, Tom já se tornara indiferente a qualquer tormento. Essa fase encheu de mágoa o coração da velha senhora. Aquela indiferença precisava ser remediada a qualquer custo. Pouco tempo depois, pela primeira vez, ela ouviu falar em analgésico. E logo encomendou uma grande quantidade. Ao experimentar o medicamento, foi tomada pela gratidão. Aquilo era simplesmente fogo em forma líquida, de tanto que ardia na língua. Abandonando o tratamento com água e tudo o mais, tia Polly concentrou sua fé no analgésico. Deu a Tom uma colherada e observou, com a mais profunda ansiedade, o resultado. Os problemas cessaram na mesma hora, e a alma de tia Polly voltou a ter paz, uma vez que a "indiferença" do sobrinho foi curada. O menino não poderia ter demonstrado um ânimo mais selvagem e sincero se ela tivesse acendido uma fogueira debaixo dele.

Tom sentiu que era hora de despertar; aquele tipo de vida podia até ser romântico, em meio a tanta prostração, mas começava a faltar sentimento e sobrar incômodo. Ele então considerou alguns planos para se livrar da situação e, por fim, resolveu afirmar que gostava do analgésico. Passou a solicitar o medicamento com tamanha frequência que se tornou uma amolação, e a tia acabou deixando que se servisse à

vontade e parasse de perturbá-la. Se fosse Sid, ela não teria nenhum receio de ceder algo que lhe era tão caro; mas, tratando-se de Tom, ela vigiava o frasco clandestinamente. E constatou que a quantidade do remédio, de fato, diminuía; não lhe ocorreu, porém, que o menino estivesse cuidando da saúde de uma fenda no piso da sala de estar.

Um dia, Tom estava prestes a ministrar o medicamento à fenda quando o gato alaranjado de sua tia apareceu, ronronando, cobiçando a colher de chá e implorando uma prova. Tom disse:

— Não fica pedindo, a não sê que você queira mesmo, Peter.

E Peter deu a entender que queria.

— É melhor você tê certeza.

Peter tinha certeza.

— Agora você pediu e eu vou te dá, porque dentro de mim não existe ruindade; mas se você descobrí que não gostou, não vai podê culpá ninguém, só você mesmo.

Peter estava de acordo. Então Tom abriu a boca do gato e derramou o analgésico. Peter saltou a dois metros de altura, emitiu um urro de guerra e saiu dando voltas e mais voltas pela sala, esbarrando na mobília, derrubando vasos de flores e causando um pandemônio geral. Em seguida, ergueu-se nas patas traseiras e empinou, frenético, com a cabeça reclinada sobre os ombros e a voz proclamando um arroubo incontrolável. Depois correu de novo pela casa, espalhando caos e destruição pelo caminho. Tia Polly entrou a tempo de vê-lo dar algumas cambalhotas duplas, soltar um guincho derradeiro e poderoso e voar pela janela aberta, levando consigo o restante dos vasos de flores. A velha senhora ficou petrificada de espanto, espiando por cima dos óculos; Tom estava estirado no chão, morrendo de rir.

— Tom, que diacho deu nesse gato?

— Eu sei lá, tia — disse o menino, engasgado.

Diversão generalizada.

— Ora! Eu nunca vi disso na vida. O que foi que fez ele agir desse jeito?

— De verdade, eu não sei, tia Polly; os gato sempre age desse jeito quando tão se divertindo.

— Ai, é mesmo? — algo no tom de voz da tia deixou Tom apreensivo.

— Sim, senhora. Pelo meno, eu acho que sim.

— Você *acha*?

— Sim, senhora.

A velha senhora estava curvada, e Tom a observava com o interesse exacerbado pela ansiedade. Tarde demais, ele percebeu o intuito da tia. O cabo da colher de chá delatora estava visível sob a franja da colcha que cobria a cama. Tia Polly pegou a colher e a ergueu. Tom estremeceu e baixou os olhos. Tia Polly o catou pelo lugar de sempre — a orelha — e lhe desferiu um sonoro cascudo com o dedal.

— Agora, senhor, por que foi que você tratou o pobre animal daquele jeito?

— Eu fiz porque tava com pena dele... porque ele não tem nenhuma tia.

— Não tem nenhuma tia?!... Seu tolo. O que é que isso tem a ver?

— Tudo. Porque se ele tivesse uma tia, ela mesma queimava ele! Ela mesma assava as tripa dele, sem tê pena, como se ele fosse gente!

Tia Polly sentiu uma pontada de remorso. Isso colocava a coisa sob uma nova luz; o que era crueldade com um gato *talvez* fosse crueldade com um menino também. Ela começou a amolecer; e se arrependeu. Seus olhos lacrimejaram um pouco, e ela pousou a mão sobre a cabeça de Tom e disse, com ternura:

— Eu queria o teu bem, Tom. E, Tom, aquilo *fez bem* pra você.

Tom olhou para o rosto dela, com um brilho quase imperceptível espreitando através de seu ar grave.

— Eu sei que a senhora queria o meu bem, titia, e eu também queria o bem do Peter. Aquilo fez bem *pra ele* também. Eu nunca vi ele corrê tanto desde que...

— Ai, cai fora daqui, Tom, antes que você me irrite de novo. E vê se consegue ser um bom menino pelo menos uma vez na vida e não tenha mais que tomar remédio nenhum.

Tom chegou cedo à escola. Percebeu-se que, ultimamente, aquela conduta estranha ocorria todos os dias. E agora, como vinha acontecendo, ele ficou rondando o portão do pátio em vez de brincar com os colegas. Alegou que estava doente, e assim aparentava. Fingia estar olhando para todo e qualquer lugar, menos para onde realmente olhava — rua abaixo. Logo Jeff Thatcher surgiu ao longe, e o semblante de Tom se iluminou; ele fixou o olhar por um momento e então se virou com tristeza. Quando Jeff chegou, Tom o abordou e cautelosamente conduziu a conversa a fim de ensejar comentários sobre Becky, mas o garoto atrapalhado sequer notou a isca. Tom observava com atenção, enchendo-se de esperança sempre que um vestido saltitante aparecia e odiando a dona do vestido assim que constatava que não era a pessoa certa. Por fim, os vestidos cessaram de aparecer e ele desabou, sem esperança; depois, entrou na escola vazia e se sentou pronto para sofrer. Em seguida, mais um vestido passou pelo portão, e o coração de Tom deu um grande salto. No instante seguinte, ele saiu e começou a agir como um índio, gritando, rindo, perseguindo meninos, pulando a cerca, com risco de morrer ou se mutilar, dando cambalhota e plantando bananeira — realizando todos os atos heroicos imagináveis e olhando meio de lado, o tempo todo, para ver se Becky Thatcher prestava atenção. Mas ela parecia indiferente a tudo e não olhava. Seria possível que não percebesse que ele estava ali? Tom levou suas façanhas

cada vez mais para perto dela; apareceu dando gritos de guerra, agarrou o boné de um garoto e o jogou no telhado da escola, atravessou pelo meio de um grupo de meninos, empurrando-os em todas as direções, e caiu estatelado, bem embaixo do nariz de Becky, quase a derrubando; mas ela se virou, com o queixo empinado, e ele a ouviu dizer:

— Ora! Tem gente que se acha muito esperta... sempre se exibindo!

As bochechas de Tom arderam. Ele se recompôs e saiu de mansinho, arrasado e cabisbaixo.

13

tom havia decidido. Estava deprimido e desiludido. Era um menino esquecido e sem amigos, dizia ele; ninguém o amava; quando descobrissem ao que o tinham levado, talvez se arrependessem; esforçara-se para fazer o certo e ser bondoso com as pessoas, mas não o deixaram; visto que nada os satisfaria, exceto se livrar dele, que assim fosse; e que *o* culpassem pelas consequências — por que não? Que direito tinha um indivíduo sem amigos de reclamar? Sim, eles o haviam forçado: dedicaria a vida ao crime. Não restava opção.

Àquela altura, ele já seguia ao longe, descendo pela Meadow Lane, e a sineta para entrar na escola tilintou debilmente em seu ouvido. Ele agora soluçava, pensando que nunca, nunca mais ouviria aquele som tão conhecido — era uma situação muito difícil, mas tinha sido imposta a ele; como havia sido banido para um mundo cruel, era obrigado a se submeter —, mas ele os perdoava. Então os soluços se tornaram mais profundos e frequentes.

Naquele instante, deparou-se com seu amigo declarado, Joe Harper, que exibia um olhar sofrido e, decerto, tinha em seu coração algum propósito nobre e sombrio. Era evidente que ali estavam duas almas com um só pensamento. Tom, enxugando os olhos com a manga da camisa, começou a balbuciar algo sobre a decisão de fugir do abuso e da falta de compreensão a que era submetido em casa e sair perambulando pelo vasto mundo, para nunca mais voltar; e concluiu afirmando que esperava que Joe não o esquecesse.[45]

Mas ficou claro que era o mesmo pedido que Joe estava prestes a fazer a Tom, e que o amigo viera procurá-lo para isso. A mãe o castigara por ele ter comido uma manteiga de nata na qual ele jamais tocara e da qual nada sabia; era evidente que ela estava farta e queria que ele fosse embora; se ela se sentia assim, não restava a ele nenhuma opção a não ser se submeter; Joe esperava que ela fosse feliz e que nunca se

arrependesse de ter jogado o pobre filho no mundo cruel, onde ele haveria de padecer e morrer.

Enquanto caminhavam infelizes, os dois meninos firmaram um novo pacto de ficarem lado a lado e serem irmãos e nunca se separarem até que a morte os livrasse de seus problemas. Então começaram a traçar planos. Joe pretendia ser eremita, sobreviver à base de migalhas em alguma caverna longínqua e morrer de frio, privação e tristeza; mas depois de ouvir Tom admitiu que havia vantagens evidentes em uma vida dedicada ao crime e, portanto, consentiu em ser pirata.

Cerca de cinco quilômetros abaixo de Saint Petersburg, em um ponto onde o rio Mississippi[46] tinha quase dois quilômetros de largura, havia uma ilha comprida, estreita e arborizada, com um pontal raso, que propiciava um bom ponto de encontro. Não era habitada; ficava distante, próxima à margem oposta, junto a um matagal denso e quase despovoado. Assim, a ilha Jackson foi escolhida.[47] Quem seriam os alvos da pirataria foi uma questão que não lhes ocorreu. Em seguida, foram atrás de Huckleberry Finn, e ele se juntou à dupla na mesma hora, pois para Huck todas as carreiras davam no mesmo; era indiferente. Logo depois separaram-se, tendo combinado de se encontrar em um local ermo à beira-rio três quilômetros acima do vilarejo na hora favorita — à meia-noite. Havia no local uma pequena balsa de toras que pretendiam capturar. Cada um traria anzóis e linhas e todas as provisões que pudessem furtar do modo mais sorrateiro e misterioso — conforme convinha a três fora da lei. E antes que a tarde findasse eles conseguiram desfrutar da doce glória de espalhar o boato de que em breve o vilarejo "ia tê uma surpresa". Todos os que receberam essa vaga mensagem foram advertidos a "calá o bico e esperá".

Por volta da meia-noite, Tom chegou trazendo um presunto cozido e algumas bugigangas; parou em meio à vegetação rasteira e densa sobre um pequeno barranco de onde se avistava o local do encontro. A única luminosidade era propiciada pelas estrelas, e estava tudo muito quieto. O rio imponente jazia como um oceano em repouso. Tom apurou o ouvido, mas nenhum som perturbava o silêncio. Em seguida, ele emitiu um assobio baixo e marcante. Foi respondido de algum ponto ao pé do barranco. Assobiou mais duas vezes; os sinais foram respondidos da mesma maneira. Então uma voz de sentinela disse:

— Quem tá aí?

— Tom Sawyer, o Vingador Negro do Mar do Caribe. Fala aí os nome de vocês.

— Huck Finn, o Mão-Vermelha, e Joe Harper, o Terror dos Mares.

Tom havia provido tais títulos, inspirado em sua literatura favorita.

— Tudo bem. Fala aí a contrassenha.

Dois sussurros roucos transmitiram a mesma palavra terrível, em uníssono, à noite lúgubre:

— *Sangue!*

Então Tom rolou o presunto barranco abaixo e desceu atrás dele, rasgando a pele e as roupas com o atrito. Havia uma trilha fácil e aprazível ao longo da margem, ao pé do barranco, mas a trilha carecia de dificuldade e perigo, atributos muito valorizados por um pirata.

O Terror dos Mares trouxera consigo um grande pedaço de toucinho, e o esforço de transportá-lo até ali quase o esgotara. Finn, o Mão-Vermelha, tinha furtado uma frigideira e uma porção de folhas de tabaco semicurado, além de alguns sabugos de milho para fazer cachimbos. Mas nenhum dos piratas fumava ou mascava, a não ser ele próprio. O Vingador Negro do Mar do Caribe disse que não teria o menor cabimento iniciar a reunião sem antes acenderem uma fogueira. Era uma ideia sábia; mas fósforos eram praticamente desconhecidos por lá naquele tempo. Eles viram uma fogueira queimando em uma grande balsa, cem metros acima, e seguiram discretamente até lá, onde pegaram um tição. Transformaram a operação em uma aventura nobre, dizendo "Shhh!" de vez em quando e, de súbito, detendo-se e levando um dedo ao lábio; avançando com punhais imaginários nas mãos; cochichando ordens sombrias de que se "o inimigo" se movesse, "que fosse espetado até o cabo", porque "defunto não dá com a língua nos dente". Sabiam muito bem que os balseiros estavam todos no vilarejo, fazendo compras ou farreando, mas isso não era desculpa para se conduzirem de forma "não pirática".

Portanto lançaram-se à água, com Tom no comando, Huck no remo de ré e Joe no de vante. Tom se manteve à meia-nau, com o cenho franzido e os braços cruzados, e expedia ordens por meio de sussurros baixos e severos:

— Vamo orçá[48] e pegá a linha do vento!

— Sim... sim, senhor!

— Firme, firme-e-e-e!

— Tá firme, senhor!

— Soltem aí um ponto![49]

— Um ponto, senhor!

À medida que os meninos mantinham a balsa em um curso constante e monótono até o meio do rio, ficou evidente que as ordens eram dadas apenas por questão de estilo e não tinham a intenção de significar nada em particular.

— Que velas vocês têm aí?

— Mestra, mezena e bujarrona,[50] senhor.

— Icem a vela do mastaréu![51] Vamo, aí em cima, meia dúzia de vocês... Marujos da gávea![52] Animação aí!

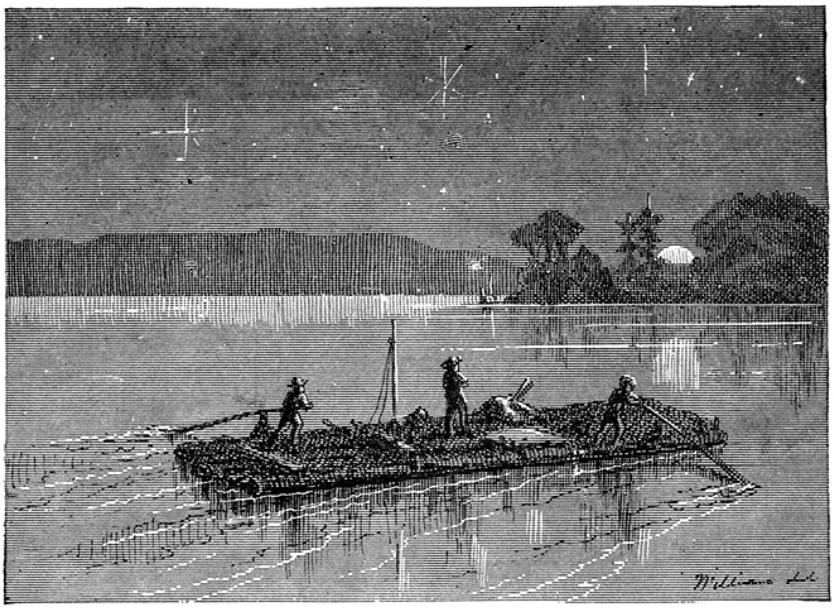
— Sim... sim, senhor!

— Sacudam bem a mestra! Escotas e estais![53] *Agora*, meus bravos camarada!

— Sim... sim, senhor!

— Vamo, vamo! Todos a bombordo! Aguentem firme! A bombordo, a bombordo! *Agora*, camaradas! Com vontade! Firme-e-e-e!

— Tá firme, senhor!



A bordo de seu primeiro butim.

A balsa passou do meio do rio; os garotos apontaram a proa na direção certa e largaram os remos. O rio não estava cheio, portanto a velocidade da correnteza não excedia três ou quatro quilômetros por hora. Quase nenhuma palavra foi dita durante quarenta e cinco minutos. Agora a balsa passava diante do vilarejo longínquo. Duas ou três luzes cintilantes indicavam a localização do povoado, adormecido placidamente, além da vasta e vaga extensão de água repleta de estrelas, sem tomar conhecimento do tremendo evento que ocorria. O Vingador Negro continuava de braços cruzados, "lançando um último olhar" para o cenário de suas alegrias de outrora e seus sofrimentos recentes e desejando que "ela" pudesse vê-lo agora, no mar bravio, enfrentando perigo e morte, com o coração destemido, correndo para seu próprio fim com um sorriso taciturno nos lábios. Bastou um pequeno esforço de sua imaginação para afastar a ilha Jackson do alcance da visão do vilarejo, e assim ele "lançou um último olhar" com o coração dilacerado, mas satisfeito. Os outros piratas também lançaram um olhar derradeiro; e tanto se demoraram nisso que quase deixaram a correnteza levá-los para fora do alcance da ilha. Mas constataram o perigo a tempo e tomaram providências para evitá-lo. Por volta das duas horas da madrugada, a balsa encalhou na barra, a cerca de duzentos metros acima do pontal da ilha, e eles fizeram várias viagens a pé até descarregarem toda a bagagem. Entre os pertences da pequena balsa havia uma vela antiga, que foi estendida por eles sobre um canto dos arbustos para servir de tenda onde abrigar suas provisões; mas eles mesmos dormiriam ao léu se o tempo estivesse bom, como convém aos fora da lei.

Acenderam uma fogueira junto a um grande tronco, vinte ou trinta passos dentro da mata escura; em seguida, fritaram um pouco de toucinho para o jantar e consumiram metade do estoque de pão de milho que tinham trazido. Parecia um lazer glorioso banquetearem-se daquela maneira primitiva e livre na mata virgem de uma ilha inexplorada e desabitada, longe dos redutos humanos, e declararam que jamais voltariam à civilização. O fogo crescente iluminava suas fisionomias e lançava um brilho avermelhado sobre os troncos das árvores que serviam de colunas para aquele templo florestal, e também sobre a folhagem envernizada e os cipós em guirlandas.

Quando a última fatia crocante de toucinho acabou e a última porção de pão de milho foi devorada, os meninos se estenderam na relva, plenos de contentamento. Poderiam ter encontrado um local mais fresco, mas não negariam a si mesmos o prazer de algo tão romântico como uma fogueira crepitante.

— Isso aqui não tá *bom demais*? — indagou Joe.

— É *doideira*! — disse Tom. — O que os garoto ia dizê se visse nós?

— Dizê? Pois é, eles ia morrê de vontade de tá aqui... né, Hucky?!

— Acho que sim — disse Huckleberry. — De qualquer jeito, pra mim tá bom. Eu não quero nada melhor que isso. Eu nunca como direito mesmo... e aqui eles não pode vim pegá no pé da gente e mandá em nós.

— Isso é que é vida pra mim — disse Tom. — A gente não tem que acordá cedo, e não tem que ir pra escola, e se lavá e toda aquela maldita baboseira. Qué sabê, pirata não tem que fazê *nada*, Joe, quando tá em terra, mas um eremita, ele tem que ficá orando o tempo inteiro, e daí não se diverte, e tá sempre sozinho daquele jeito.

— Ai, sim, é isso mesmo — disse Joe —, mas eu não tinha pensado muito no assunto, qué sabê. Prefiro muito mais sê pirata, agora que exprimentei.

— Qué sabê — disse Tom —, as pessoa não liga muito pros eremita hoje em dia como ligava nos tempo antigo, mas um pirata é sempre respeitado. E eremita tem que dormí no lugar mais duro que encontrá, e cobrí a cabeça com pano de saco e cinza, e tomá chuva, e...

— Por que é que eles cobre a cabeça com pano de saco e cinza? — perguntou Huck.

— Sei lá. Mas eles *são obrigado* a fazê isso. Os eremita sempre faz isso. Você ia tê que fazê isso se fosse eremita.

— Eu que me dane se eu ia fazê isso — disse Huck.

— Ué, como é que tu ia fazê?

— Sei lá. Mas isso eu não ia fazê.

— Ora, Huck! Você ia tê que fazê. Como é que você ia escapá?

— Ora! Eu não ia guentá. Eu fugia.

— Fugia?! Ué, que belo eremita tu *ia sê*. Tu ia sê é uma vergonha.

O Mão-Vermelha não respondeu, entretido em coisa melhor. Acabara de furar um sabugo e agora encaixava no orifício o talo de uma erva daninha, introduzia o tabaco, pressionava um carvão em brasa contra o

fornilho e soprava uma nuvem de fumaça fragrante — estava em plena flor da satisfação. Os outros piratas invejavam aquele vício majestoso e, secretamente, resolveram adquiri-lo em breve. Pouco depois, Huck perguntou:

— O que é que os pirata têm que fazê?

Tom disse:

— Ai, eles se diverte um montão... eles pega e queima os navio, apanha o dinheiro e enterra nos lugar mais medonho na ilha deles, onde tem fantasma e coisas assim pra vigiá o dinheiro, e eles mata todo mundo nos navio... faz os cara pulá de uma prancha.

— E eles leva as mulher pra ilha — falou Joe. — Mas eles não mata as mulher.

— Não — concordou Tom —, eles não mata as mulher... eles são nobre. E as mulher são sempre linda.

— E não é verdade que eles usa as ropa mais elegante?! É só ouro e prata e diamante — disse Joe, com entusiasmo.

— Quem? — indagou Huck.

— Ué! Os pirata.

Huck examinou suas próprias roupas, cabisbaixo.

— Eu acho que não tô vestido direito pra sê pirata — constatou ele, com um tom pesaroso na voz. — Mas eu só tenho essa ropa aqui.

Os outros meninos disseram que logo teriam roupas finas, assim que embarcassem em suas aventuras. Explicaram a Huck que seus trapos serviriam para começar, embora fosse costume os piratas ricos iniciarem a carreira com um guarda-roupa adequado.

Aos poucos, a conversa foi esmorecendo e a sonolência passou a tomar conta das pálpebras dos moleques abandonados. O cachimbo caiu dos dedos do Mão-Vermelha, e ele dormiu o sono dos livres de consciência e exauridos. O Terror dos Mares e o Vingador Negro do Mar do Caribe tiveram mais dificuldade para adormecer. Fizeram suas orações mentalmente e deitados, pois não havia ninguém ali para obrigá-los a se ajoelhar e rezar em voz alta; na verdade, pensaram em não fazer as preces, mas receavam chegar a tais extremos, uma vez que algum raio repentino e especial poderia ser mandado do céu. Logo em seguida, pairaram à beira do sono iminente — mas apareceu uma intrusa, que não queria ir embora. Era a consciência. Surgiu um leve

medo de que tivessem feito mal em fugir de casa; e depois pensaram no toucinho furtado, o que resultou, então, em uma verdadeira tortura. Tentaram argumentar, lembrando à consciência de que haviam furtado doces e maçãs inúmeras vezes, mas ela não aceitava ser apaziguada por tênues plausibilidades; no final das contas, parecia-lhes que não havia como contornar o fato de que pegar doces era apenas "fisgar", ao passo que pegar toucinho, presunto e outros objetos de valor era, sem dúvida, *furtar* — e havia um mandamento contra isso na Bíblia. Assim, tomaram internamente a decisão de que, enquanto permanecessem no negócio, seus atos de pirataria não seriam mais maculados com o crime de furto. Então a consciência concedeu uma trégua, e aqueles piratas estranhamente incoerentes caíram no sono e em paz.

14

quando acordou, de manhã cedo, Tom se perguntou onde estava. Sentou-se, esfregou os olhos e olhou ao redor. Então compreendeu. Era a madrugada fria e cinzenta e havia uma sensação deliciosa de repouso e paz na imobilidade e no silêncio profundo que permeavam a mata. Nenhuma folha se mexia; nenhum som se intrometia na grande meditação da Natureza. Gotas de orvalho pairavam como miçangas sobre as folhas e a relva. Uma camada branca de cinzas cobria a fogueira, e um fino sopro azulado de fumaça subia direto pelo ar. Joe e Huck ainda dormiam.

Então bem longe, na mata, um pássaro cantou; outro respondeu; logo se ouviu o martelar de um pica-pau. Lentamente, o cinza frio e turvo da manhã embranqueceu e, também lentamente, os sons se multiplicaram e a vida se manifestou. A maravilha da Natureza, espantando o sono e começando a trabalhar, revelou-se para o menino pensativo. Uma pequena lagarta verde veio rastejando sobre uma folha orvalhada, erguendo de vez em quando dois terços de seu corpo no ar, farejando, e depois retomando seu caminho — a lagarta estava "assuntando", conforme Tom dizia; e quando ela se aproximou espontaneamente ele ficou imóvel feito uma pedra, suas esperanças aumentando ou diminuindo conforme a criatura viesse em sua direção ou parecesse inclinada a tomar outro rumo; e quando a lagarta por fim estacou por um instante doloroso com o corpinho curvado no ar, e em seguida subiu obstinada na perna de Tom e começou por ali uma jornada, o coração do menino foi tomado de felicidade, pois isso significava que ele teria uma nova muda de roupa — sem sombra de dúvida, um exuberante uniforme de pirata. Agora surgia uma procissão de formigas, vindas de nenhum lugar em particular, e se puseram a trabalhar; uma das formigas lutava bravamente, carregando nos braços uma aranha morta cinco vezes maior do que ela, e a arrastou para cima

de um tronco. Uma joaninha pintada de marrom escalou a altura vertiginosa de uma folha de relva, e Tom se abaixou perto dela e disse:

— Joaninha, joaninha, voa e sai de fininho, tua casa pegou fogo e teus filho tão sozinho.

A joaninha alçou voo e foi averiguar — o que não surpreendeu o menino, uma vez que ele sabia há muito tempo que joaninhas eram crédulas em relação a incêndios, e tal ingenuidade fora testada por ele mais de uma vez. Em seguida, um besouro rola-bosta apareceu, empurrando com vigor sua pelotinha de esterco, e Tom tocou na criatura para vê-la recolher as pernas e se fingir de morta. Àquela altura, os pássaros estavam bastante agitados. Um melro, o arremedador do Norte, pousou em uma árvore acima da cabeça de Tom e cantou, imitando as aves vizinhas, com um arroubo de alegria; em seguida desceu um gaio estridente, um lampejo de chama azul, parou em um galho quase ao alcance do menino, inclinou a cabeça para o lado e contemplou os estranhos com uma curiosidade incontida; um esquilo cinza e uma criatura grande, semelhante a uma raposa, apareceram correndo, parando em alguns momentos para olhar e conversar, pois aquelas criaturas da floresta provavelmente nunca tinham visto um ser humano e mal sabiam se deviam ou não ter medo. Toda a Natureza estava agora bem desperta e agitada; longas lanças de luz solar perfuravam a densa folhagem, longe e perto, e algumas borboletas flutuavam no cenário.

Tom cutucou os outros piratas e, em meio a uma algazarra, em um ou dois minutos, eles já estavam despidos, perseguindo-se e trombando uns com os outros nas águas límpidas e rasas de um banco de areia alva. Não sentiam a menor saudade do vilarejo adormecido a distância, do outro lado da majestosa vastidão fluvial. Uma correnteza volúvel, ou uma ligeira subida do rio, tinha carregado a balsa, mas isso só os deixava mais felizes, já que tal perda era como se a ponte existente entre eles e a civilização fosse destruída.

O banho dos piratas.

Voltaram ao acampamento mais do que revigorados, contentes e famintos; e logo a fogueira já ardia de novo. Huck encontrou uma nascente de água fresca e cristalina por perto, e os meninos improvisaram xícaras com grandes folhas de carvalho ou nogueira e constataram que a água adocicada com o exotismo daquele toque silvestre constituía um ótimo substituto para o café. Enquanto Joe fatiava o toucinho para a refeição matinal, Tom e Huck pediram que ele esperasse um minuto; então foram até um recanto promissor à margem do rio e lançaram suas linhas; quase na mesma hora veio a recompensa. Joe sequer teve tempo de ficar impaciente, pois eles logo voltaram, trazendo alguns robalos bonitos, duas percas e um pequeno bagre — provisões suficientes para uma família inteira. Fritaram tudo com toucinho e ficaram admirados, porque nunca tinham saboreado peixes tão deliciosos. Não sabiam que quanto mais depressa um peixe de água doce vai para o fogo depois de ser capturado melhor ele fica; e pouco refletiram sobre a qualidade do tempero que o sono a céu aberto, o

exercício ao ar livre, os banhos e uma boa quantidade de fome são capazes de proporcionar.

Deitaram-se à sombra após o desjejum, enquanto Huck fumava, e então partiram em expedição pela mata, no intuito de explorar a área. Caminharam alegremente por cima de troncos apodrecidos e pela vegetação rasteira emaranhada, entre as monarcas solenes da floresta, enfeitadas das copas até o solo com régios paramentos compostos por cipós. De vez em quando, deparavam-se com recantos pitorescos, forrados de relva e adornados com flores.

Encontraram muito com o que se deleitar, e nada com o que se assustar. Descobriram que a ilha tinha cerca de cinco quilômetros de comprimento e quatrocentos metros de largura, e que o ponto da costa que ficava mais próximo estava separado por um estreito cuja largura era de menos de duzentos metros. A cada hora nadavam um pouco, de modo que já era quase o meio da tarde quando voltaram ao acampamento. Estavam tão esfomeados que não pararam para pescar; se refestelaram com o presunto frio e se estiraram à sombra para conversar. A prosa, no entanto, logo começou a se arrastar, até que morreu. A quietude, a solenidade que pairava na mata e a sensação de solidão passaram a afetar o estado de ânimo dos meninos. Puseram-se a pensar. Uma espécie de ansiedade indefinida os dominou. O sentimento assumiu uma forma imprecisa, mas logo brotou a saudade de casa. Até Finn, o Mão-Vermelha, sonhava com soleiras de portas e barricas vazias. Contudo, envergonhavam-se de sua fraqueza e nenhum deles teve coragem suficiente para expressar o que sentia.

Já fazia algum tempo que tinham se dado conta de um som peculiar a distância, semelhante a um tique-taque de relógio que, às vezes, não se distingue com clareza. Mas agora o tal som misterioso havia se tornado mais nítido e forçou seu reconhecimento. Os meninos se assustaram, trocaram olhares e, então, assumiram postura de escuta. Houve um longo silêncio, profundo e ininterrupto; em seguida, um estrondo grave e sombrio veio flutuando de algum ponto longínquo.

— O que foi isso?! — exclamou Joe, baixinho.

— Eu bem que queria sabê — disse Tom, em um cochicho.

— Trovão é que não é — disse Huckleberry, admirando-se —, porque trovão...

— Escuta! — disse Tom. — Escuta... não fala.

Aguardaram por um tempo que pareceu uma eternidade, e então o mesmo estrondo abafado perturbou o silêncio solene.

— Vamo lá vê.

Deram um pulo e correram até a beira do rio voltada para o vilarejo. Afastaram as moitas na margem e espiaram por cima da água. Uma pequena balsa a vapor descia na correnteza, a cerca de um quilômetro e meio abaixo do povoado. O convés amplo parecia abarrotado de gente. Havia muitos botes tocados a remo ou descendo o rio ao redor da balsa, mas os meninos não conseguiam enxergar o que os homens faziam a bordo. Pouco depois, um grande jato de fumaça branca explodiu do costado da balsa e, conforme a fumaça se expandia e subia em uma nuvem indolente, a explosão surda voltou.

— Já sei! — exclamou Tom. — Alguém se afogou!

— É isso! — disse Huck. — Fizeram isso no verão passado, quando o Bill Turner se afogou; eles dispara bala de canhão na água, e isso faz o corpo subí pra cima. Sim, e eles pega uns pedaço de pão, põe mercúrio e bota pra boiá, e onde tem gente afogada os pão vai até lá e para.

— É, eu já ouvi falá isso — afirmou Joe. — Eu queria sabê como é que o pão sabe.

— Ai, não é tanto o pão — explicou Tom. — Eu acho que é mais o que eles *fala* pro pão antes de começá.

— Mas eles não fala nada pro pão — disse Huck. — Eu já vi, e eles não fala nada.

— Pois é, que engraçado! — comentou Tom. — Mas vai vê que eles fala pra dentro. *Claro* que fala. Qualquer um sabe disso.

Os outros dois concordaram que havia sentido no que Tom dissera, porque um pedaço de pão, ignorante e não instruído por meio de encantamento, não poderia agir de maneira tão inteligente quando designado para uma missão tão séria.

— Puxa vida! Eu queria tá lá agora — disse Joe.

— Eu também — falou Huck. — Eu dava tudo pra sabê quem foi.

Os meninos continuaram ouvindo e observando. Algum tempo mais tarde, um pensamento esclarecedor passou pela mente de Tom, e ele exclamou:

— Rapazes, eu sei quem se afogou... foi a gente!

No mesmo instante, sentiram-se como heróis. Aquilo era um triunfo retumbante; tinham dado falta deles; tinham chorado por eles; corações haviam sofrido por causa deles; lágrimas eram derramadas; lembranças acusatórias de crueldade para com aqueles pobres garotos perdidos surgiam, e lamentações e remorsos tardios eram cultivados; e, o melhor de tudo, os desaparecidos haviam se tornado o assunto do vilarejo e motivo de inveja de todos os meninos por causa daquela deslumbrante notoriedade. Isso era ótimo. Valia a pena ser pirata, afinal.

Com o avanço do crepúsculo, a balsa voltou à sua função rotineira e os botes desapareceram. Os piratas regressaram ao acampamento. Exultavam de vaidade, graças à recente grandeza e ao notável problemão que estavam causando. Pegaram alguns peixes, prepararam o jantar e comeram, e depois tentaram adivinhar o que o vilarejo pensava e falava sobre eles; e as imagens que esboçavam da angústia das pessoas por sua causa eram gratificantes — do ponto de vista deles. Mas quando as sombras da noite se fecharam, eles aos poucos foram parando de falar e se sentaram olhando para o fogo, com as mentes decerto vagando em outro lugar. Agora a empolgação se fora, e Tom e Joe não conseguiam deixar de pensar em certas pessoas em casa que não estavam aproveitando aquela bela brincadeira tanto quanto eles. Dúvidas surgiram; eles ficaram apreensivos e pesarosos; um ou dois suspiros escaparam, sem querer. Então, timidamente, Joe se arriscou a fazer uma sondagem sobre como os outros dois veriam um retorno à civilização — não agora, mas...

Tom o fulminou com escárnio. Huck, descomprometido como era, juntou-se a Tom, e o inseguro explicou-se depressa, e ficou feliz em escapar da encrenca com apenas uma pequena nódoa de saudadezinha de casa em suas roupas. O motim foi, efetivamente, posto de lado por enquanto.

À medida que a noite avançava, a cabeça de Huck começou a pender e, em breve, ele passou a roncar. Joe foi o seguinte. Tom ficou ali apoiado sobre o cotovelo, imóvel, por algum tempo, observando-os com atenção. Então se levantou com cautela, ficou de joelhos e saiu procurando algo no meio da relva e dos reflexos bruxuleantes lançados pela fogueira. Ele catou e inspecionou vários semicilindros da casca

branca e fina de um plátano e, por fim, escolheu dois que pareciam adequados. Em seguida, ajoelhou-se perto do fogo e, com dificuldade, escreveu algo sobre cada um dos semicilindros com sua pedrinha de minério de ferro vermelho; enrolou um deles e o enfiou no bolso da jaqueta, colocou o outro no chapéu de Joe, deixando-o a uma curta distância do proprietário. Também pôs dentro do chapéu alguns tesouros de colegiais cujo valor era quase incalculável — entre os quais um pedaço de giz, uma bolota de borracha da Índia, três anzóis e uma daquelas bolinhas de gude conhecidas como "cristal puro". Então caminhou na ponta dos pés no meio das árvores, até sentir que estava fora do alcance dos ouvidos dos companheiros, e saiu correndo em direção ao banco de areia.

15

poucos minutos depois, Tom estava na água rasa do banco de areia, marchando em direção à margem de Illinois.[54] Antes que o nível da água atingisse sua cintura, ele já havia percorrido metade do caminho. A correnteza não lhe permitia mais caminhar; portanto, ele nadou com confiança os cem metros restantes. Nadou subindo o rio, ziguezagueando, mas foi puxado na direção contrária mais rápido do que esperava. Contudo, conseguiu alcançar a margem e boiou até encontrar um local baixo por onde pudesse sair. Apalpou o bolso da jaqueta, constatou que o pedaço de casca de árvore estava seguro e então avançou mata adentro, seguindo pela beira do rio, com as roupas encharcadas. Pouco antes das dez horas, chegou a uma clareira do lado oposto ao vilarejo e avistou a balsa atracada à sombra das árvores e de um barranco. Tudo estava quieto sob as estrelas cintilantes. Tom desceu pela margem mais do que alerta, entrou na água, deu três ou quatro braçadas e subiu no bote que servia de escaler[55] e estava amarrado à popa da balsa. Deitou-se embaixo da bancada[56] e aguardou, ofegante.

Logo em seguida, o sino rachado soou e uma voz expediu a ordem de zarpar. Um ou dois minutos depois, a proa do bote subiu, elevada pelas marolas provocadas pela balsa, e a viagem foi iniciada. Tom ficou feliz com seu sucesso, pois sabia que era a última viagem da balsa daquela noite. No final de longos doze ou quinze minutos, as rodas pararam, Tom escorregou para fora do bote e nadou até a margem, no escuro, tocando o solo cinquenta metros rio abaixo, fora do perigo de ser surpreendido por eventuais retardatários.

Ele correu por becos pouco frequentados e logo chegou à cerca dos fundos da casa de sua tia. Pulou a cerca, aproximou-se da casa e olhou pela janela da sala de estar, uma vez que havia luz acesa. E viu tia Polly, Sid, Mary e a mãe de Joe Harper reunidos, conversando. Estavam ao lado da cama, e a cama ficava entre o grupo e a porta. Tom foi até a

porta e, bem suave, começou a levantar o trinco; em seguida, fez uma leve pressão e a porta abriu uma fresta; continuou empurrando com cuidado e estremecendo sempre que a porta rangia, até achar que poderia passar de joelhos; então enfiou a cabeça e avançou, com cautela.

— Por que a chama dessa vela está tremendo desse jeito? — disse tia Polly. Tom se apressou. — Ora! A porta tá aberta, eu acho. Claro que tá. Coisas estranhas não param de acontecer. Vai fechar essa porta, Sid.

Tom desapareceu debaixo da cama bem a tempo. Deitou-se lá e recuperou o fôlego por um momento; em seguida, rastejou até onde quase podia tocar o pé da tia.

— Mas, como eu tava dizendo — prosseguiu tia Polly —, ele não era *ruim* mesmo... só era arteiro. Só atarantado e maroto, vocês sabem. Não tinha mais noção de responsabilidade do que um potrinho. Ele *nunca* queria fazer nada de ruim e foi o menino de melhor coração que já existiu... — E ela começou a chorar.

— Foi a mesma coisa com o meu Joe... sempre encapetado e pronto pra todo tipo de estrepolia, mas não podia ter sido mais caridoso e bonzinho... e Deus me perdoe, quando eu penso que peguei e bati nele por causa daquela manteiga de nata sem lembrar que eu mesma joguei aquilo fora porque tava azedo, e agora eu nunca mais vou ver ele nesse mundo, nunca, nunca, nunca, pobre menino maltratado! — E a sra. Harper soluçou como se seu coração fosse arrebentar.

— Espero que o Tom esteja melhor onde ele tá — disse Sid —, mas se ele tivesse sido mais bonzinho em algumas coisa...

— *Sid!* — Tom sentiu que os olhos da velha senhora estavam arregalados, embora não pudesse vê-los. — Nem uma palavra contra o meu Tom, agora que ele se foi! Deus vai cuidar *dele...* não se preocupe, *senhorzinho*! Ai, sra. Harper, eu não sei como é que eu vou me conformar que ele se foi! Não sei como é que eu vou esquecer ele! Era um baita conforto pra mim, embora quase sempre atormentasse o meu velho coração.

— O Senhor me deu tudo e o Senhor tudo me tirou. Bendito seja o nome do Senhor![57] Mas é tão difícil... ai, é tão difícil! No sábado passado, o meu Joe soltou um rojão bem debaixo do meu nariz e eu dei um safanão nele que ele voou longe. Mal sabia eu que logo logo ele... ai, se

eu pudesse voltar no tempo, eu abraçava e abençoava ele.

— Sim, sim, sim, eu sei bem como a senhora se sente, sra. Harper, eu sei exatamente como a senhora se sente. Ainda ontem, ao meio-dia, o meu Tom pegou e entupiu o gato de analgésico que eu pensei que a criatura fosse destruir a casa. E, Deus me perdoe, eu dei um cascudo na cabeça dele com o dedal, tadinho, tadinho, mortinho. Mas ele agora se livrou de tudo que é encrenca. E as últimas palavras que ele ouviu foram de repreensão...

O que Tom viu.

Tal lembrança foi demais para a velha senhora, e ela desabou. Agora o próprio Tom fungava — e sentia mais pena de si mesmo do que qualquer outra
pessoa. Ouviu Mary chorando e o elogiando de vez em quando. Ele começou a ter uma opinião mais nobre sobre si mesmo. Ficou tão comovido com o sofrimento da tia que sentiu vontade de sair depressa de debaixo da cama e lhe propiciar uma grande felicidade — e a beleza teatral da cena apelava fortemente à sua natureza, mas ele resistiu e ficou quieto.

Continuou a ouvir e concluiu, juntando uma fala a outra, que a princípio se conjecturava que os meninos haviam se afogado enquanto nadavam; então deram falta da pequena balsa; foi quando alguns

garotos disseram que os desaparecidos haviam prometido que o vilarejo "ia tê uma surpresa"; os sabichões ligaram uma coisa com a outra e entenderam que os amigos tinham partido naquela balsa e logo apareceriam na próxima cidade rio abaixo; por volta do meio-dia, porém, a balsa foi localizada, presa à margem do estado do Missouri, cerca de dez quilômetros abaixo do vilarejo — e então a esperança esmoreceu. Teriam se afogado; do contrário, a fome os traria de volta para casa ao anoitecer, se não antes. Acreditava-se que a busca pelos corpos seria um esforço inútil, simplesmente porque o afogamento teria ocorrido no meio do canal, pois, se assim não fosse, os meninos, sendo bons nadadores, chegariam à margem. Era noite de quarta-feira. Se os corpos continuassem desaparecidos até domingo, toda esperança estaria perdida, e os ritos funerais seriam realizados naquela manhã. Tom estremeceu.

A sra. Harper deu um boa-noite soluçante e se virou para ir embora. Em seguida, com um impulso mútuo, as duas mulheres enlutadas se atiraram nos braços uma da outra e caíram em um pranto alentador; então, se separaram. Tia Polly se mostrou mais carinhosa do que nunca ao desejar boa-noite a Sid e Mary. Sid fungou um pouco, e Mary se retirou aos prantos.

Tia Polly se ajoelhou e orou por Tom de maneira tão tocante, tão suplicante, e com um amor tão incomensurável em suas palavras e em sua velha voz trêmula, que ele voltou às lágrimas, muito antes de ela terminar.

Tom precisou ficar quieto por muito tempo depois que ela se deitou, porque, de vez em quando, a tia deixava escapar do coração magoado sonoras exclamações, debatendo-se e virando-se na cama. Enfim, porém, ela se aquietou, apenas gemendo um pouco em seu sono. O menino saiu furtivamente, levantou-se devagar, ao lado da cama, desviou a luz da vela com a mão e ficou olhando para a tia. Seu coração se encheu de piedade. Ele pegou o pergaminho de plátano e o colocou ao lado da vela. Mas algo lhe ocorreu, e ele permaneceu ali, refletindo. Seu rosto se iluminou ao encontrar resposta à reflexão, e ele enfiou depressa a casca do plátano no bolso. Então se curvou, beijou aqueles lábios desbotados e saiu depressa, trancando a porta.

Tom trilhou o caminho de volta até o atracadouro da balsa, não

encontrou ninguém lá e embarcou intrépido, pois sabia que a embarcação não teria ocupantes exceto um vigia, que sempre ficava na guarita e dormia como uma estátua. Desamarrou o bote junto à popa, embarcou e logo depois já remava com cuidado rio acima. Quando alcançou um ponto a cerca de um quilômetro e meio acima do vilarejo, manobrou em diagonal, dirigindo-se ao outro lado, e se concentrou nas remadas. Chegou com facilidade ao atracadouro na outra margem, uma vez que o trajeto era conhecido. Pensou em sequestrar o bote, argumentando que aquilo poderia ser considerado um navio e, portanto, presa legítima para um pirata, mas sabia que uma busca completa seria feita, o que poderia acarretar descobertas. Então desembarcou e entrou na mata.

Sentou-se e descansou durante bastante tempo, torturando-se para se manter desperto, e então começou a avançar com cautela pelo trecho final. A noite já se fora. Era dia claro quando ele se viu junto à borda da ilha. Ele descansou mais um pouco, até que o sol estivesse bem alto e dourando o grande rio com seu esplendor, e então mergulhou na corrente. Pouco depois, parou, pingando, na orla do acampamento e ouviu Joe dizer:

— Não, o Tom é tiro e queda, Huck, e ele vai voltá. Ele não vai desertá. Ele sabe que isso ia sê uma vergonha pra um pirata, e o Tom é orgulhoso demais pra fazê uma coisa dessa. Ele tá é tramando alguma. Agora eu quero sabê o quê.

— Pois é, em todo caso essas tralha são nossa, né?

— Quase, mas ainda não, Huck. O bilhete diz que sim, se ele não voltá pro café da manhã.

— E ele voltou! — exclamou Tom, com excelente efeito dramático, entrando majestosamente no acampamento.

Em breve, um suntuoso desjejum de toucinho e peixe foi servido, e enquanto os meninos trabalhavam no preparo da refeição Tom relatou (e floreou) suas aventuras. Formavam um bando emproado e altivo de heróis quando o relato acabou. Tom foi se esconder em um canto, à sombra, para dormir até o meio-dia, e os outros piratas se prepararam para pescar e explorar a ilha.

16

Após o jantar, o bando foi à caça de ovos de tartaruga na beira da ilha. Saíram espetando gravetos na areia e, quando encontravam um ponto fofo, ajoelhavam-se e cavavam com as mãos. Às vezes, retiravam cinquenta ou sessenta ovos de um único buraco. Eram coisinhas perfeitamente redondas e brancas, um pouco menores do que uma noz. Naquela noite, prepararam um inesquecível banquete de ovos fritos e outro na manhã de sexta-feira.

Depois da refeição matinal, saíram gritando e pulando orla afora, perseguindo uns aos outros, correndo em círculos, tirando as roupas pelo caminho até ficarem nus e então continuaram o folguedo, subindo pela água rasa contra a forte corrente que em dados momentos bambeava as pernas deles e aumentava a diversão. De vez em quando, juntavam-se abaixados e, com as palmas das mãos, jogavam água nos rostos uns dos outros, aproximando-se aos poucos com as cabeças viradas de lado para evitar os borrifos sufocantes, finalmente se agarrando e lutando até que o mais forte afundasse o vizinho, e por fim todos afundaram, em um emaranhado de pernas e braços brancos, e emergiram bufando, cuspindo, rindo e ofegando ao mesmo tempo.

Quando se cansaram, correram e se esparramaram na areia seca e quente, e se cobriram com ela; pouco depois, correram de volta para a água e repetiram a proeza. Por fim, ocorreu-lhes que a pele nua parecia um collant cor de carne; então traçaram um picadeiro na areia e fizeram um circo — com três palhaços, pois nenhum cederia ao vizinho o mais nobre dos ofícios.

Em seguida, pegaram suas bolas de gude e jogaram búlica, triângulo e mata-mata até a diversão perder a graça. Depois Joe e Huck nadaram de novo, mas Tom não se aventurou, porque descobriu que, ao arrancar a calça, tinha chutado fora um cordão com guizos de cascavel que usava no tornozelo e agora se perguntava como havia escapado das cãibras

sem a proteção do amuleto misterioso. E não voltou à água até que o encontrou, mas àquela altura os outros meninos estavam exaustos e queriam descansar. Aos poucos, separaram-se, desanimaram e começaram a olhar ansiosamente para o outro lado do rio largo, onde o vilarejo cochilava ao sol. Tom se surpreendeu escrevendo "Becky" na areia com o dedão do pé; apagou o nome e sentiu raiva de si mesmo pela fraqueza. Mas escreveu de novo, de todo jeito; não conseguia evitar. Apagou mais uma vez e então conseguiu se livrar da tentação, chamando os outros meninos e se juntando a eles.

Mas o estado de espírito de Joe tinha decaído tanto que qualquer ressurreição era quase impossível. Ele sentia tanta saudade de casa que mal suportava a tristeza. Estava quase às lágrimas. Huck também ficou melancólico. Tom estava abatido, mas se esforçava para não demonstrar. Guardava um segredo que não queria expor ainda, mas, se aquela depressão conspiratória não fosse logo debelada, seria obrigado a revelá-lo. Assim, disse, com grande demonstração de alegria:

— Aposto que já teve pirata nessa ilha antes, rapazes. Vamo explorá ela de novo. Eles deve tê escondido tesouros em algum lugar por aqui. Como é que vocês ia se sentí se desse de cara com um baú podre cheio de ouro e prata... hein?

Mas isso despertou apenas um leve entusiasmo, que esmoreceu sem gerar resposta. Tom tentou mais um ou dois artifícios, mas estes também falharam. Era um trabalho desanimador. Joe cutucava a areia com um pedaço de pau e parecia muito infeliz. Por fim, desabafou:

— Ai, rapazes, vamo desistí. Eu quero ir pra casa. Isso aqui tá chato à beça.

— Ai, não, Joe, você já vai se sentí melhor — disse Tom. — É só pensá na pescaria que tem aqui.

— Eu não ligo pra pescaria. O que eu quero é ir pra casa.

— Mas, Joe, não tem outro lugar pra nadá tão bom como esse aqui.

— Nadá não tem a menor graça. E eu nem ligo pra nadá quando não tem ninguém pra dizê que eu não posso. Eu quero é ir pra casa.

— Ai, ora bolas! Bebezão! Tu quer a tua mãe, eu acho.

— Sim, eu *quero* a minha mãe... e tu ia querê também, se tivesse uma. Eu não sou mais bebê do que tu. — E Joe fungou um pouco.

— É, vamo deixá o bebê chorão ir pra casa, pra mãe dele, né, Huck?

Tadinho... ele quer vê a mamãe? Daí vai. Tu gosta daqui, né, Huck? Nós vamo ficá, né?

Huck falou:

— G-o-s-t-o — sem entusiasmo.

— Eu nunca mais vou falá contigo na vida — disse Joe, levantando-se. — Pronto, é isso! — E se afastou, mal-humorado, e começou a se vestir.

— Quem se importa! — disse Tom. — Ninguém quer mesmo sabê o que você tem pra falá. Vai pra casa, pra todo mundo dá risada de você. Ai, tu é um pirata dos bom. O Huck e eu não somo bebê chorão. Nós vamo ficá, né, Huck? Deixa ele caí fora, se é isso que ele quer. Acho que podemo vivê sem ele, qué sabê?

No entanto, Tom se sentiu constrangido e ficou alarmado ao ver Joe continuar a se vestir, aborrecido. E então foi inquietante ver Huck contemplando os preparativos de Joe com um olhar tão melancólico e mantendo um silêncio tão sinistro. Logo, sem uma palavra de despedida, Joe saiu caminhando em direção à margem de Illinois. O coração de Tom começou a pesar. Ele olhou para Huck. Huck não suportou a pressão e baixou os olhos. Então falou:

— Eu também quero ir, Tom. Já tava ficando chato à beça, de qualquer jeito, e agora vai ficá ainda pior. Vamo embora também, Tom.

— Eu não vou! Vocês pode ir, se quiser. Eu quero ficá.

— Tom, é melhor eu ir.

— É, vai logo... quem é que tá te segurando?

Huck começou a recolher suas roupas espalhadas. Ele disse:

— Tom, eu ia gostá que tu também fosse. Agora, pensa nisso. Nós vamo te esperá quando chegá na marge.

— É, vocês vai esperá um tempão, só isso.

Huck começou a se afastar, chateado, e Tom ficou olhando para ele, com um forte desejo de abrir mão do orgulho e ir embora também. Tinha esperança de que os meninos parassem, mas eles continuaram avançando, a passos lentos. De repente, Tom se deu conta de que aquilo estava mesmo se tornando enfadonho demais. Travou um embate final com seu orgulho e, em seguida, disparou atrás dos parceiros, gritando:

— Pera aí! Pera aí! Eu quero contá uma coisa pra vocês!

Eles pararam e se viraram. Quando os alcançou, Tom começou a desvendar seu segredo, e ambos ouviram, melancolicamente, até que

por fim perceberam o cerne da questão e, de imediato, soltaram brados de guerra, aplaudiram e disseram que era "sensacional!", acrescentando que, se Tom tivesse contado aquilo antes, eles não teriam ido embora. Tom apresentou uma desculpa plausível, mas a verdadeira razão era o medo de que nem mesmo o segredo os mantivesse com ele por muito tempo, por isso tinha optado por guardá-lo como uma última cartada.

Os meninos voltaram alegremente e retomaram as brincadeiras com disposição, falando o tempo todo sobre o plano estupendo e admirando sua genialidade. Após um almoço saboroso à base de ovos e peixes, Tom disse que queria aprender a fumar. Joe aprovou a ideia e disse que também gostaria de experimentar. Então Huck fez cachimbos e os preparou. Aqueles novatos nunca haviam fumado nada antes, exceto charutinhos feitos com folha de parreira, que ardiam na língua e, em todo caso, não eram considerados um hábito masculino.

Agora estavam estirados no chão, apoiados nos cotovelos, e começaram a pitar um tanto hesitantes, carentes de confiança. A fumaça tinha um gosto desagradável, e eles se engasgaram um pouco, mas Tom disse:

— Ora, é moleza! Se eu sabia que era só isso, já tinha aprendido muito tempo atrás.

— Eu também — falou Joe. — Não é nada de mais.

— Ora! Muitas vez eu vi gente fumando e pensei que ia gostá, mas nunca pensei que ia podê — disse Tom.

— Foi desse mesmo jeito comigo, né, Huck? Você ouviu eu falá desse mesmo jeito, né, Huck? Eu vou deixá o Huck dizê se eu não falei.

— Falou... muitas vez — concordou Huck.

— Pois é, eu também — disse Tom. — Ai, centenas de vez. Uma vez lá no matadouro. Você não lembra, Huck? O Bob Tanner tava lá, e o Johnny Miller e o Jeff Thatcher, quando eu falei. Você não lembra, Huck, que eu falei?

— Lembro, foi isso mesmo — falou Huck. — Foi um dia depois que eu perdi uma bola de gude leitosa. Não, foi um dia antes.

— Pronto, eu te falei — Tom disse. — O Huck lembrou.

— Eu acho que eu ia podê fumá esse cachimbo o dia todo — continuou Joe. — Não tô nem um pouquinho enjoado.

— Nem eu — disse Tom. — Eu ia podê fumá o dia todo. Mas aposto

que o Jeff Thatcher não ia podê.

— O Jeff Thatcher?! Ora! Ele ia caí de cara com duas tragada. Deixa ele tentá uma vezinha. Ele *ia vê só*!

— Aposto que ia. E o Johnny Miller... eu queria vê o Johnny Miller exprimentá isso só uma vez.

— Ai, e *eu* não?! — disse Joe. — Ora! Aposto que o Johnny Miller não ia guentá. Só o cheirinho já ia acabá com *ele*.

— Acabava mesmo, Joe. Qué sabê... eu bem que queria que os menino pudesse vê nós agora.

— Eu também.

— Qué sabê... rapazes, não vamo falá nada sobre isso e, algum dia, quando eles tiver por perto, eu vou chegá e dizê: "Joe, tu tem aí um cachimbinho? Eu quero fumá". E você fala, assim como quem não quer nada, você fala: "Tenho, eu tenho aqui o meu velho cachimbo, e mais outro, mas o meu fumo não é dos bom". Daí eu falo: "Ai, tudo bem, se é *forte* já tá bom". E daí você me dá os cachimbo, e a gente acende com a maior calma, e daí vamo vê a cara deles!

— Puxa vida! Isso vai sê demais, Tom! Eu queria que fosse é agora!

— Eu também! E quando nós contá que aprendemo quando tava na pirataria, você não acha que eles vai se arrependê de não tê vindo com nós?

— Ai, eu não *acho*... eu *aposto*!

E assim a conversa fluiu. Mas logo começou a esmorecer e a ficar desconexa. Os silêncios aumentaram; a expectoração se intensificou incrivelmente. Cada poro dentro das bochechas dos meninos se tornou uma fonte que jorrava; eles mal conseguiam esvaziar os porões embaixo das línguas com rapidez suficiente para evitar uma inundação; pequenos transbordamentos ocorriam nas gargantas, a despeito de todo o esforço empreendido no sentido contrário, e acessos de vômito sucediam de forma contínua. Os dois garotos estavam agora pálidos e abatidos. O cachimbo de Joe caiu de seus dedos enfraquecidos. O de Tom caiu logo depois. Ambas as fontes vertiam intensamente, e as duas bombas operavam com força total. Joe disse, sem convicção:

— Tô dando falta do meu canivete. Acho melhor ir procurá.

Tom falou, com os lábios trêmulos e uma expressão vacilante:

— Eu vou te ajudá. Vai por ali, e eu vou procurá lá perto da nascente.

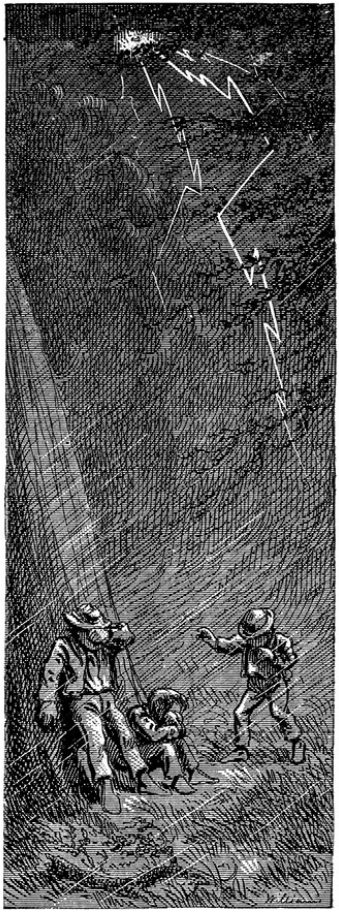
Não, você não precisa vim, Huck... a gente vai achá direitinho.

Assim, Huck se sentou e esperou por uma hora. Então sentiu-se solitário e saiu em busca dos parceiros. Estavam afastados um do outro na mata, ambos lívidos, ambos profundamente adormecidos. Mas algo dizia a Huck que, se os dois tivessem passado algum aperto, já haviam se livrado.

Naquela noite, não conversaram durante o jantar. Mantiveram uma postura quieta, e após a refeição, quando Huck preparou seu cachimbo e ia fazer o deles, a dupla recusou, dizendo que não estava se sentindo muito bem — que algo que tinham comido caíra mal.

Por volta da meia-noite, Joe acordou e chamou os meninos. Havia um peso soturno no ar que parecia pressagiar algo. Eles se juntaram e buscaram a companhia agradável do fogo, embora o calor opressivo da atmosfera inerte fosse sufocante. Permaneceram sentados, atentos e imóveis. O silêncio solene continuou. Fora do alcance da luminosidade do fogo, tudo o mais tinha sido engolido pela escuridão das trevas.[58] Logo em seguida, surgiu uma cintilação trêmula que revelou vagamente a folhagem, por um instante, e desapareceu. Depois, surgiu outra, um pouco mais forte. E outra. Na sequência, um gemido fraco correu pelos galhos da mata, e os meninos sentiram uma aragem em suas faces; estremeceram ao pensar que o Espírito da Noite tinha passado por ali. Seguiu-se uma pausa. Agora, um relâmpago estranho transformou a noite em dia e expôs cada pequeno talo de relva, separado e distinto, que crescia em torno dos pés dos três. E expôs também três rostos lívidos e assustados. O estrondo grave de um trovão rolou e despencou do céu, perdendo-se em estampidos sombrios a distância. Uma lufada de ar frio passou, provocando um farfalhar nas folhas e espalhando como neve as cinzas da fogueira. Outro relâmpago feroz iluminou o matagal, acompanhado de uma explosão instantânea que parecia rasgar as copas das árvores logo acima das cabeças dos meninos. Eles se abraçaram, apavorados, na densa escuridão que se seguiu. Grandes gotas de chuva caíam tamborilando sobre as folhas.

— Depressa! Rapazes, vamo pra tenda! — exclamou Tom.



A tempestade.

Saíram correndo, tropeçando em raízes e cipós, no escuro, cada um para um lado. Um estouro enfurecido rugiu e correu entre as árvores, fazendo tudo ressoar pelo caminho. Era um relâmpago ofuscante após o outro, e um trovão ensurdecedor após o outro. Desabou um aguaceiro, e um vendaval crescente empurrava a chuva como uma cortina pelo chão. Os meninos gritavam uns para os outros, mas o vento forte e os estrondos dos trovões abafavam totalmente suas vozes. No entanto, um por um, chegaram enfim à tenda e se abrigaram, com frio, assustados e ensopados; ainda assim, contar com companhia naquele infortúnio parecia algo digno de gratidão. Mesmo se os outros ruídos tivessem permitido não adiantava falar, pois a antiga vela que servia de tenda estalava furiosa. A tempestade aumentou cada vez mais e, logo depois, a vela se soltou das amarras e saiu voando com a ventania. Os meninos agarraram as mãos uns dos outros e correram, tropeçando e se ralando,

até o abrigo de um grande carvalho que havia à beira-rio. Naquele momento, a batalha estava no auge. Sob a conflagração incessante de relâmpagos que flamejavam no céu, tudo se destacava com total nitidez, sem sombras: as árvores curvadas, o rio ondulante e branco, os borrifos dos flocos de espuma, os contornos escuros dos barrancos elevados na margem oposta, vislumbrados através da névoa flutuante e da cortina de chuva enviesada. De vez em quando, uma árvore gigantesca cedia diante do ataque e tombava, destruindo a vegetação mais jovem; e agora as trovoadas incessantes produziam explosões de romper os tímpanos, ávidas e cortantes, e indescritivelmente assustadoras. A tormenta culminou em um rompante incomparável que parecia prestes a despedaçar a ilha, incendiá-la, inundá-la até atingir as copas das árvores, explodi-la e ensurdecer todas as criaturas que nela habitavam, tudo isso ao mesmo tempo. Era uma noite desatinada para os jovens desabrigados.

Mas, por fim, a batalha terminou, e as forças bateram em retirada, com ameaças e resmungos cada vez mais brandos, e a paz reassumiu seu domínio. Os meninos voltaram ao acampamento muito assustados, mas descobriram que ainda restava algo a agradecer, porque o grande plátano que abrigava suas camas fora reduzido a escombros, destroçado por raios, e eles não estavam embaixo quando a catástrofe ocorreu.

Tudo no acampamento estava encharcado, inclusive a fogueira, pois os meninos eram descuidados, algo típico de sua geração, e não tinham tomado providências contra a chuva. Havia muito motivo de desânimo, visto que estavam molhados e com frio. Foram eloquentes em sua angústia; descobriram, porém, que a fogueira tinha ficado embaixo da grande tora na qual se apoiava, e que um palmo ou mais de sua base escapara do aguaceiro; assim, trabalharam com perseverança até que, utilizando lascas e cascas de árvore encontradas sob troncos protetores, induziram o fogo a voltar a queimar. Então empilharam grandes galhos secos até obterem uma fornalha vigorosa e voltaram a se alegrar. Secaram o presunto cozido, prepararam uma bela refeição e, depois disso, sentaram-se perto do fogo, onde ficaram alardeando e glorificando sua aventura noturna até a manhã seguinte, pois não havia por ali nenhum lugar seco para dormir.

Quando o sol começou a incidir sobre os meninos, a sonolência os dominou e eles foram até o banco de areia e se deitaram para dormir. Aos poucos, sentiram a pele arder e com relutância começaram a preparar o desjejum. Após a refeição, sentiram-se um tanto doloridos e com as articulações enrijecidas e voltaram a ter saudade de casa. Tom detectou os sinais e reanimou os piratas o melhor que pôde. Mas eles não se interessaram por bolas de gude, nem circo, nem natação, nem qualquer outra coisa. Tom os lembrou do segredo importante e, com isso, despertou um lampejo de ânimo. Enquanto tal ânimo durou, ele conseguiu interessá-los em um novo arranjo: deixar de serem piratas por um tempo e virarem índios, para variar. A ideia foi considerada atraente; assim, não demorou muito até que se despissem e desenhassem listras no corpo com lama preta, da cabeça aos pés, como se fossem zebras — todos caciques, é claro. Então saíram correndo pela mata, com o propósito de atacar um assentamento inglês.

Depois dividiram-se em três tribos inimigas entre si e se lançaram uns contra os outros em emboscadas, emitindo gritos de guerra medonhos, matando e escalpelando uns aos outros, aos milhares. Foi um dia sangrento. Por conseguinte, absolutamente gratificante.

Reuniram-se no acampamento perto da hora do jantar, famintos e felizes; mas então surgiu um impasse: índios inimigos não podiam compartilhar o pão da hospitalidade sem primeiro fazer as pazes, e isso era totalmente inviável sem fumar o cachimbo da paz. Não existia nenhum outro procedimento do qual já tivessem ouvido falar. Dois dos selvagens quase desejaram ter permanecido piratas. No entanto, não havia outro jeito; sendo assim, com a maior demonstração de ânimo que puderam reunir, pediram o cachimbo e deram baforadas, obedecendo ao devido protocolo.

E eis que ficaram contentes por terem aderido à selvageria, visto que descobriram que agora podiam fumar um pouco sem ter que sair à caça de um canivete perdido; não ficaram enjoados a ponto de passarem mal. E jamais desprezariam um ganho tão importante por falta de esforço. Então treinaram com afinco após o jantar e obtiveram o devido sucesso, passando uma noite jubilosa. Estavam mais orgulhosos e felizes com a nova conquista do que ficariam com o escalpelamento e o esfolamento das Seis Nações.[59] Vamos deixá-los fumar, falar e se gabar,

já que não temos mais uso para eles no momento.

17

mas não havia felicidade no vilarejo naquela pacata tarde de sábado. Os Harper e a família de tia Polly estavam de luto, com grande pesar e muitas lágrimas. Uma quietude incomum tomou conta do povoado, embora o local costumasse ser bastante silencioso, para falar com franqueza. Os habitantes conduziam suas atividades com semblantes ausentes e pouca conversa — mas muito suspiro. A folga de sábado parecia um fardo para as crianças. Faltava-lhes animação nas brincadeiras e, aos poucos, desistiam delas.

À tarde, Becky Thatcher se viu perambulando pelo pátio deserto da escola, sentindo-se bastante melancólica. Mas não encontrou nada por ali que pudesse consolá-la. Pensou em voz alta:

— Ai, como eu queria tê de novo aquela bolota da grelha da lareira! Mas não tenho nada agora pra lembrá dele. — E sufocou um pequeno soluço.

Em seguida, deteve-se e disse a si mesma:

— Foi bem aqui. Ai, se fosse pra fazê tudo de novo eu não ia falá aquilo... eu não ia falá aquilo, de jeito nenhum. Mas agora ele se foi; eu nunca, nunca, nunca mais vou vê ele de novo.

Tal pensamento a deixou arrasada, e ela se afastou com lágrimas escorrendo pelas faces. Em seguida, um grupo de meninos e meninas — companheiros de folguedos de Tom e Joe — apareceu e ficou olhando por cima da cerca e comentando em tom reverente que Tom tinha feito isso e aquilo na última vez que eles o viram, e que Joe falara aquela bobagem (uma profecia nefasta, como agora podiam perceber claramente!) — e cada orador apontava o local exato onde os garotos agora perdidos estavam no tal momento, e daí acrescentava algo como "e eu tava de pé, desse jeito... do jeito que eu tô agora, como se você fosse ele... eu tava assim, bem pertinho... e ele sorriu, desse jeito... e aí eu senti um troço horrível passando pelo meu corpo... qué sabê... e eu

não sabia o que aquilo queria dizê, de certeza, mas agora eu tô vendo!".

Depois houve uma disputa sobre quem tinha visto os meninos em vida por último, e muitos reivindicaram essa distinção sombria e forneceram provas, mais ou menos manipuladas pela própria testemunha; e quando finalmente foi decidido *quem* viu os falecidos por último e trocou as derradeiras palavras com eles, os respectivos sortudos assumiram uma espécie de importância sagrada e se tornaram objetos da admiração e inveja dos demais. Um pobre coitado, que não tinha outra honraria a oferecer, referiu-se com orgulho razoavelmente óbvio a uma recordação:

— É, o Tom Sawyer, ele baixou o cacete em mim uma vez.

Mas a referência a tal honraria foi um fiasco. A maioria dos meninos podia dizer o mesmo, e isso trivializava a distinção. Apático, o grupo se afastou, ainda recorrendo a lembranças dos heróis perdidos com solenidade.

Na manhã seguinte, encerrado o horário da escola dominical, o sino emitiu um dobre fúnebre em vez de badalar como de costume. Era um domingo calmo, e o som triste parecia condizer com o silêncio pensativo que pairava sobre a natureza. Os habitantes do vilarejo começaram a se reunir, detendo-se por um momento no vestíbulo para sussurrar sobre o triste acontecimento. Mas não havia sussurros dentro da igreja, apenas o farfalhar funéreo dos vestidos, enquanto as mulheres se acomodavam em seus assentos, perturbava a quietude. Ninguém conseguia se lembrar de ter visto a igrejinha tão lotada antes. Houve, por fim, uma pausa, uma mudez expectante, e então tia Polly entrou, seguida por Sid e Mary e pela família Harper, todos de preto, e a congregação inteira, inclusive o velho pastor, levantou-se com reverência e permaneceu imóvel, até que os enlutados se sentassem no primeiro banco. Seguiu-se outro silêncio solidário, interrompido de quando em quando por soluços abafados, e então o pastor estendeu as mãos e orou. Um hino comovente foi entoado, e o texto foi então proferido: "Eu sou a Ressurreição e a Vida".[60]

À medida que o culto prosseguia, o clérigo elaborava tantas imagens das qualidades, das atitudes cativantes e do raro potencial dos meninos desaparecidos que cada alma ali presente, admitindo reconhecê-las, sentiu uma pontada de dor ao se lembrar de que havia antes sempre

fechado os olhos e detectado apenas defeitos e falhas nos pobres meninos. E o pastor relatou muitos incidentes tocantes na vida dos falecidos, que ilustravam sua natureza dócil e bondosa, e as pessoas podiam agora enxergar facilmente quão nobres e belos eram tais episódios e se lembraram com tristeza de que na época em que ocorreram pareciam molecagens dignas do couro do cinto. A congregação ficou cada vez mais comovida conforme o discurso prosseguia, até que enfim desmoronou e se juntou aos enlutados lamentosos, em um coro de soluços aflitos, e o próprio pregador cedeu aos seus sentimentos e chorou diante do púlpito.

Houve uma leve agitação na galeria, que ninguém percebeu; no instante seguinte, a porta da igreja rangeu; o ministro ergueu os olhos lacrimejantes por cima do lenço e ficou paralisado! Primeiro um e depois outro par de olhos seguiram os do pastor, e então, quase com um só impulso, a congregação se levantou e admirou enquanto os três meninos mortos avançavam pela nave, Tom à frente, Joe em seguida, e Huck, todo esfarrapado, esgueirando-se timidamente na retaguarda! Eles tinham se escondido na galeria fechada, ouvindo o sermão do seu próprio funeral!

Tia Polly, Mary e os Harper se atiraram sobre seus entes resgatados, sufocaram-nos com beijos e transbordaram palavras de agradecimento, enquanto o pobre Huck permanecia encabulado e constrangido, sem saber exatamente o que fazer ou onde se esconder de tantos olhares hostis. Ele titubeou e começou a se afastar, mas Tom o agarrou e disse:

— Tia Polly, isso não é justo. Alguém tem que ficá feliz de vê o Huck.

— E tem mesmo. Eu estou feliz de ver ele, tadinho desse órfão de mãe! — E as atenções amorosas que tia Polly dispensou eram a única reação capaz de deixar Huck ainda mais constrangido.

De repente, o pastor bradou com vigor:

— Louvado seja Deus, de quem todas as bênçãos fluem... *cantem*! E cantem com o coração!

E eles cantaram. O hino "Old Hundred"[61] ribombou com uma explosão triunfante e, enquanto o canto sacudia as vigas, Tom Sawyer, o Pirata, olhou para os meninos invejosos que o cercavam e confessou em seu coração que aquele era o momento de maior orgulho em sua vida.

O momento de mais orgulho de Tom.

E à medida que se retirava ludibriada da igreja, a congregação se dizia quase disposta a se expor de novo a qualquer outra situação igualmente ridícula desde que fosse para ouvir "Old Hundred" entoado daquela maneira.

Tom recebeu mais cascudos e beijos naquele dia — variando de acordo com o humor de tia Polly — do que ao longo de um ano, e ele mal sabia dizer qual das duas reações expressava maior gratidão a Deus ou afeição por ele.

18

aquele era o grande segredo de tom — o arranjo para voltar para casa com seus irmãos piratas e comparecer a seus próprios funerais. Eles haviam remado até a margem do lado do Missouri em um tronco ao anoitecer do sábado, chegando a um local a oito ou nove quilômetros abaixo do vilarejo; pernoitaram na mata, nos limites do povoado, onde ficaram até quase o amanhecer; então esgueiraram-se por becos e vielas e acabaram dormindo na galeria da igreja, entre um amontado de bancos danificados.

Durante o desjejum de segunda-feira de manhã, tia Polly e Mary demonstraram muito carinho para com Tom e ficaram de prontidão às suas vontades. A quantidade de conversa era extraordinária. No decorrer da prosa, tia Polly constatou:

— É, eu não vou negar que a brincadeira foi boa, Tom, deixar todo mundo sofrendo durante quase uma semana pra que vocês se divertissem, mas é uma pena que você tenha o coração tão duro a ponto de me fazer sofrer do jeito que eu sofri. Se você foi capaz de se valer de um tronco de árvore e ir ao teu próprio funeral, poderia ter vindo me dar alguma dica de que não estava morto, que só tinha fugido.

— É, você bem que podia ter feito isso, Tom — disse Mary —, e acredito que teria feito se tivesse pensado um pouco.

— Você teria feito isso, Tom? — indagou tia Polly, com o semblante se iluminando melancolicamente. — Fala aí, teria, se tivesse pensado?

— Eu... bem, eu sei lá. Ia estragá tudo.

— Tom, eu esperava que você me amasse mais — disse tia Polly, com um tom de pesar que abalou o menino. — Já teria sido alguma coisa se você se importasse comigo a ponto de *pensar* em vim me contar, mesmo que não chegasse a *fazer* isso.

— Ora, titia! Não foi por ruindade — argumentou Mary. — É só o jeito amalucado do Tom... ele tá sempre com tanta pressa que nunca pensa

em nada.

— Mais triste ainda. O Sid teria pensado. E o Sid *ia vim* me contar. Tom, você vai olhar pra trás algum dia, quando for tarde demais, e se arrepender de não ter se importado um pouco mais comigo quando teria custado tão pouco.

— Ora, titia! A senhora sabe que eu me importo com a senhora — disse Tom.

— Eu ia perceber melhor se você agisse de acordo.

— Eu agora queria tê pensado mais — disse Tom, com ar de arrependimento. — Mas eu sonhei com a senhora, de qualquer maneira. Isso já é alguma coisa, né?

— Não é muito... até um gato pode sonhá... mas é melhor que nada. O que foi que você sonhou?

— Ora, quarta-feira à noite eu sonhei que a senhora tava sentada ali do lado da cama, e o Sid tava sentado do lado da caixa de lenha, e a Mary do lado dele.

— Pois é, a gente tava mesmo. A gente sempre faz isso. Eu fico feliz que nos teus sonhos você se preocupa com a gente.

— E eu sonhei que a mãe do Joe Harper tava aqui.

— Ora, ela tava mesmo! O que foi mais que você sonhou?

— Ai, muita coisa mais. Mas tá tudo meio confuso agora.

— Pois é, tenta lembrar... será que você consegue?

— Parece que o vento... o vento soprou... soprou...

— Vai, Tom! O vento soprou alguma coisa. Vamos!

Tom pressionou os dedos contra a testa durante um minuto de ansiedade e disse:

— Já sei! Já sei! Soprou e fez a chama da vela tremê!

— Misericórdia! Continua, Tom, continua!

— E parece que a senhora falou: "Ora! A porta tá aberta, eu acho...".

— *Continua*, Tom!

— Deixa eu pensá um instante... só um instante. Ai, é... a senhora falou que achava que a porta tava aberta.

— Assim como eu tô sentada aqui, eu falei mesmo! Não foi, Mary?! Continua!

— E daí... e daí... eu não tenho certeza, mas parece que a senhora pegou e mandou o Sid...

— Ué! O que foi que eu mandei ele fazer, Tom? O que foi que eu mandei ele fazer?

— A senhora mandou ele... a senhora... Ai, a senhora mandou ele fechá a porta.

— Ué, pelo amor de Deus! Eu nunca ouvi uma coisa dessa na vida! Que ninguém nunca mais venha falar pra *mim* que os sonhos não valem nada. A Sereny Harper vai saber disso antes que eu fique uma hora mais velha. Eu quero ver como é que ela vai sair *dessa*, com aquela besteirada que ela fala sobre superstição. Continua, Tom!

— Ai, tá tudo ficando claro como o dia agora. Daí a senhora falou que eu não era *ruim*, só atarantado e maroto, e que eu não tinha mais noção de responsabilidade que... que... acho que foi um potrinho, ou alguma coisa assim.

— E foi assim mesmo! Ué, meu Deus! Continua, Tom!

— E daí a senhora deu de chorá.

— E dei mesmo. Dei mesmo. Nem foi a primeira vez. E depois...

— Depois, a sra. Harper, ela deu de chorá, e falou que o Joe era do mesmo jeito que eu, e ela se arrependeu de tê batido nele por causa da manteiga de nata quando foi ela mesma que jogou a manteiga fora...

— Tom! O Espírito tava em você! Você tava profetizando... é isso que você tava fazendo! Deus do céu! Continua, Tom!

— E daí, o Sid, ele falou... ele falou...

— Eu acho que não falei nada — disse Sid.

— Falou sim, Sid — atalhou Mary.

— Fechem a matraca e deixem o Tom continuar! O que foi que ele falou, Tom?

— Ele falou... eu *acho* que ele falou que esperava que eu estivesse melhor lá onde eu tava, mas que se eu tivesse sido melhor em algumas coisa...

— *Pronto*, vocês ouviram isso?! Foram as próprias palavras dele!

— E a senhora fez ele calá a boca na mesma hora.

— E fiz mesmo! Devia ter um anjo lá. *Tinha* um anjo lá, em algum lugar!

— E a sra. Harper contou que o Joe assustou ela com um rojão, e a senhora contou a história do Peter e do analgésico...

— Isso é tão verdadeiro como eu tô viva!

— E daí teve uma falação sobre como dragaram o rio por causa da gente e sobre o funeral no domingo, e daí a senhora e a sra. Harper se abraçaram e choraram, e ela foi embora.

— Aconteceu desse jeitinho! Aconteceu desse jeitinho... isso é tão certo como eu tô sentada bem aqui. Tom, você não ia poder contar mais do jeito como foi se tivesse visto! E depois? Continua, Tom!

— Daí eu acho que a senhora rezou por mim... e eu podia vê a senhora e ouví cada palavra. E a senhora foi deitá, e eu fiquei tão triste que peguei e escrevi numa casca de plátano: "Nós não tamo morto — nós só fugimo pra sê pirata" e deixei a casca na mesa, perto da vela; e daí a senhora tava tão boazinha, deitada lá dormindo, que acho que fui e beijei os beiço da senhora.

— Você fez isso, Tom, você *fez isso*?! Então eu te perdoo por tudo!

E ela agarrou o menino em um abraço tão apertado que o fez se sentir o mais culpado dos vilões.

— Foi muito bom, mas foi só um... sonho — Sid pensou e falou, em voz baixa.

— Cala a boca, Sid! O que uma pessoa faz num sonho é a mesma coisa que ia fazer se estivesse acordada. Toma essa maçãzona Milam[62] que eu guardei pra você, Tom, se você fosse encontrado... agora, vai pra escola. Sou grata ao bom Deus e Pai de todos nós por ter você de volta, Ele que se compadece e é misericordioso com os que creem e seguem a Sua palavra, embora Deus saiba que sou indigna, mas se só os dignos receberem as bênçãos Dele e tiverem a ajuda da mão Dele pra superar os momentos difíceis, poucos vão sorrir ou alcançar o descanso Dele quando chegar a longa noite. Podem ir, Sid, Mary, Tom... agora deem o fora... vocês já me perturbaram demais.

As crianças foram para a escola e a velha senhora saiu para visitar a sra. Harper, a fim de derrotar, por meio do sonho fantástico de Tom, o realismo da amiga. Sid achou por bem não expressar o pensamento que estava em sua mente ao sair de casa. Era o seguinte: "Muito estranho... um sonho tão comprido daquele jeito, sem um errinho!".

Que herói Tom se tornara agora! No entanto, ele não saiu saltitando e todo empinado, mas se moveu com uma altivez digna, como convinha a um pirata que sentia que os olhos do público estavam nele. E estavam mesmo; enquanto caminhava, ele não quis agir como se não notasse os

olhares ou ouvisse os comentários, pois aquilo era colírio para os olhos e música para os ouvidos. Os meninos menores se aglomeravam em seus calcanhares, orgulhosos de serem vistos com ele e tolerados por ele, como se Tom tocasse tambor à frente de uma parada ou fosse o elefante abrindo um desfile pelo vilarejo. Os meninos do tamanho dele fingiam não ter notado a ausência de Tom, mas morriam de inveja. Dariam tudo para ter aquela pele morena e bronzeada, bem como a notoriedade resplandecente do colega; nem por uma ida ao circo Tom teria dispensado a companhia daqueles dois grupos de colegas.

Na escola, as crianças bajularam tanto Tom e Joe e expressaram com os olhos uma admiração tão eloquente que os dois heróis não demoraram a se tornar insuportavelmente metidos. Começaram a relatar suas aventuras aos ouvintes ávidos — mas apenas começaram; o relato não era algo que pudesse ter fim, com uma imaginação como a deles a fornecer material. E, logo depois, quando pegaram os cachimbos e serenamente saíram pitando, o ápice da glória foi alcançado.

O herói.

Tom decidiu que agora não precisava mais de Becky Thatcher. A

glória bastava. Viveria para a glória. Agora que ele havia se tornado ilustre, talvez ela quisesse fazer as pazes. Pois ela que tentasse — haveria de constatar que ele era capaz de ser tão indiferente quanto certas pessoas. Em seguida, Becky chegou. Tom fingiu que não a viu. Afastou-se e se juntou a um grupo de meninos e meninas e começou a tagarelar. Logo percebeu que ela corria de um lado para outro, com o rosto corado e os olhos atentos, fingindo estar entretida na perseguição de colegas e gargalhando ao pegar um deles; mas ele notou que ela sempre fazia as capturas ali por perto, e que em tais ocasiões parecia lançar um olhar intencional em sua direção. Isso satisfazia toda a vaidade cruel que havia nele; portanto, em vez de cativá-lo, aquilo apenas o instigava ainda mais e o tornava mais empenhado em não demonstrar que sabia que ela estava por perto. Logo ela desistiu das traquinagens e passou a circular, hesitante, suspirando uma ou duas vezes e olhando sorrateira e melancólica para Tom. Então percebeu que Tom agora estava falando mais com Amy Lawrence do que com qualquer outra pessoa. Becky sentiu uma pontada no coração e ficou ao mesmo tempo perturbada e indócil. Tentou ir embora, mas seus pés foram traiçoeiros e a conduziram até o grupo. Dirigindo-se a uma menina que estava bem ao lado de Tom, ela disse, com falsa vivacidade:

— Ora, Mary Austin! Que garota folgada! Por que você não foi na escola dominical?

— Eu fui... você não me viu?

— Ora, não! Você foi? Onde foi que você sentou?

— Eu tava na turma da srta. Peters, onde eu sempre tô. Eu vi *você*.

— Viu? Ora, que engraçado eu não tê visto você. Eu queria te contá sobre o piquenique.

— Ai, que coisa boa! Quem é que vai fazê?

— A minha mãe vai deixá eu fazê um.

— Ai, que bom; tomara que ela deixe *eu* ir.

— Ué, ela vai deixá. O piquenique é pra mim. Ela vai deixá qualquer um que eu quiser, e eu quero você.

— Que bom! Quando é que vai sê?

— Logo, logo. Quem sabe nas férias.

— Ai, vai sê muito bom! Você vai convidá todas as menina e todos os menino?

— Vou, todos que são meus amigo... ou querem sê. — E ela olhou disfarçadamente para Tom, que seguia conversando com Amy Lawrence sobre a terrível tempestade na ilha e como o relâmpago rachou o grande plátano "em lasquinhas", enquanto ele estava "de pé a um metro da árvore".

— Ai, será que eu posso ir? — perguntou Grace Miller.

— Pode.

— E eu? — perguntou Sally Rogers.

— Pode.

— E eu também? — perguntou Susy Harper. — E o Joe?

— Pode.

E assim prosseguiram batendo palmas de alegria, até que todo o grupo implorou pelo convite, exceto Tom e Amy. Então Tom virou de costas, tranquilamente, ainda falando, e se afastou acompanhado de Amy. Os lábios de Becky tremeram e lágrimas encheram seus olhos; ela escondeu esses sinais com uma animação forçada e continuou tagarelando, mas agora o entusiasmo tinha escapado do piquenique e de tudo o mais; ela fugiu o mais rápido que pôde, se escondeu e chorou pra valer. Depois, ficou um pouco ali amuada com o orgulho ferido até que a sineta tocou. Então se levantou com uma expressão vingativa nos olhos, sacudiu as tranças e disse consigo mesma que já sabia o que *ia fazer.*

Becky retalia.

No recreio, Tom continuou seu flerte com Amy, radiante e cheio de si. E perambulou até encontrar Becky e dilacerá-la com a performance. Por fim avistou-a, mas seu ânimo sofreu um abalo repentino. Ela estava sentada confortavelmente em um banquinho atrás da escola, folheando um livro ilustrado, em companhia de Alfred Temple — e estavam tão absortos, e suas cabeças tão juntas sobre o livro, que pareciam não notar nada mais no mundo. O ciúme correu feito lava nas veias de Tom. Ele começou a se odiar por ter jogado fora a chance que Becky tinha oferecido de se reconciliar. Chamou a si mesmo de bobalhão e de todos os nomes feios que lhe ocorreram. Sentiu vontade de chorar, tamanha era sua consternação. Amy conversava alegre enquanto caminhavam, pois seu coração cantarolava, mas a língua de Tom havia perdido a função. Ele não ouvia o que Amy dizia e, sempre que ela parava à espera de uma resposta, ele apenas gaguejava um assentimento constrangedor, muitas vezes sem sentido. A todo momento ele se voltava para os fundos da escola, e seus olhos ardiam diante daquele espetáculo deplorável. Ele não conseguia evitar. E enlouquecia ao constatar, conforme pensava ter constatado, que Becky Thatcher sequer

suspeitava da presença dele na terra dos vivos. E, no entanto, ela o viu; e sabia que começava a vencer a batalha, e estava feliz em vê-lo sofrer como ela havia sofrido.

A tagarelice esfuziante de Amy se tornou insuportável. Tom falou que tinha que tomar algumas providências; coisas que precisavam ser feitas; e disse que o tempo estava voando. Mas foi em vão — a menina prosseguiu. Tom pensou: "Ai, ela que se dane! Será que eu nunca vou me livrá dela?". Por fim, ele insistiu que precisava mesmo fazer as tais coisas — e ela falou, sem graça, que estaria por ali quando a aula terminasse. E ele saiu depressa, odiando-a por isso.

— Podia sê qualquer outro garoto! — Tom pensou, rangendo os dentes. — Qualquer garoto da cidade inteira, menos aquele espertinho de Saint Louis,[63] que acha que se veste tão bem e que é da nobreza! Ai, tudo bem, eu desci o cacete em você no primeiro dia que você chegou aqui nessa cidade, senhor, e vou descê de novo! Pera aí até eu te pegá! Eu vou te pegá e... — E ele fez gestos de espancar um garoto imaginário, esmurrando, chutando e empurrando o ar. — Ai, tu tá querendo, né? Já tá gritando, né? Agora vê se tu aprende! — E assim a surra imaginária terminou, para satisfação de Tom.

Tom correu para casa ao meio-dia. Sua consciência não aguentou mais a bendita felicidade de Amy, e seu ciúme não aguentou mais a outra situação angustiante. Becky retomou o exame das ilustrações com Alfred, mas à medida que os minutos se arrastavam e Tom não aparecia para sofrer o triunfo começou a ficar obscurecido e ela se desinteressou. Seguiram-se o fastio e a distração, e depois o descontentamento; duas ou três vezes, ela apurou o ouvido, percebendo a aproximação de passos, mas era sempre um alarme falso: nada de Tom. Por fim, ela ficou arrasada e desejou não ter levado a coisa tão longe. O pobre Alfred, vendo que a estava perdendo sem nem saber por quê, exclamou:

— Ai, essa aqui tá muito boa! Olha só!

Mas ela finalmente perdeu a paciência e disse:

— Ai, não me amola! Eu não dou a mínima pra isso aí! — E caiu em prantos, se levantou e se afastou.

Alfred a acompanhou e tentou consolá-la, mas ela falou:

— Vai embora e me deixa em paz, por favor! Eu te odeio!

O menino parou, perguntando-se o que teria feito — pois ela própria dissera que ficaria olhando as ilustrações até o meio-dia —, e Becky seguiu adiante, aos prantos. Então, pensativo, Alfred se dirigiu à escola deserta. Sentia-se humilhado e aborrecido. E logo percebeu a verdade: a menina o usara para extravasar seu rancor por Tom Sawyer. A raiva que Alfred tinha de Tom não diminuiu em nada quando esse pensamento lhe ocorreu. Ele desejou que houvesse algum modo de encrencar aquele garoto sem muito risco para si mesmo. O caderno de ortografia de Tom entrou em seu campo de visão. Ali estava uma oportunidade. Agradecido, ele abriu o caderno na lição daquela tarde e derramou tinta sobre a página.

Becky, olhando por uma janela atrás de Alfred, testemunhou o ato e seguiu em frente sem que ele percebesse. Ela então tomou o caminho de casa com a intenção de encontrar Tom e contar tudo a ele; Tom ficaria grato e os problemas do relacionamento dos dois seriam solucionados. Antes de chegar na metade do caminho, entretanto, mudou de ideia. A lembrança da atitude de Tom enquanto ela falava sobre seu piquenique voltou, escaldante, e a encheu de vergonha. Resolveu deixar que ele apanhasse por causa dos danos ao caderno de ortografia e, de quebra, odiá-lo para sempre.

19

tom chegou em casa acabrunhado, e a primeira coisa que sua tia disse deixou claro que ele havia levado suas mágoas a um mercado pouco promissor:

— Tom, a minha vontade é de te esfolar vivo!

— Titia, o que foi que eu fiz?

— Pois é, você já fez até demais. Então lá fui eu, que nem uma velhota chorona, falar com a Sereny Harper, esperando fazer com que ela acreditasse naquela baboseira do tal sonho, quando eis que ela ficou sabendo pelo Joe que você esteve aqui e ouviu toda a conversa da gente naquela noite. Tom, eu não sei o que vai ser de um garoto como você, que age desse jeito. Eu me sinto muito mal quando penso que você ficou quietinho e deixou eu ir até a casa da Sereny Harper e fazer papel de boba.

Esse era um novo aspecto da coisa. A esperteza daquela manhã tinha parecido a Tom uma boa brincadeira, e muito criativa. Agora só parecia algo perverso e mesquinho. Ele baixou a cabeça e não conseguiu pensar em nada para dizer naquele momento. Então falou apenas:

— Titia, eu me arrependo de tê feito aquilo... mas é que na hora eu não pensei.

— Ai, criança, você nunca pensa. Você nunca pensa em nada além do teu egoísmo. Foi capaz de pensar em vim até aqui, lá da ilha Jackson, de noite, pra rir dos nossos problemas, e foi capaz de pensar em me fazer de boba com uma mentira sobre um sonho, mas não foi capaz de ter pena e livrar a gente da tristeza.

— Titia, eu sei agora que foi maldade, mas eu não fiz de propósito. Não fiz não, palavra. E além disso eu não vim aqui pra rir de vocês naquela noite.

— Por que foi que você veio, então?

— Foi pra falá pra senhora não se preocupá com nós, porque nós não

tínhamo se afogado.

— Tom, Tom, eu ia ser a alma mais grata desse mundo se pudesse acreditar que você teve um pensamento tão bom como esse, mas você sabe que não teve... e eu também sei, Tom.

— De verdade, de verdade, eu tive, titia... e eu quero nunca mais mexê um dedo se não tive.

— Ai, Tom, não mente... não faz isso. Isso só torna as coisas cem vezes piores.

— Não é mentira, titia; é verdade. Eu queria evitá que a senhora sofresse... foi só isso que fez eu vim até aqui.

— Eu dava o mundo inteiro pra acreditar... isso ia apagar uma montoeira de pecado, Tom. Eu ia ficar quase feliz por você ter fugido e agido tão mal. Mas é que não faz o menor sentido... por que você não falou nada, menino?

— Ora, olha só, quando vocês deram de falá do funeral eu fiquei cheio das ideia, pra gente chegá e se escondê na igreja, e eu não podia estragá tudo. Daí eu enfiei a casca de volta no bolso e calei o bico.

— Que casca?

— A casca da árvore onde eu escrevi pra contá pra senhora que a gente tinha virado pirata. Eu queria agora que a senhora tivesse acordado quando eu beijei a senhora... eu queria, palavra.

As linhas duras no rosto da tia relaxaram, e uma ternura repentina surgiu em seus olhos.

— Você me *beijou*, Tom?

— Ora! Beijei sim.

— De certeza, Tom?

— Ora! Beijei sim, titia... de certeza.

— Por que você me beijou, Tom?

— Porque eu amo muito a senhora, e a senhora tava lá gemendo, e me deu muita pena.

As palavras pareciam verdadeiras. A velha senhora não conseguiu esconder o tremor na voz ao dizer:

— Me dá mais um beijo, Tom!... E agora vai pra escola, e vê se não me perturba mais.

No instante em que ele saiu, ela correu até o armário e pegou a jaqueta meio esfarrapada com a qual Tom atuara na condição de pirata.

Em seguida, parou com a jaqueta na mão e disse consigo mesma:

— Não, eu não tenho coragem. Tadinho, eu acho que ele mentiu... mas é uma mentira abençoada, abençoada mesmo, pois trouxe muito consolo. Eu espero que o Senhor... eu *sei* que o Senhor vai perdoar ele, porque foi de boa vontade que ele fez isso. Mas não quero descobrir que é mentira. E não vou olhar.

Ela guardou a jaqueta e ficou pensando por um minuto. Duas vezes, estendeu a mão para pegar a jaqueta novamente e, nas duas vezes, se conteve. Aventurou-se de novo, e dessa vez se fortaleceu com o pensamento: "É uma mentira boa... é uma mentira boa... eu não vou deixar que isso me aborreça". Em seguida, procurou no bolso da jaqueta. Um instante depois estava lendo o pedaço de casca de árvore no qual Tom havia escrito e, em meio a uma torrente de lágrimas, disse:

— Eu posso perdoar esse menino agora, mesmo que ele tenha cometido um milhão de pecados!

20

havia algo na atitude de tia polly, quando ela beijou Tom, que acabou com o estado de espírito sombrio do menino e o deixou de novo lépido e faceiro. Ele saiu para a escola e teve a sorte de encontrar Becky Thatcher no início da Meadow Lane. O estado de ânimo de Tom sempre determinava suas atitudes. Sem um momento de hesitação, ele correu até ela e disse:

— Eu agi muito mal hoje, Becky, me desculpa. Eu nunca, nunca mais vou fazê aquilo enquanto eu vivê... por favor, faz as paz comigo, tá?

A menina parou e o olhou com desdém:

— Eu vou agradecê se você ficá longe de mim, sr. Thomas Sawyer. Eu nunca mais vou falá com você.

Ela sacudiu a cabeça e seguiu adiante. Tom ficou tão surpreso que só teve presença de espírito suficiente para dizer "Quem se importa, srta. Metida?" quando o momento já havia passado. Portanto, não disse nada. Mas ficou furioso. Emburrado, entrou no pátio da escola desejando que ela fosse um garoto e imaginando como a trataria nesse caso. Em seguida, deparou-se com ela e fez um comentário ácido ao passar. Ela retribuiu na mesma moeda, e o rompimento foi ríspido e total. Na mágoa que a consumia, Becky achava que mal podia esperar a escola entrar, de tão impaciente que estava para ver Tom apanhar por causa do caderno de ortografia danificado. Se ainda restava nela qualquer intenção de expor Alfred Temple, o golpe desferido por Tom removeu completamente tal intento.

Pobre menina, não sabia que ela própria estava prestes a se meter em encrenca. O professor, sr. Dobbins, havia chegado à meia-idade com uma ambição insatisfeita. Seu desejo mais acalentado era de ser médico, mas a pobreza havia decretado que ele não seria nada mais do que mestre-escola em uma cidadezinha do interior. Todos os dias ele pegava um livro misterioso de sua escrivaninha e se concentrava nele

nos momentos em que a turma não estava recitando. O livro ficava trancado a sete chaves. Não havia um moleque na escola que não morresse de vontade de vê-lo, mas nunca surgia uma chance. Cada menino e menina tinha uma teoria sobre o conteúdo do livro, mas não havia duas teorias que coincidissem e nem como chegar aos fatos. Agora, enquanto passava pela escrivaninha, que ficava perto da porta, Becky notou que a chave estava na fechadura! Era um momento precioso. Ela olhou ao redor; viu-se sozinha e, no instante seguinte, já estava com o livro nas mãos. A página do título — *Anatomia*, de autoria do Professor Fulano de Tal — não continha nenhuma informação esclarecedora; portanto, ela começou a virar as folhas. Logo deparou-se com um frontispício belamente desenhado e colorido — uma figura humana nua em pelo. Naquele momento, uma sombra pairou sobre a página, e Tom Sawyer entrou pela porta e viu de relance a ilustração. Becky agarrou o livro para fechá-lo e teve o azar de rasgar ao meio a página em que constava a tal imagem. Ela enfiou o volume na gaveta da escrivaninha, girou a chave e começou a chorar de vergonha e constrangimento.

— Tom Sawyer, como é que você pode sê tão malvado desse jeito, chegando quieto junto de uma pessoa pra espiá o que ela tá olhando!

— Como é que eu ia sabê que você tava olhando alguma coisa?

— Você devia se envergonhá, Tom Sawyer; você sabe que vai me dedurá e... ai, o que é que eu vou fazê, o que é que eu vou fazê?! Eu vou apanhá, e nunca apanhei na escola.

Então ela bateu o pezinho e disse:

— *Pode sê* malvado se você quiser! Eu sei de uma coisa que vai acontecê. Espera só pra você vê! Eu te odeio, te odeio, te odeio! — E ela saiu correndo da escola, em meio a uma nova explosão de choro.

Tom ficou imóvel, bastante perturbado com aquela reação agressiva. Em seguida, disse consigo mesmo:

— Garota fala cada bobage! Nunca apanhou na escola! Ora bolas! O que é que tem apanhá?! As garota são bem assim mesmo... tudo fracote e molenga. Pois é, de certeza eu não vou dedurá essa bobinha pro velho Dobbins porque tem outros jeito pra mim se vingá dela, menos malvado; mas e daí? O velho Dobbins vai perguntá quem rasgou o livro. Ninguém vai respondê. Daí ele vai fazê como ele sempre faz: vai

perguntá de um em um, e quando chegá na garota certa ele vai sabê sem precisá perguntá nada. As cara das garota sempre entrega elas. Elas não têm tutano. Ela vai apanhá. Pois é, a Becky Thatcher tá encrencada, e ela não tem como escapá. — Tom refletiu sobre a questão por mais um momento e acrescentou: — Mas tudo bem; ela ia gostá de me vê numa encrenca como essa... deixa ela suá!

Tom se juntou a um grupo de alunos que brincavam do lado de fora. Em alguns instantes, o mestre chegou e a escola entrou. Tom não conseguiu se concentrar muito na lição. Toda vez que olhava para o lado da sala ocupado pelas meninas, o semblante de Becky o perturbava. No final das contas não queria ter pena dela, mas mal conseguia evitar tal sentimento. Tampouco conseguia sentir qualquer exultação que fosse, de fato, autêntica. Logo depois, ao ser descoberto o caderno de ortografia, a mente de Tom ficou por algum tempo inteiramente tomada pelos próprios problemas. Becky despertou de sua angustiada letargia e demonstrou interesse nos acontecimentos. Duvidava que Tom pudesse escapar da encrenca negando haver derramado tinta no caderno; e estava certa. A negação pareceu só piorar as coisas para Tom. Becky achava que ficaria feliz com a situação e tentou acreditar que estava feliz, mas constatou que não tinha certeza. No momento mais crítico, teve o impulso de se levantar e denunciar Alfred Temple, mas fez um esforço e se obrigou a permanecer calada, dizendo consigo mesma: "Ele vai contá que eu rasguei o desenho, de certeza. Eu não vou dizê nem uma palavra, nem que seja pra salvá a vida dele!".

Tom levou a devida chibatada e voltou para seu assento, nada aborrecido, pois achava possível que ele próprio tivesse derramado tinta no caderno de ortografia durante alguma brincadeira bruta — negara tudo por uma questão formal e porque era seu costume, e se apegara à negação por princípio.

Uma hora inteira se passou, o mestre cochilava em seu trono, e a atmosfera estava sonolenta com o burburinho do estudo. Aos poucos, o sr. Dobbins se aprumou, bocejou, destrancou a gaveta da escrivaninha e pegou o livro, mas parecia indeciso quanto a retirá-lo ou a deixá-lo. A maioria dos alunos ergueu os olhos indolentes, mas dois deles observavam os movimentos do mestre com olhos atentos. O sr. Dobbins

correu os dedos pelo livro distraidamente por um tempo, retirou-o da gaveta e se acomodou na cadeira para ler! Tom lançou um olhar para Becky. Já tinha visto um coelho acuado e indefeso exibir aquela expressão diante de uma arma apontada para sua cabeça. No mesmo instante, esqueceu a briga que teve com ela. Depressa — algo precisava ser feito! E rápido! Mas a própria emergência da situação paralisava sua criatividade... Ótimo! — ele teve uma inspiração! Pegaria o livro, sairia porta afora e correria para longe. Mas a ação hesitou por um breve instante, e a chance foi perdida — o mestre abriu o volume. Se Tom pudesse ao menos ter de volta a chance desperdiçada! Tarde demais. Agora não havia como ajudar Becky, disse ele. No momento seguinte, o mestre encarou a turma. Cada olhar afundou sob aquela encarada. Havia algo naquele semblante capaz de derrubar de medo até os inocentes. Fez-se um silêncio tão longo que teria sido possível contar até dez — o mestre acumulava sua ira. Então ele perguntou:

— Quem rasgou este livro?

Não houve nenhum som. Seria possível ouvir uma mosca voar. O silêncio continuou; o mestre procurou, de rosto em rosto, os sinais de culpa.

— Benjamin Rogers, foi você que rasgou este livro?

Uma negativa. Outra pausa.

— Joseph Harper, foi você?

Outra negação. A ansiedade de Tom se tornou cada vez mais intensa sob a lenta tortura dos procedimentos. O mestre examinou as fileiras de meninos — refletiu um pouco e, então, virou-se para as meninas:

— Amy Lawrence?

Uma sacudida de cabeça.

— Gracie Miller?

O mesmo sinal.

— Susan Harper, foi você que fez isso?

Outra negação. A seguinte era Becky Thatcher. Tom tremia da cabeça aos pés por causa do nervosismo e da ausência de esperança diante da situação.

— Rebecca Thatcher (Tom olhou para o rosto dela... estava lívido de pavor), você rasgou... não, olhe nos meus olhos (ela ergueu as mãos, em súplica), você rasgou este livro?

Uma ideia disparou feito um raio no cérebro de Tom. Ele se levantou de um salto e gritou:

— Fui eu!

Tom surpreende a turma.

A turma ficou estarrecida diante daquele desatino inacreditável. Tom parou um momento para reunir suas faculdades desmembradas; e quando deu um passo à frente rumo ao seu castigo, a surpresa, a gratidão, a adoração que o iluminavam partindo dos olhos da pobre Becky pareciam compensar uma centena de chibatadas. Inspirado pelo esplendor de seu próprio ato, ele levou sem gritar a surra mais impiedosa que o sr. Dobbins já havia aplicado; e também recebeu com indiferença a crueldade adicional da ordem de ficar detido por duas horas na sala de aula após a turma ser dispensada — pois sabia quem estaria à sua espera do lado de fora quando o cativeiro terminasse, e não consideraria uma perda o tempo tedioso de espera.

Naquela noite, Tom foi dormir planejando uma vingança contra Alfred Temple, pois, com vergonha e arrependimento, Becky lhe contara tudo, sem esquecer sua própria traição; porém, mesmo o desejo

de vingança teve que logo ceder perante reflexões mais agradáveis, e ele enfim adormeceu, com as últimas palavras de Becky persistindo oniricamente em seu ouvido:

— Tom, como é que *você pôde* sê tão nobre!

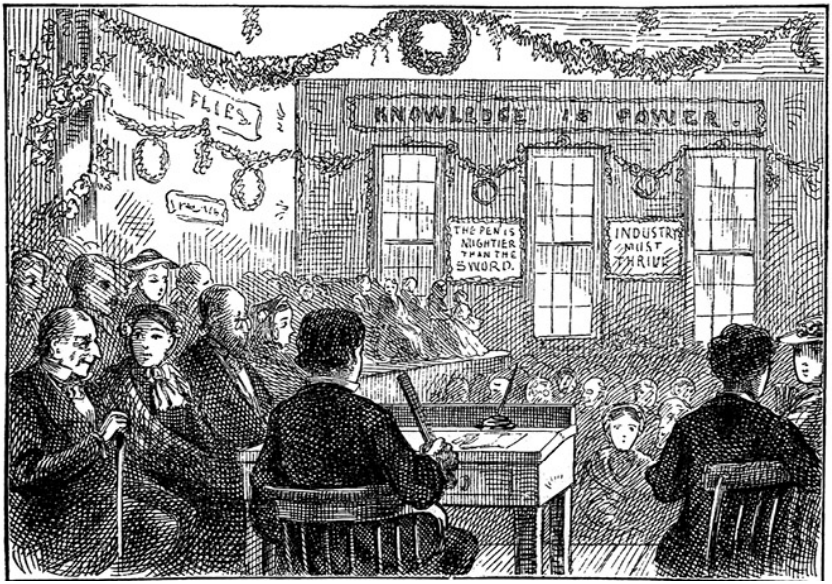
as férias estavam se aproximando. O mestre-escola, sempre severo, tornou-se mais duro e mais exigente do que nunca, pois queria que a escola tivesse um bom desempenho no dia do Exame. A vara e a palmatória raramente ficavam ociosas agora — pelo menos entre os mais jovens. Apenas os alunos mais velhos e as jovens de dezoito e vinte anos escapavam das chibatadas. E as chibatadas desferidas pelo sr. Dobbins eram bastante vigorosas, pois, embora tivesse sob a peruca uma cabeça perfeitamente calva e brilhante, ele apenas alcançara a meia-idade e não apresentava nenhum sinal de fraqueza em seus músculos. À medida que a grande data se acercava, toda a tirania que havia no mestre vinha à tona; ele parecia sentir um prazer revanchista em punir as mínimas falhas. O resultado foi que os alunos mais jovens passavam os dias aterrorizados, sofrendo, e as noites tramando vingança. Não desperdiçavam nenhuma oportunidade de fazer alguma molecagem com o mestre. Mas ele sempre arrumava um jeito de escapar. E a retribuição que seguia cada investida era tão impiedosa e imperiosa que os meninos sempre se retiravam do campo de batalha totalmente derrotados. Por fim, conspiraram juntos e chegaram a um plano que prometia uma vitória acachapante. Fizeram o filho do pintor de letreiros jurar fidelidade, revelaram-lhe o esquema e pediram sua assistência. Ele próprio tinha motivos para ficar mais do que contente, pois o mestre residia em um quarto alugado na casa do pai desse menino e já lhe dera muitos motivos para ser odiado por ele. Em alguns dias, a esposa do mestre faria uma viagem ao interior, não havendo nada que atrapalhasse o plano; o mestre sempre se preparava para grandes ocasiões se embriagando, e o filho do pintor de letreiros disse que no dia do Exame, quando o professor atingisse o estado adequado, "cuidaria da coisa" enquanto o mestre cochilasse em sua cadeira. Depois garantiria que ele fosse acordado a tempo e levado depressa até a

escola.

Após a devida espera, a ocasião chegou. Às oito da noite, a escola estava resplandecente e adornada com grinaldas e festões confeccionados com folhas e flores. O mestre se entronou em sua grande cadeira sobre uma plataforma, com o quadro-negro atrás. Parecia razoavelmente alto. Três fileiras de bancos de cada lado e seis fileiras à frente estavam ocupadas pelos dignitários do vilarejo e pelos pais dos alunos. À esquerda do mestre, atrás das fileiras de cidadãos, havia uma espaçosa plataforma provisória onde se sentavam os colegiais que participariam dos exercícios daquela noite; fileiras de meninos menores, de banho tomado e vestidos até o ponto máximo de desconforto; fileiras de rapazolas desengonçados; grupos formados por meninas e moçoilas vestidas de linho e musselina branca, parecendo montes de neve, visivelmente conscientes de seus braços à mostra, das velhas pulseiras pertencentes às avós, das fitinhas rosa e azuis e das flores nos cabelos. O restante do recinto estava repleto de alunos que não participariam.

Os exercícios começaram. Um menino miúdo se levantou e recitou, com timidez: "Os senhores talvez não esperassem alguém da minha idade falando em público no palco"[64] etc., acompanhado por gestos dolorosamente precisos e espasmódicos que uma máquina teria sido capaz de fazer — supondo que estivesse um pouco desregulada. Mas ele chegou ao final com segurança, embora tão assustado que inspirava pena, e recebeu uma bela salva de palmas quando fez uma reverência ensaiada e se retirou.

Uma garotinha envergonhada balbuciou: "Batatinha quando nasce" etc., fez uma reverência inspiradora de compaixão, recebeu aplausos e se sentou ruborizada e feliz.



O dia do Exame.

Tom Sawyer deu um passo à frente com uma confiança orgulhosa e alçou voo, em uma declamação inextinguível e indestrutível: "Deem-me liberdade ou deem-me a morte!",[65] com fúria exuberante e gesticulação frenética, mas travou no meio da coisa. Foi dominado por um terrível medo do palco, suas pernas tremeram e ele quase se engasgou. É verdade que foi alvo de total benevolência por parte da plateia, mas foi alvo também de seu silêncio, o que era ainda pior do que a benevolência. O mestre franziu o cenho e isso completou o desastre. Tom resistiu um pouco, mas depois se retirou, totalmente derrotado. Houve uma débil tentativa de aplauso, que logo sucumbiu.

Na sequência, vieram "O menino ficou no convés em chamas",[66] "O assírio foi derrubado"[67] e outras pérolas da declamação. Em seguida, houve exercícios de leitura e um concurso de soletração. A minguada turma de latim recitou honrosamente. Chegou, então, o momento da atração principal da noite: redações originais das jovens alunas. Na sua vez, cada uma deu um passo à frente até a beirada da plataforma, pigarreou, ergueu o manuscrito (amarrado com uma fita mimosa) e começou a ler, cuidando bem da expressão e da pontuação. Os tópicos eram os mesmos iluminados em ocasiões semelhantes por suas mães, suas avós e, sem dúvida, por todos os ancestrais na linhagem feminina desde as Cruzadas. "Amizade" era um deles; "Lembranças de outrora"; "A

religião na história"; "A terra dos sonhos"; "As vantagens da cultura"; "Formas de governo comparadas e contrastadas"; "Melancolia"; "Amor filial"; "Anseios do coração" etc. etc.

Uma característica predominante dessas redações era um sentimentalismo bem nutrido e afagado; outra era um jorro perdulário e vigoroso de "linguagem refinada"; outra era a tendência de arrastar pelas orelhas palavras e frases especialmente apreciadas até se desgastarem por completo; e uma peculiaridade que nitidamente marcava e desfigurava tais escritos era o sermão inveterado e intolerável que sempre abanava o rabo frágil no final de cada um deles. Não importava qual fosse o assunto, um esforço de entortar o cérebro era promovido para distorcer o tópico em direção a um aspecto ou outro que a mentalidade moral e religiosa pudesse contemplar com edificação. A flagrante carência de sinceridade desses sermões não bastava para banir a moda das escolas, e ainda hoje não basta; e talvez jamais haverá de bastar, enquanto o mundo for como é. Não há uma escola em todo o nosso país em que as jovens não se sintam obrigadas a concluir suas redações com um sermão; e pode-se constatar que o sermão de autoria da jovem mais frívola e menos religiosa da escola é sempre o mais longo e contundente. Mas chega disso. A verdade mais simples é intragável.

Voltemos ao Exame. A primeira redação lida era intitulada "Isso, então, é a vida?". Talvez o leitor possa suportar um trecho:

> Nas esferas comuns da vida, com que emoções aprazíveis a mente jovem aguarda ansiosamente pela cena de uma festividade! A imaginação se ocupa em esboçar imagens de júbilo em tons rosados. Em sua fantasia, a voluptuosa devota da moda se vê em meio à multidão festiva, "alvo de todos os olhares".[68] Sua forma graciosa, trajada com mantos nevados, rodopia pelos labirintos da dança alegre; seus olhos são os mais cintilantes, seus passos os mais lépidos na radiante tertúlia.
>
> Em tais deliciosas fantasias, o tempo passa celeremente, e chega a hora das boas-vindas da jovem ao mundo elísio[69] com o qual ela teve sonhos fulgurantes. Como tudo parece um conto de fadas à sua visão encantada! Cada nova cena é mais fascinante do que a anterior. Depois de um tempo, porém, ela descobre que por trás desse exterior suntuoso tudo é vaidade, e a bajulação que antes deslumbrava sua alma se torna agora áspera aos seus ouvidos; o salão de baile perdeu seus encantos; com a saúde depauperada e o

coração amargurado, ela se afasta, convicta de que os prazeres mundanos não podem satisfazer os anseios da alma!

E assim por diante. Em dados momentos, ouviu-se durante a leitura um burburinho de satisfação, acompanhado por exclamações sussurradas — "Que doçura!", "Que eloquência!", "Quanta verdade!" etc. —, e depois, quando por meio de um sermão um tanto aflitivo a coisa chegou ao fim, os aplausos foram entusiasmados.

Na sequência, apareceu uma menina magricela e melancólica cujo rosto exibia a palidez "interessante" que vem da ingestão de comprimidos e do mal-estar estomacal, e leu um "poema". Duas estrofes haverão de bastar:

O ADEUS DE UMA DONZELA DO MISSOURI AO ALABAMA[70]

Alabama, adeus! Ah, como eu te amo!
Mas por um tempo devo deixar-te agora!
Com tristeza, lembranças de ti eu proclamo,
E memórias ardentes me vêm nesta hora!
Pois por tuas florestas floridas vaguei;
Perto do rio Tallapoosa[71] flanei e li;
Das cheias bravas em Tallassee[72] me inteirei,
Às margens do Coosa[73] com Aurora[74] flertei.

Mas não é vergonha ter coração efusivo,
Nem corar e meus olhos chorosos ocultar;
Não é de terra estranha que ora me esquivo,
Nem por estranhos que estou a suspirar.
Tive um lar neste estado, sem haver quem decrete,
Cujos vales deixo — e templos passam por mim,
E frios estarão meus olhos, coração, e tête,
Se, meu Alabama, contigo esfriarem enfim!

Poucos ali sabiam o que significava "tête", mas ainda assim o poema agradou bastante.

A seguir, surgiu uma jovem de pele escura, olhos e cabelos pretos, fez

uma pausa dramática, adotou uma expressão trágica e começou a ler, em um tom de voz compassado e solene:

UMA VISÃO

Tenebrosa e tempestuosa era a noite. Ao redor do trono altaneiro, nem uma única estrela tremeluzia; mas as entonações profundas do pesado trovão vibravam constantemente no ouvido, enquanto o raio terrível se deleitava em sua ira através das câmaras nubladas do céu, parecendo desprezar o domínio exercido sobre seu terror pelo ilustre Franklin![75] Até os ventos turbulentos abandonaram unanimemente seus lares místicos e rugiram, como se pretendessem contribuir com o agravamento da selvageria da cena.

Em tal hora, tão lúgubre, tão triste, por simpatia humana meu espírito suspirava; mas em vez disso

"Minha melhor amiga, minha conselheira, meu alento e guia —

Minha alegria na dor, minha segunda bem-aventurança na alegria"[76] veio ter comigo.

Ela se movia como um daqueles seres brilhantes retratados por jovens e românticos durante os passeios ensolarados do Éden onde habita a fantasia, uma rainha da beleza sem adornos, exceto por sua formosura natural e transcendente. Suas passadas eram tão suaves que não produziam o menor som, e não fosse a emoção mágica transmitida por seu toque afetuoso, tanto quanto por outras belezas sutis, ela teria deslizado para longe sem ser notada — sem ser procurada. Uma estranha tristeza repousava em suas feições como lágrimas de gelo no manto de dezembro quando ela apontou para os elementos em conflito, do lado de fora, e me pediu que contemplasse os dois seres apresentados.

Esse pesadelo ocupou um manuscrito de cerca de dez páginas e foi concluído com um sermão tão destrutivo de toda e qualquer esperança para os não presbiterianos que conquistou o primeiro lugar. A redação foi considerada a melhor da noite. O prefeito do vilarejo, ao entregar o prêmio à autora, fez um discurso caloroso no qual afirmou que aquilo era, de longe, a coisa mais "eloquente" que ele já tinha ouvido, e que o próprio Daniel Webster[77] poderia muito bem se orgulhar de tal texto.

Cabe observar, de passagem, que o número de redações nas quais a palavra "formoso" foi por demais acariciada e a experiência humana referida como "página da vida" esteve dentro da média.

O dilema do mestre.

Agora o mestre, tão ébrio que chegava às raias de amabilidade, empurrou a cadeira para o lado, deu as costas para a plateia e começou a desenhar no quadro-negro um mapa dos Estados Unidos, no intuito de proceder ao teste de geografia. Mas se saiu mal por conta da mão trêmula, e um riso abafado correu pela sala. Ele percebeu o problema e se dispôs a corrigi-lo. Apagou as linhas que havia traçado e as refez, mas apenas as distorceu ainda mais e o riso se tornou mais pronunciado. Em seguida, concentrou toda sua atenção no trabalho, como se tivesse decidido não se deixar abater pelas risadinhas. Sentiu que todos os olhos estavam cravados nele; imaginou que estivesse se saindo melhor, mas o riso prosseguiu, e até aumentou, nitidamente. E não foi sem motivo. Havia um sótão, vazado por uma pequena janela acima da cabeça do mestre; e, através dessa janela, desceu uma gata, suspensa

por um cordão atado às ancas; trazia um trapo amarrado em volta da cabeça e das mandíbulas, para impedi-la de miar; enquanto descia lentamente, a gata se curvava para cima, tentando se agarrar ao cordão, e se virava para baixo, tentando se agarrar ao ar intangível. O volume do riso aumentou — a gata estava a quinze centímetros da cabeça do professor absorto —, descendo, descendo, descendo um pouco mais, até que, desesperada, arrancou-lhe com as unhas a peruca; imediatamente, agarrada à peruca, foi arrebatada de volta ao sótão, com o troféu ainda em sua posse! E como refletiu bem a luz na careca do mestre-escola, pois o filho do pintor de letreiros a havia *pintado de dourado*!

Aquilo pôs fim ao evento. Os meninos estavam vingados. As férias tinham chegado.[78]

tom se filiou à nova ordem dos Cadetes da Temperança,[79] sendo atraído pela qualidade exuberante da insígnia. Jurou se abster de fumar, mascar e praguejar enquanto fosse membro. Com isso descobriu algo novo — a saber, que fazer alguém jurar que não vai fazer uma coisa é a maneira mais segura do mundo de impelir o indivíduo a querer fazer exatamente aquilo. Tom logo se viu atormentado pelo desejo de beber e praguejar; o desejo se tornou tão intenso que nada além da esperança de aproveitar uma chance de se exibir com sua faixa rubra o impedia de se retirar da ordem. O Quatro de Julho[80] estava chegando; mas ele logo desistiu — antes mesmo de usar as algemas da ordem por quarenta e oito horas — e concentrou as esperanças no velho juiz Frazer, que supostamente estava em seu leito de morte e mereceria um grande funeral público, já que se tratava de um cidadão muito ilustre. Durante três dias, Tom ficou bastante preocupado com o estado de saúde do juiz e ávido por notícias. Às vezes, as esperanças eram grandes — tão grandes que ele se aventurava a pegar a insígnia e treinar diante do espelho. Mas a saúde do juiz oscilava de maneira desanimadora. Por fim, ele foi declarado melhor — e depois recebeu alta. Tom ficou indignado e se sentiu aviltado também. Entregou sua exoneração de imediato e naquela mesma noite o juiz teve uma recaída e morreu. Tom decidiu que nunca mais confiaria em um homem como aquele.

O funeral foi pomposo. Os Cadetes desfilaram com um estilo calculado para matar de inveja o ex-membro. Contudo, Tom era um menino livre de novo — havia nisso alguma vantagem. Podia beber e praguejar agora — mas descobriu, para sua surpresa, que não queria. O simples fato de poder fazer eliminava o desejo e o fascínio da coisa.

Tom passou a achar que as férias tão cobiçadas se tornavam um peso em suas mãos.

Tentou iniciar um diário — mas nada aconteceu durante três dias;

então abandonou-o.

A primeira de uma série de apresentações de menestréis[81] chegou à cidade e causou sensação. Tom e Joe Harper formaram uma trupe de artistas e ficaram contentes por dois dias.

Até mesmo o Glorioso Quatro de Julho foi, de certo modo, um fracasso, pois choveu forte e, como consequência, não houve desfile, e o maior homem do mundo (assim Tom supunha), o sr. Benton,[82] um autêntico senador dos Estados Unidos, revelou-se uma amarga decepção, uma vez que não tinha seis metros de altura e não chegava nem perto disso.

Um circo chegou. Os meninos brincaram de circo durante três dias, em tendas feitas com retalhos de tapetes — ingresso: três alfinetes para meninos, dois para meninas —, mas depois a atividade foi abandonada.

Um frenologista e um hipnotizador chegaram — e ambos partiram, deixando o vilarejo mais monótono e sombrio do que nunca.

Houve algumas festas para meninos e meninas, mas foram tão poucas e tão divertidas que tornaram o intervalo sofrido e vazio entre uma e outra ainda mais doloroso.

Becky Thatcher tinha ido para sua casa em Constantinople para passar as férias com os pais — então a vida não tinha graça em lugar nenhum.

O terrível segredo sobre o assassinato era um sofrimento crônico. Era um verdadeiro câncer, pela persistência e pela dor.

Depois veio o sarampo.

Durante duas longas semanas Tom ficou preso, morto para o mundo e seus acontecimentos. Passou muito mal e não se interessava por nada. Quando por fim pôde se levantar e se dirigir, enfraquecido, até o centro do vilarejo, uma mudança melancólica havia ocorrido em tudo e em todas as criaturas. Ocorrera um "reavivamento"[83] e todos estavam "tomados pela religião", não apenas os adultos, mas até os meninos e as meninas. Tom perambulou, esperando desesperadamente se deparar com um bendito rosto pecaminoso, mas a decepção cruzou seu caminho por toda parte. Encontrou Joe Harper estudando o Novo Testamento e, com tristeza, afastou-se daquele espetáculo deprimente. Procurou Ben Rogers e o encontrou visitando os pobres, levando consigo uma cesta cheia de folhetos religiosos. Buscou Jim Hollis, que

afirmou que o sarampo recém-contraído pelo amigo tinha sido um aviso dos céus. Cada garoto que ele encontrava acrescentava mais uma tonelada à sua depressão; e quando em desespero Tom enfim voou para se refugiar junto a Huckleberry Finn e foi recebido com uma citação bíblica, seu coração foi esmagado e ele se arrastou até sua casa e foi para a cama, percebendo que só ele no povoado inteiro estava perdido para todo o sempre.

E naquela noite veio uma tempestade terrível, com chuva torrencial, trovoadas medonhas e relâmpagos que chegavam a cegar. Tom cobriu a cabeça com o lençol e esperou com pavor e suspense pela condenação, pois não tinha a menor dúvida de que todo aquele pandemônio era por sua causa. Acreditava que havia testado a paciência dos poderes superiores ao extremo e que aquilo era o resultado. Poderia ter imaginado que seria um desperdício de pompa e munição matar um inseto com tiros de canhão, mas não parecia nada insensato engendrar uma tempestade tão cara como aquela para ceifar a relva sob as patas de um inseto como ele.

Aos poucos, a tempestade se dissipou e chegou ao fim sem atingir seu objetivo. O primeiro impulso do menino foi se sentir grato e se regenerar. O segundo foi esperar — pois talvez não houvesse mais tempestades.

Aproveitando as férias.

No dia seguinte, os médicos voltaram; Tom sofrera uma recaída. As três semanas que passou acamado dessa vez pareceram uma eternidade. Quando finalmente pôde sair, não se sentiu muito grato por ter sido poupado, lembrando-se de como era solitária sua condição, de como estava desamparado e desprovido de companhia. Ele vagou apático pela rua e encontrou Jim Hollis atuando como juiz em um tribunal de crianças que julgavam um gato por homicídio na presença da vítima, um passarinho. Encontrou Joe Harper e Huck Finn em um beco, comendo um melão furtado. Pobres rapazes! Como Tom, tinham sofrido uma recaída.

23

Por fim, a atmosfera sonolenta foi perturbada — e de maneira intensa: o julgamento do assassinato teve início no tribunal. E logo se tornou o tópico mais cativante das conversas do vilarejo. Tom não tinha como se esquivar. Cada referência ao homicídio lhe causava um aperto no coração, visto que a consciência pesada e o medo quase o persuadiam de que os comentários feitos ao redor dele eram sondagens; Tom achava difícil suspeitarem que ele soubesse algo sobre o assassinato, mas ainda assim não conseguia se sentir à vontade no meio de todo aquele fuxico. Aquilo lhe causava calafrios o tempo todo. Ele levou Huck até um local isolado para uma conversa. Seria um alívio poder desabafar durante algum tempo, dividir o fardo de angústia com outro sofredor. Além disso, queria ter certeza de que Huck se mantivera discreto.

— Huck, você contou... aquilo pra alguém?

— Aquilo o quê?

— Você sabe o quê.

— Ai, claro que não.

— Nem uma palavra?

— Nem uma palavrinha, Deus me ajude! Por que tu tá perguntando?

— Pois é, eu tava com medo.

— Ora, Tom Sawyer! A gente não ia ficá vivo nem dois dia se aquilo fosse descoberto. Tu sabe disso.

Tom se sentiu mais à vontade. Após uma pausa:

— Huck, eles não ia conseguí te obrigá a contá, né?

— Obrigá eu a contá? Ora, só se eu quisesse que aquele demônio mestiço me afogasse eles podia me fazê contá. Era o único jeito.

— Pois é, então tá tudo bem. Eu acho que a gente tá seguro, se a gente continuá de bico calado. Mas vamo jurá de novo, de qualquer maneira. É mais garantido.

— Eu topo.

Em seguida, juraram novamente, com ferrenha solenidade.

— O que é que povo anda falando por aí, Huck? Eu escutei um montão de conversa.

— Conversa? Pois é só Muff Potter, Muff Potter, Muff Potter o tempo todo. Isso me faz suá sem pará, e eu tenho vontade de me escondê em algum canto.

— É desse mesmo jeito que eles fica falando em volta de mim. Eu acho que ele tá ferrado. Você não sente pena dele, às vez?

— Quase sempre... quase sempre. Ele não é grande coisa, mas nunca fez mal pra ninguém. Só pesca um pouco pra arrumá um dinheirinho e enchê a cara... e fica por aí na vagabundage; mas Deus do céu, nós tudo fazemo isso... pelo meno a maioria de nós... até os pastor e gente assim. Ele até que é mais ou meno bom... me deu a metade de um peixe uma vez, quando não tinha comida pra dois; e muitas vez meio que ficou do meu lado quando eu tava na pior.

— Pois é, ele remendou pipa pra mim, Huck, e amarrou anzol na minha linha de pescá. Eu queria que a gente arranjasse um jeito de tirá ele de lá.

— Nossa! A gente não consegue tirá ele de lá, Tom. E também não ia adiantá nada; eles pegava ele de novo.

— É... pegava mesmo. Mas eu fico com muita raiva de escutá eles falá tão mal dele, quando ele não fez... aquilo.

— Eu também, Tom. Deus do céu, escutei falá que ele é o malvado mais sanguinário desse país, e o povo fica espantado como é que pode ele já não tê sido enforcado.

— É, eles fala bem assim, o tempo todo. Escutei falá que se ele escapá eles vai linchá ele.

— E lincha mesmo.

Os meninos tiveram uma longa conversa, mas isso não lhes trouxe grande alento. À medida que o crepúsculo avançava, viram-se rondando a cadeia, pequena e isolada, talvez com uma vaga esperança de que algo aconteceria para acabar com suas tribulações. Mas nada aconteceu; parecia não haver anjos ou fadas interessados naquele prisioneiro infeliz.

Conforme tinham feito tantas vezes antes, foram até a grade da cela e

deram a Potter um pouco de tabaco e fósforos. Ele estava no andar térreo e não havia guardas.

Visitando o prisioneiro.

A gratidão demonstrada pelos agrados ofertados sempre esmagava as consciências dos dois, mas dessa vez o golpe foi mais profundo do que nunca. Sentiram-se o cúmulo da covardia e da traição quando Potter disse:

— Vocês têm sido bão à beça pra mim, meninos... melhor do que qualquer pessoa nessa cidade. E eu não esqueço disso, eu não. Muitas vez eu falo pra mim mesmo, eu falo: Eu costumava consertá as pipa dos menino e coisa assim, e mostrava pra eles os lugar bão pra pescá, e tentava sê amigo deles, do melhor jeito que eu podia, e agora eles tudo esqueceram do véio Muff quando ele tá todo encrencado; mas o Tom não, e o Huck não... *eles* não esqueceram do véio, eu falo, e eu não

esqueço deles. Pois é, meninos, eu fiz uma coisa medonha... tava bêbado e desmiolado na hora... é o único jeito de explicá a coisa... e agora eu vou sê enforcado, e tá certo. Tá certo, e é *melhor* também, eu acho... espero que sim, pelo meno. Pois é, não vamo falá disso. Eu não quero fazê *vocês* sofrê; vocês tão seno meus amigo. Mas o que eu quero dizê é pra vocês nunca enchê a cara... pra vocês nunca chegá no ponto que eu cheguei. Vai um pouco mais pro lado... assim... isso mesmo; é um bão consolo vê uns rosto amigo quando a gente tá afundado em encrenca e não tem ninguém que vem aqui além de vocês. Rosto bão e amigo... rosto bão e amigo. Sobe aí, um nas costa do outro, e deixa eu tocá em vocês. Isso. Aperta a minha mão... a de vocês passa pelas barra, mas a minha é muito grande. Mãozinhas pequena e fraca... mas ajudaram o Muff Potter um monte e ainda ajudava mais se pudesse.

Tom voltou para casa mais do que infeliz, e seus sonhos naquela noite foram pavorosos. Nos dois dias seguintes ele vagou pelo tribunal, atraído por um impulso quase irresistível de entrar, mas se obrigando a ficar de fora. Huck passava pela mesma experiência. Com cautela, evitavam a companhia um do outro. Afastavam-se de vez em quando, mas invariavelmente o mesmo fascínio sinistro logo os trazia de volta. Tom apurava o ouvido quando algum desocupado saía do tribunal e sempre ouvia notícias angustiantes — os procedimentos legais encurralavam cada vez mais o pobre Potter. No final do segundo dia, a conversa no povoado era que as evidências apresentadas pelo Índio Joe permaneciam sólidas e inabaláveis e que não restava a menor dúvida sobre qual seria o veredicto do júri.

Naquela noite, Tom ficou na rua até tarde e entrou em seu quarto pela janela. Encontrava-se em um estado de extrema agitação. Horas se passaram antes que ele conseguisse pegar no sono. O vilarejo inteiro acorreu ao tribunal na manhã seguinte, pois aquele seria o grande dia. Pessoas de ambos os sexos estavam igualmente representadas no recinto lotado. Após uma longa espera, os membros do júri entraram, enfileirados, e ocuparam seus lugares; logo depois, Potter, pálido e abatido, intimidado e desesperançado, foi trazido, preso por correntes, e o fizeram se sentar onde todos os olhos curiosos pudessem fitá-lo; e não menos visível estava o Índio Joe, impassível como sempre. Houve outra pausa, e logo depois o juiz chegou e o xerife declarou aberta a

sessão do tribunal. Seguiram-se os sussurros usuais entre os advogados, bem como o som do manuseio de papéis. Esses detalhes e os atrasos resultantes criaram uma atmosfera de expectativa tão solene quanto fascinante.

Então foi convocada uma testemunha que afirmou ter encontrado Muff Potter se lavando no riacho bem cedo na manhã em que o assassinato foi descoberto, e que ele imediatamente fugiu. Após mais alguns questionamentos, o promotor disse:

— A testemunha está à disposição.

O prisioneiro ergueu os olhos por um momento, mas voltou a baixá-los quando seu próprio advogado anunciou:

— Não tenho perguntas a fazer.

A testemunha seguinte confirmou ter encontrado a faca perto do cadáver. O promotor falou:

— A testemunha está à disposição.

— Não tenho perguntas a fazer — respondeu o advogado de Potter.

Uma terceira testemunha jurou que tinha visto muitas vezes aquela faca na posse de Potter.

— A testemunha está à disposição.

O advogado de Potter se recusou a interrogar a testemunha. Os semblantes da plateia começaram a demonstrar contrariedade. Será que aquele advogado pretendia jogar fora a vida do cliente sem o menor empenho?

Várias testemunhas depuseram acerca da conduta culposa de Potter quando levado à cena do crime. Todas deixaram a bancada sem serem interrogadas.

Cada detalhe das circunstâncias injuriosas que prevaleceram no cemitério naquela manhã, das quais os presentes se lembravam tão bem, foi trazido por testemunhas confiáveis, mas nenhuma delas foi interrogada pelo advogado de Potter. A perplexidade e a insatisfação no recinto se expressaram em murmúrios e provocaram uma reprimenda por parte do juiz. O promotor, então, disse:

— Com base nos depoimentos de cidadãos cuja simples palavra está acima de qualquer suspeita, atribuímos esse crime abominável, além de qualquer possibilidade de dúvida, ao infeliz prisioneiro aqui presente. Pra nós, o caso está encerrado.

Um gemido escapou do pobre Potter; ele afundou o rosto entre as mãos e balançou o corpo lentamente para a frente e para trás, enquanto um doloroso silêncio reinava no tribunal. Homens ficaram comovidos, e a compaixão de muitas mulheres foi evidenciada pelas lágrimas. O advogado de defesa se levantou e disse:

— Meritíssimo, em nossas observações na ocasião da abertura deste julgamento anunciamos o intento de provar que nosso cliente cometeu esse ato terrível sob a influência de um delírio cego e irresponsável causado pela ingestão de bebida alcoólica. Mudamos de ideia. Não ofereceremos tal justificativa. — (Em seguida, dirigindo-se ao escriturário:) — Convoque Thomas Sawyer!

Uma perplexidade duvidosa se revelou nos rostos de todos os presentes no tribunal, até mesmo no de Potter. Todos os olhos se fixaram em Tom com curiosidade e interesse quando ele se levantou e ocupou seu lugar na bancada. O menino exibia uma expressão um tanto selvagem, pois estava bastante assustado. O juramento foi feito.

— Thomas Sawyer, onde você estava no dia 17 de junho por volta da meia-noite?

Tom olhou para o semblante férreo do Índio Joe e engoliu a língua. O público ouvia atento, com a respiração suspensa, mas as palavras se recusavam a sair. Depois de alguns instantes, porém, o menino recuperou um pouco de suas forças e conseguiu inseri-las na voz o suficiente para fazer parte do tribunal ouvir:

— No cemitério!

— Um pouco mais alto, por favor. Não tenha medo. Você estava...

— No cemitério.

Um sorriso debochado surgiu no rosto do Índio Joe.

— Você estava perto do túmulo do Cavalão Williams?

— Tava sim, senhor.

— Fale mais alto... um pouco mais alto. A que distância você estava?

— Assim como eu tô do senhor.

— Você estava escondido ou não?

— Eu tava escondido.

— Onde?

— Atrás dos olmo que fica na beirada da cova.

O Índio Joe teve um sobressalto quase imperceptível.

— Havia alguém com você?

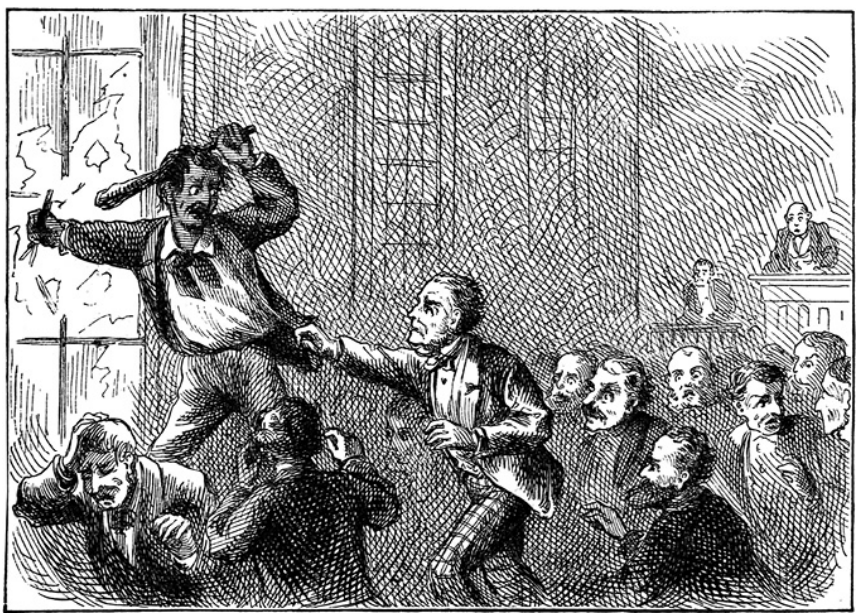
— Sim, senhor. Eu fui lá com...

— Espere... espere um momento. Não se preocupe em mencionar o nome do seu companheiro. Vamos apresentá-lo no momento propício. Você levou alguma coisa até lá?

Tom hesitou e pareceu confuso.

— Fale, meu garoto... não seja tímido. A verdade é sempre respeitável. O que foi que você levou até lá?

— Foi só um... um... gato morto.



O tribunal.

Houve uma onda de riso, que o juiz fez cessar.

— Nós vamos apresentar aqui o esqueleto desse gato. Agora, meu garoto, conte-nos tudo o que ocorreu... conte do seu jeito... não omita nada e não tenha medo.

Tom começou — hesitante, a princípio, mas à medida que discorria sobre o assunto as palavras fluíam cada vez mais fáceis; em pouco tempo todos os sons cessaram, exceto o da voz do menino; todos os olhos se fixaram nele; o público, boquiaberto e com a respiração suspensa, agarrava-se às suas palavras, sem se dar conta do correr do tempo, extasiado diante da história fascinante e pavorosa. A tensão sobre as emoções reprimidas atingiu o clímax quando o menino disse:

—... e quando o médico bateu com a tabuleta que servia de lápide da cova e o Muff Potter caiu, o Índio Joe pulou com a faca e...

Barulhão! Rápido como um raio, o mestiço saltou em direção à janela, abriu caminho entre os que tentavam contê-lo e escapuliu!

24

tom se tornou, mais uma vez, um herói magnífico — o xodó dos velhos, a inveja dos jovens. Seu nome chegou a ser eternizado, pois foi objeto de homenagem por parte do jornal do vilarejo. Havia quem acreditasse que ele ainda seria presidente se escapasse da forca.

Como de costume, o mundo inconstante e irracional tomou Muff Potter em seu seio e o acalentou de forma tão terna quanto antes abusara dele. E esse tipo de conduta é culpa do mundo; portanto, não convém criticá-la.

Os dias de Tom eram de esplendor e júbilo, mas as noites eram de pavor. O Índio Joe infestava todos os seus sonhos, e sempre com uma condenação estampada nos olhos. Era difícil algum atrativo convencer o menino a sair de casa depois do anoitecer. O pobre Huck estava no mesmo estado de angústia e pavor, pois Tom havia contado toda a história ao advogado na véspera do grande dia do julgamento, e Huck tinha muito medo de que seu envolvimento na questão pudesse vazar embora a fuga do Índio Joe o tivesse poupado do sofrimento de testemunhar no tribunal. O infeliz havia feito o advogado prometer sigilo, mas e daí? Desde que a consciência atormentada de Tom foi capaz de levá-lo até a casa do advogado e arrancou, de lábios selados com os juramentos mais graves e solenes, aquela história terrível, a confiança de Huck na raça humana estava praticamente aniquilada.

Todos os dias a gratidão de Muff Potter deixava Tom feliz por ter falado; mas, todas as noites, ele desejava ter controlado a língua.

Metade do tempo, Tom temia que o Índio Joe nunca fosse capturado; na outra metade, temia que fosse. Tom tinha certeza de que nunca poderia respirar aliviado novamente até que aquele sujeito estivesse morto e ele visse o defunto.

Tom sonha.

Recompensas foram oferecidas, a região foi vasculhada, mas o Índio Joe não foi localizado. Uma daquelas maravilhas oniscientes e inspiradoras, um detetive, chegou de Saint Louis, farejou tudo, sacudiu a cabeça, adotou um ar de sabedoria e alcançou aquele sucesso notável que os membros desse ofício em geral alcançam. Ou seja, "encontrou uma pista". Mas não se pode condenar e enforcar uma pista por homicídio e, portanto, depois que o detetive veio e se foi, Tom se sentiu tão inseguro quanto antes.

Dias vagarosos foram passando, e cada um deixava atrás de si uma apreensão um pouco mais leve.

25

chega um momento na vida de todo menino bem-criado em que surge um desejo incontrolável de ir a algum lugar e cavar a terra em busca de um tesouro escondido. Um belo dia, subitamente, tal desejo dominou Tom. Ele saiu em busca de Joe Harper, mas não deu sorte. Em seguida procurou Ben Rogers, que tinha ido pescar. Então esbarrou com Huck Finn, o Mão-Verme-
lha. Huck aceitaria. Tom o levou até um local reservado e confidenciou o assunto. Huck estava disposto. Estava sempre disposto a participar de qualquer iniciativa que prometesse diversão e não exigisse capital, pois dispunha de uma incômoda abundância do tipo de tempo que não é dinheiro.

— Onde é que a gente vai cavá? — perguntou Huck.

— Ai, em qualquer lugar.

— Ué! Tem tesouro escondido em tudo que é lugar?

— Não, de jeito nenhum. Tá sempre escondido em lugar certo, Huck... tem vez que é ilha, tem vez que é baú podre debaixo da ponta do galho de uma árvore velha e seca, bem onde a sombra bate meia-noite; onde tem mais é debaixo do chão de casa mal-assombrada.

— Quem é que esconde?

— Ué! Os ladrão, é claro... quem você acha que era? Os diretor das escola dominical?

— Sei lá. Se fosse meu, eu não escondia; eu gastava e me divertia.

— Eu também. Mas os ladrão não faz assim. Eles sempre esconde e deixa lá.

— Eles não volta lá pra buscá?

— Não, eles acha que vai voltá, mas acaba esquecendo as pista, ou então eles morre. De qualquer jeito, o tesouro fica lá muito tempo e enferruja; e um dia alguém acha um papel velho e amarelado que diz como se pode encontrá as pista... um papel que tem que sê decifrado

por mais ou meno uma semana, porque é quase só sinal e hiróglifo.

— Hiró... o quê?

— Hiróglifo... uns desenho e coisa assim, qué sabê, que parece não significá nada.[84]

— Tu tem um papel desse, Tom?[85]

— Não.

— Pois é, daí como é que tu vai encontrá as pista?

— Eu não preciso de pista nenhuma. Eles sempre enterra os tesouro debaixo de uma casa mal-assombrada, ou numa ilha, ou debaixo de uma árvore seca, com um galho espetado pra fora. Nós já procuramo um pouco na ilha Jackson e podemo procurá de novo algum dia; e tem aquela casa velha e mal-assombrada pro lado da destilaria... e tem um montão de árvore com galho seco... uma montoeira delas.

— Tem tesouro debaixo de todas elas?

— Você fala cada coisa! Não!

— Daí como é que tu vai sabê qual vai sê?

— Nós vamo procurá em todas!

— Ué, Tom! Vai demorá o verão todo.

— E daí? Quem sabe você encontra um caldeirão com cem dólar em moeda, todas enferrujada e cinza, ou um bauzinho podre cheio de diamante? Que tal?

Os olhos de Huck faiscaram.

— Ia sê bom à beça. Bom até demais pra mim. Pode me dá só os cem dólar, que eu nem vou fazê questão dos diamante.

— Tudo bem. Mas pode apostá que eu não vou jogá fora os diamante. Alguns vale vinte dólar... e não tem quase nenhum que não vale, pelo meno, setenta e cinco centavo ou um dólar.

— Não! É mesmo?!

— De certeza... qualquer pessoa pode te falá isso... Você nunca viu um, Huck?

— Não que eu lembro.

— Ai, os rei têm um montão deles.

— Pois é, mas eu não conheço nenhum rei, Tom.

— Acho que não conhece mesmo. Mas se tu fosse nas Europa ia vê um bando deles pulando de um lado pro outro.

— Eles pula?

— Pula?! Não! Quem pula é a tua vovozinha!

— Pois então por que tu falou que eles pula?

— Ora bolas! Eu só quis dizê que tu ia *vê* eles... não pulando, é claro... pra que eles ia querê pulá? Eu só quis dizê que tu ia vê eles... espalhado, qué sabê, por todo lado. Como aquele velho corcunda, o Ricardo.[86]

— Ricardo? Qual é o outro nome dele?

— Ele não tinha outro nome. Os rei só têm o primeiro nome.

— Só?

— Isso mesmo.

— Pois é, se é do agrado deles, Tom, tudo bem; mas eu é que não quero sê rei e tê só o primeiro nome, que nem um preto. Mas fala aí... onde é que tu vai cavá primeiro?

— Pois é, eu não sei. Que tal se a gente atacá aquela árvore velha e cheia de galho seco lá no morro, do outro lado da destilaria?

— Eu topo.

Então pegaram uma picareta e uma pá estropiadas e partiram em uma caminhada de cinco quilômetros. Chegaram com calor e ofegantes e se atiraram à sombra de um olmo para descansar e fumar.

— Eu tô gostando disso — disse Tom.

— Eu também.

— Fala aí, Huck, se a gente encontrá um tesouro aqui, o que você vai fazê com a tua parte?

— Pois é, eu vou comê torta e tomá um copo de refrigerante todo dia, e vou em todos os circo que aparecê por aqui. Aposto que vou me divertí um montão.

— Mas você não vai guardá nada?

— Guardá? Pra quê?

— Ué! Pra tê um pouco pra gastá depois.

— Ai, não ia serví pra nada. Se eu não gastá depressa, o pai volta pra cidade qualquer dia e finca as garra no dinheiro, e eu te falo que ele acabava com tudo bem ligeiro.[87] O que é que tu vai fazê com a tua parte, Tom?

— Eu vou comprá um tambor novo e uma espada das boa, uma gravata vermelha e um filhote de buldogue, e vou casá.

— Casá?!

— Isso mesmo.

— Tom, tu... Ué! Tu não tá bom da cachola.

— Espera só... tu vai vê.

— Pois isso é a coisa mais boba que tu pode fazê. Olha só o pai e a mãe. Era briga! Ora! Eles costumava brigá o tempo todo. Eu lembro muito bem.

— Que nada. A garota com quem eu vou casá não vai brigá.

— Tom, eu acho que elas são tudo igual. Todas querem obrigá o cara a ficá penteadinho. Agora, é melhor tu pensá bem. Eu te falo, é melhor. Como é o nome da pirralha?

— Não é uma pirralha... é uma garota.

— Dá no mesmo, eu acho; tem gente que fala pirralha, tem gente que fala garota... os dois tá certo, mais ou meno. Enfim, como é o nome dela, Tom?

— Qualquer hora dessa eu te conto... não agora.

— Tudo bem... já chega. Mas se tu casá eu vou ficá mais sozinho que nunca.

— Não vai não. Você vai morá comigo. Agora, chega disso e vamo cavá.

Trabalharam e suaram durante meia hora. Sem resultado. Trabalharam mais meia hora. Ainda sem resultado. Huck disse:

— Eles sempre enterra tão fundo assim?

— Às vez... nem sempre. Na maioria das vez, não. Acho que não tamo no lugar certo.

Então escolheram um novo local e recomeçaram. O trabalho se arrastou um pouco, mas, ainda assim, eles progrediram. Cavaram em silêncio por algum tempo. Finalmente, Huck se apoiou na pá, enxugou as gotas de suor da testa com a manga da camisa e perguntou:

— Onde é que tu vai cavá depois que a gente pegá esse?

— Acho que a gente pode encará aquela árvore velha lá em Cardiff Hill, nos fundo da casa da viúva.

— Acho que vai sê uma boa. Mas a viúva não vai tirá ele de nós, Tom? Vai tá nas terra dela.

— *Ela* tirá?! Ela que exprimente. Quem encontra um tesouro escondido fica dono dele. Não importa de quem é o terreno.

Isso bastou. O trabalho prosseguiu. Pouco depois, Huck disse:

— Que diacho! Vai vê que a gente tá no lugar errado de novo. Que é

que tu acha?

— É muito esquisito, Huck. Eu não tô entendendo. Às vez, as bruxa se mete. Vai vê que esse é o problema agora.

— Ora bolas! As bruxa não têm poder de dia.

— Pois é, isso é mesmo. Eu não pensei nisso. Ai, já sei qual é o problema! Nós somo dois bobalhão! A gente tem que vê onde a sombra do galho bate à meia-noite, e é lá que a gente cava!

— Então que diacho! A gente teve essa trabalheira toda à toa. Agora, agora vamo pará; a gente tem que voltá de noite. É uma lonjura. Tu vai conseguí saí?

— Aposto que vou. E a gente tem que fazê a coisa hoje de noite, porque se alguém vê esses buraco vai sabê na mesma hora o que tem aqui e vai passá na nossa frente.

— Pois então eu vou até lá e vou miá hoje de noite.

— Tudo bem. Vamo escondê as ferramenta aqui nesse mato.

Os meninos voltaram lá naquela mesma noite na hora marcada. Sentaram-se à sombra, esperando. Era um local solitário e a hora parecia solene por causa das velhas histórias. Espíritos sussurravam no farfalhar das folhas, fantasmas espreitavam em recantos soturnos, o uivo profundo de um cão flutuou ao longe, uma coruja respondeu com sua nota sepulcral. Os meninos se sentiam oprimidos por tais solenidades e conversavam pouco. Em dado momento, julgaram que fosse meia-noite; demarcaram o local onde a sombra batia e começaram a cavar. As esperanças cresceram. O interesse se tornou mais forte, e o esforço se intensificou no mesmo ritmo. O buraco ficou cada vez mais fundo; no entanto, sempre que seus corações davam um salto ao ouvir a picareta bater em algo, experimentavam uma nova decepção. Era apenas uma pedra ou um toco. Por fim, Tom disse:

— Não adianta, Huck, a gente tá errado de novo.

— Pois é, mas a gente não pode tá errado. A gente marcou cada ponto da sombra.

— Eu sei, mas é que tem outra coisa.

— O quê?

— Ora, a gente não tinha certeza da hora. Vai vê que tava tarde ou cedo demais.

Huck largou a pá.

— É isso — disse ele. — Esse é o problema. Nós temo que desistí. Nós nunca vamo sabê a hora certa, e além disso esse tipo de coisa é ruim demais aqui, a essa hora da noite, com bruxa e fantasma voando por aí. Parece que tem uma coisa atrás de mim o tempo todo; e eu tenho medo de virá, porque vai vê que tem outras coisa na frente esperando pra dá o bote. Eu não paro de me arrepiá desde que cheguei aqui.

— Pois é, eu também tô desse jeito, Huck. Quando eles enterra um tesouro debaixo de uma árvore, eles quase sempre enterra um morto pra cuidá dele.

— Deus do céu!

— Sim, eles enterra mesmo. Sempre escutei falá isso.

— Tom, eu não gosto muito de brincá onde tem gente morta. A gente acaba arrumando encrenca com eles, de certeza.

— Eu também não gosto de cutucá morto. Já pensou se a caveira desse que tá por aqui sai pra fora e fala alguma coisa?!

— Não fala isso, Tom! É medonho.

— É mesmo. Huck, eu é que não tô nada sossegado.

— Qué sabê, Tom, vamo desistí desse lugar e tentá outro.

— Tudo bem, acho que é melhor.

— Onde é que vai sê?

Tom pensou um pouco e então disse:

— A casa mal-assombrada. É isso!

— Que diacho! Eu não gosto de casa mal-assombrada, Tom. Ué! Os fantasma são muito pior que gente morta. Os morto pode falá, talvez, mas eles não sai voando por aí numa mortalha sem a gente vê eles, e ainda espia por cima do ombro da gente e range os dente que nem os fantasma. Eu não ia guentá uma coisa dessa, Tom... ninguém ia.

— É... mas, Huck, os fantasma só sai de noite. Eles não vai impedí nós de cavá lá de dia.

— Pois é, é mesmo. Mas tu sabe muito bem que ninguém vai naquela casa mal-assombrada, nem de dia nem de noite.

— Pois é, mas isso é mais porque ninguém gosta de ir onde teve homem assassinado, em todo caso... ninguém nunca viu nada naquela casa... só de noite... é só umas luz azul passando pelas janela... nada de fantasma normal.

— Pois é, onde a gente vê aquelas luz azul piscando, Tom, pode

apostá que tem algum fantasma poderoso por trás. E deve sê mesmo. Porque tu sabe que só os fantasma têm serventia pra elas.

— É... é isso mesmo. Mas, em todo caso, eles não aparece de dia; daí por que a gente precisa tê medo?

— Pois é, tudo bem. Vamo encará a casa mal-assombrada, se tu tá falando, mas eu acho perigoso.

A casa mal-assombrada.

Àquela altura, eles já haviam começado a descer o morro. Lá embaixo, no meio do vale enluarado, ficava a casa mal-assombrada, totalmente erma, com as cercas destruídas havia muito tempo, ervas daninhas sufocando os degraus da porta, a chaminé desmoronada, as janelas sem vidraças, um canto do telhado desabado. Os meninos ficaram observando durante algum tempo, meio que esperando ver uma luz azul passar por uma janela; em seguida, falando em voz baixa, como convinha à hora e às circunstâncias, prosseguiram à direita, passando longe da casa mal-assombrada, e tomaram o rumo de suas respectivas casas, através do bosque que adornava a parte de trás de Cardiff Hill.

26

na manhã seguinte, já perto de meio-dia, os dois chegaram ao local onde ficava a árvore seca; tinham vindo buscar a pá e a picareta. Tom estava impaciente para chegar à casa mal-assombrada; Huck também, de certo modo, mas de repente disse:

— Escuta aqui, Tom, tu sabe que dia é hoje?

Tom repassou mentalmente os dias da semana e ergueu de repente os olhos, com uma expressão de espanto...

— Nossa! Eu nem pensei nisso, Huck!

— Pois é, nem eu, mas de repente eu me dei conta que é sexta-feira.

— Que diacho! Todo cuidado é pouco, Huck. Nós podemo tê um problemão se metendo com uma coisa dessa em plena sexta-feira.

— *Podemo?!* É melhor dizer que *vamo*! Pode até tê dia de sorte, mas sexta-feira é que não é.

— Qualquer bobalhão sabe disso. Eu acho que você *não foi* o primeiro a descobrí, Huck.

— Pois é, eu nunca falei que fui, falei? E tem mais. Eu tive um pesadelo medonho ontem à noite... sonhei com rato.

— Não! Sinal de encrenca, de certeza. Eles tava brigando?

— Não.

— Pois é, isso é bom, Huck. Quando eles não briga, é só sinal que *pode* vim alguma encrenca por aí, qué sabê. Tudo o que a gente precisa fazê é ficá bem esperto e longe das encrenca. Vamo esquecê isso por hoje e vamo brincá. Você já ouviu falá do Robin Hood, Huck?

— Não. Quem é esse Robin Hood?

— Ué! Ele foi um dos homem mais importante da Inglaterra... e o melhor de todos. Era ladrão.

— Doideira! Eu bem que queria sê. De quem é que ele robava?

— Só de xerife e bispo e ricaço e rei e coisa assim. Mas nunca incomodava os pobre. Ele amava os pobre. Ele sempre dividia tudo com

eles, bem divididinho.

— Pois é, ele deve tê sido um cara dos bom.

— Aposto que foi, Huck. Ai, ele foi o homem mais nobre que existiu. Não tem mais homem desse jeito hoje em dia, vou te falá. Ele descia o cacete em qualquer homem na Inglaterra com uma das mão amarrada nas costa; e pegava o arco de teixo e acertava numa moeda de dez centavo toda vez, a dois quilômetro de lonjura.

— O que é um arco de *teixo*?

— Sei lá. É um tipo de arco, claro. E quando acertava a moeda na beirada, ele sentava e chorava... e xingava. Mas vamo brincá de Robin Hood... é uma brincadeira nobre. Eu vou te ensiná.

— Eu topo.

Então brincaram de Robin Hood a tarde inteira, de vez em quando voltando um olhar ansioso em direção à casa mal-assombrada e tecendo algum comentário sobre as perspectivas e possibilidades do dia seguinte. Quando o sol começou a descer no oeste, tomaram o caminho de volta para casa, atravessando as longas sombras projetadas pelas árvores, e logo se embrenharam no bosque de Cardiff Hill.

No sábado, pouco depois do meio-dia, os meninos estavam de novo junto à árvore seca. Fumaram e conversaram à sombra e, em seguida, cavaram um pouco mais no último buraco, não com grandes esperanças, mas apenas porque Tom disse que em muitos casos as pessoas, sem saber, desistiam de um tesouro depois de terem chegado a menos de quinze centímetros do objetivo, e então outra pessoa aparecia e o encontrava com uma única pazada. Contudo, a coisa falhou dessa vez; assim, eles colocaram a pá e a picareta nos ombros e foram embora, sentindo que não tinham desafiado a sorte e que haviam cumprido todos os requisitos necessários a uma caça ao tesouro.

Quando chegaram à casa mal-assombrada, havia algo tão estranho e assustador no silêncio mortal que reinava por lá, sob o sol escaldante, e algo tão deprimente no isolamento e na desolação do lugar, que eles por um momento tiveram medo de se arriscar a entrar. Portanto, esgueiraram-se até a porta e deram uma espiada hesitante. Viram uma sala sem piso e coberta de ervas daninhas, sem reboco, uma velha lareira, janelas desprovidas de vidraças, uma escada em ruínas; e aqui, ali e por toda parte pendiam teias de aranha esfarrapadas e

abandonadas. Logo depois, entraram devagar, com a pulsação acelerada, cochichando, os ouvidos atentos para captar o menor som e músculos contraídos e prontos para bater em retirada.

Em pouco tempo, a familiaridade aplacou o medo e eles examinaram o local com espírito crítico e interesse, admirando a própria ousadia e até espantados diante dela. Em seguida, resolveram visitar o andar de cima. Era um meio de evitar uma retirada, e eles começaram a desafiar um ao outro; evidentemente, o resultado não poderia ser diferente: jogaram a pá e a picareta em um canto e subiram. Lá em cima havia os mesmos sinais de decadência. Encontraram um armário que prometia mistério, mas a promessa era uma fraude — não havia nada dentro dele. A coragem dos dois se fortalecera e tinha assumido o comando. Estavam prestes a descer e começar a trabalhar quando...

— Shhh! — disse Tom.

— O que foi? — cochichou Huck, empalidecendo de medo.

— Shhh!... Agora!... Ouviu?

— Ouvi!... Ai, nossa! Vamo caí fora!

— Fica parado! Não se mexe! Eles tão vindo direto pra porta.

Os meninos se deitaram no chão com os olhos grudados nas frestas das tábuas do assoalho e ficaram esperando, apavorados.

— Eles pararam... Não... Eles tão vindo... Chegaram. Não cochicha nem mais uma palavra, Huck. Meu Deus, eu queria tá fora daqui!

Dois homens entraram. Cada menino disse consigo mesmo: "Um é o velho espanhol surdo e mudo que apareceu na cidade uma ou duas vez nos último tempo... o outro eu nunca vi".

"O outro" era uma criatura maltrapilha e descabelada, com uma fisionomia nada agradável. O espanhol estava envolto em um poncho; tinha bigodes brancos e espessos; o cabelo comprido e branco escorria do sombreiro; e ele usava óculos com lentes verdes. Quando entraram, "o outro" estava falando baixo; sentaram-se no chão, de frente para a porta, de costas para a parede, e o que falava continuou seu discurso. Sua atitude se tornou menos cautelosa, e as palavras ficavam mais audíveis à medida que ele prosseguia:

— Não — disse ele —, eu já pensei em tudo, e não tô gostano. É perigoso.

— Perigoso?! — resmungou o espanhol "surdo e mudo", para grande

surpresa dos meninos. — Seu frouxo!

A voz fez os meninos se sobressaltarem e tremerem. Era o Índio Joe! Houve silêncio por algum tempo. Então Joe disse:

— O que é que podia sê mais perigoso do que aquele servicinho lá em cima... e não deu em nada.

— Isso é diferente. Lá em cima, no rio, não tinha nenhuma casa perto. De todo jeito, eles nunca vai sabê que foi a gente, ainda mais porque a gente nem conseguimo o que queria.

— Pois então, o que é que pode sê mais perigoso do que vim até aqui de dia!... Qualquer pessoa que vê nós vai desconfiá.

— Eu sei disso. Mas não tinha nenhum lugar melhor que esse depois daquele serviço idiota. Eu queria ir embora desse barraco. É o que eu queria, desde ontem, só que não adiantava saí daqui com aqueles menino dos inferno brincano ali no morro, bem à vista.

"Aqueles menino dos inferno" estremeceram de novo com esse comentário e pensaram na sorte de terem se lembrado de que era sexta-feira e decidido esperar um dia. Desejavam do fundo do coração ter esperado um ano.

Os dois homens pegaram um pouco de comida e prepararam uma refeição. Após um silêncio demorado e pensativo, o Índio Joe falou:

— Escuta aqui, camarada... sobe o rio de novo e volta lá pra tua terra. Espera lá até eu mandá notícia. Eu vou me arriscá a entrá nessa cidade só mais uma vez, pra dá uma olhada. A gente vai fazê aquele serviço perigoso depois que eu espiá um pouco e achá que a coisa tá boa pro nosso lado. Depois, pro Texas! Vamo se mandá junto!

Isso foi satisfatório. Ambos começaram a bocejar, e o Índio Joe disse:

— Eu tô morrreno de sono! É a tua vez de vigiá.

Ele se acomodou no mato e logo começou a roncar. O comparsa o cutucou uma ou duas vezes, mas o Índio Joe permaneceu imóvel. Pouco depois, a cabeça do vigia pendeu cada vez mais, e os dois começaram a roncar.

Os meninos deram um suspiro longo e grato. Tom cochichou:

— Agora é a nossa chance... vamo!

Huck disse:

— Não posso... eu morro se eles acordá.

Tom insistiu; Huck se manteve irredutível. Por fim, Tom se levantou,

lenta e cautelosamente, e partiu sozinho. Mas seu primeiro passo arrancou um rangido tão horrendo do piso podre que ele afundou, quase morto de susto. Não houve uma segunda tentativa. Os meninos ficaram ali, contando os minutos que se arrastavam, até parecer que tinham chegado ao fim dos tempos e que a eternidade se tornara grisalha; e então ficaram aliviados ao notar que enfim o sol estava se pondo.

Em seguida, um dos roncos cessou. O Índio Joe se sentou, olhou em volta, sorriu de forma sombria para seu comparsa, cuja cabeça pendia sobre os joelhos, cutucou-o com o pé e disse:

— Ei! Tu é um vigia *e tanto*, né?! Mas tudo bem... não aconteceu nada.

— Nossa! Eu peguei no sono?

— Ai, foi só um tantinho, só um tantinho. Tá quase na hora da gente dá o fora, parceiro. O que é que a gente vai fazê com o que sobrou da nossa robalheira?

— Eu sei lá... vamo deixá aqui, como a gente sempre faz, eu acho. Não adianta tirá nada daqui antes de nós se mandá pro sul. Seiscentos e cinquenta em prata é muita coisa pra carregá.

— Pois é... tudo bem... não vai sê pobrema voltá aqui outra vez.

— Não... mas vale a pena vim de noite, como a gente costumava fazê... é mió.

— Pois é, mas escuta aqui: pode demorá um pouco até eu tê uma chance boa pra fazê aquele serviço; acidentes acontece; isso aí não tá num lugar muito bão; vamo enterrá direito... e enterrá bem fundo.

— Boa ideia — disse o comparsa, que atravessou a sala, ajoelhou-se, ergueu uma das pedras no fundo da lareira e retirou um saco que emitiu um tilintar agradável. Depois de subtrair vinte ou trinta dólares para si mesmo e um montante igual para o Índio Joe, ele entregou o saco a este último, que estava ajoelhado no canto, cavando com seu punhal.

No mesmo instante, os meninos esqueceram todo o medo, toda a angústia. Com olhos gananciosos, observavam cada movimento. Que sorte! — o esplendor daquilo estava além de qualquer imaginação! Seiscentos dólares era dinheiro suficiente para enriquecer meia dúzia de meninos! Aquilo era caça ao tesouro sob os auspícios mais felizes — não haveria mais nenhuma dúvida incômoda sobre onde cavar. Eles se cutucavam a cada momento — cutucões eloquentes e facilmente

compreendidos, visto que significavam apenas: "E *agora* tu não tá feliz que nós tamo aqui?!".

O punhal de Joe atingiu algo.

— Opa! — disse ele.

— O que foi isso? — indagou o comparsa.

— Uma tauba meio podre... não, é uma caixa, eu acho. Aqui, me dá uma mão pra gente vê o que é isso aqui. Pode deixá, já abri um buraco.

Ele enfiou a mão e puxou algo para fora...

— Camarada, é dinheiro!

Os dois homens examinaram o punhado de moedas. Eram de ouro. Os meninos estavam tão empolgados e tão fascinados quanto eles.

O comparsa de Joe falou:

— Vamo andá depressa com isso. Tem uma picareta véia e enferrujada ali no meio daquelas moita de erva daninha, no canto, do outro lado da lareira... eu vi um minuto atrás.

Ele correu até lá e trouxe a picareta e a pá que pertenciam aos meninos. O Índio Joe pegou a picareta, examinou-a com atenção, sacudiu a cabeça, murmurou algo para si mesmo e começou a usá-la. A caixa logo foi desenterrada. Não era muito grande; a estrutura era de ferro e devia ter sido bastante forte antes de ser danificada pela ação dos anos. Os homens contemplaram o tesouro por um momento em um silêncio radiante.

— Parceiro, tem milhares de dólar aqui — disse o Índio Joe.

— O povo sempre falava que o bando do Murrel tinha ficado aqui num verão — observou o estranho.

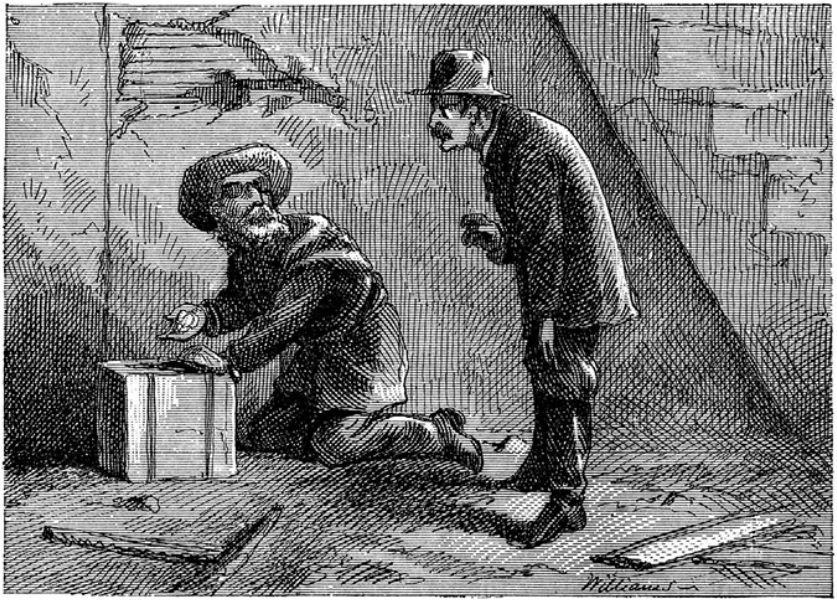
— Eu sei — disse o Índio Joe. — E é o que tá pareceno, eu vou te falá.

— Agora tu não vai mais precisá fazê aquele serviço.

O mestiço franziu o cenho e disse:

— Tu não me conhece. Pelo meno não sabe nada sobre aquele serviço. Não tem nada a vê com robo... é *vingança*! — E um brilho cruel flamejou nos olhos dele. — Eu vou precisá da tua ajuda. Quando tudo acabá... aí nós vamo se mandá pro Texas. Volta pra casa, pra tua Nance e pro teus filho, e espera até eu dá notícia.

— Pois é... se é o que você diz; o que é que a gente vai fazê com isso... enterrá de novo?



Desenterrando tesouros escondidos.

— Sim. (Um deleite arrebatador no andar de cima.) *Não!* Pelo grande Cacique, não! (Profunda angústia no andar de cima.) Eu quase esqueci. Essa picareta tava com terra fresca grudada nela! (Na mesma hora, os meninos sentiram náusea de tanto medo.) O que é que uma picareta e uma pá tão fazeno aqui? E com terra fresca? Quem foi que trouxe isso aqui... e cadê eles? Você ouviu algum baruio?... Viu alguém? O quê?! Enterrá de novo e deixá eles vim e vê o chão revirado? Nada disso... nada disso. Vamo levá tudo pro meu esconderijo.

— Ora, é claro! A gente devia tê pensado nisso antes. Você tá falano do Número Um?

— Não... do Número Dois... ao pé da cruz. O outro lugar é ruim... muito na cara.

— Tudo bem. Já tá quase escuro, e a gente pode começá.

O Índio Joe se levantou e foi de janela em janela, de onde espiou com cuidado. Em seguida, disse:

— Quem será que trouxe essa pá e essa picareta até aqui? Você acha que eles pode tá lá em cima?

A respiração dos meninos se esvaiu. O Índio Joe levou a mão ao punhal, deteve-se por um momento, indeciso, e depois se virou para a escada. Os meninos se lembraram do armário, mas suas forças os abandonaram. Os passos rangeram escada acima — o desespero

insuportável da situação acionou a resolução antes paralisada nos dois. Estavam prestes a pular no armário quando houve um estrondo de vigas podres e o Índio Joe desabou no chão, em meio aos escombros da escada. Ele se levantou, praguejando, e o comparsa disse:

— Agora, pra que isso? Se tem alguém, e se eles tão lá em cima, *deixa* eles lá... quem se importa? Se eles pulá aqui embaixo agora e se dá mal, quem vai sê do contra? Vai escurecê em quinze minuto... e daí, deixa eles seguí nós, se eles quiser. Eu tô pronto. Pra mim, quem trouxe essas coisa aqui pra dentro viu nós e achou que era fantasma, ou demônio, ou qualquer coisa assim. Aposto que ainda tão correndo.

Joe resmungou um pouco; então concordou com o amigo: o que restava da claridade do dia devia ser utilizado para facilitar a partida. Pouco depois, saíram da casa, no crepúsculo cada vez mais intenso, e seguiram em direção ao rio, levando consigo a caixa preciosa.

Tom e Huck se levantaram, um tanto sem forças mas profundamente aliviados, e ficaram espiando a dupla através das frestas entre as toras que formavam a parede da casa. Deveriam segui-los? De jeito nenhum. Contentaram-se em voltar ao térreo sem os pescoços quebrados e seguir a trilha em direção ao vilarejo, subindo pelo morro. Não conversaram muito. Estavam concentrados em censurar a si mesmos — em repudiar a má sorte que os fez levar a pá e a picareta até ali. Não fosse por isso, o Índio Joe jamais teria desconfiado. Ele esconderia a prata e o ouro para esperar até que sua "vingança" fosse concretizada e então teria a infelicidade de descobrir que a fortuna havia desaparecido. Azar, que azar que a pá e a picareta tivessem sido levadas até ali!

Resolveram ficar de olho no tal "espanhol" quando ele chegasse ao povoado com o objetivo de sondar as chances de levar a cabo sua vingança; e então o seguiriam até o "Número Dois", onde quer que fosse. Foi quando um pensamento pavoroso ocorreu a Tom.

— Vingança? E se ele tava falando de *nós*, Huck?!

— Ai, não! — disse Huck, quase desmaiando.

Debateram o assunto e, ao chegarem ao vilarejo, concordaram em acreditar que ele poderia estar se referindo a outra pessoa, ou, pelo menos, que poderia estar se referindo apenas a Tom, já que só Tom havia testemunhado contra ele.

Foi um consolo muito, muito pequeno para Tom saber que estava sozinho naquela situação de perigo! Ter companhia seria um benefício concreto, ele pensou.

27

a aventura do dia atormentou demais os sonhos de Tom naquela noite. Quatro vezes ele pôs as mãos naquele tesouro, e quatro vezes o tesouro se esfacelou e escorreu pelos seus dedos; então o sono o abandonou e o despertar trouxe de volta a dura realidade de seu infortúnio. Deitado de manhã cedo, relembrando os incidentes da grande aventura, ele percebeu que os fatos pareciam curiosamente embaçados e longínquos — como se tivessem acontecido em outro mundo, ou em um tempo muito distante. Ocorreu-lhe, então, que a grande aventura em si pudesse ter sido um sonho! Havia um argumento muito forte em favor dessa ideia — a saber, que a quantidade de moedas que ele tinha visto era tão exagerada que não podia ser real. Tom sequer tinha visto um montante correspondente a cinquenta dólares e, a exemplo de todos os meninos de sua idade e posição social, supunha que referências a "centenas" e "milhares" não passavam de formas fantasiosas de falar e que, na verdade, tais somas não existissem no mundo. Jamais imaginou que uma quantia tão vultosa como cem dólares pudesse ser encontrada em espécie na posse de alguém. Se as noções de Tom sobre tesouros ocultos fossem analisadas, seria possível constatar que consistiam em um punhado de moedas de dez centavos e um alqueire[88] de dólares fictícios, fantásticos, inapreensíveis.

Mas, ao pensar sobre eles, os incidentes da aventura se tornaram sensivelmente mais nítidos e claros, e portanto Tom logo se viu inclinado a crer que, no final das contas, a coisa talvez não fosse um sonho. Tal incerteza precisava ser debelada. Ele tomaria um café da manhã apressado e sairia à procura de Huck. Huck estava sentado no costado de uma chata,[89] balançando os pés na água de maneira displicente e com um ar bastante aborrecido. Tom resolveu deixar Huck abordar o assunto. Se o parceiro não dissesse nada, a aventura teria sido apenas um sonho.

A conferência do dia seguinte.

— Oi, Huck!

— Oi.

Silêncio por um minuto.

— Tom, se a gente tivesse deixado aquela maldita pá e aquela maldita picareta lá na árvore seca a gente ia pegá aquele dinheiro. Ai, não é medonho?!

— Não foi sonho, então, não foi sonho! De alguma forma, eu até queria que fosse. Eu que me dane se não queria, Huck.

— O que é que não foi sonho?

— Ai, aquela coisa ontem. Eu meio que pensei que era.

— Sonho?! Se aquela escada não tivesse desabado, tu ia vê o sonho! Eu sonhei um monte, a noite toda... com aquele demônio espanhol, com tapa-olho e tudo, querendo me pegá... que aquele espanhol apodreça!

— Não, apodrecê não! Vamo *encontrá* o sujeito! Vamo atrás daquele dinheiro!

— Tom, a gente nunca vai encontrá aquele sujeito. Ninguém tem mais de uma chance de pegá uma grana daquela... e a gente perdeu. E, em

todo caso, eu ia tremê nas perna se visse o espanhol.

— Pois é, eu também; mas em todo caso eu queria achá ele... e seguí ele... até o Número Dois.

— Número Dois... é... é isso mesmo. Eu tava pensando nisso. Mas não faço a menor ideia. O que tu acha que é?

— Sei lá. É complicado demais. Qué sabê, Huck... vai vê que é o número de uma casa!

— Boa!... Não, Tom, não é isso. Se for, não é nessa cidadezinha de nada. As casa aqui nem têm número.

— É mesmo. Deixa eu pensá um minuto. Pronto... é o número de um quarto... numa hospedaria, qué sabê?!

— Ai, então é isso! Só tem duas hospedaria. Nós vamo descobrí rapidinho.

— Você fica aqui, Huck, até eu voltá.

Tom foi embora imediatamente. Não queria ser visto na companhia de Huck em locais públicos. Demorou-se meia hora. Descobriu que, na melhor hospedaria, o quarto de Número Dois estava ocupado havia muito tempo por um jovem advogado. Na hospedaria mais simples, o Número Dois era um mistério. O filho caçula do dono do estabelecimento disse que o quarto ficava trancado o tempo todo e que só via gente entrar ou sair dali à noite; ele não sabia nenhum motivo especial para aquela situação e tinha apenas uma leve curiosidade; quanto à questão do mistério, ele se contentara com a ideia de que o quarto fosse mal-assombrado e disse que tinha visto luz lá dentro na noite anterior.

— Foi isso que eu descobri, Huck. Acho que esse é o tal Número Dois que a gente tá procurando.

— Eu acho que é mesmo, Tom. Agora o que é que você vai fazê?

— Deixa eu pensá.

Tom pensou bastante. Então disse:

— Eu vou te falá. A porta dos fundo do Número Dois é a que dá pro beco estreito que fica entre a hospedaria e aquela lojinha de tijolo caindo aos pedaço. Agora você pega e junta tudo que é chave que encontrá, e eu vou juntá todas as chave da titia, e na primeira noite escura nós vamo até lá pra exprimentá elas. E atenção, fica de olho vivo por causa do Índio Joe, porque ele disse que ia dá uma passada na

cidade pra espiá mais uma vez, pra vê se tinha chance de se vingá. Se você vê ele, é só ir atrás; e se ele não for pra aquele Número Dois, é porque não é lá.

— Deus do céu! Eu é que não quero ir atrás dele sozinho!

— Ora! Vai tá de noite, de certeza. Quem sabe ele nem te vê... e se ele te vê, talvez nem pense em nada.

— Pois é, se ficá bem escuro eu acho que posso seguí ele. Sei lá... sei lá. Vou tentá.

— Pode apostá que *eu* vou seguí ele se ficá escuro, Huck. Ora! Vai vê que ele descobre que não tem jeito de se vingá e resolve ir direto atrás daquele dinheiro.

— É isso mesmo, Tom, é isso mesmo. Eu vou seguí ele; vou sim, puxa vida!

— *Agora* tu tá falando com firmeza! Não fraqueja, Huck, que eu não fraquejo também.

28

naquela noite, Tom e Huck estavam prontos para a aventura. Perambularam pelos arredores da hospedaria até depois das nove horas, um vigiando o beco, a distância, e o outro de olho na porta do estabelecimento. Ninguém entrou nem saiu do beco; ninguém parecido com o espanhol entrou nem saiu pela porta da hospedaria. A noite prometia ser clara; logo em seguida Tom foi para casa, ciente de que, dependendo da intensidade da escuridão, Huck apareceria miando e ele escaparia e experimentaria as chaves. Mas o céu continuou relativamente claro, e Huck encerrou a vigília e foi para a cama, na barrica vazia de açúcar, por volta de meia-noite.

Na terça-feira, a má sorte se repetiu. E também na quarta-feira. Mas a noite de quinta prometia ser melhor. Tom escapuliu, em boa hora, levando consigo o velho lampião de alumínio que pertencia a sua tia e uma toalha grande, para conter a luminosidade. Ele escondeu o lampião na barrica de açúcar de Huck e a vigília teve início. Uma hora antes da meia-noite a hospedaria fechou e todas as luzes (as únicas ali por perto) foram apagadas. Nenhum espanhol foi visto. Ninguém havia entrado nem saído do beco. Tudo estava propício. O breu da escuridão reinava, e o silêncio perfeito era interrompido apenas por resmungos ocasionais de trovões distantes.

Tom pegou o lampião, acendeu-o dentro da barrica, cobriu-o com a toalha e os dois aventureiros saíram, esgueirando-se no escuro em direção à hospedaria. Huck ficou de sentinela e Tom seguiu tateando pelo beco. Seguiu-se um período de ansiedade e espera, que pesou no espírito de Huck feito uma montanha. Ele começou a desejar ver o reflexo do lampião — isso o assustaria, mas pelo menos seria indício de que Tom ainda estava vivo. Parecia que várias horas haviam passado desde que Tom se fora. Decerto ele teria desmaiado; talvez estivesse morto; talvez seu coração tivesse explodido de medo e nervosismo. Em

sua impaciência, Huck se aproximou cada vez mais do beco, temendo todo tipo de coisa terrível e esperando que, a qualquer momento, acontecesse alguma catástrofe que lhe tirasse o fôlego. Não havia muito fôlego a ser tirado, pois era como se a quantidade de ar por ele inalada coubesse em uma xicrinha de café, e seu coração logo ficaria carente de energia a julgar pela maneira acelerada como estava batendo. De súbito, houve um clarão e Tom surgiu, em disparada:

— Corre! — disse ele. — Vamo dá no pé!

Tom nem precisaria ter repetido, pois uma vez foi o suficiente; Huck já corria a quarenta ou cinquenta quilômetros por hora antes de a repetição ser enunciada. Os meninos não pararam enquanto não chegaram ao galpão de um abatedouro abandonado na parte mais baixa do vilarejo. Assim que se abrigaram, a tempestade eclodiu e a chuva desabou. Tão logo recuperou o fôlego, Tom disse:

— Huck, foi horrível! Eu exprimentei duas chaves, com a mão mais leve possível, mas elas fizeram um barulhão tão grande que eu mal consegui respirá de tanto medo. E elas nem viraram na fechadura. Daí, sem me dá conta do que tava fazendo, eu peguei na maçaneta e a porta abriu! Não tava trancada! Eu pulei lá dentro, tirei a toalha do lampião e... *pelo fantasma do Grande César*!

— O quê?!... O que foi que tu viu, Tom?

— Huck, eu quase pisei na mão do Índio Joe!

— Não!

— Sim! Ele tava estirado lá, dormindo pesado no chão, com o velho tapa-olho e os braço aberto.

— Deus do céu! O que foi que tu fez? Ele acordou?

— Não, nem se mexeu. Tava de cara cheia, eu acho. Eu só agarrei a toalha e saí correndo!

— Eu nunca que ia lembrá da toalha, aposto!

— Pois é, eu lembrei. A minha tia ia acabá comigo se eu perdesse aquela toalha.

— Fala aí, Tom, você viu a caixa?

— Huck, eu não parei pra olhá em volta. Eu não vi a caixa e não vi a cruz. Eu não vi nada, só uma garrafa e uma caneca de lata no chão, perto do Índio Joe; sim, eu vi dois barril e mais umas garrafa pelo quarto. Você entendeu agora o que tem de errado com aquele quarto

mal-assombrado?

— O quê?

O quarto mal-assombrado.

— Ora! Ele tá mal-assombrado é de uísque! Vai vê que todas as Hospedaria Temperança[90] têm um quarto mal-assombrado, né, Huck?

— Pois é, vai vê que é isso mesmo. Quem ia pensá numa coisa dessa? Mas qué sabê, Tom, agora é hora das boa pra pegar aquela caixa, se o Índio Joe tá de cara cheia.

— É, isso mesmo! Tenta você!

Huck estremeceu.

— Pois é, eu não... acho que não.

— Eu também acho que não, Huck. Só uma garrafa, ali do lado do Índio Joe, é pouco. Se tivesse três, ele tava bem chumbado e eu ia lá.

Houve uma longa pausa para reflexão, e então Tom disse:

— Escuta aqui, Huck, não vamo tentá mais nada até sabê que o Índio Joe não tá lá. Dá medo demais. Agora, se a gente vigiá todas as noite, de certeza nós vamo vê ele saí qualquer hora dessa, e aí a gente entra e pega a caixa mais rápido que um raio.

— Pois é, eu topo. Eu vou vigiá a noite toda, e todas as noite, se você ficá com a outra parte do trabalho.

— Tudo bem, eu fico. Tudo que você precisa fazê é subí correndo pela

Hooper Street, um quarteirão, e miá... e se eu estiver dormindo, taca umas pedrinha na janela, e isso vai me acordá.

— Eu topo, e tamo combinado!

— Agora, Huck, a tempestade acabou, e eu vou pra casa. Vai começá a amanhecê em poucas hora. Você volta lá e fica vigiando, tá certo?

— Eu falei que ia, Tom, e vou. Eu vou assombrá aquela hospedaria todas as noite durante um ano! Vou dormí o dia todo e vigiá a noite toda.

— Tudo bem. Agora, onde você vai dormí?

— No palheiro do Ben Rogers. Ele deixa eu dormí lá, e o preto que é do pai dele também deixa, o tio Jake. Eu carrego água pro tio Jake sempre que ele pede e sempre que eu peço ele me dá alguma coisa pra comê, se ele tem. É um preto dos bom, Tom. Ele gosta de mim porque eu nunca faço as coisa como se eu fosse mais do que ele. Às vez, eu até sento pra comê *com* ele. Mas não conta pra ninguém. Quando a gente tá cheio de fome tem que fazê coisa que não ia gostá de fazê toda hora.

— Pois, se eu não precisá de você de dia, vou te deixá dormí. Não vou te pertubá. De noite, se você notá alguma coisa, é só corrê e miá.

29

a primeira coisa que tom ouviu na sexta-feira de manhã foi uma boa notícia: a família do juiz Thatcher tinha voltado para a cidade na noite anterior. Tanto o Índio Joe quanto o tesouro foram relegados a segundo plano temporariamente, e Becky passou a ser o foco do interesse do menino. Ele se encontrou com ela e se divertiram a valer brincando de esconde-esconde e pique-cola com um grupo de colegas. O dia chegou ao fim e foi coroado de uma maneira plenamente satisfatória: Becky insistiu com a mãe para marcar para o dia seguinte o piquenique há muito prometido e adiado, e ela consentiu. A alegria da menina foi imensa; e a de Tom não ficou atrás. Os convites foram enviados antes do fim da tarde, e imediatamente a criançada do vilarejo foi acometida por uma febre de preparativos e expectativa prazerosa. A empolgação manteve Tom acordado até altas horas, e ele tinha grande esperança de ouvir o "miau" de Huck e pôr as mãos no tesouro de modo a surpreender Becky e os participantes do piquenique no dia seguinte; mas ele ficou decepcionado. Não houve sinal naquela noite.

Finalmente amanheceu, e por volta das dez ou onze horas um grupo animado e divertido já se encontrava na casa do juiz Thatcher e tudo estava pronto para começar. Não era costume os mais velhos estragarem os piqueniques com sua presença. Considerava-se que as crianças estariam seguras sob as asas de algumas jovens de dezoito anos e alguns rapazes de cerca de vinte e três. Uma antiga balsa a vapor foi alugada para a ocasião, e logo a turma alegre desceu a rua principal carregando cestas com mantimentos. Sid estava doente e não pôde participar da diversão; Mary ficou em casa, encarregada de entretê-lo. A última coisa que a sra. Thatcher disse a Becky foi:

— Quando você voltar já vai ser tarde. Talvez seja melhor você dormir na casa de alguma menina que mora perto do atracadouro da balsa, filha.

— Então eu vou ficá na casa da Susy Harper, mamãe.

— Muito bem. Cuida pra se comportar direito, e não vai dar trabalho.

Logo depois, enquanto saltitavam pelo caminho, Tom disse a Becky:

— Qué sabê... eu vou te falá o que a gente vai fazê. Em vez de ir pra casa do Joe Harper, a gente sobe o morro e vai visitá a viúva Douglas. Vai tê sorvete! Lá tem sorvete quase todo dia... montes de sorvete. E ela vai ficá feliz à beça com a nossa visita.

— Ai, vai ser divertido!

Então Becky refletiu por um momento e falou:

— Mas o que é que a mamãe vai dizê?

— Como é que ela vai sabê?

A menina refletiu e disse, com relutância:

— Eu acho que tá errado... mas...

— Ora bolas! A tua mãe nem vai sabê... e o que é que tem de ruim? Ela sempre se preocupa com a tua segurança; e aposto que ela ia falá pra gente ir até lá se ela tivesse pensado nisso. Eu sei que ela ia falá!

A esplêndida hospitalidade da viúva Douglas era uma isca tentadora. Isso e a capacidade de persuasão de Tom acabaram vencendo. Assim, ficou decidido que não diriam nada a ninguém sobre a programação da noite. Em seguida, ocorreu a Tom que talvez Huck fosse até a casa dele naquela noite para dar o sinal combinado. Tal pensamento deixou Tom um tanto desanimado. Mesmo assim, ele não suportava a ideia de desistir do divertimento na casa da viúva Douglas. E por que deveria desistir, ele ponderou. Não houvera sinal nenhum na noite anterior; então por que teria mais chance de haver nessa? A certeza da diversão da noite superou a incerteza da conquista do tesouro; e, como qualquer outro menino, Tom decidiu ceder à inclinação mais forte e não pensar mais na caixa de dinheiro naquele dia.

A cerca de cinco quilômetros abaixo do povoado, a balsa parou diante de uma campina arborizada e atracou. O grupo desembarcou e logo, perto e longe, gritos e risadas ecoavam nos cantos da floresta e no alto dos barrancos. As mais diversas maneiras de sentir calor e cansaço foram testadas, mas, aos poucos, os brincalhões voltaram ao acampamento estimulados por apetites vorazes, e então teve início o ataque às guloseimas. Após o banquete houve uma revigorante pausa para descanso e bate-papo à sombra de frondosos carvalhos. Pouco

tempo depois, alguém gritou:

— Quem tá pronto pra caverna?

Todo mundo estava. Pacotes de velas foram trazidos e, imediatamente, houve uma corrida geral morro acima. A entrada da caverna ficava no alto da encosta — uma abertura no formato da letra A. De carvalho maciço, a porta não tinha tranca. Dentro havia uma pequena câmara, tão fria quanto um iglu e murada pela Natureza com calcário sólido, coberto com um suor frio. Era romântico e fascinante ficar ali naquela sombra profunda e vislumbrar o vale verde brilhando ao sol. Mas o impacto causado pelo ambiente logo passou e as estripulias recomeçaram. No instante em que uma vela era acesa, havia uma investida geral contra quem a segurava; um ataque e uma defesa intrépida vinham em seguida, mas a vela era logo derrubada ou apagada; e então ouvia-se um clamor de risadas e começava uma nova perseguição. Mas tudo tem fim. Aos poucos o cortejo seguiu em fila pela descida íngreme da trilha principal no interior da caverna, e a fileira de chamas trêmulas expunha vagamente os paredões de rocha quase até o ponto em que se uniam, cerca de dezoito metros acima. Essa trilha principal não tinha mais do que dois e meio ou três metros de largura. A cada poucas passadas, outras fendas altas e ainda mais estreitas se ramificavam em ambos os lados, visto que a caverna McDougal[91] era um vasto labirinto de galerias tortuosas que se cruzavam e se espraiavam e não levavam a lugar nenhum. Dizia-se que era possível vagar dias e noites por aquele complexo emaranhado de fendas e abismos e nunca encontrar o fim da caverna; e que era possível descer, descer e descer mais, terra adentro, e constatar exatamente a mesma situação: labirinto atrás de labirinto, labirintos sem fim. Nenhum homem conhecia mesmo a caverna. Era algo impossível. A maioria dos rapazes conhecia uma parte dela, e não era costume se aventurar muito além da área conhecida. O conhecimento que Tom Sawyer tinha da caverna não era superior ao de ninguém.

O cortejo prosseguiu ao longo da trilha principal por aproximadamente um quilômetro e então pequenos grupos e duplas começaram a se desviar, seguindo por trilhas secundárias, acelerando pelas galerias escuras e surpreendendo uns aos outros em locais onde as galerias voltavam a convergir. Os grupos conseguiam se esconder

durante cerca de meia hora, mantendo-se sempre na área conhecida.

Dentro da caverna.

Aos poucos, grupo após grupo retornou à entrada da caverna, todos ofegantes, rindo, sujos da cabeça aos pés com pingos de sebo das velas, lambuzados de barro e inteiramente encantados com o sucesso do dia. Então espantaram-se ao constatar que não tinham prestado atenção ao tempo transcorrido, e que a noite se aproximava. Fazia meia hora que a sineta que os convocava estava tocando. Mas as aventuras do dia chegavam a um final romântico e, portanto, feliz. No momento em que a balsa, com sua carga indômita, avançou rio adentro, ninguém se importava com o atraso a não ser o comandante da embarcação.

Huck já estava em seu posto de sentinela quando as luzes da balsa passaram brilhando pelo atracadouro. Ele não ouviu nenhum ruído a bordo, pois os jovens se mantinham calados e imóveis como costuma

ocorrer com pessoas que estão quase mortas de cansaço. Ele se perguntou que barco seria aquele e por que não parou no atracadouro, e então afastou da mente o pensamento e se concentrou em seu próprio objetivo. A noite estava ficando nublada e escura. Deu dez horas e o barulho dos veículos cessou, as luzes dispersas começaram a se apagar, os transeuntes retardatários desapareceram, o vilarejo voltou ao seu sono e deixou o pequeno vigia sozinho com o silêncio e os fantasmas. Às onze, as luzes da hospedaria foram apagadas — a escuridão, agora, prevalecia em toda parte. Huck aguardou por um tempo que pareceu longo e cansativo, mas nada aconteceu. Sua confiança fraquejava. Aquilo teria alguma utilidade? Teria mesmo alguma utilidade? Por que não desistir e ir dormir?

Um ruído chegou ao seu ouvido. De imediato ele se pôs em alerta total. A porta que dava para o beco foi fechada devagar. Huck correu até a esquina da loja de tijolos. No momento seguinte dois homens passaram por ele, e um parecia levar algo embaixo do braço. Só podia ser a tal caixa! Eles pretendiam então remover o tesouro. Por que chamar Tom agora? Seria um contrassenso — os homens fugiriam com a caixa e nunca mais seriam encontrados. Não, ele se manteria no rastro da dupla e os seguiria; confiaria na escuridão, que haveria de impedir que ele fosse descoberto. Assim, pensando com seus botões, Huck se esgueirou atrás dos homens como um gato, com os pés descalços, cuidando para que a dupla se mantivesse à frente apenas a uma distância suficiente para não sair da vista.

Eles subiram a rua que margeava o rio por três quarteirões, depois viraram à esquerda e seguiram por uma rua transversal. Então foram em frente até chegarem ao caminho que conduzia a Cardiff Hill e continuaram por ali. No meio da encosta do morro, passaram pela casa do velho galês, sem hesitação, e continuaram a subir. Ótimo, pensou Huck, vão enterrar o tesouro na velha pedreira. Mas não pararam na pedreira. Continuaram a subir, em direção ao topo do morro. Tomaram o caminho estreito entre os altos arbustos de sumagre e imediatamente desapareceram na escuridão. Huck apertou o passo e encurtou a distância, uma vez que agora eles jamais seriam capazes de enxergá-lo. Manteve o ritmo mas logo desacelerou, receando que estivesse indo rápido demais; avançou um pouco e parou; apurou o ouvido; nenhum

som, exceto, até onde ele podia perceber, as batidas do seu próprio coração. O pio de uma coruja veio por cima do morro — um som sinistro! Mas nada de passadas. Céus, estaria tudo perdido?! Estava prestes a sair correndo quando um homem pigarreou a menos de um metro e meio dele! O coração de Huck subiu pela garganta, mas ele o engoliu de novo; em seguida, tremeu como se uma dúzia de febres o acometessem ao mesmo tempo e se sentiu tão fraco que pensou que decerto tombaria no chão. Ele sabia onde estava. Sabia que estava a cinco passos dos degraus que levavam ao terreno da viúva Douglas. Muito bem, pensou, eles que o enterrem lá; não vai ser difícil encontrar.

Em seguida, ouviu uma voz — uma voz baixa; a voz do Índio Joe:

— Muié maldita... vai vê que ela tá com visita... tem luz lá dentro, por mais tarde que seja.

— Eu não tô veno luz nenhuma.

Era a voz do tal estranho — o estranho da casa mal-assombrada. Um arrepio mortal atingiu o coração de Huck: aquele então era o serviço, a "vingança"! Seu primeiro pensamento foi fugir. Então se lembrou de que a viúva Douglas havia sido bondosa com ele mais de uma vez, e talvez aqueles homens pretendessem assassiná-la. Queria ter coragem para avisá-la, mas sabia que não se atreveria, pois a dupla poderia pegá-lo. Pensou em tudo isso e mais no instante entre esse comentário do estranho e o do Índio Joe na sequência, que foi:

— É porque aquele arbusto tá no caminho. Agora... óia por aqui... agora tu tá veno, né?

— Tô. Pois é, tem visita lá dentro, eu acho. É mió desistí.

— Desistí... e ir embora deste lugar pra sempre?! Desistí... e talvez nunca mais tê outra chance?! Eu vou te falá de novo, como já te falei, eu não ligo pra grana dela... pode ficá pra você. Mas o marido dela foi ruim comigo... muitas vez ele foi ruim comigo... e ainda por cima foi ele o juiz de paz que me prendeu por vagabundage. E ainda tem mais. Isso não é nem a milionésima parte da coisa! Ele mandou eu sê *chicoteado*!... chicoteado na frente da cadeia, que nem um preto!... com toda a cidade olhano! *Chicoteado!*... entendeu? Ele me maltratou e morreu. Mas eu vou descontá *nela*.

— Ai, não mata ela! Não faz isso!

— Matá? Quem falou em matá? Eu matava *ele*, se ele tivesse aqui; mas

ela não. Quando a gente quer se vingá de muié, a gente não mata ela... ora! A gente vai na aparência dela. A gente retaia as narina dela... a gente corta as orêia dela, que nem com uma porca!

— Por Deus, isso é...

— Cala essa tua boca! Vai sê mais seguro pra você. Eu vou amarrá ela na cama. Se ela sangrá até morrê a culpa é minha? Eu é que não vou chorá se isso acontecê. Amigo, você vai me ajudá nessa coisa... pelo *meu* bem... é por isso que você tá aqui... vai vê que eu não consigo fazê a coisa sozinho. Se você vacilá eu te mato. Entendeu? E se eu tiver que te matá eu mato ela também... e aí eu acho que ninguém nunca vai sabê quem foi que fez o serviço.

— Pois é, se tem que sê feito vamo fazê logo. Quanto mais rápido, mió... eu tô sentino uns calafrio.

— Fazê a coisa *agora*? Com visita lá dentro? Escuta aqui... eu tô é ficano desconfiado de você. Não... vamo esperá até as luz apagá... não tem pressa.

Huck sentiu que um silêncio se seguiria — algo ainda mais terrível do que qualquer conversa homicida; então prendeu a respiração e deu um passo atrás, primeiro para um lado e depois para outro, com máxima cautela, pisando com cuidado e firmeza, depois de se equilibrar em uma perna só, de forma precária e quase tombando. Deu mais um passo atrás, com a mesma precaução e os mesmos riscos; em seguida outro, e mais outro, e... um graveto estalou sob seu pé! Sua respiração foi interrompida e ele apurou ouvido. Não havia barulho — o silêncio era total. A gratidão que ele sentiu foi incomensurável. Daí voltou seguindo caminho pelo qual tinha ido, entre as paredes formadas pelos arbustos de sumagre, manobrou tão cuidadosamente como se fosse um navio e então acelerou as passadas, ainda com cuidado. Quando emergiu na pedreira sentiu-se seguro; de modo que pôs sebo nas canelas e voou. Desceu e desceu, correndo, até chegar à casa do galês. Ali bateu à porta, e logo as cabeças do velho e seus dois filhos troncudos se projetaram pelas janelas.

— Que barulheira é essa aí? Quem é que tá batendo? O que você quer?

— Deixa eu entrá... depressa! Eu conto tudo.

— Ora! Quem é você?

— Huckleberry Finn... depressa, deixa eu entrá!

— Huckleberry Finn, em carne e osso! Não é um nome que abre muitas porta, acho eu! Mas deixa ele entrá, rapazes, e vamo vê qual é a encrenca.

— Por favor, não vai contá que foi eu que falei — foram as primeiras palavras de Huck, ao entrar na casa. — Por favor, não conta... senão eu vou sê morto, de certeza... mas a viúva foi boa pra mim às vez, e eu quero contá... eu conto, se o senhor prometê que nunca vai falá que foi eu.

— Puxa vida! Ele *deve tê mesmo* alguma coisa pra contá pra agí desse jeito! — exclamou o velho. — Desembucha logo e ninguém aqui vai falá nada, rapaz.

Três minutos depois, o velho e seus filhos, bem armados, subiam o morro e já adentravam a trilha dos arbustos de sumagre na ponta dos pés. Huck não os acompanhou. Escondeu-se atrás de uma grande pedra e se limitou a escutar. Houve um silêncio demorado e ansioso e, de repente, uma explosão de armas de fogo e uma gritaria.

Huck dá no pé.

Huck não esperou por detalhes. Deu um salto e correu morro abaixo, o mais rápido que suas pernas puderam.

30

assim que a primeira suspeita do amanhecer despontou na madrugada de domingo, Huck subiu o morro, tateando, e bateu de leve na porta do velho galês. Os moradores dormiam, mas era um sono por um fio em consequência do dramático episódio ocorrido na noite anterior. Um berro saiu por uma janela:

— Quem é que tá aí?!

A voz amedrontada de Huck respondeu, baixo:

— Por favor, deixa eu entrá! É só eu, Huck Finn!

— É um nome que pode abrí essa porta a qualquer hora do dia ou da noite, rapaz!... E seja bem-vindo!

Tais palavras pareceram estranhas aos ouvidos do menino vagabundo, mas eram as mais agradáveis que ele já tinha ouvido. Não se recordava de ouvir a palavra "bem-vindo" aplicada a seu caso. A porta foi imediatamente destrancada e ele entrou. Huck foi convidado a se sentar, e o velho e seus filhos robustos se vestiram depressa.

— Agora, meu garoto, espero que você esteja bem e com fome, porque o café da manhã vai tá pronto assim que o sol nascê, e a nossa gororoba vai tá bem quentinha... quanto a isso você pode ficá tranquilo! Eu e os menino pensava que você ia voltá e pernoitá aqui em casa ontem.

— Eu tava muito assustado — disse Huck — e dei no pé. Caí fora quando as pistola pipocaram e só parei depois de corrê cinco quilômetro. Eu vim aqui agora pra descobrí o que foi que aconteceu, o senhor sabe; e vim antes do amanhecer porque não queria cruzá com aqueles demônio, mesmo que eles tava morto.

— Pois é, pobre rapaz, parece que você teve uma noite difícil, mas tem uma cama aqui depois que você tomá o café da manhã. Não, eles não tão morto, rapaz... e isso é mesmo uma pena. A gente sabia direitinho onde pegá eles por causa da tua explicação; daí nós fomo lá,

na ponta dos pé, até chegá a uns cinco metro deles... aquela trilha pelo meio do sumagre tava escura que nem um porão... mas aí eu vi que ia espirrá. Foi o maior dos azar! Eu tentei segurá, mas não deu... o espirro veio chegando e chegou! Eu tava na frente, com a pistola apontada, e quando o espirro espantou aqueles canalha e eles se alvoroçaram pra corrê da trilha, eu gritei "Fogo, meus menino!" e corri pro lugar de onde vinha o barulho. Os menino também. Mas eles se mandaram num segundo, aqueles pilantra, e nós atrás deles, pelo meio da mata. Acho que não acertamo neles. Eles dispararam um tiro cada um na hora do susto, mas as bala passaram zunindo e não pegaram em nós. Quando paramo de ouví o barulho das passada deles, desistimo da perseguição e descemo pra chamá os guarda. Eles se juntaram e saíram pra vigiá a marge do rio, e assim que o dia clareá o xerife e um bando vai dá uma batida na mata. Os meus menino vai se juntá com eles. Eu queria tê uma descrição daqueles pilantra... ia ajudá muito. Mas no escuro você não conseguiu vê como eles era, né, meu rapaz?

— Ai, vi sim; eu vi eles lá na cidade e segui eles.

— Maravilha! Descreve eles, descreve eles, meu garoto!

— Um é aquele velho espanhol surdo e mudo que já passou por aqui uma ou duas vez, e o outro é um sujeito mal-encarado e maltrapilho...

— Já chega, rapaz, já sabemo quem são esses sujeito! A gente topou com eles na mata, lá atrás da casa da viúva, um dia desses, e eles caíram fora. Podem ir agora mesmo, rapazes, e contem isso pro xerife... deixem o café pra amanhã!

Os filhos do galês partiram imediatamente. Quando estavam saindo, Huck deu um pulo e exclamou:

— Ai, por favor, não conta pra ninguém que fui eu que dedurei eles! Ai, por favor!

— Tudo bem se você quer assim, Huck, mas você devia ficá com o crédito pelo que fez.

— Ai, não, não! Por favor, não conta!

Quando os dois jovens se foram, o velho galês disse:

— Eles não vai contá... nem eu. Mas por que você não quer que ninguém fica sabendo?

Resultado de um espirro.

Huck não explicou; disse apenas que já sabia demais sobre um daqueles homens e não queria, por nada no mundo, que o sujeito descobrisse que tinha informações contra ele — seria morto por isso, com certeza.

O velho prometeu segredo mais uma vez e disse:

— Por que foi que você seguiu aqueles sujeito, rapaz? Eles tava parecendo suspeito?

Huck ficou em silêncio enquanto formulava uma resposta devidamente cautelosa. Então explicou:

— Pois é, o senhor sabe, eu não presto mesmo... pelo meno é o que todo mundo fala, e pra mim não tem nada de errado nisso... mas às vez eu não consigo dormí direito, porque fico matutando e tentando descobrí um jeito novo de sê. Foi bem assim ontem de noite. Eu não consegui pegá no sono; daí subi a rua por volta da meia-noite, revirando a coisa na cabeça, e quando cheguei naquela velha loja de tijolo, lá perto da Hospedaria Temperança, eu encostei na parede pra pensá mais um pouco. Daí apareceram aqueles dois camarada e

passaram por mim com uma coisa embaixo do braço; eu achei que eles tinha roubado. Um tava fumando, e o outro queria acender o charuto; então eles pararam bem na minha frente e os charuto iluminaram a cara deles, e eu vi que o grandalhão era o espanhol surdo e mudo, por causa do bigode branco e do tapa-olho, e o outro era um demônio sujo e esfarrapado.

— Deu pra vê os farrapo na luz dos charuto?

Isso deixou Huck desconcertado por um momento. Então ele disse:

— Pois é, eu não sei... mas de algum jeito parece que deu.

— Daí eles foram em frente, e você...

— Eu segui eles... sim, senhor. Foi isso mesmo. Eu queria vê o que eles ia aprontá... porque eles tava com um jeito meio esquisito. Eu segui eles até lá na cerca da casa da viúva e fiquei no escuro, e ouvi o molambento implorá pela vida da viúva e o espanhol jurá que ia acabá com a cara dela, como eu contei pro senhor e pro seus dois...

— O quê?! O *surdo e mudo* falou tudo isso?!

Huck havia cometido outro erro terrível! Estava fazendo o possível para evitar que o velho obtivesse o menor indício da identidade do espanhol, mas a língua parecia decidida a encrencá-lo apesar de todo o esforço no sentido contrário. Ele fez diversas tentativas de escapar da enrascada, mas os olhos do velho estavam atentos e Huck cometeu erro após erro. Então o galês disse:

— Meu garoto, não precisa tê medo de mim. Eu não ia sê capaz de machucá um fio do teu cabelo, por nada nesse mundo. Não... eu vou te protegê, eu vou te protegê. Esse espanhol não é surdo nem mudo; você deixou isso escapá sem querê; agora não dá mais pra despistá. Você sabe alguma coisa desse espanhol que tá querendo escondê. Agora confia em mim... me fala o que é, e confia em mim... eu não vou te traí.

Huck olhou nos olhos honestos do velho por um momento; então curvou-se e cochichou:

— Ele não é espanhol... é o Índio Joe!

O galês quase pulou da cadeira. Em seguida, disse:

— Agora ficou tudo bem claro. Quando você falou em cortá orelha e retalhá narina eu achei que era invenção tua, porque homem branco não se vinga desse jeito. Mas um índio! Isso é bem diferente.

Durante o café da manhã a conversa prosseguiu, e no decorrer da

prosa o velho disse que a última coisa que ele e os filhos fizeram antes de ir para a cama foi pegar um lampião e examinar a cerca e os arredores em busca de manchas de sangue. Não encontraram mancha nenhuma, mas recolheram um pacotão com...

— Com *o quê*?

Se fossem um raio, as palavras não teriam saltado dos lábios pálidos de Huck com uma velocidade mais impressionante. Os olhos do menino se arregalaram e a respiração foi interrompida — aguardando a resposta. O galês ensaiou responder, encarou-o — três segundos — cinco segundos — dez; por fim, disse:

— Ferramentas de ladrão. Ora! O que foi que deu em você?!

Huck relaxou, um tanto ofegante, mas profunda e indizivelmente grato. O galês olhou para ele com ar grave, curioso, e falou:

— Ferramentas de ladrão. Isso parece que te aliviou bastante. Mas por que você reagiu desse jeito? O que foi que você pensou que a gente tinha encontrado?

Huck se viu em um beco sem saída — aquele olhar inquisidor fixo nele. O menino teria dado qualquer coisa em troca de elementos para uma resposta plausível — mas nada surgiu — e o olhar inquisidor se tornou cada vez mais profundo — surgiu uma resposta tola — não havia tempo para avaliá-la; ele então se arriscou e disse, sem convicção:

— Uns livro da escola dominical, talvez.

O pobre Huck estava angustiado demais para sorrir, mas o velho gargalhou ruidosamente, sacudiu toda a sua anatomia da cabeça aos pés e terminou dizendo que aquela risada era como dinheiro no bolso de um homem, porque reduzia em muito o valor da conta do médico. Então acrescentou:

— Pobre rapaz, você tá pálido e cansado... não tá nada bem... não é à toa que tá meio zonzo e fora dos eixo. Mas você vai saí dessa. O descanso e o sono vai dá um jeito em você, espero.

Huck ficou irritado ao pensar que tinha bancado o bobo e deixado transparecer uma euforia tão suspeita, pois desde que ouvira a conversa perto dos degraus da cerca da viúva ele havia abandonado a ideia de que o pacote trazido da taverna fosse o tesouro. Mas ele apenas *deduzira* que não se tratava do tesouro — e não tinha certeza; portanto, a informação de que um pacote tinha sido apreendido foi demais para

seu autocontrole. De modo geral, porém, ele ficou feliz que o pequeno episódio tivesse acontecido, porque agora sabia sem sombra de dúvida que aquele pacote não era *o* pacote, e assim sua mente ficou em paz. Na verdade, tudo parecia seguir agora na direção certa: o tesouro ainda estaria no Número Dois, os homens seriam capturados e detidos naquele dia e ele e Tom poderiam pegar o ouro à noite, sem nenhum problema ou receio de qualquer imprevisto.

Logo depois que o café da manhã terminou, alguém bateu à porta. Huck pulou em busca de um esconderijo, pois não tinha a menor intenção de se ver envolvido, nem mesmo de forma remota, com o evento recente. O galês fez entrar várias senhoras e senhores, entre eles a viúva Douglas, e notou que grupos de cidadãos estavam subindo o morro — a fim de ver os degraus da cerca. Então a notícia havia se espalhado. O galês teve que relatar aos visitantes os eventos da noite. A gratidão da viúva por ter sido salva foi eloquente.

— Não fala uma palavra sobre isso, senhora. Tem outra pessoa pra quem a senhora deve mais do que pra mim e pros meus menino, talvez, mas ele não deixa eu revelá o nome. A gente não tinha ido até lá se não fosse ele.

Claro que isso despertou uma curiosidade tão grande que quase ofuscou o assunto principal — mas o galês, recusando-se a revelar o segredo, deixou que a curiosidade devorasse os visitantes por dentro e, por meio deles, contagiasse toda a cidade. Quando tudo o mais foi revelado, a viúva disse:

— Eu fui deitar pra ler um pouco e caí num sono profundo, mesmo com toda aquela barulheira. Por que os senhores não me acordaram?

— Nós achamo que não valia a pena. Aqueles sujeito dificilmente ia voltá... eles não tinha mais ferramenta pra trabalhar, e de que adiantava acordá e matá a senhora de susto? Os meus três preto ficaram de guarda na casa da senhora o resto da noite. Eles acabaram de voltá de lá.

Outros visitantes chegaram, e a história teve que ser contada e recontada por mais algumas horas.

Não havia escola dominical durante as férias escolares, mas todos chegaram cedo à igreja. O evento assombroso foi devidamente debatido. Chegou a notícia de que nenhuma pista dos dois bandidos havia sido descoberta. Quando o sermão terminou, a esposa do juiz

Thatcher foi até a sra. Harper, seguindo pela nave junto com a congregação, e perguntou:

— A minha Becky vai dormir o dia todo? Eu achei mesmo que ela estivesse morta de cansaço.

— A sua Becky?

— Sim — com um olhar espantado —, ela não dormiu na sua casa ontem?

— Ué! Não.

A sra. Thatcher empalideceu e desabou em um banco no exato momento em que tia Polly, conversando muito animada com uma amiga, passou. Tia Polly falou:

— Bom dia, sra. Thatcher. Bom dia, sra. Harper. O meu menino não voltou pra casa. Eu acho que o Tom passou a noite na casa das senhoras... de uma das senhoras. E agora ele deve tá com medo de vim pra igreja. Eu tenho que me haver com ele.

A sra. Thatcher sacudiu a cabeça debilmente e ficou mais lívida do que nunca.

— Ele não dormiu lá em casa — disse a sra. Harper, começando a demonstrar preocupação.

Uma ansiedade marcante ficou visível no semblante de tia Polly.

— Joe Harper, você viu o meu Tom hoje de manhã?

— Não, senhora.

— Quando foi que você viu ele pela última vez?

Joe tentou se lembrar, mas não pôde afirmar com certeza. As pessoas pararam de sair da igreja. Sussurros correram à solta, e uma inquietação agourenta tomou conta de todas as fisionomias. As crianças foram questionadas com ansiedade, e os jovens professores também. Todos disseram não ter notado a presença de Tom e Becky a bordo da balsa na viagem de volta para casa; estava escuro; ninguém pensou em perguntar se faltava alguém. Um jovem enfim deixou escapar seu medo de que eles ainda estivessem na caverna! A sra. Thatcher desmaiou. Tia Polly começou a chorar e a torcer as mãos.

A preocupação correu de boca em boca, de grupo em grupo, de rua em rua, e em cinco minutos os sinos badalavam loucamente e o vilarejo inteiro estava de pé! O episódio ocorrido em Cardiff Hill adquiriu uma insignificância instantânea, os ladrões foram esquecidos, cavalos foram

selados, botes foram tripulados, a balsa recebeu ordens para zarpar e, antes que o horror tivesse meia hora de vida, duzentos homens já desciam a estrada e o rio em direção à caverna.

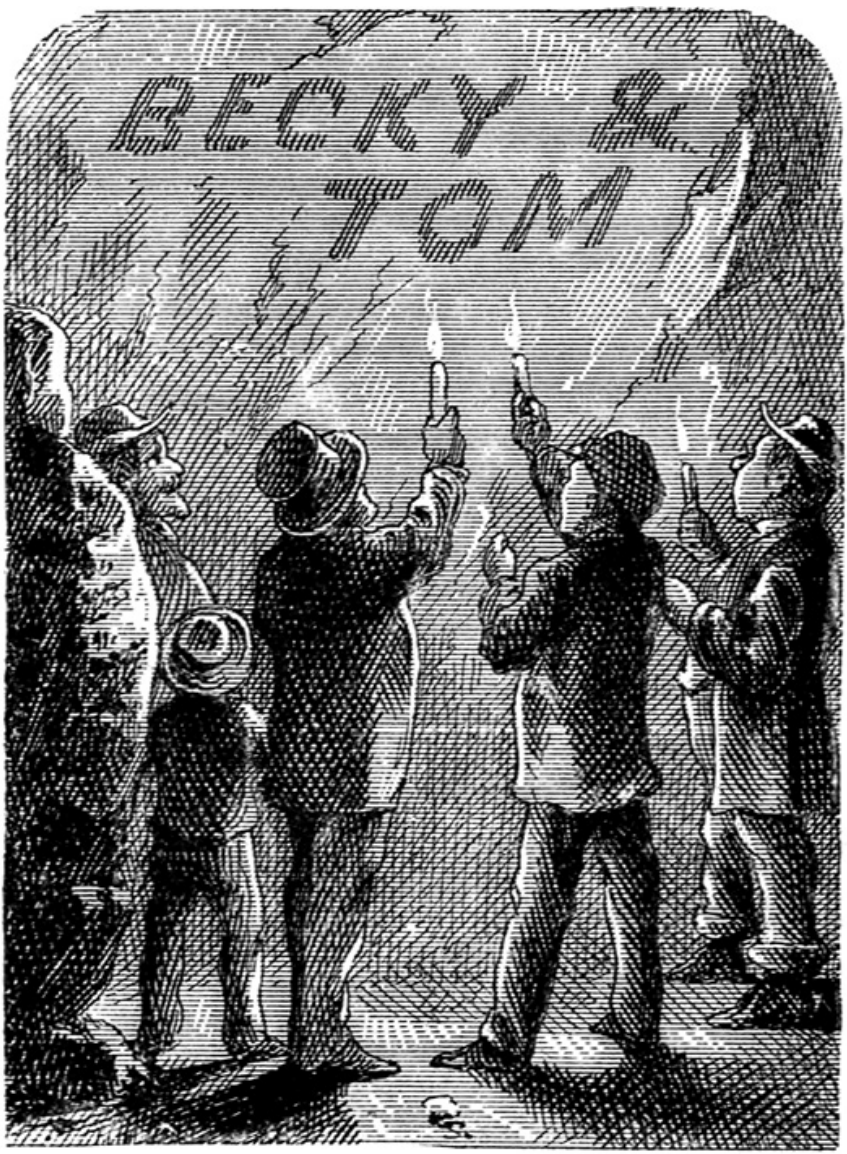
Durante toda a longa tarde o povoado parecia estar vazio e morto. Muitas mulheres visitaram tia Polly e a sra. Thatcher e tentaram consolá-las. Choraram com elas também, o que era ainda melhor do que palavras. Durante toda a noite monótona, a cidade esperou por notícias; mas, quando finalmente amanheceu, as únicas palavras que chegaram foram: "Mandem mais velas — e mandem comida". A sra. Thatcher quase enlouquecera, e tia Polly também. O juiz Thatcher, que estava na caverna, enviou mensagens de esperança e coragem, mas elas não transmitiram nenhum ânimo concreto.

O velho galês voltou para casa quando o dia clareou, salpicado de sebo de vela, sujo de barro e exausto. Encontrou Huck ainda na cama que lhe fora providenciada e delirando de febre. Os médicos estavam todos na caverna, portanto a viúva Douglas veio e se encarregou do paciente. Ela disse que faria o melhor por ele porque, fosse ele bom, mau ou indiferente, era uma criatura de Deus, e nada que fosse criado por Deus deveria ser negligenciado. O galês falou que Huck demonstrava "bons sinais", e a viúva disse:

— Pode contar com isso. É o sinal do Senhor. Ele nunca falha. Nunca mesmo. Ele marca cada uma de Suas criaturas.

No início da manhã, grupos de homens cansados começaram a regressar ao vilarejo, mas os cidadãos mais vigorosos deram prosseguimento à busca. As únicas notícias que chegavam eram que os pontos mais remotos da caverna, locais nunca antes visitados, estavam sendo vasculhados; que todos os cantos e fendas seriam minuciosamente esquadrinhados; que onde quer que alguém vagasse pelo labirinto luzes deveriam ser vistas, oscilando de um lado para outro a distância, e gritos e disparos de pistola deveriam enviar suas reverberações ocas aos ouvidos de todos pelas galerias lúgubres. Em determinado local, longe da área que costumava ser visitada pelos turistas, os nomes becky & tom foram encontrados na parede rochosa escritos com fuligem de vela e, perto dali, havia uma fitinha suja. A sra. Thatcher reconheceu a fita e chorou. Disse que era a derradeira relíquia que teria da filha, e que nenhuma outra lembrança poderia ser mais

preciosa porque aquela foi a última a se separar do corpo vivo antes que a morte horrenda chegasse. Alguns diziam que de vez em quando, na caverna, um ponto distante de luz cintilava, e então um grito glorioso irrompia, e uma dezena de homens marchava pela galeria que ecoava — mas o resultado era sempre uma decepção nauseante; as crianças não estavam lá; era apenas a lamparina de algum indivíduo que participava da busca.



A marca de Tom.

Três dias e noites terríveis arrastaram suas horas entediantes, e o

vilarejo afundou em um estupor desesperançado. Ninguém se animava com coisa alguma. Uma descoberta acidental que acabara de ser concretizada — que o proprietário da Hospedaria Temperança guardava bebida alcoólica em suas dependências — mal foi capaz de acelerar a pulsação do público, por mais impactante que fosse o fato. Em um intervalo de lucidez, Huck, hesitante, dirigiu a conversa para o assunto e perguntou — vagamente e temendo o pior — se algo havia sido encontrado na Hospedaria Temperança desde que ele adoecera.

— Sim — disse a viúva.

Huck se sentou na cama, com olhos esbugalhados:

— O quê? O que foi?

— Bebida alcoólica!... E o lugar foi fechado. Deita aí, filho... que susto você me deu!

— Só me fala uma coisa... só uma coisa... por favor! Foi o Tom Sawyer que encontrou as bebida?

A viúva caiu em prantos.

— Fica quieto, filho, fica quieto! Eu já te disse, você não pode falar. Você está muito, muito doente!

Portanto, nada além de bebida alcoólica fora encontrado; teria havido uma celeuma se fosse o ouro. Então o tesouro estava perdido para sempre — para sempre! Mas por que a viúva chorava? Aquilo era estranho.

Tais pensamentos passaram, um tanto turvos, pela mente de Huck e, em consequência do cansaço que provocavam, ele adormeceu. A viúva disse consigo mesma:

— Pronto... pegou no sono, o pobre coitado. Se foi o Tom Sawyer que encontrou?! Que lástima... o próprio Tom Sawyer é que precisava ser encontrado! Ai, mas já não resta muita gente com esperança suficiente, ou força suficiente, também, pra continuar procurando.

31

agora voltemos à participação de Tom e Becky no piquenique. Eles transitaram pelas galerias escuras com o restante da turma, visitando as maravilhas conhecidas da caverna — maravilhas identificadas com nomes bastante descritivos, tais como Sala de Estar, Catedral, Palácio de Aladim e assim por diante. Depois teve início uma brincadeira de esconde-esconde, na qual Tom e Becky se envolveram com bastante entusiasmo até que o esforço começou a se tornar um tanto cansativo; então vagaram por um caminho sinuoso, erguendo as velas e lendo o emaranhado de nomes, datas, endereços e frases pintados em afresco nas paredes rochosas (com fuligem). Sempre vagando e conversando, mal notaram que haviam chegado a uma parte da caverna cujas paredes não tinham rabiscos. Também com fuligem, escreveram seus próprios nomes abaixo de uma laje e seguiram em frente. Logo alcançaram um local onde um pequeno fluxo de água, escorrendo por uma saliência na rocha e carregando consigo um sedimento de calcário, tinha ao longo do tempo formado uma catarata do Niágara,[92] rendada e pregueada em pedra reluzente e imperecível. Tom espremeu seu corpo miúdo atrás da formação rochosa a fim de iluminá-la, para o deleite de Becky. Ele descobriu que a formação escondia, como uma cortina, uma espécie de escada natural, íngreme e fechada, entre paredes estreitas, e imediatamente a ambição de ser um descobridor o dominou. Becky respondeu ao seu chamado; fizeram uma marca com fuligem para servir de orientação e começaram a explorar. Serpentearam de um lado para outro nas profundezas secretas da caverna, deixaram mais uma marca e seguiram em busca de descobertas para contar ao mundo superior. Em determinado ponto, depararam-se com uma câmara espaçosa, de cujo teto pendia uma infinidade de estalactites brilhantes com o comprimento e o diâmetro da perna de um homem; percorreram toda a câmara, espantados, maravilhados, e depois a deixaram, saindo por

uma das numerosas passagens que davam acesso a ela. O caminho logo os levou a uma nascente encantadora, cuja bacia estava incrustada com uma geada de cristais cintilantes; a nascente ficava no meio de uma câmara cujas paredes eram sustentadas por uma série de pilares fantásticos, formados pela junção de grandes estalactites e estalagmites causadas pelo gotejamento incessante ao longo de séculos. Sob o teto, morcegos se amontoavam aos milhares; a luz perturbou as criaturas, que alçaram voo em bandos e às centenas, guinchando e avançando furiosamente contra as velas. Tom conhecia os hábitos dos morcegos e o perigo daquele tipo de conduta. Ele agarrou a mão de Becky e correu até a primeira galeria que apareceu; e foi em boa hora, pois um morcego atingiu com a asa a vela transportada por Becky e a apagou no momento que a menina saía da câmara. Os morcegos perseguiram as crianças por uma boa distância, mas os fugitivos mergulharam em cada nova passagem que surgia e, por fim, livraram-se das perigosas criaturas. Em seguida, Tom encontrou um lago subterrâneo e escuro, que se estendia até se perder nas sombras. Ele queria explorar as margens, mas concluiu que antes seria melhor sentar e descansar um pouco. Então, pela primeira vez, a profunda quietude do lugar surtiu o efeito de um toque pegajoso no espírito das crianças. Becky disse:

— Ué, eu não tinha notado, mas parece que já faz um tempão que não escuto nada do pessoal.

— Pensa bem, Becky, a gente tá muito abaixo deles... e eu nem sei em que ponto ao norte, ou ao sul, ou a leste, ou seja lá onde for. Não dá pra escutá eles daqui.

Becky ficou apreensiva.

— Faz quanto tempo que a gente tá aqui embaixo, Tom? É melhor começá a voltá.

— Sim, também acho que é melhor. Vai vê que é melhor voltá.

— Você sabe o caminho, Tom? É muita reviravolta embaralhada pra mim.

— Eu acho que sei... mas aqueles morcego... se eles apagarem as nossas vela, vai sê uma baita complicação. Vamo tentá algum outro caminho pra não tê que passá por lá.

Atacados por nativos.

— Tudo bem. Mas tomara que a gente não fique perdido. Ia sê uma coisa horrível! — E a menina estremeceu ao pensar nas possibilidades nefastas.

Começaram a caminhar por uma galeria e a percorreram em silêncio por um longo trecho, verificando cada nova passagem para ver se identificavam algo familiar; mas as aberturas eram todas desconhecidas. Cada vez que Tom fazia uma verificação, Becky observava seu rosto em busca de um sinal animador e ele dizia, alegre:

— Ai, tá tudo bem. Não é por aqui, mas logo logo a gente encontra o caminho!

No entanto, ele se sentia menos esperançoso a cada tentativa frustrada, e então começou a tomar caminhos divergentes ao acaso, na esperança aflitiva de encontrar o certo. Ainda prometia que estava "tudo bem", mas o medo pesava feito chumbo em seu coração e as palavras perdiam o vigor e pareciam dizer: "Tudo perdido!". Becky se agarrou a ele com um medo angustiante e fez um grande esforço para conter as lágrimas, mas elas brotaram. Por fim, ela falou:

— Ai, Tom, não importa os morcego, vamo voltá por lá! Parece que a gente tá errando cada vez mais.

— Escuta! — disse ele.

Silêncio profundo; silêncio tão profundo que até mesmo a respiração dos dois era audível. Tom gritou. O chamado ecoou pelas galerias desertas e morreu longe com um som fraco que se assemelhava a uma gargalhada de deboche.

— Ai, não faz isso de novo, Tom, é horrível demais — pediu Becky.

— É horrível, mas eu tenho que fazê isso, Becky; eles pode ouví nós, qué sabê? — E ele gritou novamente.

O "pode" causou um pavor ainda mais congelante do que a gargalhada fantasmagórica, pois atestava a esperança que se esvaía. As duas crianças pararam e ficaram atentas, mas não houve resposta. Tom voltou imediatamente ao caminho em que estavam e apertou o passo. Não demorou muito para que certa hesitação em seus movimentos revelasse outro fato terrível para Becky: ele não conseguia encontrar o caminho de volta!

— Ai, Tom, você não fez nenhuma marca!

— Becky, eu fui um bobalhão! Um bobalhão! Nunca pensei que a gente ia querê voltá pelo mesmo caminho! Não... eu não consigo encontrá o caminho de volta. Tá tudo embaralhado.

— Tom, Tom, nós tamo perdido! Perdido! A gente nunca vai saí desse lugar horroroso! Ai, *por que* a gente foi se afastá da turma?!

Ela desabou no chão e caiu em um pranto tão frenético que Tom ficou apavorado com a ideia de que ela pudesse morrer ou enlouquecer. Sentou-se ao lado e a abraçou; ela enterrou o rosto em seu peito, agarrou-se a ele, extravasou todo o medo, todo o arrependimento tardio, e o eco distante transformou tudo em risos zombeteiros. Tom lhe implorou que voltasse a ter esperança, mas ela disse que não conseguia. Ele começou a se culpar e a se censurar por colocá-la naquela situação infeliz; isso surtiu um efeito melhor. Ela disse que tentaria ter esperança de novo, que se levantaria e o seguiria para onde ele a levasse, desde que não falasse mais em culpa, já que ele não era mais culpado do que ela própria.

Portanto, seguiram adiante, sem rumo, simplesmente a esmo — tudo o que podiam fazer era avançar, continuar avançando. Por algum tempo, a esperança deu sinal de vida — não por haver qualquer motivo capaz de sustentá-la, mas apenas porque é da sua natureza reviver quando seu ímpeto não foi totalmente solapado pela idade e pelo

costume com o fracasso.

Pouco depois, Tom pegou a vela de Becky e a apagou. Tal economia significava muito! Palavras não foram necessárias. Becky entendeu, e sua esperança voltou a fenecer. Ela sabia que Tom dispunha de uma vela inteira e de três ou quatro tocos nos bolsos — mas era preciso economizar.

Aos poucos, a fadiga começou a impor suas reivindicações. As duas crianças tentavam perseverar, pois era terrível pensar em sentar quando o tempo se tornava tão precioso. Mover-se em alguma direção, em qualquer direção, era pelo menos um progresso e poderia dar resultado; sentar, no entanto, era convidar a morte e apressar sua chegada.

Por fim, os membros frágeis de Becky se recusaram a levá-la adiante. Ela sentou. Tom também descansou, e conversaram sobre suas respectivas casas, os amigos, as camas confortáveis e, acima de tudo, a luz! Becky chorou e Tom tentou encontrar um meio de confortá-la, mas todas as suas palavras de incentivo estavam desgastadas e pareciam sarcasmo. A fadiga afetou tanto Becky que ela logo adormeceu. Tom ficou grato. Contemplou o semblante tenso da menina e o viu se descontrair sob a influência de sonhos agradáveis; aos poucos, um sorriso apareceu e ali se fixou. O rosto sereno refletiu um pouco de paz e regeneração no espírito do próprio Tom, e seus pensamentos vagaram por tempos passados e memórias oníricas. Enquanto ele estava imerso em devaneios, Becky acordou com uma risadinha alegre, mas o riso, ainda nos lábios, foi atingido por um golpe mortal, sendo seguido por um gemido.

— Ai, como é que *pude* dormí! Eu queria nunca, nunca tê acordado! Não! Não é nada disso, Tom! Não me olha desse jeito! Eu não vou mais falá assim.

— Foi bom que você dormiu, Becky; você descansou, e agora a gente vai encontrá a saída.

— A gente pode tentá, Tom, mas eu vi um lugar tão bonito no meu sonho! Acho que nós tamo indo pra lá.

— Quem sabe, quem sabe. Corage, Becky, e vamo continuá tentando.

Levantaram-se e seguiram em frente, de mãos dadas e sem esperança. Tentaram calcular há quanto tempo estavam na caverna, mas tudo o

que sabiam é que parecia dias e semanas; no entanto, era evidente que não poderia ser o caso, pois as velas ainda não tinham acabado. Muito tempo depois — não sabiam dizer quanto —, Tom disse que precisavam seguir devagar e tentar ouvir o barulho de água pingando; precisavam encontrar uma nascente. Logo em seguida localizaram uma, e Tom disse que era hora de descansar mais um pouco. Ambos estavam exaustos, mas Becky disse que achava que poderia avançar um pouco mais. Ficou surpresa ao ouvir a objeção de Tom. Não conseguia entender. Sentaram-se, e Tom fixou a vela junto à parede diante deles com um pouco de barro. As duas mentes logo se ocuparam; nada foi dito por algum tempo. Então Becky quebrou o silêncio:

— Tom, eu tô com tanta fome!

Tom tirou algo do bolso.

— Lembra disso aqui? — perguntou ele.

Becky quase sorriu.

— É o nosso bolo de casamento, Tom.

— É... e eu queria que fosse do tamanho de um barril, mas isso é tudo o que a gente tem.

— Eu guardei do piquenique pra gente podê sonhá, Tom, do jeito que os adulto faz com bolo de casamento... mas vai sê a nossa...

Ela deixou a frase nesse ponto. Tom repartiu o bolo e Becky comeu com apetite, enquanto ele mordiscava sua metade. Havia água fresca em abundância para complementar o banquete. Pouco depois, Becky sugeriu que retomassem a caminhada. Tom ficou em silêncio por um momento e então disse:

— Becky, você guenta se eu te falá uma coisa?

O rosto de Becky empalideceu, mas ela achava que aguentaria.

— Pois então, Becky, vamo ficá aqui, onde tem água pra bebê. Esse cotoquinho de vela é o último!

Becky começou a chorar e a se lamentar. Tom fez o que pôde para confortá-la, mas quase não adiantou. Por fim, Becky disse:

— Tom!

— O que foi, Becky?

— Eles vai sentí a nossa falta e vai procurá nós!

— Sim, vai sim! De certeza que vai!

— Vai vê que eles tão procurando nós agora, Tom.

— Ué! Vai vê que tão mesmo. Espero que sim.

— Quando é que eles vai sentí a nossa falta, Tom?

— Quando eles voltá pra balsa, eu acho.

— Tom, pode tá escuro nessa hora... será que eles vai notá que a gente não tá lá?

— Eu não sei. Mas de qualquer jeito a tua mãe vai sentí a tua falta quando você não chegá em casa.

O olhar assustado de Becky trouxe Tom à realidade, e ele se deu conta de que havia cometido um erro. Becky não voltaria para casa naquela noite! As duas crianças ficaram caladas e pensativas. Logo um novo ímpeto de tristeza por parte de Becky deixou claro para Tom que algo em sua mente atingira a dela também: a manhã de domingo já estaria quase no fim quando a sra. Thatcher descobrisse que Becky não se encontrava na casa da sra. Harper.

As duas crianças fixaram os olhos no cotoco de vela e o assistiram derreter lenta e impiedosamente; viram o centímetro de pavio sobreviver sozinho; viram a chama fraca subir e descer, escalar a fina coluna de fumaça, pairar no topo por um instante — e então reinou o pavor da escuridão total!

Quanto tempo depois Becky percebeu que estava chorando nos braços de Tom era algo que nenhum dos dois saberia dizer. Tudo o que sabiam era que, após um tempo que parecia bastante longo, ambos despertaram do estupor de um sono profundo e retomaram seu infortúnio. Tom disse que deveria ser domingo agora — talvez segunda-feira. Tentou fazer Becky falar, mas a tristeza da menina era opressiva demais, e todas as esperanças haviam desaparecido. Tom disse que a ausência deles teria sido constatada há muito tempo e que sem dúvida as buscas estavam em andamento. Ele gritaria e talvez alguém acudisse. E bem que tentou, mas na escuridão os ecos distantes soaram tão assustadores que ele desistiu.

As horas se passaram e a fome voltou a atormentar os cativos. Ainda restava um pedacinho da metade do bolo de Tom; eles o repartiram e comeram. Mas pareciam estar mais famintos do que antes. O mísero naco de comida apenas aguçara o apetite.

Pouco depois, Tom falou:

— Shhh! Você ouviu isso?

Ambos prenderam a respiração e apuraram o ouvido. Seguiu-se um som semelhante ao de um grito, distante e fraco. Imediatamente Tom gritou de volta, e levando Becky pela mão começou a tatear por uma passagem em direção ao grito. Voltou a apurar a audição; de novo ouviu o som, e agora parecia um pouco mais próximo.

— São eles! — exclamou Tom. — Eles tão vindo! Vem, Becky... tá tudo bem agora!

A alegria dos prisioneiros era quase avassaladora. Avançavam devagar, no entanto, pois havia muitos buracos que precisavam ser evitados. Logo chegaram à beira de um e tiveram que parar. Poderia ter um metro de profundidade, poderia ter trinta — em todo caso, não havia como prosseguir. Tom se deitou de bruços e estendeu a mão o máximo que pôde. Não tocou o fundo. Precisavam ficar ali e aguardar até a equipe de busca chegar. Apuraram o ouvido; ficou nítido que os chamados estavam se distanciando! Mais um ou dois instantes e desapareceram de vez. Era uma infelicidade capaz de massacrar qualquer coração! Tom gritou até ficar rouco, mas foi em vão. Ele tentou transmitir esperança a Becky, mas após uma espera longa e angustiante nenhum outro som foi ouvido.

As duas crianças tatearam pelo caminho e regressaram à nascente. O tempo se arrastou, entediante; eles dormiram de novo e acordaram famintos e desolados. Tom acreditava que àquela altura já seria terça-feira.

Então teve uma ideia. Havia algumas passagens laterais próximas. Era melhor explorar algumas delas do que suportar a opressão do tempo ocioso. Ele tirou do bolso uma linha de pipa, amarrou-a à ponta de uma rocha e, seguido por Becky, saiu desenrolando a linha, sempre tateando. Ao fim de vinte passadas, a passagem terminou em um trampolim. Tom se ajoelhou e apalpou o solo, depois esticou as mãos o máximo possível; no momento em que se esticava um pouco mais para a direita, a mão de um ser humano, empunhando uma vela, apareceu atrás de uma pedra a menos de vinte metros de distância! Tom deu um grito excruciante, e na mesma hora a mão foi seguida pelo corpo ao qual pertencia — era o Índio Joe! Tom ficou paralisado; não conseguiu se mover. Mas, no instante seguinte, ficou imensamente aliviado ao ver o "espanhol" sair correndo e sumir de vista. Tom se surpreendeu com o fato de Joe não

ter reconhecido sua voz e avançado para matá-lo por ter testemunhado contra ele no tribunal. Mas os ecos poderiam ter disfarçado o som. Sem dúvida era isso, raciocinou. O medo que se abatera sobre ele debilitou todos os músculos de seu corpo. Tom disse consigo mesmo que se tivesse forças para voltar à nascente ficaria por lá, e nada o levaria a correr o risco de se deparar com o Índio Joe outra vez. Teve o cuidado de esconder de Becky o que vira. Disse apenas que tinha gritado "pra dar sorte".

[duplo]MAS COM O TEMPO A FOME e o sofrimento superam os temores. Outra espera entediante junto à nascente e outro sono profundo trariam novidades. As duas crianças acordaram torturadas por uma fome violenta. Tom acreditava que agora já seria quarta ou quinta-feira, ou mesmo sexta ou sábado, e que as buscas haviam sido canceladas. Ele propôs explorar outra passagem. Sentia-se disposto a arriscar um encontro com o Índio Joe e quaisquer outros terrores. Mas Becky se sentia muito fraca. Tinha se rendido a uma apatia depressiva e nada a animava. Disse que esperaria onde estava e ali morreria — sem demora. Recomendou a Tom que usasse a linha de pipa e explorasse o local se quisesse; mas implorou que voltasse de vez em quando para falar com ela; e o fez prometer que, quando chegasse a hora nefasta, ficaria com ela e seguraria sua mão até que tudo acabasse.

Tom a beijou com um nó na garganta e fingiu estar confiante de que encontraria a equipe de busca ou uma saída da caverna; depois segurou a linha com uma das mãos e saiu tateando, de gatinhas, por uma das passagens, maltratado pela fome e desanimado pelo mau agouro de um fim iminente.

32

a tarde de terça-feira chegou e se foi no crepúsculo. O vilarejo de Saint Petersburg ainda estava de luto. As crianças perdidas não tinham sido encontradas. Orações comunitárias foram feitas pelo bem delas, e muitas e muitas preces particulares foram elevadas com fervor pelos respectivos suplicantes; mas nenhuma boa notícia chegava da caverna. A maioria dos integrantes da equipe de busca tinha voltado às suas ocupações rotineiras, afirmando que era evidente que as crianças jamais seriam localizadas. A sra. Thatcher ficou gravemente doente e delirava a maior parte do tempo. As pessoas diziam que era de partir o coração ouvi-la chamar pela filha, erguer a cabeça e apurar o ouvido toda vez por um minuto e depois voltar a baixá-la, desanimada, com um gemido. Tia Polly caiu em profunda melancolia, e seu cabelo grisalho ficou quase branco. O povoado se recolheu na noite de terça-feira triste e desesperançado.

No meio da madrugada, um repique ensandecido dos sinos eclodiu no vilarejo e, de pronto, as ruas fervilharam de pessoas frenéticas, ainda de pijama, gritando: "Venham pra fora! Venham pra fora! Eles foram encontrados! Eles foram encontrados!". O bater de panelas e o som de cornetas se somaram ao estardalhaço; a população se reuniu e foi até a margem do rio, onde encontrou as crianças chegando em uma carroça aberta puxada por gente que gritava, aglomerada em torno do veículo, juntando-se à marcha de regresso ao lar e subindo em triunfo a rua principal com urros de "viva!" após "viva!".

O vilarejo se iluminou; ninguém voltou para a cama; foi a noite mais memorável que o povoado já viu. Durante a primeira meia hora um cortejo de moradores passou pela casa do juiz Thatcher, abraçou e beijou os resgatados, cumprimentou a sra. Thatcher, tentou falar mas não conseguiu — e se afastou aos prantos.

Todos na rua para receber Tom e Becky.

A felicidade de tia Polly era completa, e a da sra. Thatcher quase isso. Assim ficaria tão logo o mensageiro enviado à caverna com a grande notícia avisasse seu marido. Tom repousava em um sofá, cercado por uma plateia ansiosa, relatando a história da aventura fantástica e acrescentando muitos detalhes extraordinários a fim de adorná-la; e concluiu com a descrição de como deixou Becky e partiu em uma jornada de exploração; como seguiu por duas galerias até onde a linha de pipa alcançava; como seguiu por uma terceira galeria até onde a linha permitiu, e então, quando estava prestes a voltar, avistou um ponto distante que parecia a luz do dia; largou a linha e tateou em direção ao tal ponto, enfiou a cabeça e os ombros através de um pequeno buraco e avistou o grande Mississippi correndo!

E se fosse noite ele não teria visto aquele ponto de luz e não teria explorado mais aquela galeria! Contou que voltou até Becky e deu a boa-nova e a ouviu dizer que não a perturbasse falando tal coisa porque ela estava cansada e sabia que iria morrer, e queria morrer. Ele relatou que insistiu e acabou por convencê-la; e que ela quase morreu de felicidade quando, após tatear até o local de destino, avistou o ponto azulado da luz do dia; que ele se espremeu pelo buraco e a ajudou a sair; que logo se sentaram ali mesmo e choraram de alegria; que alguns homens apareceram em um bote, e Tom os chamou e relatou a situação

e a condição de famintos; que os homens não acreditaram na história fabulosa a princípio "porque", disseram eles, "vocês estão a oito quilômetros rio abaixo do vale da caverna"; em seguida, embarcaram os dois e remaram até uma casa onde lhes serviram uma refeição, deixaram que descansassem até duas ou três horas depois de escurecer e os levaram para casa.

Antes do amanhecer, o juiz Thatcher e o punhado de homens que o acompanhavam na busca foram rastreados na caverna graças às cordas que lhes serviam de guia e informados da grande notícia.

Três dias e três noites de desgaste físico e fome na caverna não seriam superados imediatamente, como Tom e Becky logo constataram. Os dois ficaram acamados durante toda a quarta e a quinta-feira e pareciam cada vez mais abatidos e exaustos. Tom se movimentou um pouco na quinta-feira, esteve no centro do vilarejo na sexta e já se sentia quase plenamente recuperado no sábado; mas Becky só saiu do quarto no domingo, parecendo ter sobrevivido a uma enfermidade das mais debilitantes.

Escapando da caverna.

Tom soube da doença de Huck e foi visitá-lo na sexta-feira, mas não pôde entrar no quarto; nem no sábado ou no domingo. Depois disso pôde vê-lo uma vez ao dia, mas foi alertado a se calar sobre a aventura e

não tocar em nenhum assunto que deixasse o amigo agitado. A viúva Douglas permaneceu no quarto durante as visitas, para se certificar de que Tom obedeceria às regras. Uma vez em casa, Tom soube do evento em Cardiff Hill; soube também que o corpo do "homem maltrapilho" acabou sendo encontrado no rio, perto do atracadouro da balsa — havia se afogado ao tentar escapar, segundo constava.

Cerca de quinze dias após o resgate da caverna, Tom saiu para visitar Huck, agora forte o suficiente para ouvir assuntos que o deixassem agitado, e Tom tinha alguns que o interessariam, pensou. A casa do juiz Thatcher ficava no caminho, e ele parou para visitar Becky. O juiz e alguns amigos instaram Tom a falar, e alguém perguntou, ironicamente, se ele não gostaria de voltar à caverna. Tom respondeu que talvez fosse o caso. O juiz disse:

— Pois há outros que pensam como você, Tom, quanto a isso eu não tenho a menor dúvida. Mas já tomamos as devidas providências. Ninguém mais vai se perder naquela caverna.

— Por quê?

— Porque eu mandei lacrar a porta com chapas de ferro duas semanas atrás e instalar três fechaduras... e as chaves estão comigo.

Tom ficou branco feito um fantasma.

— Qual é o problema, garoto?! Acudam! Tragam aqui um copo d'água!

A água foi trazida e jogada no rosto de Tom.

— Ah, agora você está bem. Qual foi o problema, Tom?

— Ai, juiz, é que o Índio Joe tá lá dentro da caverna!

33

em poucos minutos a notícia se espalhou e uma dúzia de botes cheios de homens se pôs a caminho da caverna McDougal, e a balsa, lotada de passageiros, partiu em seguida. Tom Sawyer estava no bote que transportava o juiz Thatcher.

Quando a porta da caverna foi destrancada, a visão era lastimável em meio à penumbra do local. O Índio Joe jazia estirado no chão, morto, com o rosto junto à fresta da porta, como se seus olhos aflitos fitassem até o último instante a luz e a alegria do mundo livre lá fora. Tom se comoveu, pois sabia por experiência própria o quanto aquele desgraçado havia sofrido. A compaixão era tocante, mas ainda assim ele sentiu uma grande sensação de alívio e segurança, fato que deixou clara, de um modo que não tinha percebido antes, a intensidade do pavor que pesara sobre ele desde o dia em que ergueu a voz para depor contra aquele pária de instinto sanguinário.

O punhal que pertencia ao Índio Joe jazia ali perto, com a lâmina partida ao meio. A grande viga de sustentação da porta fora lascada e cortada por força de um trabalho árduo; um trabalho inútil, também, pois a rocha natural formava a soleira, e naquele material recalcitrante a lâmina não havia produzido nenhum efeito; o único dano causado foi ao próprio punhal. E mesmo que não houvesse ali nenhuma obstrução rochosa o trabalho teria sido em vão, pois, ainda que a viga tivesse sido totalmente cortada, o Índio Joe não poderia ter espremido o corpo por baixo da porta, e ele sabia disso. Portanto ele havia cutucado a base da porta apenas para se manter ocupado com algo — para passar o tempo sofrido — para distrair suas faculdades atormentadas. Normalmente era possível encontrar meia dúzia de tocos de vela fixados nas fendas daquela entrada, deixados ali por turistas; mas não havia nenhum agora. O prisioneiro os havia recolhido e comido. Tinha conseguido capturar alguns morcegos, e estes ele também havia devorado,

deixando apenas as garras. O infeliz morrera de fome. Em um local próximo, uma estalagmite crescia lentamente do solo ao longo das eras, formada pelo gotejamento de uma estalactite no alto. O cativo havia quebrado a estalagmite e, sobre o cepo, colocado uma pedra, na qual cavou um buraco raso para pegar a gota preciosa que caía uma vez a cada três minutos, com a regularidade sombria de um tique-taque — juntando uma colher de sopa cheia a cada vinte e quatro horas. Aquela gota já pingava quando as pirâmides eram jovens; quando Troia caiu; quando as fundações de Roma foram lançadas; quando Cristo foi crucificado; quando o Conquistador criou o Império britânico; quando Colombo zarpou; quando o massacre em Lexington era notícia.[93] E segue pingando neste momento; e seguirá pingando quando tudo isso sucumbir no entardecer da história e no crepúsculo da tradição, sendo tragado pela noite densa do esquecimento. Será que tudo tem um propósito e uma missão? Teria aquela gota escorrido pacientemente durante cinco mil anos para estar pronta para atender à necessidade daquele frágil inseto humano? E teria ela algum outro objetivo importante a ser atingido daqui a dez mil anos? Não importa. Faz muitos e muitos anos desde que aquele mestiço infeliz raspou a pedra para resgatar as gotas preciosas, mas até hoje, quando vem conhecer as maravilhas da caverna McDougal, o turista se detém contemplando aquela pedra patética e aquela água que goteja lentamente. A caneca do Índio Joe figura em primeiro lugar na lista das maravilhas da caverna; nem mesmo o Palácio de Aladim pode competir com ela.

O Índio Joe foi enterrado próximo à entrada da caverna; e as pessoas chegaram em barcos e carroças vindos de cidades, fazendas e povoados a um raio de dez quilômetros dali; trouxeram os filhos e todo tipo de provisões e confessaram que se divertiram quase tanto no funeral quanto teriam se divertido no enforcamento.

O funeral pôs um ponto final em uma iniciativa popular: o abaixo-assinado que pedia ao governador um indulto ao Índio Joe. A petição fora amplamente assinada; muitas reuniões chorosas e eloquentes haviam sido realizadas, e um comitê de mulheres sentimentais foi nomeado para vestir luto profundo, choramingar em torno do governador e lhe implorar para ser um asno misericordioso e pisotear seu dever. Acreditava-se que o Índio Joe tivesse assassinado cinco

cidadãos do vilarejo, mas e daí? Mesmo que ele fosse o próprio Satanás ainda haveria muitos fracos dispostos a rabiscar seus nomes em uma petição de indulto e derramar uma lágrima sobre o documento, vertida por canos irremediavelmente danificados e cheios de vazamentos.

Na manhã seguinte ao funeral, Tom levou Huck a um local recluso para uma conversa importante. Àquela altura, Huck já obtivera do galês e da viúva Douglas todos os detalhes da aventura vivida por Tom, mas este achava que havia uma coisa que eles não tinham contado; era sobre isso que ele queria falar agora. A fisionomia de Huck se entristeceu. Ele disse:

— Eu já sei o que é. Você entrou lá no Número Dois e não achou nada, só uísque. Ninguém me falou que tinha sido você, mas eu sabia assim que ouvi falá naquele negócio do uísque; e eu sabia que você não tinha pegado o dinheiro, porque se tivesse, de um jeito ou de outro, tu ia me contá, mesmo que não contasse pra mais ninguém. Tom, alguma coisa sempre me disse que a gente nunca ia pegá aquela grana.

— Ora, Huck, eu nunca dedurei o dono da hospedaria. *Você* sabe que a hospedaria dele tava limpa naquele sábado que eu fui pro piquenique. Você não lembra que ia ficá lá de vigia naquela noite?

— Ai, lembro, sim! Ora, parece que já faz um ano. Foi naquela mesma noite que eu segui o Índio Joe até a casa da viúva.

— *Você* seguiu ele?

— Segui sim... mas bico calado. Eu acho que o Índio Joe deixou uns amigo pra trás, e não quero eles com raiva de mim e fazendo maldade comigo. Se não fosse eu, ele tava lá no Texas uma hora dessa, de certeza.

Então Huck confidenciou toda a aventura para Tom, que antes só tinha conhecimento da parte do galês.

— Pois é — disse Huck, voltando à questão principal —, quem passou a mão no uísque lá no Número Dois pegou o dinheiro também, eu acho... de todo jeito, é um caso perdido pra nós, Tom.

— Huck, aquele dinheiro nunca esteve no Número Dois!

— O quê?! — Huck analisou com atenção o rosto do parceiro. — Tom, tu tá na pista daquele dinheiro de novo?

— Huck, ele tá é lá na caverna!

Os olhos de Huck faiscaram.

— Fala isso de novo, Tom.

— O dinheiro tá na caverna!

— Tom... palavra de índio... tu tá de brincadeira ou tá falando sério?

— É sério, Huck... nunca falei tão sério na vida. Você entra na caverna comigo e me ajuda a tirá ele de lá?

— Claro que entro! Eu entro se for um lugar onde nós podemo chegá sem se perdê.

— Huck, a gente pode fazê isso sem o menor problema do mundo.

— Tá parecendo bom! Por que é que tu acha que o dinheiro tá...

— Huck, espera só até a gente entrá lá dentro. Se a gente não encontrá o dinheiro, eu te dou o meu tambor e tudo o que tenho nesse mundo. Dou mesmo, puxa vida!

— Tudo bem... eu topo. Pra quando tu diz?

— Agora mesmo, se você topá. Você já tá forte?

— Fica muito longe lá dentro da caverna? Eu andei meio bambo das perna já tem uns três ou quatro dia agora, e não guento caminhá mais do que um quilômetro e meio, Tom... pelo meno eu acho que não guento.

— Fica uns oito quilômetro lá pra dentro pra qualquer um menos pra mim, Huck, porque tem um atalho dos bom que ninguém conhece, só eu. Huck, eu vou te levá direto até lá num bote. Eu levo o bote na corrente até lá e remo ele de volta sozinho. Você não vai precisá mexê nem um dedo.

— Vamo começá agorinha mesmo, Tom.

— Tudo bem. A gente vai precisá de um pouco de pão e carne, e dos nossos cachimbo, e uma ou duas sacola, e mais duas ou três linha de pipa, e de umas dessas coisa nova que eles chama de fósforo. Vou te falá, teve muita vez que eu quis tê um deles quando eu tava lá dentro.

Pouco depois do meio-dia, os meninos pegaram emprestado um bote de um sujeito que não estava por ali e partiram na mesma hora. Quando seguiam vários quilômetros adiante da Baixada da Caverna, Tom disse:

Uma viagem de negócios.

— Agora vê só, nesse barranco aqui parece tudo igual pra baixo da Baixada da Caverna... sem casa, sem mata, as moita tudo igual. Mas você tá vendo aquele lugar branco lá em cima, onde a terra desceu? Pois aquilo é um dos meus ponto de referência. Nós vamo desembarcá agora.

Eles pisaram em terra.

— Agora, Huck, aquele buraco por onde eu saí deve tá bem perto daqui. Vê se você consegue achá ele.

Huck procurou por todo lado, mas não encontrou nada. Tom avançou, faceiro, em direção a um grupo de arbustos de sumagre e disse:

— Pronto, tá bem aqui! Olha só, Huck; é o buraco mais jeitosinho dessa região. Bico calado sobre isso aqui. O tempo todo eu quis sê

ladrão, mas eu sabia que precisava tê uma coisa dessa e o difícil era encontrá um lugar assim. Agora nós temo, e vamo ficá quieto, só vamo contá pro Joe Harper e pro Ben Rogers... porque é claro que a gente precisa de um bando, senão a coisa não vai tê estilo nenhum. O Bando do Tom Sawyer... que maravilha, né, Huck?

— Pois é mesmo, Tom. E quem é que nós vamo robá?

— Ai, quase todo mundo. Vamo tocaiá as pessoa... é quase sempre assim.

— E vamo matá elas?

— Não, nem sempre. Vamo escondê elas na caverna até elas pagá o resgate.

— O que é resgate?

— Dinheiro. A gente obriga elas a juntá um dinheirão com a ajuda dos amigo; e depois que a gente prende elas um ano, se o dinheiro não aparecê, a gente mata elas. Costuma sê desse jeito. Só que a gente não mata as mulher. A gente prende elas, mas não mata. Elas são sempre linda e rica e muito medrosa. A gente pega os relógio e as coisa delas, mas sempre tira o chapéu e fala com elas com educação. Não tem ninguém mais educado que ladrão... você vê isso em tudo que é livro. Daí as mulher acaba se apaixonando pela gente, e depois de ficá na caverna uma ou duas semana elas para de chorá e depois disso a gente não consegue mais fazê elas ir embora. Se a gente bota elas pra fora, elas volta na mesma hora. É desse jeito em tudo que é livro.

— Ora! Isso é bom à beça, Tom. Eu acho que é melhor até que sê pirata.

— É... é melhor, porque fica perto de casa e de circo, e essas coisa.

Àquela altura, tudo estava pronto e os meninos entraram pelo buraco, Tom na liderança. Avançaram com dificuldade até o fim de uma galeria; em seguida, emendaram as linhas de pipa e prosseguiram. Alguns passos os levaram até a nascente, e Tom sentiu um arrepio que fez o corpo inteiro estremecer. Ele mostrou a Huck o fragmento de pavio de vela fixado na parede por um torrão de barro e descreveu como ele e Becky viram a chama trepidar e expirar.

Então os meninos começaram a se comunicar por meio de sussurros, visto que o silêncio e a escuridão do lugar oprimiam seus espíritos. Foram adiante e logo adentraram a outra galeria percorrida por Tom até

alcançarem o trampolim. A luz das velas revelou que o local não era, na verdade, um precipício, mas apenas um declive acentuado de barro, com seis ou nove metros de altura. Tom sussurrou:

— Agora eu vou te mostrar uma coisa, Huck.

Ele ergueu a vela e disse:

— Olha o mais longe que der em volta desse canto. Tá vendo aquilo? Bem ali... naquela pedra grandona... feito com fuligem de vela.

— Tom, é uma *cruz*!

— *Agora*, onde fica o Número Dois? *Ao pé da cruz*, né? E foi bem ali que eu vi o Índio Joe enfiá a vela, Huck!

Huck fitou o símbolo místico por um momento e disse, com a voz trêmula:

— Tom, vamo caí fora daqui!

— O quê?! E deixá o tesouro?!

— Sim... vamo deixá. O fantasma do Índio Joe tá rondando por aqui, de certeza.

— Não tá não, Huck; não tá não. Ele ia assombrá o lugar onde ele morreu...lá na entrada da caverna... a uns oito quilômetro daqui.

— Não, Tom, não ia não. Ele ia ficá rondando o dinheiro. Eu conheço o costume dos fantasma, e tu também.

Tom começou a temer que Huck estivesse certo. Dúvidas surgiram em sua mente. Logo, porém, uma ideia lhe ocorreu:

— Escuta aqui, Huck, nós tamo é fazendo papel de bobo! O fantasma do Índio Joe não vai aparecê onde tem cruz!

O argumento procedia. Surtiu o devido efeito.

— Tom, eu não tinha pensado. Mas é isso mesmo. É sorte pra nós essa cruz tá aí. Eu acho que a gente deve descê lá embaixo e procurá aquela caixa.

Tom foi primeiro, formando degraus toscos no declive de barro enquanto descia. Huck o seguiu. Quatro galerias se abriam a partir da pequena caverna onde ficava a grande pedra. Os meninos examinaram três delas, sem resultado. Encontraram uma pequena alcova na galeria mais próxima, na base da pedra, forrada com uma camada de cobertores; encontraram também suspensórios velhos, uma pequena crosta de toucinho e ossos de duas ou três aves, muito bem roídos. Mas nada da caixa com o dinheiro. Os rapazes vasculharam o local, mas foi

em vão. Tom falou:

— Ele falou *ao pé* da cruz. Pois é, esse lugar aqui é o que tem de mais perto do pé da cruz. Não pode tá embaixo da pedra, porque ela fica direto no chão.

Eles procuraram em todos os cantos mais uma vez e depois se sentaram desanimados. Huck não conseguia sugerir nada. Algum tempo depois, Tom disse:

— Olha aqui, Huck, tem pegada e pingo de sebo de vela no barro num dos lado da pedra, mas não dos outro. Agora, como é que pode? Eu aposto que o dinheiro tá embaixo da pedra. Eu vou é cavá nesse barro.

— Não é má ideia, Tom! — disse Huck, animado.

O "Barlow legítimo" foi imediatamente manuseado, e Tom não cavou nem dez centímetros quando bateu em algo de madeira.

— Ei, Huck!... Você ouviu isso?

Huck começou a cavar e escarafunchar. Algumas ripas foram logo descobertas e removidas. Elas camuflavam uma fenda natural que existia embaixo da rocha. Tom entrou no buraco e segurou a vela embaixo da pedra o mais longe que podia, mas disse que não conseguia ver o fim da fenda. Ele se propôs a explorar o local. Abaixou-se e avançou; o caminho estreito descia gradualmente. Tom seguiu o trajeto sinuoso, primeiro à direita, depois à esquerda, acompanhado de perto por Huck. Logo depois, fez uma curva curta e exclamou:

— Meu Deus, Huck, olha isso aqui!

Era sem sombra de dúvida a caixa do tesouro, bem alojada em uma pequena caverna junto a um barril de pólvora vazio, duas pistolas em coldres de couro, dois ou três pares de mocassins velhos, um cinto e outras quinquilharias, tudo encharcado pela água gotejante.

— Achamo, finalmente! — exclamou Huck, enfiando uma das mãos nas moedas manchadas. — Nossa! Nós enricamo, Tom!

— Huck, eu sempre acreditei que a gente ia achá. É bom demais pra sê verdade, mas a gente *conseguiu*, de certeza! Qué sabê... não vamo ficá aqui de bobeira. Vamo levá isso daqui. Deixa eu vê se consigo levantá a caixa.

Pesava pouco mais de vinte quilos. Tom conseguiu erguê-la de um modo um tanto canhestro, mas não foi capaz de carregá-la.

— Foi o que eu pensei — disse ele. — *Eles* levaram ela como se fosse

pesada naquele dia lá na casa mal-assombrada. Eu bem que notei. Acho que foi bom eu tê pensado em trazê essas sacolinha.

O dinheiro logo foi acondicionado nas sacolas, e os meninos o levaram até a pedra da cruz.

— Agora vamo pegá as pistola e as outras coisa — disse Huck.

— Não, Huck... deixa isso aí. É o tipo de coisa pra tê quando a gente saí pra robá. Vamo deixá isso aí o tempo todo e vamo fazê nossas orgia aí também. É um lugar dos bom pra orgia.

— Que orgia?

— Sei lá. Mas os ladrão sempre faz orgia, e claro que a gente vai fazê também. Vamo embora, Huck. Já tem um tempão que a gente tá aqui dentro. Tá ficando tarde, eu acho. E eu tô com fome. Vamo comê e fumá quando chegá no bote.

Pouco depois, emergiram em meio aos arbustos de sumagre, examinaram a área com cautela, constataram que não havia ninguém e logo começaram a lanchar e a fumar no bote. No momento em que o sol se punha no horizonte, eles desatracaram e partiram. Tom remou junto à margem durante o longo crepúsculo, conversando animadamente com Huck, e atracou pouco depois de escurecer.

— Agora, Huck — disse Tom —, vamo escondê o dinheiro no sótão do depósito de lenha da viúva; eu subo lá de manhã e a gente conta e divide tudo, e depois a gente procura um lugar na mata onde ele vai tá seguro. Agora você fica quieto aqui e vigia as coisa, que eu vou corrê e pegá o carrinho de mão do Benny Taylor; não vou demorá nem um minuto.

Ele desapareceu e logo voltou com o carrinho de mão, acomodou ali as duas sacolas, jogou alguns trapos velhos em cima e partiu, puxando a carga atrás de si. Quando alcançaram a casa do galês, pararam para descansar. Na hora que estavam prestes a seguir adiante, o galês apareceu e disse:

— Olá, quem é que tá aí?

"Achamo, finalmente!"

— Huck e Tom Sawyer.

— Que bom! Venham comigo, rapazes; tá todo mundo esperando vocês. Vamo... Depressa, corram na frente... eu puxo o carrinho pra vocês. Ora! Não tá tão leve como parece. Tem tijolo aí? Ou ferro-velho?

— Ferro-velho — disse Tom.

— Foi o que eu pensei; os menino nessa cidade prefere tê mais trabalho e perdê mais tempo catando meia dúzia de ferro-velho pra vendê pra fundição do que ganhá o dobro do dinheiro com um trabalho normal. Mas a natureza humana é assim mesmo... Vamo logo, depressa, depressa!

Os meninos queriam saber o motivo de tanta correria.

— Deixa pra lá; vocês já vai sabê, assim que a gente chegá na casa da viúva Douglas.

Huck falou com alguma apreensão, pois havia muito tempo que estava habituado a falsas acusações:

— Sr. Jones, nós não fizemo nada.

O galês riu.

— Pois é, eu não sei, Huck, meu garoto. Eu não sei de nada. Você e a viúva não são bons amigo?

— Somo, sim. Porque ela é boa pra mim, de qualquer maneira.

— Tudo bem, então. Do que é que você tá com medo?

Huck não havia ainda chegado a uma resposta quando se viu empurrado junto com Tom para dentro da sala de visita da sra. Douglas. O sr. Jones deixou o carrinho de mão perto da porta e os seguiu.

O lugar estava esplendidamente iluminado, e todos que tinham alguma importância no vilarejo estavam presentes. Os Thatcher estavam lá, os Harper, os Roger, tia Polly, Sid, Mary, o pastor, o editor do jornal e muitos outros, e todos usavam suas melhores roupas. A viúva recebeu os meninos tão calorosamente quanto seria possível acolher dois seres com a aparência da dupla. Estavam cobertos de barro e sebo de vela. Tia Polly enrubesceu de vergonha, franziu a testa e sacudiu a cabeça para Tom. No entanto, ninguém sofria nem a metade do que os dois meninos sofriam naquele momento. O sr. Jones disse:

— O Tom ainda não tinha chegado em casa; então eu desisti; mas aí esbarrei com ele e o Huck bem na minha porta, e daí eu trouxe eles depressa.

— E o senhor fez muito bem — falou a viúva. — Venham comigo, meninos.

Ela os levou até um quarto e disse:

— Agora lavem-se e se troquem. Aqui estão dois conjuntos de roupas novas... camisas, meias, tudo completo. São do Huck... não, não precisa agradecer, Huck... o sr. Jones comprou um e eu comprei o outro. Mas eles vão caber em vocês dois. Vistam-se. Nós vamos ficar esperando... Desçam quando estiverem bem-arrumadinhos.

Em seguida, ela se retirou.

huck disse:

— Tom, a gente pode caí fora se achá uma corda. A janela não é muito alta.

— Ora bolas! Pra que você vai querê caí fora?

— Ué! Eu não tô acostumado com esse montão de gente. Eu não guento isso. Eu é que não vou descê lá, Tom.

— Ai, não amola! Isso não tem nada de mais. Eu não me incomodo nem um pouco. Eu cuido de você.

Sid apareceu.

— Tom — disse ele —, a titia passou a tarde toda esperando você. A Mary preparou as tuas ropa de domingo e todo mundo tá preocupado contigo. Fala aí... isso não é sebo e barro nas tuas ropa?

— Agora, sr. Siddy, cuida do que é teu. E por que todo esse alvoroço, afinal?

— É uma daquelas festa da viúva... que ela sempre dá. Dessa vez é pro galês e pros filho dele, por causa daquela enrascada que eles salvaram ela naquela noite. E qué sabê... eu posso te contá uma coisa, se você quiser.

— Pois então, o que é?

— Ora! O velho sr. Jones vai fazê uma surpresa pro povo aqui de noite, mas eu ouvi ele contá pra tia hoje como se fosse segredo, mas acho que não é mais segredo agora. Todo mundo já sabe... a viúva também, mesmo fingindo que não sabe. O sr. Jones precisava do Huck aqui... ele não podia tratá do grande segredo sem o Huck, qué sabê?!

— Que segredo, Sid?

— Que o Huck seguiu os ladrão até a casa da viúva. Eu acho que o sr. Jones queria fazê da surpresa um grande acontecimento, mas aposto que não vai sê nada disso.

Sid deu uma risadinha de satisfação.

— Sid, foi você que contou?

— Ai, não importa quem foi. *Alguém* contou... e isso já basta.

— Sid, só um sujeito nessa cidade é malvado o suficiente pra fazê uma coisa dessa, e esse sujeito é você. Se fosse você em vez do Huck, você ia descê quietinho aquele morro e nunca ia contá pra ninguém sobre aqueles ladrão. Você só faz coisa ruim e não guenta vê ninguém elogiado por fazê coisa boa. Pronto... não precisa agradecê, como a viúva faz. — E Tom deu um cascudo nas orelhas de Sid e o conduziu até a porta com vários chutes. — Agora vai me dedurá pra titia, se tu tiver corage... e amanhã tu me paga!

Alguns minutos depois, os convidados da viúva estavam à mesa da sala de jantar e uma dezena de crianças tinha sido acomodada em mesinhas laterais na mesma sala, como era costume na região naquela época. No momento oportuno, o sr. Jones proferiu um breve discurso, no qual agradeceu à viúva pela homenagem que ela estava prestando a ele e a seus filhos, mas disse que havia outra pessoa cuja modéstia...

E assim por diante. Da maneira mais dramática possível, ele revelou o segredo sobre a participação de Huck na aventura, mas a surpresa ocasionada foi em grande parte falsa e menos intensa e efusiva do que teria sido em circunstâncias mais verídicas. Contudo, a viúva deu uma bela demonstração de espanto e amontoou tantos elogios e expressou tamanha gratidão a Huck que ele quase esqueceu o desconforto praticamente intolerável das roupas novas diante do desconforto totalmente intolerável de ser alvo do olhar e dos elogios de todos.

A viúva disse que pretendia oferecer a Huck um lar sob seu próprio teto e educá-lo; e que quando dispusesse dos recursos necessários, haveria de estabelecê-lo em um pequeno negócio. Era a deixa que Tom aguardava. Ele falou:

— O Huck não precisa. O Huck tá rico.

Só depois de exercer uma forte pressão sobre suas boas maneiras os presentes deixaram de esboçar a esperada e apropriada risada após uma boa piada. Mas o silêncio foi um tanto constrangedor. Tom o quebrou:

— O Huck tem dinheiro. Vocês pode não acreditá, mas ele tem um montão de dinheiro. Ai, vocês nem precisa ficá rindo... eu posso mostrar. Espera um minutinho.

Tom correu porta afora. Os presentes se entreolharam com um interesse perplexo — e com espanto para Huck, que se mantinha calado.

— Sid, o que foi que deu no Tom? — indagou tia Polly. — Ele... pois é, a gente nunca entende esse garoto. Eu nunca...

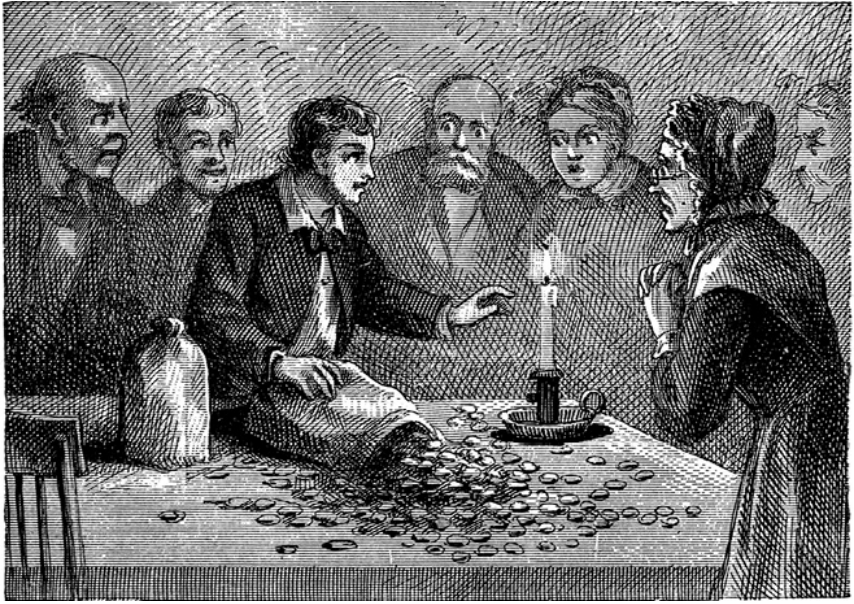
Tom entrou, extenuado sob o peso das sacolas, e tia Polly não terminou a frase. Ele despejou o volume de moedas douradas sobre a mesa e disse:

— Pronto... eu não falei pra vocês? Metade é do Huck e metade é minha!

A cena fez todos perderem o fôlego. Ficaram de olhos arregalados e, por um momento, ninguém falou. Em seguida, houve o pedido unânime por uma explicação. Tom disse que podia explicar, e assim fez. A história era longa, mas esbanjava interesse. Quase não houve interrupção por parte de quem quer que fosse, para não quebrar o encanto propiciado pelo fluxo da narrativa. Quando Tom terminou, o sr. Jones disse:

— Eu achei que tinha preparado uma bela surpresa pra essa ocasião, mas a minha surpresa não é nada. Essa novidade faz a minha parecê nanica, eu reconheço.

O dinheiro foi contado. A soma chegava a pouco mais de doze mil dólares. Era um valor mais alto do que qualquer um ali tinha visto na vida, embora vários entre eles possuíssem muito mais do que isso em patrimônio.



Tom conta sua história.

35

o leitor pode ter certeza de que o ganho inesperado de Tom e Huck causou tremendo rebuliço no pobre vilarejo de Saint Petersburg. Uma quantia tão elevada, em espécie, era quase incrível. O assunto foi tão debatido, admirado e glorificado que o bom senso de muitos cidadãos chegou a cambalear sob a tensão daquele entusiasmo febril. Todas as casas "mal-assombradas" em Saint Petersburg e nos povoados vizinhos foram dissecadas, tábua por tábua, e as fundações foram escavadas e vasculhadas em busca de tesouros escondidos — e não por meninos, mas por homens, homens bastante sérios, e alguns deles nada românticos. Onde quer que Tom e Huck aparecessem eram cortejados, elogiados e observados. Os meninos não se lembravam de que seus comentários tivessem tamanho impacto antes. Agora, no entanto, suas palavras eram valorizadas e repetidas; tudo o que faziam era, de um jeito ou de outro, considerado notável. Era evidente que tinham perdido a capacidade de fazer ou dizer algo banal; além disso, a história pregressa dos dois foi esmiuçada e marcas de originalidade foram constatadas. O jornal do vilarejo publicou pequenas biografias dos dois.

A viúva Douglas investiu o dinheiro de Huck a seis por cento ao ano, e o juiz Thatcher fez o mesmo com o de Tom a pedido de tia Polly. Cada um dos rapazes contava agora com uma renda simplesmente prodigiosa — um dólar a cada dia útil e a metade aos domingos. Era o mesmo valor que o pastor recebia — não, era o valor prometido, e que ele não conseguia arrecadar. Um dólar e vinte e cinco centavos por semana bastavam para alojar, alimentar e educar um menino naqueles tempos antigos e simples — e também para cobrir gastos com higiene e vestuário, a bem dizer.

O juiz Thatcher passou a ter uma ótima opinião a respeito de Tom. Ele disse que um menino qualquer não teria tirado sua filha da caverna. Quando Becky contou ao pai, em sigilo absoluto, que Tom tinha sido

castigado na escola por causa dela, o juiz ficou visivelmente comovido; e quando ela implorou perdão pela grande mentira que Tom havia contado a fim de transferir o castigo dos ombros dela para os dele, o juiz afirmou, com entusiasmo, que se tratava de uma mentira nobre, generosa, magnânima — uma mentira digna de marchar de cabeça erguida pela história, de braços dados com a louvada verdade sobre a machadinha de George Washington![94] Becky pensou que seu pai nunca parecera tão altivo e imponente como quando caminhou pela sala, bateu o pé no chão e fez aquela afirmação. Imediatamente ela correra para contar a Tom.

O juiz Thatcher alimentava a esperança de que Tom se tornasse algum dia um grande advogado ou um grande militar. Ele disse que mexeria os pauzinhos para que Tom fosse admitido na Academia Militar Nacional e depois estudasse na melhor faculdade de direito do país, a fim de se preparar para uma das carreiras, ou para ambas.

A riqueza de Huck Finn e o fato de ele agora estar sob a proteção da viúva Douglas o introduziram na sociedade — não, o arrastaram e o atiraram na sociedade — e o sofrimento do menino era quase insuportável. Os criados da viúva o mantinham limpo e arrumado, penteado e escovado, e o colocavam para dormir todas as noites em lençóis frios que não tinham nenhuma manchinha que ele pudesse apertar contra o peito e considerar sua amiga. Ele era obrigado a comer com garfo e faca; precisava usar guardanapo, xícara e prato; tinha que estudar o livro e ir à igreja; tinha que falar de forma tão correta que a fala se tornava insípida em sua boca; para onde quer que se virasse, as grades e algemas da civilização o confinavam e atavam suas mãos e seus pés.[95]

Huck suportou bravamente tal infelicidade ao longo de três semanas e então, um belo dia, desapareceu. Durante quarenta e oito horas, a viúva o procurou por toda parte com grande aflição. A população ficou muitíssimo alarmada; a região foi vasculhada de cima a baixo, e o rio foi dragado em busca do corpo. Bem cedo, na terceira manhã, Tom Sawyer sabiamente foi escarafunchar algumas barricas velhas e vazias que ficavam atrás do abatedouro abandonado, e em uma delas encontrou o fujão. Huck tinha dormido ali; acabara de quebrar o jejum, alimentando-se com um pouco de comida furtada, e deitara-se

confortavelmente com seu cachimbo. Estava desgrenhado, despenteado e vestido com os mesmos trapos velhos que o tornavam conhecido nos dias em que era livre e feliz. Tom o desentocou, falou sobre a dor de cabeça que ele estava causando e lhe pediu que voltasse para casa. O semblante de Huck perdeu a expressão serena e assumiu um ar taciturno. Ele disse:

— Nem me fala nisso, Tom. Eu exprimentei e não funcionou; não funcionou, Tom. Não é pra mim; eu não tô acostumado. A viúva até que é boa e carinhosa, mas eu não guento aquelas coisa. Ela faz eu levantá na mesma hora todo dia; ela faz eu me lavá, e eles me penteia tanto que parece que os cabelo vai caí; ela não deixa eu dormí no depósito de lenha; eu tenho que usá aquelas ropa maldita que só me sufoca, Tom; parece até que nenhum ar passa por dentro delas; e elas são tão danada de boa que eu não posso sentá nem deitá nem rolá por aí; eu não entro pela porta de uma adega... sei lá... já tem muitos ano; eu tenho que ir na igreja e suá e suá... eu odeio aqueles sermão enfezado! Eu não posso pegá uma mosca lá dentro, não posso mascá nada lá dentro, tenho que calçá sapato o domingo inteiro. Pra comê, a viúva obedece uma sineta; pra dormí, ela obedece uma sineta; pra levantá, ela obedece uma sineta... é tanta regra que um sujeito não guenta.

Confortável mais uma vez.

— Ué, todo mundo faz isso, Huck.

— Tom, isso não muda nada. Eu não sou todo mundo, eu não *guento* isso. É horrível ficá amarrado daquele jeito. E a boia vem fácil demais... eu não ligo pra boia desse jeito. Eu tenho que pedí pra pescá; tenho que pedí pra nadá... Ora! Se eu não tenho que pedí pra fazê qualquer coisinha! E eu tinha que falá tão bonito que não tinha graça nenhuma... e eu precisava subí no sótão e xingá um pouco todo dia para sentí gosto na boca, senão eu ia morrê, Tom. A viúva não deixava eu fumá; não deixava eu gritá; não deixava eu bocejá, nem espreguiçá nem coçá na frente de ninguém... — (Então, com um espasmo de irritação e ofensa) — e Deus me perdoe!... Ela orava o tempo todo! Eu nunca vi uma mulher daquele jeito! Eu *tinha* que se mandá, Tom... eu tinha mesmo. E, por cima de tudo, aquela escola vai voltá a abrí daqui a pouco, e eu ia tê que ir... pois é, eu não ia *guentá* isso, Tom. Olha aqui, Tom, sê rico não é o que parece. É só preocupação e preocupação, e suor e suor, e querê tá morto o tempo todo. Agora, essas ropa aqui fica bem em mim, e essa barrica me serve, e eu nunca mais vou me livrá delas. Tom, eu nunca ia

tê me metido nessa encrenca toda se não fosse aquele dinheiro; então pode pegá a minha parte e juntá com a tua, e me dá uns dez centavo às vez... não muitas vez, porque eu não dou a mínima bola pra coisa que não é difícil de conseguí... e pode me desculpá lá com a viúva.

— Ai, Huck, você sabe que eu não posso fazê isso. Não é justo; e além disso, se você exprimentá essa coisa mais um pouco, você vai gostá.

— Gostá disso?! Sim... do jeito que eu ia gostá de um fogão pelando se eu sentá em cima dele um tempão. Não, Tom, eu não vou sê rico e não vou morá nessas maldita casa abafada. Eu gosto é do mato, do rio e das barrica e vou ficá com eles. Que diacho! Bem na hora que a gente tinha as nossas arma e uma caverna, e tudo pronto pra começá a robá, aparece essa bobage e estraga tudo!

Tom percebeu a oportunidade...

— Olha aqui, Huck, sê rico não vai me impedí de virá ladrão.[96]

— Não?! Ai, essa é boa! Tu tá falando sério, Tom?

— Eu não podia tá falando mais sério. Mas Huck, a gente não pode te aceitá no bando se você não for respeitável, qué sabê?

A alegria de Huck se escafedeu.

— Não pode me aceitá, Tom? Mas vocês não me deixaram sê pirata?

— Deixamo, mas isso é diferente. Ladrão é coisa mais fina que pirata... no mais das vez. Em quase tudo que é país eles são da alta nobreza... duque e essas coisa.

— Agora, Tom, tu não foi sempre meu amigo? Tu não ia me deixá de fora, né, Tom? Tu não ia fazê isso, tu *ia*, Tom?

— Huck, eu não ia querê e *não quero*... mas o que é que o povo ia falá? Ué, eles ia falá: "Ora! Esse Bando do Tom Sawyer tem uns cara bem chulé!". E eles ia tá falando de você, Huck. Tu não ia gostá disso, nem eu.

Huck permaneceu em silêncio por algum tempo, engajado em um conflito mental. Por fim, disse:

— Pois eu vou voltá lá pra viúva por um mês e peitá a coisa e vê se consigo guentá se tu me aceitá no bando, Tom.

— Tudo bem, Huck, isso é moleza! Vamo lá, parceiro, e vou pedí pra viúva pegá um pouco mais leve contigo.

— Vai mesmo, Tom... vai mesmo? Isso é bom. Se ela pegá leve em algumas das coisa mais difícil, eu fumo escondido e xingo escondido, e se eu não guentá a barra eu entrego os ponto. Quando é que tu vai

formá o bando e virá ladrão?

— Ai, agorinha mesmo. Vamo juntá a garotada e fazê a iniciação hoje de noite, quem sabe.

— Fazê o *quê*?

— A iniciação.

— O que é isso?

— É jurá ficá um do lado do outro e nunca contá os segredo do bando mesmo se fizerem picadinho de você, e jurá matá qualquer pessoa e toda a família da pessoa que fizer mal pra alguém do bando.

— Isso é divertido... isso é divertido à beça, Tom, eu vou te falá.

— Pois é mesmo, aposto que é. E todos os juramento têm que sê feito à meia-noite, no lugar mais deserto e assustador que a gente encontrá... Uma casa mal-assombrada é melhor, mas elas tão todas destruída agora.

— É mesmo, meia-noite é bom de qualquer jeito, Tom.

— Sim, é mesmo. E a gente tem que jurá em cima de um caixão e assiná com sangue.

— Agora, essa é memo *das boa*! Ora, é um milhão de vez melhor que pirataria. Eu vou morá com a viúva até apodrecê, Tom; e se eu virá um baita de um ladrão e todo mundo falá de mim, eu acho que ela vai ficá orgulhosa por tê me tirado da chuva e me dado um teto.

conclusão

assim termina esta história. Como é estritamente a história de um *menino*, é preciso parar por aqui; o relato não poderia ir muito além sem se tornar a história de um *homem*. Quando alguém escreve um romance sobre pessoas adultas, sabe exatamente como parar, ou seja, com um casamento; mas quando escreve sobre jovens, deve parar onde for melhor.

A maioria dos personagens que atuam neste livro ainda vive, sendo próspera e feliz. Algum dia pode valer a pena retomar a história dos mais jovens e ver que tipo de homens e mulheres se tornaram; de modo que será mais sábio não revelar nada dessa fase de suas vidas por enquanto.

algumas palavras sobre a tradução[1]

já sabemos que *As aventuras de Tom Sawyer* se vale de um narrador culto e onisciente para apresentar e desenvolver o enredo e que a variação linguística está instalada nos diálogos. Nesse ponto em particular, o fato de Sam Clemens construir um romance relativamente tradicional — ao contrário do livro seguinte, *Aventuras de Huckleberry Finn*, o qual, como também já sabemos, é inteiramente narrado por um jovem semiletrado e, portanto, prescinde da chamada norma culta — não simplifica o desafio da tradução.

Estas breves palavras sobre a tradução apresentam e ilustram estratégias adotadas pelo tradutor, priorizando o dilema da transposição da variedade linguística. De início, cumpre afirmar que na construção de personagens ficcionais é patente que aquilo que um personagem diz é tão importante quanto o próprio linguajar empregado, e se um autor desvia da norma-padrão e recorre à variedade linguística como marca registrada na obra originária, na tradução, a escolha por normatizar a linguagem não satisfaz.

Conforme no caso da já mencionada (em nota) tradução comentada de *Aventuras de Huckleberry Finn*, a variedade linguística, seguindo um procedimento adotado por B. J. Epstein em sua análise de quinze traduções suecas de *Adventures of Huckleberry Finn*,[2] é aqui entendida como um fenômeno léxico-sintático e fonético, que envolve palavras, expressões, empregos gramaticais ou pronúncia, utilizados de maneira diferente ou exclusiva por determinados falantes. E, assim como na tradução de *Huck Finn*, o objetivo aqui não é alcançar acurácia dialetológica, mas construir um *efeito artístico* que propicie ao leitor a fruição da obra polifônica de Clemens.

Focando, então, as estratégias, sabemos que diversas têm sido adotadas por tradutores para enfrentar o desafio do dialeto. Epstein arrola e explica dez delas: supressão, padronização, substituição,

inclusão, explicação, compensação, adaptação, representação gramatical, representação ortográfica e representação lexical. A terceira dessas estratégias — substituição — é infrutífera. Substituir um dialeto identificado na obra originária por outro geograficamente localizado na cultura de chegada, por exemplo, fazendo com que personagens que como se sabe habitam as margens do rio Mississippi, no Sul dos Estados Unidos, falem como mineiros, gaúchos, paraibanos ou cariocas e paulistanos, empregando regionalismos, tais como *ocê*, *chê*, *cabra da peste*, *cara* ou *mano*, seria distorcer e empobrecer a "realidade" ficcional da narrativa. Se, em uma tradução, estabelecer variedade linguística em função da região não resolve, a noção da existência de traços linguísticos *comuns* às variedades dialetais não padronizadas (segundo Bagno), a correlação entre traços linguísticos e classe social (Labov), bem como a noção de "dialeto social" (Trudgill)[3] serão úteis, pois ensejam o estudo da variedade linguística de acordo com a condição sociocultural e o nível de escolaridade do falante.

Por conseguinte, com base no nível de escolaridade dos personagens, na intensidade da variação léxico-sintática observada em suas falas na obra originária e adaptando uma prática por mim adotada em *Aventuras de Huckleberry Finn*, a presente tradução dividiu as figuras ficcionais de *Tom Sawyer* em três grandes grupos:

Grupo 1, marcado por grau de variação maior: Jim, aqui o único escravizado presente na narrativa; Índio Joe; seu comparsa anônimo; e Muff Potter.

Grupo 2, marcado por grau de variação médio: Tom; Huck e as demais crianças; e o sr. Jones (o velho galês).

Grupo 3, marcado por grau de variação menor: tia Polly; Mary; sra. Harper; viúva Douglas; sra. Thatcher; juiz Thatcher; profissionais liberais; estafe da escola dominical.

Recorrendo, sobretudo, às três últimas estratégias arroladas por Epstein — relembrando: representação gramatical, representação ortográfica e representação lexical —, a tradução aqui referida tenta captar nuanças e diferenças entre as diversas vozes que "conversam" no livro. Portanto, um alerta importante: os solecismos gramaticais, as grafias que divergem de formas dicionarizadas, bem como o léxico não padrão não denunciam descuido por parte do tradutor ou dos

revisores. Antes, são tentativas de emulação de padrões brasileiros de fala que possam corresponder aos respectivos níveis socioculturais dos personagens. E se há uma tentativa de emulação da fala, de captar "conversas", não deve surpreender a estratégia favorável à oralidade, ao idioma utilizado em situações de não monitoramento. Por exemplo, nos diálogos, a colocação do pronome átono prioriza a próclise, por refletir a tendência do português oral no Brasil. Além disso, são ubíquos os marcadores discursivos que vislumbram a presença do falante e do interlocutor no mesmo contexto, por exemplo, no final de frases: *né?*. São também ubíquos o emprego de contrações coloquiais, como *num*, *numa*, *pra*, *pro*, *tá*, *tô*, *tava*, *tão* (estão) e a mistura dos pronomes pessoais *tu* e *você*, sendo que personagens (Grupo 2) se tuteiam (com os verbos na terceira pessoa do singular) em momentos de indignação ou euforia. Ainda no quesito oralidade, registra-se o uso de termos ou expressões populares: *tadinho*, *dá no pé*, *rancá o coro*, *enchê a cara*, *descê o cacete*, *que nem* (igual a) etc.

Mais especificamente, e a título de ilustração, vejamos algumas estratégias adotadas, grupo por grupo, iniciando pelo Grupo 1, o menos letrado. No que diz respeito à representação gramatical, se tanto no português-padrão como no não padrão basta a presença do pronome-sujeito para indicar a pessoa verbal, não deve surpreender a redução das seis formas do verbo conjugado a, frequentemente, apenas duas. Portanto, no Grupo 1, a concordância entre sujeito e verbo assinala, por exemplo, *nós anda/nós andemo*, *nós chega/nós cheguemo*, bem como o emprego esporádico de *a gente* com verbo na primeira pessoa do plural, sem "s", *a gente vamo*. Avançando para a questão da representação ortográfica, embora ainda se tratando de item verbal, o Grupo 1 apresenta a transformação do *nd* em *n*, com gerúndios prescindindo do "d": *voano*, *achano*, *ouvino*, *andano*, *comeno*. Ainda quanto à representação ortográfica, esse grupo registra a transformação do *lh* em *i*, por exemplo, *véio*, *baruio*, *muié*, *mió*, *orêia*, *retaiá*. Em se tratando de representação lexical, vejamos exemplos do vocabulário típico desse grupo menos letrado: *madama*, *bão*, *pobrema*, *tauba*, *homi.*

Vejamos, agora, o Grupo 2 em termos de representação gramatical, quanto à redução das formas do verbo conjugado. No presente do indicativo, a primeira pessoa do plural aparece sem "s": *nós remamo*, *nós*

comemo, *nós seguimo*, *nós vamo*, e a terceira pessoa do plural não flexiona: *eles come*, *eles segue*, *eles vai*. No pretérito perfeito, seguindo a forma adotada no presente do indicativo, a primeira pessoa do plural também carece de "s", *nós andamo*, *nós comemo*, *nós seguimo*, sendo o sentido presente ou pretérito elucidado pelo contexto; contudo, a fim de evitar exageros de efeitos acústicos (e estéticos), no mesmo pretérito perfeito a terceira pessoa do plural é flexionada: *eles remaram*, *eles comeram*, *eles seguiram.* Finalmente, em se tratando de verbos, os personagens do Grupo 2 flexionam *fazer*, no plural, no sentido de tempo passado: *fazem muitos ano*, *fazem dois mês.* Quanto à representação lexical, são muitos os exemplos que ilustram a terminologia desse grupo de variação média, que, afinal, abrange o maior número de falantes: *supertição*, *superticioso*, *sastifeito*, *sastifação*, *pertubado*, *exprimentá*, *buginganga*.

Antes de passarmos ao Grupo 3, consideremos algumas características comuns aos grupos 1 e 2. Vejamos, mais uma vez, a questão dos verbos no que concerne à representação gramatical. Primeiro, os infinitivos aparecem em sua forma fonética, sem as consoantes finais (que, de fato, estão desaparecendo na oralidade do português do Brasil) e com a vogal acentuada: *caiá*, *andá*, *fazê*, *fingí*. Registra-se aqui, também, o emprego do infinitivo do verbo *vir* na forma *vim* (primeira pessoa do pretérito perfeito): *pode vim*, *costumava vim*, *fala pra ele vim aqui*. Os verbos reflexivos, tais como *afogar*, *incomodar*, *arrepiar*, *levantar*, *sentar*, *misturar*, *espreguiçar* e *casar*, não costumam ser acompanhados do pronome reflexivo *se* nem dos pronomes oblíquos átonos *me*, *te*, *nos*, *vos*. Aliás, quando tais verbos aparecem na forma reflexiva, o fazem com a primeira pessoa do plural seguida do pronome reflexivo *se*: *nós vamo se mandá.* Nos grupos 1 e 2 são igualmente raros o uso de tempos verbais compostos: *fiz* (tinha feito), *chegamo* (tínhamos chegado), *aconteceu* (tinha acontecido). Voltando à questão dos pronomes, em ambos os grupos, os pronomes do sujeito são favorecidos em lugar dos pronomes oblíquos, por exemplo *com nós* (conosco), e o pronome oblíquo *mim* aparece como sujeito do infinitivo sempre que vier precedido da preposição *para*: *pra mim caiá*, *pra mim seguí*. E tanto no grupo 1 como no 2, as chamadas "marcas de plural redundantes"[4] são eliminadas em substantivos e

adjetivos, sendo assinaladas apenas pelo "s" no artigo: *as árvore*, *as coisa*, *as criança*, *as história*, *os ladrão*. Já em relação à representação ortográfica, em ambos os grupos é visível a redução do ditongo *ou* em *o*: *ropa*, *froxo*, *roba*, *robo*, *robalheira*.

Por fim, vejamos o Grupo 3, o mais letrado. Sendo o mais próximo à norma-padrão, esse grupo se caracteriza por desvios menos intensos. Quanto à representação gramatical, o grupo emprega, por exemplo, plurais. Além disso, à guisa de diferenciação, os infinitivos aparecem grafados segundo a norma culta. No entanto, embora letrados, os personagens do Grupo 3 apresentam de maneira esporádica algum desvio da norma-padrão, misturando *tu* e *você* e, com frequência, utilizando o pronome do sujeito em lugar do pronome oblíquo após verbos: *viu ela*, *pegamos eles* etc. Em termos de representação ortográfica, temos aqui algumas das já mencionadas marcas discursivas de oralidade, como *né*. Já a representação lexical, nesse grupo letrado, não aparece marcada.

Na tradução comentada aqui de forma breve, a divisão e a gradação dos personagens em três grupos, com especificidades relativas às representações gramatical, ortográfica e lexical, visam preservar a variedade linguística enquanto fator capaz de autenticar a caracterização dos diversos personagens. Cumpre reiterar que, ao buscar o recurso da variedade dialetal, a tradução, embora se valendo de preceitos linguísticos, não pretende produzir fatos linguísticos verificáveis de maneira sistemática, mas efeitos preponderantemente estéticos e convincentemente artísticos capazes de recriar as diversas vozes que "conversam" nesta grande obra de Sam Clemens.

josé roberto o'shea

Cronologia

VIDA E OBRA DE SAMUEL CLEMENS (MARK TWAIN)

1835 | 30 nov: Nasce na pequena cidade de Flórida, estado do Missouri, Estados Unidos, Samuel "Sam" Langhorne Clemens. Filho de John Marshall Clemens e Jane Lampton, é a sexta criança de uma família de sete irmãos.

1839: Os Clemens mudam-se para Hannibal, uma pacata cidade às margens do rio Mississippi. Hannibal mais tarde será inspiração para o autor em seus livros.

1847 | 24 mar: Morte do pai. Diante das dificuldades financeiras enfrentadas pela família, Sam Clemens deixa a escola e trabalha como aprendiz de tipógrafo em uma gráfica local.

1851: Atua como tipógrafo no jornal *Western Union*.

1853 | Jun: Muda-se para Nova York.

1854: Viaja para Washington.

1857-61: Trabalha como piloto de barco a vapor no rio Mississippi, realizando o trajeto entre New Orleans e Saint Louis.

1861: Eclosão da Guerra Civil Americana. Torna-se soldado voluntário ao lado dos Confederados. Em seguida, muda-se para Nevada com o irmão, Orion, onde se envolverá com garimpo e extração de prata.

1862: Entra para o jornal *Territorial Enterprise*, em Virginia City.

1863 | 3 fev: Adota o pseudônimo Mark Twain, com o qual fica mundialmente conhecido. Paralelamente ao trabalho no *Territorial Enterprise*, vira também correspondente em Nevada do *San Francisco*

Morning.

1864 | 1 jun: Muda-se para San Francisco.

1865 | 18 nov: Publica no semanário *Saturday Press*, de Nova York, o conto "Jim Smiley and His Jumping Frog", que confere ao autor sucesso imediato.

1866: Viaja para o Havaí como correspondente do *Sacramento Union*.

1867 | Mai: Publica seu primeiro livro, *The Celebrated Jumping Frog of Calaveras County, and Other Sketches*. Viaja durante cinco meses pela Europa e Oriente Médio no vapor *Quaker City*. | Dez: conhece Olivia Langdon, sua futura esposa.

1869: Com relativa notoriedade, publica *The Innocents Abroad*, um relato bem-humorado baseado em suas viagens no *Quaker City*.

1870 | 2 fev: Casa-se com a abastada e culta Olivia Langdon, em Elmira, estado de Nova York. | 7 nov: nascimento prematuro do primeiro filho do casal, Langdon.

1871: Samuel e Olivia mudam-se para Hartford, capital de Connecticut, onde viverão por aproximadamente vinte anos.

1872 | 19 mar: Nascimento de Susy, primeira filha do casal. | 2 jun: morte do filho primogênito, Langdon. Lançamento de *Roughing It* na Inglaterra e Estados Unidos. Viaja a Londres.

1873: Segue com a família para uma temporada de cinco meses entre Inglaterra e Escócia. Publicação de *The Gilded Age, A Tale of Today*, em coautoria com Charles Dudley Warner. Invenção da máquina de escrever.

1874 | Jan: Retorna aos Estados Unidos. | 8 jun: Nascimento da segunda filha do casal, Clara.

1875: Lançamento da coleção de breves histórias *Sketches New and Old*.

1876: Publica *As aventuras de Tom Sawyer*, um de seus maiores e mais

influentes e conhecidos sucessos. Alexander Graham Bell inventa o telefone. O projeto de Bell foi apresentado a Clemens, que não se interessou em financiá-lo.

1878-9: Viaja com a família pela Europa.

1879: Invenção da lâmpada elétrica, por Thomas Edison.

1880: Publicação de mais um relato de viagens, *A Tramp Abroad*. | 26 jul: nascimento da terceira filha do casal, Jean.

1881: Profundo admirador das ciências e tecnologia, financia a criação de uma máquina de composição tipográfica, a Paige Typesetter, desenvolvida pelo amigo e poeta James Paige. O investimento de cerca de 300 mil dólares, na época, foi um fracasso e consumiu parcela relevante do patrimônio de Clemens, incluindo parte da herança vultosa recebida por sua esposa.

1882: Lançamento de *O príncipe e o mendigo*, romance de época ambientado no reinado de Eduardo VI.

1883: Publicação da obra autobiográfica *Life on the Mississippi*.

1884: Funda a editora Charles L. Webster and Company com Charles L. Webster, marido de sua sobrinha. Lançamento em Londres de *Aventuras de Huckleberry Finn*, sua obra-prima, considerado o marco fundador do romance moderno norte-americano.

1885: Publicação nos Estados Unidos de *Aventuras de Huckleberry Finn*. Com enorme sucesso, lança as memórias pessoais do ex-presidente e general americano Ulysses S. Grant.

1888: Diante dos crescentes prejuízos da editora, rompe com Charles Webster, então diretor da empresa.

1889-1900: Endividado, muda-se com a família para a Europa, onde vive na França, Inglaterra, Alemanha, Suíça, Itália e Áustria. Viaja com relativa regularidade aos Estados Unidos, onde ainda mantém negócios. Publicação de *A Connecticut Yankee in King Arthur's Court* (1889).

1892: Publica, sem maior repercussão, *The American Claimant*, baseado em peça teatral sua e de William Dean Howells.

1894: Declara falência da Charles L. Webster and Company. É convidado pelo amigo, cientista e inventor Nikola Tesla para ingressar no Players Club, um clube social privado fundado em Nova York. A essa época, Clemens visita frequentemente o laboratório de Tesla, participando de alguns experimentos. Publicação de *Tom Sawyer Abroad* e de *The Tragedy of Pudd'nhead Wilson*.

1895-6 | Jul: Acompanhado da família, sai em uma turnê de palestras por Nova Zelândia, Austrália, Índia e África do Sul. O principal motivo da viagem é angariar recursos para pagar suas dívidas, e a turnê é um sucesso.

1896 | 18 ago: Susy morre de meningite. Logo em seguida, Jean é diagnosticada com epilepsia. Lançamento de *Tom Sawyer, Detective* e de *Personal Recollections of Joan of Arc*, um de seus livros favoritos, ao lado de *Huckleberry Finn*.

1897: Publica *Following the Equator*, relato da turnê internacional de palestras.

1898: Quita todas as dívidas com seus credores.

1900 | Out: Retorna com a família aos Estados Unidos, estabelecendo-se em Nova York. Publica *The Man that Corrupted Hadleyburg*, que dá início a uma série de livros com um tom mais pessimista e amargo.

1903: Diante da saúde deteriorada de Olivia, segue com ela e a filha para Áustria e Itália. Clemens acreditava que o clima europeu seria benéfico para a esposa. Seus direitos de publicação são vendidos para a Harper and Brothers.

1904 | 5 jun: Olivia morre em Florença, Itália. A família retorna a Nova York.

1907: Viaja para a Inglaterra e recebe o título de doutor honoris causa em letras pela Universidade de Oxford.

1909: Encontra-se com o inventor e empresário americano Thomas Edison. | 24 dez: morte de Jean Clemens.

1910 | 21 abr: Vítima de um ataque cardíaco fulminante, morre aos 74 anos em Redding, Connecticut, deixando uma vasta obra de romances, contos, artigos e cartas.

Notas

APRESENTAÇÃO

1. D. H. Lawrence, *Studies in Classic American Literature* (1924). Harmondsworth: Penguin, 1971, p. 7.

2. William Dean Howells, "The Adventures of Mark Twain". *The Atlantic Monthly*, maio 1876. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1876/05/the-adventures-of-mark-twain/306509/>. Acesso em: 12 jan. 2022. Considerando que a primeira edição norte-americana saiu em dezembro de 1876, a resenha foi uma espécie de anúncio da futura publicação.

3. Louis D. Rubin Jr. et al., *The History of Southern Literature*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1985, p. 236.

4. Leslie A. Fiedler, *Love and Death in the American Novel*. Nova York: Stein and Day, 1966, p. 278.

5. José Roberto O'Shea é professor e tradutor. É mestre em Literatura Ocidental (American University) e doutor em Literatura Inglesa e Norte-Americana (UNC-Chapel Hill), com estágios de pós-doutoramento na Inglaterra e nos Estados Unidos. Leciona desde 1990 na Universidade Federal de Santa Catarina, onde atualmente é professor titular voluntário (aposentado), membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Inglês e pesquisador do CNPq desde os anos 1990. Tem cerca de sessenta traduções publicadas, abrangendo ficção, não ficção, poesia e teatro. Para a Coleção Clássicos Zahar, traduziu *Aladim*, *A Ilha do Tesouro*, *Robinson Crusoé* e, por *Aventuras de Huckleberry Finn*, esteve entre os finalistas do Prêmio Jabuti 2020.

AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

1. Ou estramônio, planta nativa da América do Norte e naturalizada em várias regiões, de raiz fibrosa, folhas grandes, ovaladas e irregularmente denteadas, flores brancas ou um pouco azuladas; encerra alcaloides extremamente venenosos.

2. Referência a Provérbios 13,24: "Quem poupa a vara odeia o seu filho; mas aquele que o ama aplica a correção" (*Bíblia Sagrada*. Edição pastoral. São Paulo: Paulinas). Todas as citações subsequentes referem-se a essa publicação.

3. Referência a Jó 14,1: "O homem nascido de mulher tem vida curta e cheia de inquietação".

4. O original registra "evening" [noite], mas, no sudoeste dos Estados Unidos, o sentido da palavra era "tarde". (N. A.)

5. O vilarejo de Saint Petersburg é inspirado na cidade de Hannibal, no estado do Missouri. Trata-se de um porto fluvial situado na margem direita do rio Mississippi, onde Sam Clemens (Mark Twain) residiu dos três aos dezessete anos de idade (1839-53).

6. Ou seja, não trajava roupas de domingo.

7. Tradicional canção norte-americana, composta em 1844 sob o título "Lubly fan" pelo menestrel John Hodges, conhecido como Cool White. Os intérpretes costumavam alterar a letra para se adequar ao público local, apresentando-a como "New York gals" em Nova York, "Boston gals" em Boston ou "Alabama gals" no Alabama, dada a sua popularidade. A versão mais conhecida é uma homenagem à cidade de Buffalo, localizada no estado de Nova York.

8. O lado direito de uma embarcação, quando vista de trás para frente.

9. Nome de um barco a vapor batizado em homenagem ao rio mais longo inteiramente incluído no território dos Estados Unidos, com 3767 quilômetros de extensão, e afluente da margem direita do rio Mississippi.

10. Ben Rogers erra a pronúncia da palavra "estibordo".

11. Ben erra a pronúncia da palavra "bombordo", o lado esquerdo de uma embarcação quando vista de trás para frente.

12. Amarra de atracação posicionada em direção perpendicular à linha proa-popa da embarcação.

13. O original registra "*honest injun*". A expressão, que voltará a ser empregada aqui e em *Aventuras de Huckleberry Finn*, remonta pelo menos a 1851. No começo, denotaria escárnio e sarcasmo — "tão honesto quanto um índio". Mais tarde, porém, passou a significar quase a mesma coisa que "palavra de honra" (William e Mary Morris, *Morris Dictionary of Word and Phrase Origins*. Nova York: HarperCollins, 1977, 1988). O cunho positivo parece compensar, ironicamente, a vilania do Índio Joe na história.

14. Também conhecido como gaita de judeu, é um dos instrumentos mais antigos do mundo, formado por uma língua de metal acoplada a uma pequena base, que é posta na boca e dedilhada. O objeto aparece também no final do trigésimo oitavo capítulo de *Aventuras de Huckleberry Finn*, em que Tom insta Jim, em cativeiro, a oferecer música para os ratos que o "visitarem".

15. Situado na divisa entre a França e a Itália, é o monte mais elevado dos Alpes e da União Europeia, atingindo uma altitude de quatro mil e oitocentos metros.

16. Refere-se à Lei de Moisés, o Decálogo: a tábua dos dez mandamentos que foi escrita em pedra pelo próprio dedo de Deus no monte Sinai, situado no sul da península do Sinai, no Egito.

17. Referência a Jeremias 1,17: "Quanto a você, arregace as mangas, levante-se e diga a eles tudo o que eu mandar. Não tenha medo; senão eu é que farei você ter medo deles".

18. Referência a Mateus (5-7) e Lucas (pass.)

19. Canivete dobrável muito popular nos Estados Unidos cuja origem é controversa. Embora várias famílias norte-americanas afirmem tê-lo inventado, o mais aceito é que isso se deu na região de Sheffield, na Inglaterra, por volta de 1670. Obadiah Barlow é o inventor mais provável, embora vários outros com o mesmo sobrenome — incluindo seu filho — sejam mencionados como possíveis inventores.

20. Frase empregada com frequência por abolicionistas na época em que transcorre a narrativa.

21. Bíblia publicada em 1843, ricamente ilustrada pelo famoso pintor, desenhista e ilustrador francês Paul Gustave Doré (1832-83).

22. O chamado dos primeiros discípulos de Jesus — Pedro e André — é um episódio-chave da vida de Cristo no Novo Testamento e aparece em Mateus 4,18-22, Marcos 1,16-20 e Lucas 5,1-11. O episódio de Davi e Golias é narrado em Samuel 1,17, portanto no Antigo Testamento. Nele, Israel e os filisteus estão em guerra. Golias de Gate, um gigante, afronta Israel e desafia qualquer israelita para um combate pessoal; Davi o enfrenta em nome do Senhor, mata Golias com uma pedrada e Israel derrota os filisteus. Vale ressaltar o anacronismo da resposta de Tom, visto que a história de Davi e Golias precede em cerca de mil e quinhentos anos o advento dos discípulos de Jesus.

23. Referência à segunda vinda de Cristo, em Isaías 11,6: "O lobo será hóspede do cordeiro, a pantera se deitará ao lado do cabrito; o bezerro e o leãozinho pastarão juntos, e um menino os guiará".

24. A rigor, Huck Finn não condiz com essa célebre descrição, mas é visto assim pelos residentes adultos do vilarejo. Para os outros meninos, ele é uma espécie de fora da lei romântico, alguém a ser invejado.

25. Isto é, a água da chuva malcheirosa e estagnada no interior de um toco de árvore apodrecido. Segundo uma superstição corrente, tal água, usada com o cântico correto, possuía poderes místicos não apenas para curar como também para impedir o surgimento de verrugas.

26. "Splint-bottom arm chair": cadeira tradicional dos Estados Unidos, similar a uma cadeira de palha, tem o assento de madeira trançado mas é feita com filetes de madeira.

27. Ornamento esférico utilizado na parte superior de hastes, bastões, bengalas etc.

28. A rigor, é o vento que sopra do Ocidente, mas, por derivação, significa qualquer vento brando e agradável.

29. Parte da frente de uma embarcação, proa.

30. Referência aos Merry Men, bando de foragidos que na literatura e no folclore ingleses seguem Robin Hood. O bando aparece já nas primeiras baladas sobre o fora da lei (século XIV) e segue presente nas adaptações modernas.

31. Floresta localizada no condado de Nottingham, na Inglaterra, famosa por sua histórica associação com a lenda de Robin Hood.

32. Sir Guy de Gisborne é um personagem das lendas de Robin Hood. Aparece pela primeira vez na balada "Robin Hood and Guy of Gisborne", na qual é um assassino contratado que tenta matar o fora da lei mas é morto por ele. Em representações posteriores, torna-se rival romântico de Robin Hood pelo amor de Lady Marian.

33. Herói mítico inglês, saqueador fora da lei que roubava dos nobres para dar aos pobres e representava ideais dos pequenos proprietários rurais ingleses. Teria vivido no século XII, nos tempos do rei Ricardo Coração de Leão e das grandes Cruzadas. Protagonista de mais de trinta baladas medievais, era hábil no arco e flecha e vivia na floresta de Sherwood, ajudado por um bando de amigos.

34. Cidade da Inglaterra, antiga sede do condado de Nottinghamshire, reconhecida como o suposto berço de Robin Hood.

35. Espécie de besouro cujo chiado, segundo a superstição, prenunciava alguma morte iminente.

36. No caso específico, trata-se de indivíduo descendente de branco(a) e indígena, considerado por muitos brancos, nos Estados Unidos no século XIX, inferior a indígenas "puros".

37. Tom quer dizer "azinhavre", camada de cor verde que se forma na superfície dos objetos de cobre ou latão, resultante da corrosão destes quando expostos ao ar úmido.

38. Se o sr. Harbison possuísse um escravo chamado Bull [Touro], Tom o teria chamado de Touro do Harbison, mas um filho ou um cão com esse nome seria Bull Harbison. (N. A.)

39. Referência a um provérbio árabe, referindo-se a algo aparentemente corriqueiro mas que acaba tendo resultados inesperados e, em geral, graves.

40. Era corrente a superstição de que o ferimento de uma vítima de assassinato sangrava quando o assassino passasse por perto.

41. Forma de castigo público empregado como aplicação de "justiça" extraoficial ou vingança. No trigésimo terceiro capítulo de *Aventuras de Huckleberry Finn*, o rei e o duque são submetidos a essa tortura, como punição pelo embuste do "espetáculo" intitulado *A incomparável realeza*.

42. A frenologia é uma pseudociência que alega que o formato e as protuberâncias do crânio são indicativos das faculdades e aptidões mentais de uma pessoa.

43. Referência a Apocalipse 6,8: "Vi aparecer um cavalo pálido. Seu cavaleiro era a Morte. E vinha seguido pelo mundo dos mortos".

44. Perfume raro usado medicinalmente e mencionado na Bíblia, "Gileade" significa "monte do testemunho" ou "monte de testemunha" (Gênesis 31,21). A substância foi nomeada por causa de Gileade, uma região montanhosa situada a leste do rio Jordão, no Reino da Jordânia, onde era produzida. A expressão passou a significar cura universal, no sentido figurado.

45. O tema da fuga de casa em companhia de um parceiro volta a ser abordado, enfaticamente, em *Aventuras de Huckleberry Finn*.

46. Com nascente no lago Itasca, no estado norte-americano de Minnesota, e com 3734 quilômetros de comprimento, é o segundo curso de água mais longo dos Estados Unidos, perdendo apenas para o rio Missouri, afluente do próprio Mississippi. Quando medido da nascente do Missouri, o comprimento total do conjunto Missouri-Mississippi é de aproximadamente 6270 quilômetros, formando a maior bacia hidrográfica da América do Norte.

47. No sétimo capítulo de *Aventuras de Huckleberry Finn*, o protagonista, fugindo da "sivilização", volta à ilha Jackson, onde encontra e se une ao escravizado Jim, que foge da escravidão.

48. Isto é, "orçar", voltar a proa de uma embarcação para a linha do vento; navegar à bolina; bolinar.

49. O ponto descreve um dos cinco cursos principais de uma embarcação quanto à direção do vento.

50. Mestra: vela principal de uma embarcação, também conhecida como vela grande; mezena: vela quadrangular fixada ao mastro da mezena, o mais próximo da popa da embarcação; bujarrona: a maior das velas de proa, de forma triangular.

51. Peça linear de madeira que completa para cima o mastro real, ou grande.

52. Outro nome para o mastaréu que espiga imediatamente acima do mastro grande.

53. Cabos de sustentação das velas.

54. Um dos cinquenta estados dos Estados Unidos, localizado na região Centro-Oeste do país. O rio Mississippi forma toda a fronteira ocidental do estado, fazendo divisa com Iowa e Missouri.

55. Embarcação miúda, movida a remo, a vela ou a motor, em geral utilizada para prestar pequenos serviços de transporte, reconhecimento etc.

56. Prancha de madeira disposta de um costado a outro de uma embarcação pequena que serve de assento aos remadores.

57. Referência a Jó 1,21: "Javé me deu tudo e Javé tudo me tirou. Bendito seja o nome de Javé".

58. Referência a Judas 1,13: "[Os ímpios] são como as ondas bravias do mar, espumando a própria indecência. São como astros errantes, para os quais está reservada a escuridão das trevas".

59. Nome atribuído pelos britânicos às cinco nações indígenas — mohawks, oneidas, onandagas, cayugas e senecas — integrantes originais da Confederação Iroquesa, mais os tuscaroras, posteriormente admitidos à Confederação.

60. Referência a João 11,25, texto frequentemente usado em funerais: "Jesus disse: 'Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá'".

61. "Old Hundred" ou "Old Hundredth" é um hino religioso incluído na segunda edição do *Saltério de Genebra*. Trata-se de uma das melodias mais conhecidas em muitas tradições cristãs ocidentais, sendo em geral atribuída ao compositor francês Louis Bourgeois (*c*. 1510-*c*. 1560). Embora originalmente associado ao Salmo 134, o hino recebe seu nome atual devido ao Salmo 100.

62. Diferentes relatos sobre a "maçã Milam" são apresentados por Claude L. Yowell, em 1926, no livro *A History of Madison County Virginia*, e pelo juiz W. E. Bohannon, em 1927, em sua carta a H. M. Milam. A primeira descrição da maçã Milam remonta a 1846, na qual

consta que a espécie seria nativa do Centro-Oeste dos Estados Unidos. Trata-se de um fruto arredondado, vermelho-claro, com polpa fresca, branca, macia, suculenta e de sabor fino.

63. Cidade localizada no estado norte-americano do Missouri, na fronteira com Illinois. Situa-se na confluência do rio Mississippi e do rio Missouri, sendo uma das maiores cidades do Centro-Oeste dos Estados Unidos.

64. Trata-se dos dois primeiros versos (aqui em forma de prosa) do poema intitulado "Versos recitados por um menino de sete anos", de autoria do poeta norte-americano David Everett (1770-1813).

65. Palavras atribuídas a Patrick Henry (1736-99) em um discurso proferido durante a Segunda Convenção da Virgínia, em 23 de março de 1775, às vésperas da Guerra de Independência dos Estados Unidos. Acredita-se que Henry tenha persuadido os integrantes da convenção a aprovar uma resolução cedendo tropas da Virgínia para a referida guerra. Entre os delegados estavam os futuros presidentes Thomas Jefferson e George Washington.

66. Primeiro verso do poema "Casabianca", de autoria da poeta inglesa Felicia Dorothea Hemans (1793-1835), publicado pela primeira vez em 1826. Os versos se referem à história verídica de um menino tão obediente que permaneceu no convés de um navio durante uma batalha, aguardando ordens do pai, sem saber que ele não estava mais vivo.

67. Primeiro verso do poema "A destruição de Senaqueribe", de autoria do poeta inglês Lord Byron (1788-1824), publicado pela primeira vez em 1815. O poema é baseado no relato do cerco assírio de Jerusalém em 701 a.C. pelo rei assírio Senaqueribe, conforme descrito na Bíblia (2 Reis 18-9, Isaías 36-7).

68. Assim Ofélia refere-se a Hamlet (ato 3, cena 1, linha 154).

69. Para gregos e romanos, "elísio" era o nome da mansão ocupada pelos heróis e pelos justos após a morte. Por extensão de sentido, refere-se a um local de prazeres, de felicidade.

70. Poema de autoria de Mary Ann Harris Gay (1829-1918), nascida na cidade de Decatur, no estado norte-americano da Geórgia.

71. Rio com 426 quilômetros de extensão, que se estende desde o extremo sul das

montanhas Apalaches, na Geórgia, até o Alabama.

72. Cidade localizada no Alabama, nos condados de Elmore e Tallapoosa, às margens do rio Tallapoosa.

73. Uma das fontes do rio Alabama e com nascente na Geórgia, o rio Coosa percorre 451 quilômetros pelo sul dos Estados Unidos.

74. Na mitologia romana, trata-se da deusa do amanhecer.

75. Alusão a Benjamin Franklin (1706-90), norte-americano responsável por descobertas importantes sobre a eletricidade, que lhe conferiram reputação internacional. Franklin identificou as cargas positiva e negativa e demonstrou que raios são fenômenos de natureza elétrica.

76. Referência a um trecho do poema em versos brancos intitulado "The Course of Time" (1827), de autoria do poeta escocês Robert Pollok (1798-1827).

77. Webster (1782-1852) foi um estadista norte-americano durante o período que antecedeu a Guerra Civil. Sua eficácia como orador fez dele um dos mais célebres e influentes líderes políticos da sua era.

78. As supostas "redações" citadas neste capítulo foram tiradas, sem qualquer alteração, de um volume intitulado *Prosa e poesia compostas por uma senhora ocidental* e condizem de forma exata e precisa com o padrão das colegiais, sendo, portanto, muito mais propícias aqui do que quaisquer imitações poderiam ser. (N. A.)

79. Os Cadetes da Temperança (ou seja, da abstinência) integravam uma associação fundada em 1850 como a seção juvenil dos Filhos da Temperança, que congregava jovens de doze a dezoito anos. Desde seus primeiros dias, a associação realizou esforços para incutir valores de temperança nas crianças antes que elas adquirissem o gosto pelo álcool. A organização proibia também o uso do tabaco e de linguagem profana.

80. Data comemorativa da independência dos Estados Unidos, sendo o feriado mais importante do país.

81. Nome pelo qual ficou conhecido um tipo de espetáculo teatral popular baseado em ideais racistas perpetuados sobretudo nos Estados Unidos, abrangendo quadros cômicos, variedades, dança e música, inicialmente com artistas brancos maquiados como negros.

Uma característica conhecida era o contorno dos lábios e dos olhos com tinta branca, que combinava com luvas e meias da mesma cor.

82. Referência a Thomas Hart Benton (1782-1858), advogado formado pela Universidade da Carolina do Norte, pertencente ao Partido Democrata e primeiro senador norte-americano pelo estado do Missouri.

83. Termo teológico que se refere a um despertar religioso. Nos Estados Unidos, sobretudo nos séculos XVIII e XIX, consistia em uma série de cultos religiosos cristãos realizados para inspirar membros de uma denominação, no caso protestante, a arrebanhar novos convertidos e a chamar os pecadores ao arrependimento. Para os fiéis, o reavivamento é um processo de conversão espiritual restauracionista e motivado por Deus.

84. Ou seja, hieróglifo, nome atribuído aos caracteres da escrita dos antigos egípcios.

85. Esse diálogo, entre vários outros, evidencia e ilustra o contraste entre o romantismo delirante de Tom Sawyer e o realismo pragmático de Huck Finn, "embate" que será intensificado com genialidade em *Aventuras de Huckleberry Finn.*

86. Alusão a Ricardo III (1452-85), rei da Inglaterra de 1483 até sua morte, em 1485. Foi o último monarca da Casa de York e o último da dinastia Plantageneta. Sua derrota na Batalha de Bosworth Field, confronto decisivo da Guerra das Rosas, travada entre as Casas de Lancaster e York, costuma ser considerada o fim da Idade Média na Inglaterra.

87. O pai de Huck Finn, sujeito truculento, obtuso e preconceituoso, conhecido como o beberrão do povoado, é personagem de certo destaque em *Aventuras de Huckleberry Finn*, ainda que seja relegado ao anonimato — literalmente — no livro.

88. Antiga medida de capacidade para secos, sobretudo cereais, e de volume variável, contendo cerca de trinta e cinco litros. É também unidade de medida de superfície agrária de valor variável.

89. Embarcação de pequeno calado, fundo achatado, costado baixo e formato quadrangular utilizada para dragagem, transporte de carga em rios e águas interiores.

90. Ou bar de temperança; é um estabelecimento que (supostamente) não serve bebidas alcoólicas.

91. Originalmente chamada caverna McDowel, trata-se de uma caverna localizada perto da cidade de Hannibal, no Missouri, sendo a mais antiga em operação no estado e oferecendo visitas guiadas desde 1886. Em 1880, foi renomeada caverna Mark Twain justo por sua importância em *As aventuras de Tom Sawyer*.

92. As cataratas do Niágara têm cinquenta e um metros de altura e são um importante centro turístico que corta o rio de mesmo nome, localizado no leste da América do Norte e que separa o Canadá dos Estados Unidos e une os lagos Erie e Ontário.

93. As pirâmides do Egito são estruturas construídas há mais de 4500 anos. De acordo com a mitologia grega, a Guerra de Troia foi travada entre os habitantes das cidades-estados da Grécia e Troia, possivelmente entre 1300 a.C. e 1200 a.C. Levando em conta a lenda de Rômulo e Remo, a cidade de Roma foi fundada em 753 a.C. Segundo pesquisas recentes, Cristo foi crucificado no ano 30. Guilherme I (*c*.1028-87), conhecido como Guilherme, o Conquistador, foi o primeiro monarca normando da Inglaterra. A primeira esquadra de Cristóvão Colombo (1451-1506) partiu da Espanha em 3 de agosto de 1492. As Batalhas de Lexington e Concord foram os primeiros conflitos da Guerra de Independência dos Estados Unidos e ocorreram em 19 de abril de 1775, na província da Baía de Massachusetts, perto de Boston.

94. O mito da cerejeira é a lenda mais conhecida sobre George Washington (1732-99). Na história original, quando Washington tinha seis anos, ele ganhou do pai uma machadinha e, com ela, danificou uma cerejeira. Quando o pai descobriu o que ele havia feito, ficou aborrecido e confrontou o menino. George respondeu: "Não posso mentir... eu cortei a cerejeira com a minha machadinha". O pai, então, abraçou-o e se alegrou com a honestidade do filho.

95. As queixas à "sivilização", que traduzem o sofrimento de Huck, fomentam a célebre rebeldia e mais uma fuga do jovem "pária" que serão abordadas já no primeiro capítulo do livro dedicado ao personagem.

96. Essa célebre afirmação de Tom Sawyer tipifica a ironia da crítica social de Mark Twain.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A TRADUÇÃO

1. Esta breve reflexão se remete, condensa e, sobretudo, adapta o ensaio de minha autoria "Sobre a tradução: O dilema da variedade linguística", publicado em *Aventuras de*

Huckleberry Finn (edição comentada e ilustrada, Rio de Janeiro: Zahar, 2019, pp. 391-400).

2. B. J. Epstein, "Translating National History for Children: A Case Study of *Adventures of Huckleberry Finn*". *Ilha do Desterro*, v. 71, n. 1, pp. 94-104, 2018.

3. Ver Marcos Bagno, *A língua de Eulália: Novela sociolinguística.* Ed. rev. e amp. São Paulo: Contexto, 2000; William Labov, *Sociolinguistic Patterns*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1973; e Peter Trudgill, *Sociolinguistics: An Introduction to Language and Society*. Ed. rev. Nova York: Penguin, 1984.

4. Marcos Bagno, op. cit., pp. 48-52.

Copyright © 2023 by Editora Zahar

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Adventures of Tom Sawyer

Capa e ilustração
Rafael Nobre

Revisão da tradução
Marta Chiarelli

Preparação
Julia Passos

Revisão
Luís Eduardo Gonçalves
Marise Leal

Versão digital
Rafael Alt

isbn 978-65-5782-839-7

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz s.a.
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — rj
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editorazahar
instagram.com/editorazahar
twitter.com/editorazahar